

MANUAL
DE
ANÁLISE

(LÉXICA E SINTÁTICA)

POR

JOSÉ OITICICA

Edição refundida

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

MANUAL
DE
ANÁLISE
(LÉXICA E SINTÁTICA)

POR

JOSÉ OITICICA

(Professor catedrático de português do Colégio Pedro II)

Rancy Carvalho

11.^a edição refundida

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.
166, RUA DO OUVIDOR — RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO | BELO HORIZONTE
292, Rua Líbero Badaró | Rua Rio de Janeiro, 655

1955

№ 3108

ADVERTÊNCIA

Cerca de vinte anos decorreram da impressão estereotipada, e por isso irrefundível, dêste *Manual*. Erros numerosos, outras opiniões, novas doutrinas ou não se corrigiram, ou não vieram figurando nessas duas décadas.

Tempo era, pois, de quebrar as pedras e refazer o livro por já não condizer, em grande parte, com os ensinamentos e métodos do autor.

Não me sobra espaço para assinalar aqui o renovado e o novo. Deixo, aos professores que me honrarem com a leitura ou preferência, o cotejo das edições e o assinalo das mudanças.

Fôra-me gratíssimo apontarem-me eles suas discordâncias e objeções.

Meu fito único é aclarar quanto possível a análise portuguesa; tanto vale elucidar nossa riquíssima sintaxe, acender lâmpadas nesse tesouro, afim de os

ostentar aos cegos, no improbo labor de ressalvá-lo do desbarato contemporâneo, calculadamente promovido por francelhos confessos e escritores bota-abaixo.

E apresso-me em consignar aqui meu profundo reconhecimento aos jovens professores, Almir Câmara de Matos Peixoto, Antônio Houaiss, Silvio Elia, Rocha Lima, por muitas preciosas sugestões, levando-me a emendas sérias, modificações de quadros e acuramento na disposição geral.

No refazimento da morfologia, especialmente prefixos e sufixos, apraz-me sumamente declarar quão indispensável instrumento de trabalho me foi o *Dicionário etimológico* do meu eminente amigo e colega, professor Antenor Nascentes.

Eu, que já proclamara o real serviço prestado aos estudiosos por êsse laboriosíssimo repositório, reinsisto na proclamação, mas agora afirmado numa experiência convincente.

Rio — 11 de janeiro de 1939.

JOSÉ ORTIGICA

Definições preliminares

I — **Linguagem** é a manifestação do pensamento ou do sentimento.

II — **Fala** é a linguagem por sinais auditivos fisiológicos (*voz e consonâncias*).

III — **Mímica** é a linguagem por sinais visuais gesticulados.

IV — **Semafórica** é a linguagem por sinais auditivos ou visuais, mecânicos (apito, corneta, poste semafórico, etc.).

V — **Língua** é um sistema de linguagem.

VI — **Linguística** é o estudo dos fatos da linguagem.

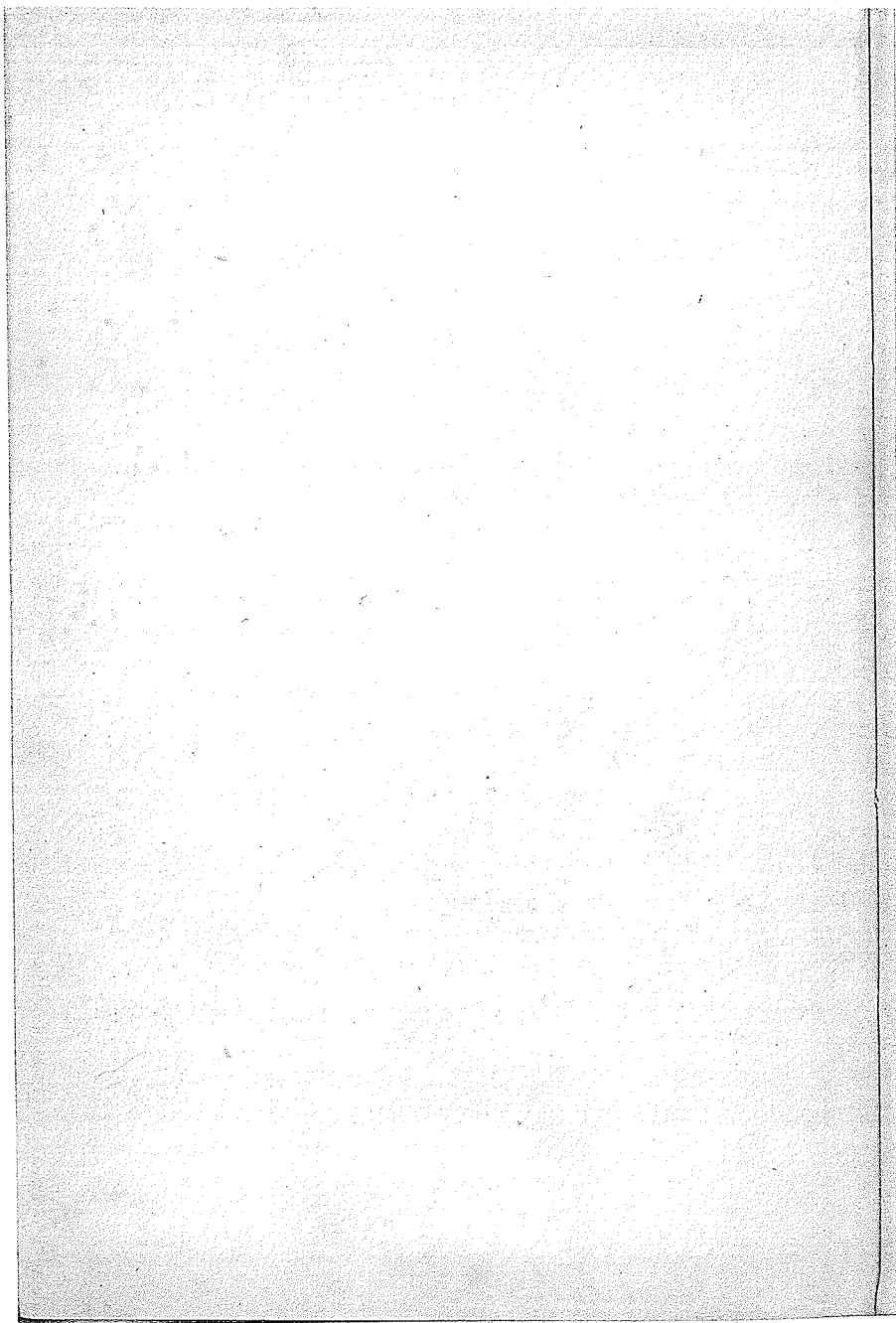
VII — **Gramática** é a exposição dos fatos de uma língua.

VIII — **Gramática portuguesa** é a exposição dos fatos da língua portuguesa.

IX — A **gramática** estuda: *a)* a palavra isoladamente; *b)* a estrutura e interdependência das frases.

Divide-se, pois, em duas partes: *Lexiologia* e *Sintaxe* (1).

(1) Neste, como em outros pontos, divirjo, por vêses, radicalmente, dos linguistas mais em evidência. Os motivos das divergências andam esparsos em alguns escritos, publicados ou ainda inéditos. Não podem ser aduzidos neste livro elementar.



LEXIOLOGIA

1 — No estudo da palavra podemos considerar: a) seus elementos fônicos ou *fonemas*; b) a *classe* a que pertence, ou melhor, sua função lógica; c) seus elementos mórficos ou *morfemas*; d) suas *flexões*; e) sua *origem*; f) sua *significação*.

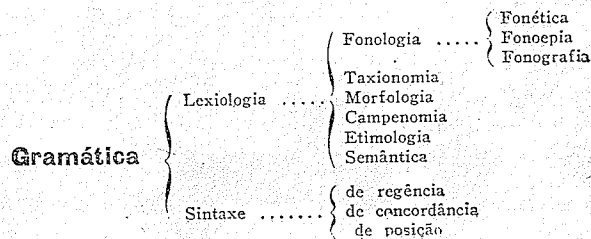
A lexiologia divide-se portanto em: *Fonologia*, *Taxionomia*, *Morfologia*, *Camponomia*, *Etimologia*, *Semântica*.

2 — Estudar a *fonologia* de uma palavra é determinar os fonemas que a compõem, sua natureza, sua acentuação. Esse estudo exige, entre nós, prévio conhecimento dos fonemas da língua portuguesa segundo a pronúncia normal brasileira, pois essa pronúncia difere sensivelmente da lusitana.

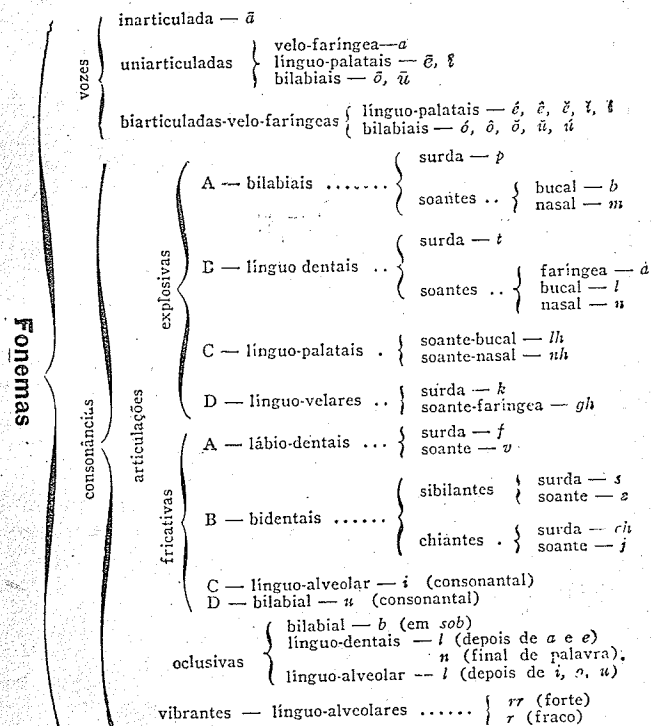
A fonologia trata: a) da classificação fisiológica dos fonemas e das leis dos seus agrupamentos; b) da acentuação das palavras; c) da representação gráfica das palavras.

Divide-se, pois, em *Fonética*, *Fonoepia* e *Fonografia*.

Eis o quadro geral da divisão da *Gramática*.



3 — Eis o quadro geral dos fonemas da língua portuguesa segundo a prosódia normal brasileira (1).



Notas — a) Na classificação dos fonemas devemos atender a dois fatos essenciais: a *articulação* e a *ressonância*. *Articulação* é a interrupção da corrente expiratória ou inspiratória na fala. A corrente expi-

(1) Os professores encontrarão o assunto minuciosamente exposto nos meus *Estudos de Fonologia* (1916).

ratória pode ser acompanhada, ou não, do som *laríngeo*. A consideração desse fato é importante. Nas vozes, há sempre concomitância desses dois elementos. Nas consonâncias, nem sempre. Em português só há fonemas *expirados*, mas há línguas em que aparecem fonemas *inspirados*. Essa interrupção é sempre feita ou por dois órgãos móveis entre si (lábios, por exemplo), ou por um órgão móvel e outro fixo (lábio inferior e arcada dental superior, por exemplo). Evidentemente, um deles há de ser inferior ao nível da boca e o outro superior; de outro modo, não haveria interrupção. Todavia, uma articulação importante há acima do nível da boca: a do véu palatino (ou palato mole) com a parede da faringe nasal, articulação cujo fim é interceptar a passagem normal da corrente pelas fossas nasais.

Ressonância é a alteração de timbre do som *laríngeo*. Essa alteração se opera ou na *faringe bucal*, ou na *boca* ou nas *fossas nasais*. Dai três *caixas de ressonância*: *faringea*, *bucal*, *nasal*. O ponto em que se firma a ressonância chama-se *nó de ressonância*. Tirante as nasais, todas as vozes, na pronúncia normal brasileira, são bucais. Tanto mais clara a dição, quanto mais anterior é o nó de ressonância bucal. Em Portugal existem *a* e *e* de ressonância obscura (*más*, *quẽ*).

b) No Brasil importa muito considerar que as vozes, quer abertas, quer fechadas, podem ser tônicas ou átonas. Assim temos *ã*, *á*, *é*, *ê*, *ẽ*, *i*, *î*, *ó*, *ô*, *õ*, *ú*, *û*, tônicas em *romã*, *sofá*, *café*, *você*, *gente*, *tio*, *tinta*, *avó*, *avô*, *úva*, *algúm* e átonas em *órfã*, *cáir*, *prégar*, *mésúra*, *afiar*, *pintura*, *óperar*, *córrer*, *bondade*, *furar*, *álbum*.

c) Cumpre não esquecer que, na emissão de um fonema, a interrupção operada pelos dois órgãos é

auxiliada por outros. Esses movimentos auxiliares, secundários, não alteram, de modo algum, o caráter do fonema. Muitos autores teem feito classificações desastradas por se terem deixado desviar por tais movimentos. O *i* por exemplo, linguo-palatal, teria seu timbre e clareza alterados se não fôsse a retração dos lábios. A enunciação do *ch* é grandemente facilitada pela protração dos lábios. Esses movimentos auxiliares às vezes atuam tanto, que geram outra articulação e usurpam a primeira. Assim, por exemplo, em *al* o *l* é facilitado pela oclusão dos lábios, essa oclusão vai gerando *u*, e afinal prepondera o *u*, passando *al* a *au*. Na pronúncia carioca e nortista esse fato está generalizado e ouvimos *mau* por *mal*, *Brasiu* por *Brasil*, *amáveu* por *amável*, etc. Esse vício nota-se até em professores de português e chega a ocorrer nas ligações. (1)

d) É usual entre os linguistas chamar às explosivas: *oclusivas*. Mantenho, todavia, a distinção do quadro. Embora a articulação seja a mesma, não é idêntico o efeito acústico. O que mais distingue a fonética portuguesa da latina é a intolerância, na primeira, das oclusivas. Apocoparam-se tôdas, até quando internas, ficando apenas *l*. A intolerância, porém, continua e na linguagem popular do Brasil o *l* final desaparece: *portá*, *mortá*, etc. As fricativas e tremualntes finais vão sofrendo a mesma apócope: os *boi*, *chovê*.

e) Uma análise mais acurada mostraria que, salvo as consonâncias de ressonância nasal (*m*, *n*, *nh*)

(1) Numa banca de exame, um professor perguntava sempre: "*Quau é o imperativo dêsse verbo?*" Chamei-lhe a atenção para o grave defeito, mórmente num examinador de sua língua; mas a observação foi inútil. Era-lhe impossível fazer a ligação com o *l*.

tôdas as demais, explosivas, fricativas, oclusivas ou tremulantes, são, na realidade, biarticuladas, porquanto, além da sua articulação principal, teem uma articulação velo-faríngea, para impedir a passagem do ar pelas fossas nasais. Assim, por exemplo, *p* e *b* são biarticuladas bilabiais, ao passo que *m* é uniarticulada.

f) O *m* final de palavra ou de sílaba não se pronuncia; é mero sinal de nasalização da vogal precedente. Os estrangeiros dizem *álbum*, proferindo um *m* oclusivo. O *n* final só é proferido em palavras gregas eruditas: *cânon*, *eléctron*. Não o deve ser em palavras de fonte latina. Causava a todos espanto ouvir Ruy Barbosa pronunciar *regimen*, *abdomen*, *espécimen* e formar o plural *regimenes*, *abdômenes*, *especimenes*. A pronúncia normal, não afetada, é com ditongo átono: *regimêe*, e o plural: *regimêes* (*regimem*, *regimens*, ou *regime*, *regimes*) exatamente como *homem*, *homens*.

g) O *b* oclusivo aparece ainda em palavras estrangeiras; mas, se essas palavras se aportuguesam, tomam logo um *e* final: *clube*. Em nomes próprios estrangeiros é oclusivo na língua erudita: *Oreb*, *Mabel-mandeb*, *Moab*. Fora disso não se pronuncia: *Job*, *Jacob*, *baobab*, etc. O mesmo ocorre com as demais consonâncias explosivas: *Isaac*, *Karnac*, *Adad*, *Gad*, *Agag*, *Rut*, etc. Comumente se diz *Rute*. Nos nomes comuns é de regra adicionar o *e*: *chope*, *esporte*, *zigue-zague*, *futebol*, etc. Nos prefixos, as consonâncias finais soam explosivas na ligação como as seguintes: *advogado* soa *adêvogado*, *Edêgar*, *abísoluto*, etc. O povo exagera esse *e* e diz *adevogado*. A pronúncia desse *d* puramente oclusivo seria notado e pareceria ridículo, porque não toleraria ligação.

DOS FONEMAS

4 — **Definições.** Só podemos emitir uma palavra, *chuva*, por exemplo, dividindo-a em dois elementos: *chu-va*. Impossível é emitir primeiro *ch*, depois *uv*, depois *a*; ou primeiro *chuv*, depois *a*, etc. Dizemos que *chu* e *va* são as duas *silabas* da palavra *chuva*. *Silaba*, pois, é o *elemento de enunciação* da palavra (1).

5 — A silaba *chu* emite-se fazendo ouvir, primeiro, um *ruído* chiado, *ch*, e depois a voz *u*, ressoada na bôca. Também a silaba *va* enuncia-se produzindo-se, primeiro, o ruído *v* e depois a voz *a*. Falamos, com efeito por meio de *ruídos* e *vozes*. Esses ruídos e vozes da fala chamam-se *fonemas*. Define-se, pois, *fonema*: o *elemento de enunciação da silaba*. Os ruídos chamam-se *consonâncias*.

6 — Pronunciando sucessiva mas continuamente *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, sentimos produzir-se um som na laringe (1), resultante da vibração do ar passando na *glote*, ou espaço entre as cordas vocálicas, reduzida pela contração dos músculos da laringe. Tal *som laringeo* mantém-se o mesmo, ao passo que as vozes *a*, *e*, *i*, *o*, *u* são diferentes. Resultam essas diferenças da *ressonância* desse único som laringeo na parte superior do tubo vocálico.

Distinguimos três *caixas de ressonância*: *faríngea*, *bucal*, *nasal*. Veremos como funcionam.

7 — Não temos um aparelho especial para falar. Valemo-nos do aparelho respiratório e da parte

(1) Pela primeira vez, nos meus *Estudos de Fonologia* (1916) se deu essa noção de silaba, inteiramente fora do até hoje ensinado. Todos os foneticistas tem partido do fonema para a silaba e isso, a meu ver, erradamente. Por isso, ainda não acertaram com a noção de silaba. O caminho lógico, porém, é partir da palavra para a silaba e desta para o fonema.

(i) O professor recapitulará as noções de fisiologia da voz.

superior do aparelho digestivo. Distinguiremos no aparelho respiratório: as *fossas nasais*, a *faringe*, a *laringe*, a *traquéia*, os *brônquios*, o *pulmão*; no aparelho digestivo: os *lábios*, as *arcadas dentais*, a *língua*, a *abóbada palatina* ou *palato duro*, o *véu palatino* ou *palato mole* e a *faringe*. A faringe é comum aos dois aparelhos e divide-se em *nasal*, *bucal* e *esofagiana*. Esses órgãos, na operação da fala, dizem-se: *aparelho vocálico*.

O aparelho vocálico supõe-se em repouso quando todos os músculos se acham relaxados. Nesse caso, estando o indivíduo em pé, a boca fica semi-aberta, por estarem relaxados os *masseteres*.

8 — **Das vozes.** Se, em repouso o aparelho vocálico, emitirmos um som laringeo, tal som irá ressoar, em parte, na boca, em parte, nas fossas nasais. A voz ouvida é a voz *ã*, que se pode grafar: *ã*, *am*, *an*, *hã*, *ãan*, *ahn*, como em *romã*, *campo*, *canto*, *Hamburgo*, *hanseático*, *ahn!* (interjeição). À corrente sonora não se opõe nenhum obstáculo. Nesse caso não há nenhuma *articulação*.

Articulação, pois, em fonética é qualquer obstáculo à corrente expiratória, sonora ou não. A voz *ã* é a única voz *inarticulada*.

9 — Pronunciemos *ã* e, sem interrupção do som, vamos contraindo os lábios, opondo assim, à corrente sonora, um obstáculo. Essa articulação modifica a abertura do tubo e, conseqüentemente, o timbre do som laringeo. Verifica-se a passagem de *ã* para *õ* e depois, aumentando a oclusão, para *ũ* (1).

As duas vozes são *uniarticuladas* e a articulação é *bilabial*. Essas vozes podem grafar-se: *om*, *on*, *ho*,

(1) Em rigor, pode-se pronunciar *um* com a boca inteiramente fechada: mas, na fala usual, sempre há uma abertura mínima.

hon, um, un, hum, hun, hu, uhm, como em: *ombro, ontem, homem, honra, um, unto, húmbrio, húngaro, huno, uhm!*

10 — Se, emitindo *ã*, formos movendo a língua em sentido ântero-superior, isto é, em direção da abóbada palatina ou palato duro, perceberemos a passagem de *ã* para *ê*, e, prosseguindo, para *in*. Temos, pois, em *ê* e *in*, vozes produzidas pela articulação da língua com a abóbada palatina. São vozes *uniarticuladas linguo-palatais*. Essas vozes podem grafar-se: *em, en, hen, he, im, in, hin, hi, i*, como em: sempre (1), lento, hendecágono, hemiciclo, *ímpar, inchar, hinduísmo, hino, inocente*.

11 — Se, emitindo *ã*, formos levantando o véu palatino, chegaremos a articulá-lo com a parede da faringe nasal, interceptando, totalmente, a passagem do ar para as fossas nasais. A voz deixará de ter ressonância nasal. A ressonância será então bucal. A voz ouvida é *á*, na maior abertura. Se a abertura fôr mínima, a voz ouvida é *â*. O primeiro *a* se diz *aberto* e o segundo *fechado*. Assim, *á* e *â* são vozes uniarticuladas velo-faríngeas. Na fala normal do Brasil só existe *a* fechado quando átono final, como em *rosa*. O *â* tônico só existe em Portugal: *más, cáda, pára*, etc.

12 — Se, emitindo a uniarticulada *a*, formos contraindo os lábios, perceberemos a passagem para *ó, ô, õ*, e, depois, para *ũ* e *ú*. É sutil a diferença entre *õ* e *ũ*, mas existe na fala culta, padrão; compare soar e suar. As vozes *ó, ô, õ, ã, ú* são biarticuladas, velo-faríngeas e bilabiais.

(1) Em *bem, benquisto*, etc. e em todo *em* final, tônico ou átono, *em* representa o ditongo *êe* e não a voz *ê*.

13 — Se, emitindo a uniarticulada *a*, movermos a língua no sentido antero-superior, como para *ē*, *ī*, perceberemos a passagem de *a* para *é*, *ê*, *ẽ*, *ĩ*, *í*. A diferença entre *ẽ* e *ĩ* pode ver-se comparando *ceár* com *ciár*; *veria* e *viria*. Daí a nossa repugnância em escrever *lial*, *rial*, como queria Gonçalves Viana. Em Portugal, não diverge *õ* de *ũ*; mas *ẽ* e *ĩ* teem ressonâncias diferentes.

14 — **Das consonâncias.** Se emitirmos a sílaba *pa*, sentiremos, ou veremos ao espelho, que, *antes* da voz *a*, os lábios se contraem fechando a bôca hermeticamente. A coľuna expiratória faz pressão nos lábios; depois, os lábios se descontraem e o ar *explode*, produzindo essa explosão o ruído representado pela letra *p*. Diremos que *p* é uma consonância *explosiva*. Se, porém, pronunciarmos *fa*, sentiremos ou veremos que, antes do *a*, a interrupção entre o lábio inferior e os incisivos superiores *não é completa*; o ar passa entre os elementos articuladores produzindo uma *fricção*. Diremos que *f* é uma consonância *fricativa*. Assim: a consonância é *explosiva* se a interrupção da corrente expiratória é *completa* entre os elementos articuladores; é *fricativa* se a interrupção é *incompleta*.

Se emitirmos a sílaba *al*, sentiremos ou veremos que, *depois* da voz *a*, ocorre uma *interrupção completa* da corrente expiratória; mas, que, a essa interrupção, não se segue explosão. Dá-se, nesse caso, apenas *oclusão* da corrente e a consonância se diz *oclusiva* (1). Finalmente, se emitirmos as palavras *tia* e *tua*, ouviremos ou veremos que, entre o *i* e o *a* da primeira, ocorre outro *i*, quase *j*, que faz síla-

(1) Mantenho, contra a opinião geral dos foneticistas, essa distinção, a meu ver capital, entre *explosivas* e *oclusivas*. Para eles, são tôdas oclusivas. Os argumentos não os posso dar aqui.

ba com a voz *a*, e, entre o *u* e o *a* da segunda, ocorre outro *u*, quase *v*, um *w* inglês, que faz sílaba com a voz *a*. Temos, assim, duas vozes que, pela sua posição, se mudam em *quase consoantes*; chamam-se, por isso, *semiconsoantes*.

15 — Das explosivas. Profiramos *pala*, *bala*, *mala*. Essas três palavras teem uma parte comum: *ala*. Só se distinguem, pois, pelo primeiro fonema; mas, observando bem, ao espelho, veremos que *p* se articula com os dois lábios, e o mesmo se dá com *b* e *m*. São as três consonâncias, portanto, *bilabiais* e, assim, não se distinguem pela articulação. Observaremos, porém, que em *m* a interrupção da corrente expiratória pelos lábios é completa; mas, enquanto se opera a oclusão, antes da explosão, ouve-se um som laringeo, som que vai ressoar nas fossas nasais, por onde escoa a corrente expiratória. Isso é possível por se achar relaxado o véu palatino. Ora, se, emitindo *m*, quisermos passar para *b*, sentiremos a subida do véu palatino, a interrupção da corrente pelas fossas nasais. O som laringeo ainda se produz, mas na faringe, por um tempo muito curto, enquanto se enche essa caixa, de ar. Enfim, se passarmos de *m* para *p*, sentiremos a oclusão das fossas nasais e cessação completa do som laringeo. Assim, os três fonemas *p*, *b*, *m* distinguem-se unicamente pela *ressonância*: *m* é soante nasal, uniarticulado; *b* é soante faríngeo, biarticulado (articulação dos lábios e do véu palatino com a faringe nasal); o *p* é também biarticulado, porém surdo.

16 — Se emitirmos *tuas*, *duas*, *luas*, *nuas*, perceberemos, igualmente, que *uas* é comum. As quatro palavras só se distinguem pelo primeiro fonema. Observando, verificaremos que, em *t*, *d*, *l*, *n*, a inter-

rupção da corrente se faz com a ponta da língua e a face interna da arcada dental superior. São, assim, *linguo-dentais*. Distinguem-se, também, pela ressonância; *n*, como *m*, tem ressonância nasal; *l* tem ressonância bucal, e o véu palatino se articula com a faringe nasal; *d*, como *b*, tem ressonância faríngea; *t*, como *p*, é surdo.

17 — Se emitirmos *milha* e *minha*, perceberemos que se distinguem pelos fonemas *lh* e *nh* e mais o *i* nasalado, antes de *nh*. Observando, verificaremos que *lh* e *nh* se produzem por articulação do terço anterior da superfície lingual com a zona anterior do palato duro. São assim, *linguo-palatais*. Em ambas, há um som laríngeo, precedente à explosão. São soantes, uma, *nh*, monoarticulada, nasal; a outra, *lh*, biarticulada, bucal.

18 — Se emitirmos *corro* e *gorro*, logo perceberemos a parte comum *orro*. Distinguem-se as duas palavras pelo primeiro fonema. Articulam-se ambos com o terço posterior da língua e o véu palatino. Em *go*, há um som laríngeo antes da explosão, som que ressoa na faringe. Em *co*, nenhum som há; o *g* é soante e o *c* surdo, ambos biarticulados, pois o véu palatino articula também com a faringe nasal. É o caso único de um elemento articulador com duas articulações ao mesmo tempo.

19 — **Das fricativas.** Emitamos *faca* e *vaca*. As duas palavras distinguem-se apenas pelo primeiro fonema. Articulam-se ambos com o lábio inferior e o bordo livre dos incisivos superiores. São pois *lábio-dentais*. Em *v*, há som laríngeo *concomitante* à fricção. Isso distingue sobremodo as fricativas das explosivas (som *antecedente* à explosão). Em *f* não há som laríngeo. Em ambas, o véu palatino se arti-

cula com a faringe nasal. São, assim, biarticuladas, lábio-dentais, velo-faríngeas; uma, soante bucal; a outra, surda.

20 — Emitamos, agora, *soar* e *zoar*. Sendo *oar* comum, as palavras distinguem-se pelo primeiro fonema. Ambos articulam-se com as duas arcadas dentais; faz-se a fricção entre os bordos livres dos incisivos superiores e inferiores. A língua permanece em sua posição normal, isto é, com a ponta aplicada à face posterior dos incisivos inferiores. O ruído é um sibilo. São, pois, fonemas *bidentais*, *sibilantes*. O *s*, não exige nenhum som laringeo concomitante; é *surdo*. O *z*, ao contrário, é *soante*. Ambos são biarticulados pois o véu palatino articula com a faringe nasal.

21 — Emitamos *chá* e *já*. As palavras distinguem-se pelo primeiro fonema. Articulam-se ambos como *s* e *z*, com os bordos livres dos incisivos; *ch* é surdo e *j* é soante. Todavia, embora ambos sejam fricativos, *bidentais*, diferem de *s* e *z*. A diferença consiste num movimento secundário. Se enunciarmos *s* e, sem interrupção do ruído, passarmos a *ch*, perceberemos que a ponta da língua se retrai; forma-se, então, uma cavidade entre a ponta retraída e os alvéolos incisivos inferiores. Essa cavidade altera o timbre do ruído que, de *sibilante*, se faz *chian-te*. O mesmo entre *z* e *j*. Atenda bem a que a diferença *não está na articulação*, mas na ressonância.

22 — Das vibrantes. Emitamos *carro* e *caro*. As duas palavras só se distinguem pelos fonemas *rr* e *r*. Observando, verificaremos que *rr* se produz apoiando levemente a ponta da língua na região alveolar superior e fazendo-a vibrar, mais ou menos fortemente. O número de vibrações varia; mas, em

média, são três vibrações. O *r* de *caro* tem uma única vibração. Chamaremos a *rr*, vibrante forte. É *biarticulado*, porque a ressonância é bucal, e *linguo-alveolar*. Não estando intervocálico, escreve-se *r*: rato, curto. É vício, infelizmente muito generalizado, produzir a vibração *linguo-velar*, como fazem franceses e alemães. Os próprios franceses condenam esse *r grasseyé*, preferindo, por mais suave e claro, o *r roulé*.

23 — Das oclusivas. Emitamos *sob*, *Moab*. Sentiremos, ou veremos ao espelho, que a articulação do *b* tem, apenas, duas fases: *contração dos lábios* e *oclusão completa com pressão da corrente expiratória*. A terceira fase, a da explosão, não se dá. Chamaremos a esse *b* consonância *bilabial oclusiva*. Só existe em *sob* e algumas palavras estrangeiras.

Emitamos, agora, *sal*, *sel*, *sil*, *sol*, *sul*. Sentiremos o *l* oclusivo, isto é, sem explosão. Vimos que *lé*, explosivo, é *linguo-dental*. No *l* oclusivo, porém, devemos distinguir. Em *sal* e *sel*, pronunciados despreocupadamente o *l* é claramente *linguo-dental*; mas, em *sil*, *sol* e *sul*, êle é nitidamente *linguo-alveolar*. A diferença provém da maior distância da ponta da língua aos dentes nos três últimos, que nos primeiros. Em rigor, poderíamos proferir todos com articulação *linguo-dental*. É *biarticulado*, por estar articulado o véu palatino com a faringe nasal.

Emitamos, finalmente, *cánon*, *eléctron*, *ípsilon*, sentiremos o *n* oclusivo, *linguo-dental*. Só em palavras gregas, terminadas em *on* ocorre esse *n*. É *uniarticulado* (sem articulação velo-faríngea) e, portanto, de ressonância nasal.

Nota — Em nomes estrangeiros eruditos ocorrem outras oclusivas; exs.: *Set*, *Gad*, *Nemrod*, *Enoc*.

24 — Das semiconsoantes. Já vimos que são duas *i* e *u*: *feia*, *Mauá*, *tu-ua*. A semiconsoante *i* escreve-se sempre, menos depois de *i*: *ti-ia*: *mas: vaia*, *idéia*, *veio*, *odeie*. A semiconsoante *u* raramente se grafia: *tuxáua*, *maués*, *cauim*.

25 — Quanto ao número de sílabas a palavra se diz: *monossílaba*, *dissílaba*, *trissílaba*, etc.

26 — Há palavras portuguesas sem acentuação; ex.: *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*; outras teem uma só acentuação; ex.: *chá*, *cobre*, *lágrima*, *patativa*; outras teem duas acentuações; ex.: *ignorante*, *superioridade*, *subdirectôr*, *contraproducente*; outras teem três acentuações; ex.: *misericordiosissimamente*. São assim *átonas*, *monótonas*, *ditonas*, *tritonas*.

Ainda pode o acento cair na *última sílaba*, na *penúltima* ou na *antepenúltima* e as palavras se dizem: *oxítonas*, *paroxítonas* e *proparoxítonas*.

Palavras	quanto a acentuação	sem acentuação — átonas	com acento primário	na última sílaba	} oxítonas
		com um acento — monótonas (primário)		na penúltima sílaba	
		com dois acentos — ditonas (prim. e secund.)		na antepenúltima sílaba	
		com três acentos — tritonas (prim., secund. e terciário)			} proparoxítonas

27 — As sílabas podem constar de um só fonema, de dois, três, quatro ou cinco; exs.: *é*, *só*, *ser-vil*, *a-tril*, *arbi-treis*.

A divisão quanto ao número de letras não tem valor.

28 — O encontro de duas vozes na mesma sílaba chama-se **DITONGO**; o de três, **TRITONGO** (1).

(1) A teoria completa dos encontros vocálicos acha-se nos meus *Estudos de Fonologia*. Dou aqui somente noções sucintas para os alunos ginasiaes.

O encontro de duas vozes em sílabas diferentes chama-se *hiato*; ex.: *sa-úde*, *co-evo*. Em palavras como *ru-a*, *ti-a*, na realidade não há encontro vocálico, porque entre as vozes há um *u* ou *i* consonantais.

A primeira voz do encontro chama-se *prepositiva*, a segunda *pospositiva*. No tritongo, a voz média se chama *interpositiva* (M. Maciel).

Se a prepositiva exige abertura da boca maior que a pospositiva, o encontro se chama *decrecente*; se menor, *crescente*; se a mesma, *equivalente*; ex.: *au* é decrecente; *oa*, crescente; *iu*, equivalente.

O encontro de duas vozes pode dar-se dentro da palavra ou entre duas palavras, isto é, pode ser *intraverbal* ou *interverbal*; ex.: *causa*; *a uva*.

As mesmas vozes podem gerar quatro encontros diferentes conforme a acentuação de cada uma. Assim, as vozes *a+u* podem produzir: *ãũ* (encontro *átono*), com ambas as vozes átonas (*paulada*); *áu* (encontro *pretônico*), com prepositiva acentuada e pospositiva átona (*páu*); *ãû* (encontro *postônico*), com prepositiva átona e pospositiva acentuada (*pãûl*), e *áû* (encontro *ditono*), com ambas as vozes acentuadas (*há úvas*).

Note que os dois primeiros encontros dão *ditongos* e os dois últimos, *hiatos*.

A esses quatro encontros correspondem outros quatro crescentes, seus *reversos*. Os reversos de *ãũ*, *áu*, *aû* e *áû* são: *ũã*, *uá*, *úa*, *úa*. Note que a os decrecentes *pretônico* e *postônico* correspondem crescentes *postônico* e *pretônico*. Exemplos: *água*, *luár*, *lúa*, *tú* *hás*. Os dois primeiros encontros crescentes, reversos dos dois primeiros decrecentes, dão também *ditongos possíveis* (sobretudo em poesia); os dois últimos, reversos dos dois últimos decrecentes, dão também

hiato. Os equivalentes, menos os dítonos, dão ditongos obrigados ou possíveis. Exemplos: *amíudar, fúĩ, múito, ruím, oriúndo, ruindade*.

Eis o quadro das vozes em ordem decrescente:

é ê ë ã i (escala palatal)

ó ô õ ũ ú (escala bilabial)

Eis os ditongos mais comuns:

Descrescentes — *ái, pái; ai, pairar; áu, páu; ão, pão; éi, papéis; êi, léi; éu, céu; êu, lêu; óe, dóe; ôi, bói; õe, pôe; etc.*

Crescentes—(ditongos em poesia) (1) *éá, redl; íá, afiados; uá, quál; ié, fiél; iê, Juliêta; ué, duélo; uê, linguêta, etc.*

Equivalentes —*iú, diúrno; iu, viu; úi, flúido; ui, ruído, etc.*

Eis os tritongos mais comuns:

uái, iguáis; uêi, averiguêi; uão, saguão; uões, saguões.

Em poesia contam-se muitos outros tritongos, aliás correntes na conversação: *ĩãõ, lião; õêĩ, algo-dõẽiro; iêĩ, delicẽi, etc.*

29 — O encontro de duas consonâncias na mesma sílaba chama-se *grupo consonantal*.

(1) Os iniciados por *u*, se precedidos de *q*, *g*, são ditongos mesmo em prosa.

Eis alguns grupos consonantais:

bd, lambda; *bl*, ablação; *gn*, digno; *mn*, mnemônico; *pl* plebe; *pn*, pneumático; *ps*, lapso; *pt*, áptero; *br*, braço; *cr*, cravo; *dr*, droga; *fr*, fraco; *gr*, grade; *pr*, praga; *tr*, travo.

30 — Em palavras diferentes, pode ocorrer disposição idêntica dos fonemas e assim as palavras se pronunciam e escrevem do mesmo modo, distinguindo-se apenas pelo sentido. Chama-se tal fenômeno *homonímia*.

Quando há identidade na pronúncia e na escrita diz-se a homonímia: *perfeita*; quando apenas numa ou noutra: *imperfeita*. Se a identidade é de pronúncia, há *homofonia* e as palavras se dizem *homófonas* (1); se é na escrita, há *homografia* e as palavras se dizem *homógrafas*. A mera semelhança, como entre *revela* e *releva*, se diz *paronímia*.

31 — Os fonemas são representados graficamente por letras, *maiúsculas* ou *minúsculas*, e por grupos de uma *letra* e um *signal*, chamados *digramas*.

As letras não correspondem sempre a um determinado fonema, podendo uma letra representar fonemas diferentes.

Igualmente, pode um fonema ser representado por letras diferentes. Para distinguir os valores representados pela mesma letra, usam-se *sinais* chamados *diacríticos* ou *notações léxicas*.

(1) A prosódia *homófonos*, muito usada, é etimologicamente errônea. O sufixo *fono* vem de φωνή, com ômega, sendo, por isso, longo, como em latim, *antiphona*. Ninguém diz em português *áfono*. *Telefone*, como querem alguns, seria assassinio a distância (φωνή, assassinio). Gonçalves Viana manda pronunciar *homofôno*. Entretanto, por influência de *homógrafo*, está generalizado o erro.

São os seguintes:

Sinais diacríticos	de acentuação	{	acento agudo— <i>á</i>
			acento circunflexo— <i>ô</i>
	de nasalização	{	til— <i>ã</i>
			m— <i>campo</i>
			n— <i>canito</i>
	de sibilização		cedilha— <i>raça</i>
	de chiamento	—	h (em <i>ch</i>)— <i>cache</i>
	de guturalização		u (em <i>gu</i>)— <i>guerra</i>
	de palatalização	{	h (em <i>lh</i>)— <i>malha</i>
			h (em <i>nh</i>)— <i>manha</i>
	de supressão	{	ponto abreviativo— V. Ex.
			apóstrofo— <i>d'uma</i>
	de união		traço de união ou <i>hyphen</i> — <i>dar-te-ei</i>

32 — Relembradas essas noções, vejamos alguns modelos de análise fonológica:

Canto — palavra dissílaba — 1.^a sílaba, *can*, difona; *c*, consonância biarticulada, línguo-velar, surda; *an*, voz inarticulada, nasal — 2.^a sílaba, *to*, difona: *t*, consonância explosiva, línguo-dental, surda; *o*, voz biarticulada, bilabial, átona. Palavra monótona, paroxítone; representada por 4 letras, a primeira maiúscula e as demais minúsculas; a segunda, alterada pelo sinal de nasalização *n*.

paguei — palavra dissílaba — 1.^a sílaba, *pa*, difona; *p*, consonância biarticulada, bilabial, surda; *a*, voz uniarticulada, velo-faríngea, átona; 2.^a sílaba, *quei*, trifona: *gu*, consonância biarticulada, línguo-velar, soante, faríngea; *ei*, ditongo decrescente, pretônico, formado de vozes biarticuladas, línguo-palatais. Palavra monótona, oxítone. Pa-

palavra representada por cinco letras tôdas minúsculas; a terceira vem alterada pelo sinal de guturalização *u*.

pronto — palavra dissílaba — 1.^a sílaba, *pron*, trifona: *pr*, grupo consonantal, formado da explosiva bilabial surda e da vibrante fraca; *on*, voz uniarticulada, bilabial, nasal — 2.^a sílaba, *to*, difona; *t*, consonância, explosiva, linguo-dental, surda; *o*, voz biarticulada, bilabial, átona. Palavra monótona, paroxitona. Palavra representada por cinco letras e um sinal: *n* de nasalização.

TAXIONOMIA

33 — O universo constitue a *existência real*; mas o homem cria outra existência *imaginária* (mitologia, romances, concepções fantásticas, abstrações).

Essas duas existências representam-se à consciência sob sete aspectos: *cousas, fenômenos, entidades, ocorrências, ações, instituições, concepções* (1) Exemplos: 1. *lapis, livro, frasco, tinta*; 2. *chuva, respirar, medo, oxidação*; 3. *árvore, flor, cristal, lago, estrêla, gato, orelha, lobishomem, caapora, sereia*; 4. *encontro, desastre, descarrilamento, vencer, caber, custar, valor, sorte*; 5. *pulo, saltar, ir, subjugamento, exercício, conversar, beijo*; 6. *parlamento, imprensa*,

(1) Importa definir cada um desses termos para evitar confusão. *Fenômeno* (inclusive os psíquicos) é qualquer atividade da natureza; *entidade* é todo produto ou resultado de uma atividade da natureza; *concepção* é todo aspecto da atividade mental, puro ou representado; *ação* é toda atividade resultante da vontade ou atribuída a uma vontade; *instituição* é toda criação social; *ocorrência* é qualquer aspecto não dependente da atividade natural ou da vontade; *cousa* é todo produto da atividade humana. Dou à palavra *aspecto* o sentido mais lato possível, sinônimo de *modo de ser*.

exército, tribunal, dinheiro; 7. gênero, número, virtude, verdade, pureza, brancura, modo, símbolo, alargamento, círculo, pi, etc.

34 — Taxionomia é o estudo das *funções* da palavra.

35 — Nome é a palavra que resume os caracteres essenciais ou diferenciais de um aspecto da existência real ou imaginária (1).

Modificativo é a palavra que indica um dos *modos* pelos quais consideramos um *nome*.

Conectivo é a palavra que indica a interdependência de dois nomes ou duas frases.

Pronome é a palavra que evita um nome.

As nominativas são os *substantivos* e os *verbos*; as modificativas são os *adjetivos* e os *advérbios*; as conectivas são a *preposição* e a *conjunção*; as pronominais são os *pronomes*, os *verbos vicários* (2) e os *advérbios-pronomes* (3).

36 — Substantivo é o nome flexionado em gênero e número.

Os substantivos podem ser de *extensão* diferente, ora designando uma *espécie* (de seres, coisas, etc.), ora designando os *indivíduos* da espécie.

Quando designa a *espécie*, o nome se diz *comum* aos indivíduos; ex.: *homem* (comum a Paulo, a João, a Pedro).

Quando designa um indivíduo da espécie, o nome se diz *próprio* ao indivíduo; ex.: *Paulo, João, Pedro*.

(1) A palavra *cadeira*, por exemplo, resume três caracteres *essenciais* (sem um dos quais deixa de ser *cadeira*): *encosto, assento, pés*, e um característico diferencial: *com um lugar* (com dois lugares já seria *sofá*).

(2) Chamam-se verbos *vicários* ou *supletórios* os que substituem outros, evitando-lhes a repetição. Nesse caso não exprimem nada, apenas suprem ou lembram: são verdadeiros pronomes; ex.: Ele foi comprar a casa; mas, não o fez. Se ele *silencia*, *é* que tem culpa (isto é; *silencia* porque tem culpa).

(3) São: *cá, lá, aqui, aí, acolá, ali* = neste, nesse, naquele lugar.

Quando vários indivíduos teem iguais *nomes próprios*, é preciso acrescentar, a êsses nomes, *cognomes* diferenciadores, geralmente nome distintivo da família do indivíduo; ex.: Paulo *Silva*, João *Gomes*, Pedro *Duarte*. A essa junção de vários nomes chamamos *expressão substantiva própria*.

Às vèzes não há na lingua nome especial para certos objetos e somos obrigados a juntar várias palavras para designá-los; ex.: *ferro-de-engomar*, *ferro-de-abrir-latas*, *pão-de-ló*. Chamam-se *expressões substantivas comuns*.

37 — Os substantivos próprios podem designar: *pessoas*, *lugares*, *sêres fictícios*, *títulos* ou ainda *objetos individualizados*. Dividem-se pois em: *personativos*, *locativos*, *abstrativos*, *intitulativos* (1). Entre os locativos incluem-se os nomes de astros: *Terra*, *Lua*, *Urano*, etc.

Os substantivos comuns são *concretos* ou *abstratos* conforme designam aspectos de existência material ou imaterial, incluindo-se, entre os últimos, os *fenômenos* de qualquer natureza.

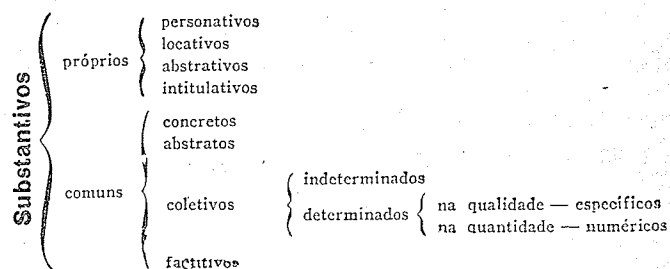
Os substantivos que designam *coleção* chamam-se *coletivos* e são *indeterminados* se não aludem à qualidade nem à quantidade dos indivíduos da coleção, e *determinados* se aludem a uma ou à outra. Se à primeira, dizem-se *específicos*, se à segunda, dizem-se *numéricos*. Exs.: *bando*, *grupo*, *reunião*, indeterminados; *exame*, *cabido*, *batalhão*, determinados específicos; *dúzia*, *grosa*, *milheiro*, determinados numéricos. (2)

(1) Por falta de melhor adoto essa designação para todos os substantivos próprios que denotam casas comerciais, instituições, jornais, livros, etc.; ex.: o *Louvre*, o *Municipal* (teatro), o *Tempo* (jornal), a *Bíblia*, o *Corão*, etc.

(2) Esta nova classificação dos coletivos, que me parece definitiva e de muito valor na análise, deve-a a duas sugestões, uma, de Silvio Elia, outra, de Antônio Houaiss.

Os substantivos que denotam a *profissão* ou *posição social* do indivíduo são nomes abstratos aplicados a entidades concretas: chamam-se *factitivos* (M. Maciel).

Eis o quadro dos substantivos:



33 — Verbo é o nome flexionado em modo, tempo, número e pessoa. (1)

Os verbos podem indicar:

ação: quebrar, matar (manifestação da vontade)

conveniência: convir, cumprir, importar, relevar, urgir

dúvida: parecer, constar, correr (corre que...)

estado permanente (seguido de substantivo ou adjetivo): ser (*sou bom, és pai*).

(1) É essa realmente a única diferença entre os dois nomes: substantivo e verbo. Basta comparar: *digestão* e *digerir*, *corrida* e *correr*, *visão* e *ver*, *despedaçar* e *despedaçamento*. Quer os substantivos, quer os verbos resumem os caracteres dos mesmos fenómenos. Eis porque se diz, aliás com pouca exatidão, ser o infinito a forma substantival do verbo. Deve-se ter sempre clara esta noção muito esquecida, de que a distinção entre substantivo e verbo assenta unicamente nas *flexões*.

estado passageiro: (seguido de substantivo ou adjetivo): estar (*estou bom; estou professor*); *continuar* (*continuo empregado*); achar-se, encontrar-se, mostrar-se (*mostrava-se mau*), etc.

mudança de estado: (seguido de substantivo ou adjetivo): ficar (*fiquei triste*); cair (*caí doente*); fazer-se (*fez-se pálido*); tornar-se (*tornou-se agiota*); etc.

fenômeno natural: existir, ser, viver, chover, respirar, etc.

fenômeno mental: (verbo volitivo): querer, supor, tencionar, etc.

ocorrência: ocorrer, acontecer, suceder, sobrevir, dar-se.

passividade: agüentar, sofrer, suportar, passar (*passo fome*), padecer, apanhar (no sentido de ser surrado), constar (no de ser composto, ser formado), etc.

semelhança: parecer, assemelhar-se.

carência: faltar, carecer, precisar, necessitar, etc.

suficiência: bastar, chegar.

acidente: achar, perder, surgir, merecer, valer, caber, etc.

Nota. A classificação do verbo, importantíssima em análise, depende do seu sentido na frase.

O mesmo verbo pode ser classificado variamente conforme sua significação.

39 — Alguns verbos sofrem alteração no radical ou nas flexões. Chamam-se *irregulares*.

Há dois verbos resultantes da fusão de três outros: *ser* e *ir*. *Ser* tem as raízes *es*, *fu* e *sed* (de *sedere*, sentar-se). *Ir* tem os radicais *i*, *va* e *fu*; provém de *ire*, *vadere* e *fugere*. Esses dois verbos chamam-se *anômalos*.

Os irregulares são *fortes* quando o radical se altera no pretérito perfeito; ex.: *fiz, disse, pude*. Se o tema não se altera, dizem-se *fracos*: *perdi, medi*.

40 — Os verbos exprimem, por si sós, uma idéia clara: *vejo, caminho*. Porém, certas modalidades do pensamento não podem ser expressas por uma forma verbal simples; é necessário adicionar a um verbo *principal*, que fica invariável, outro, chamado *auxiliar*, que toma as flexões: *estou andando* (forma *progressiva*), *tenho pensado* (pretérito continuado), *hei de chegar* (futuro enfático) etc.

41 — Alguns verbos carecem de certas formas; ex.: *reaver*, só conjugado nas formas em que aparece o *v*. Tais verbos dizem-se *defectivos*. Os outros são *indefectivos*. Ao contrário, muitos verbos possuem duas ou mais formas equivalentes; exs.: *construo, construes* ou *constróis, construe* ou *constrói*; *vamos* ou *imos*; *nascido, nato, nado*. Chamam-se *abundantes* (1).

(1) Ver nas gramáticas, ou melhor, no manual de *Verbos* do Dr. Othello Reis, a lista dos verbos irregulares, defectivos, abundantes e auxiliares.

42 — Eis o quadro geral dos verbos:

verbos quanto à	significação	de ação (ativos, de conveniência de estado { passageiro permanente de mudança de estado de fenômenos naturais de fenômenos mentais (volitivos) de passividade (passivos) de dúvida de semelhança de carência de ocorrência de suficiência de acidente
	conjugação	regulares { fortes irregulares { fracos anômalos
	integridade	defectivos indefectivos abundantes
	modalidade	principal auxiliar

43 — Adjetivo (1) é a palavra modificativa do substantivo.

O vocábulo *modificativa*, repetimos, quer dizer: que indica um dos *modos* pelos quais consideramos o substantivo. Podemos considerá-lo de quatro modos gerais: *atribuindo-lhe* um característico essencial ou accidental (2); *designando-o* para distingui-lo entre muitos ou fixar-lhe a quantidade; *mencionando-o* sem

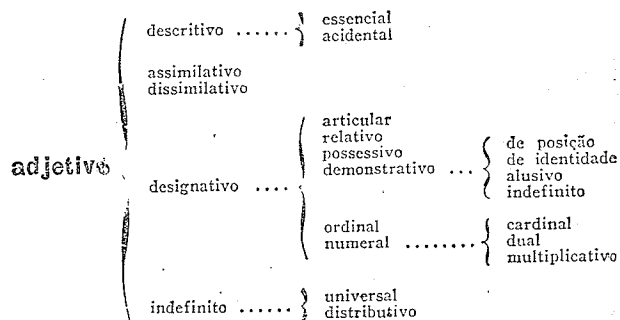
(1) E' absolutamente necessário tratar do adjetivo antes do pronome por ser a subdivisão d'este dependente da daquele.

(2) E' *essencial* quando inerente à natureza do nome; ex.: gelo *frio*, fogo *quente*. E' *accidental* quando accessório, não inerente; ex.: mesa *branca*, papel *verde*.

distinguí-lo nem fixar-lhe a quantidade; *identificando-o* com outro ou consigo mesmo.

Temos assim adjetivos: *descritivos* (branco, forte); *designativos* (meu, aquele); *indefinitos* (um, qualquer); *assimilativos* (igual, semelhante, idêntico, análogo, parecido); *dissimilativos* (diferente, desigual, etc).

Eis o quadro:



Os adjetivos *articulares* são: *o, a, os, as*; mas, nem sempre funcionam como articulares. São, verdadeiramente, adjetivos articulares quando se referem a entidades de que tratamos; ex.: ponha *o* livro na mesa e *a* caixa na gaveta. Pode funcionar como indefinito quando se prende a um substantivo geral; ex.: *o* leão é carnívoro, isto é, *todo* leão. (1) Pode ainda ser mero *refôrço*, quando junto aos possessivos; ex.: *o* meu livro é branco. Neste caso pode suprimir-se.

(1) A função primitiva é demonstrativa: *aquêle* animal chamado leão. Outros exemplos: *a* batalha de Maratona — *aquela* batalha ferida em Maratona; *o* célebre orador Cícero — *aquêle* célebre orador Cícero (*ille* clarissimus orator). Em *o leão* predomina a idéa de espécie; em *todo leão* a idéa de indivíduo. O professor deve exercitar os alunos em distinguir essas várias funções de *o, a*, que podem ainda ser pronomes.

Os adjetivos *relativos* mostram a relação entre dois substantivos; um dos substantivos se chama *an-tecedente* e o outro *consequente*.

O adjetivo relativo mais característico é *cujo*; ex.: O homem *cujo* filho morreu. *Cujo* mostra a relação de dependência, e tem assim algo de preposição. Esta fica evidente no sinônimo *do qual*. *Que* e *qual* também funcionam como adjetivos relativos, embora essa função não apareça claramente; ex.: não sei *que* homem é. Essa frase equivale a: não sei dentre os homens *que* (qual) homem é este. O *que* (*qual*) prende o *indivíduo* à *espécie*, uma *parte* ao *todo*, indicando a seleção, a particularização feita.

Entre os *demonstrativos* está o adjetivo *tal* em expressões como: encontrei realmente *tais* cartas=*essas* cartas (de *que* V. fala). Ainda na frase: *tal* é a condição humana, isto é, *essa*, igual à *que* descrevi.

Na frase: *este* livro é *verde* — designo a posição do livro mais próximo da minha pessoa; mas, na frase: — *dêsses* livros não vejo há muito — o adjetivo *êsses* não designa posição, *alude* apenas a livros de *que* se fala; assim também: — não vi *semelhante* gente — *essa* gente, *tal* gente. Devemos, por isso, separar as duas classes, sem o *que* não podemos classificar, *tal* e *semelhante* nesse sentido. Nas frases: era o *mesmo* homem, era o *próprio* amigo — *mesmo* e *próprio* são demonstrativos que firmam a *identidade* da pessoa. É uma função especialíssima, de importância. Eis porque proponho a seguinte subdivisão dos demonstrativos:

Demonstrativos	{	de posição: <i>este, êsse, aquele, estoutro</i>
		de identidade: <i>mesmo, próprio</i>
		alusivos: <i>dêste, dêsse, daquele, tal, semelhante</i>
		indefinito: <i>tal</i> (ver pág. 40).

E' de importância não confundir *numerais* com *ordinais*, como tem feito todos os gramáticos. O *número* é categoria diferente da *ordem*. Aquele se refere à *quantidade* dos nomes; este, à *posição*. Em verdade, aos numerais correspondem ordinais, porque é sempre possível distribuir as entidades em determinada ordem; mas, há ordinais que não correspondem a numerais, resultando disso a impossibilidade de classificar tais adjetivos, como o confessam alguns gramáticos. Realmente, não são numerais, e sim meramente ordinais, os seguintes adjetivos: *último*, *penúltimo*, *ante-penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *exterior*, *precedente*, *antecedente*, *consequente*, *proclítico*, *enclítico*, *seguinte*, *médio*, *extremo*, etc. Esses adjetivos podem até, como em anatomia, compor-se: *ântero-superior*; *pósterio-inferior*, para designar posições.

Só há um adjetivo dual: *ambos*, que podia ser reforçado em *ambos os dois*, *ambos de dois*, *ambos e dois*, *ambos a dois*, *ambos dois*, *a dois ambos*.

Os *multiplicativos* são: *duplo*, *triplo*, *quádruplo*, etc., como: elevei o número à *quádrupla* potência; empreguei o *duplo* metro, etc. Em geral, esses multiplicativos se usam como substantivos.

Os adjetivos *universais* exprimem a totalidade do nome e podem fazê-lo *positiva* ou *negativamente*; ex.: *todo*, *nenhum*. *Algum*, posposto ao nome, tem força negativa: homem *algum* = *nenhum*.

Entre os *quantitativos* temos de incluir: *que* e *quanto*, em frases como: *que horas são?* não sei *que* cadeiras tenho (quantas); preciso ver com *que* votos conto (quantos).

Tal funciona como indefinito distributivo reforçando *um* e equivalente a *certo*, em frases como: conheci um *tal* João.

Corresponde ainda a *tão grande*, não em sentido comparativo, em frases como: o susto foi *tal*, que ele morreu. Nesse caso é verdadeiro adjetivo descritivo, reforçado pelo advérbio de intensidade *tanto* em correlação com *que* da frase seguinte. (1)

Em correlação com *qual*, *tal* exerce uma função muito importante na linguagem, a função de *similitude*, inteiramente descurada pelos gramáticos. Todas as frases expressivas de uma semelhança entre nomes são inanalísáveis pelos sistemas usuais.

Em lógica, a relação de similitude tem capital importância e foge aos processos do silogismo, não comportando sequer a determinação dos termos lógicos.

Assim, na frase: A casa é *tal*, *qual* V. m'a descreveu, poderemos chamar a *tal* e a *qual* pronomes correlativos, mas isso não indica o característico essencial da correlação que é a *similitude*. (2).

Além disso, *tal*, aí, é verdadeiramente adjetivo, correspondente a *perfeitamente igual*. Ora, a palavra *igual*, como *semelhante*, *parecido*, *idêntico*, *análogo*, *mesmo*, etc. logicamente, não é *descritiva*; indica somente a *cossemelhança*, a *parecença*, a coexistência dos mesmos característicos em nomes diferentes. Em rigor, como se faz em lógica, deveríamos constituir uma classe à parte, a que poderíamos chamar *assimilativos*. Seus antônimos (*desigual*, *outro*, *diferente*, etc.) são *dissimilativos*.

(1) Equivale a *tão ruim* em frases como: está em estado *tal*... que...
(em *tão ruim* estado que...)

(2) Sirvo-me do termo adotado por Stuart Mill.

Muitas vezes a correlação pode vir oculta; ex.: bem sei que *tal* é o homem (qual V. me descreveu). (1)

Tal e *qual* figuram ainda em expressões quase inanalísáveis, onde é difícil perceber sua verdadeira significação, como: que *tal* está o arroz?; etc. e *tal*; *qual* nada! *qual* o que!, ou somente como interjeição: *qual*!

Tal concorre ainda para uma expressão curiosíssima, a de *demonstrativo indefinito*, quando queremos indicar um dia, um lugar, uma circunstância reais, determinados, mas que não podemos precisar ou não queremos mencionar. ex.: Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios. O mesmo sucede a *tanto*, como neste passo de Vieira: "A lei natural, para guardar a igualdade do dano, só manda que se restitua *tanto* por *tanto*; a lei positiva, para castigar o crime de furto, acrescentou em pena mais quatro *tantos* e, por isso, manda pagar cinco por um". (Sermões). O *tantos*, modificado por *quatro*, é um substantivo *indefinito*.

Entre os possessivos inclue-se *próprio*, a: moro em casa *própria*=minha.

Mesmo, em frases como: vê a *mesma* senhora, vimos o *mesmo* livro, é um *demonstrativo de identidade*.

44 — **Pronome** é a palavra que evita o nome.

Evita-o de dois modos: *substituindo* ou *dispensando*: exs.: ele mandou-me um livro=ele mandou um livro à *minha* pessoa; meu livro é *este* = meu li-

(1) Note que essa mesma frase pode ter sentido diverso, em que *tal* figure como relativo indicando a seleção, equivalente assim a: bem sei de qual espécie é o homem; como também na frase: que *tal* é o homem?

vro é *êste livro*. No primeiro exemplo há substituição, no segundo dispensa de repetição do substantivo.

Alguns gramáticos não admitem que *êste, meu, algum, quatro*, por exemplo, isto é, os adjetivos determinativos e indefinitos sejam considerados pronomes quando desacompanhados do substantivo e dizem que permanecem *adjetivos*. Não têm razão. Provém o engano de desconhecerem a função supressiva do pronome. Também, quando suprimimos o substantivo regido do artigo, o adjetivo descritivo passa a substantivo; ex.: Os homens *justos* (adj.) são estimados — Os *justos* (subst.) são estimados. É um fenómeno de transmissão de sentido. Suprimido o substantivo, a idéia por êle expressa se transfere naturalmente ao adjetivo, como a expressa pelo adjetivo, suprimido *êste*, se transfere ao pronome (1).

Outros gramáticos consideram os adjetivos possessivos e demonstrativos sempre pronomes e lhes chamam pronomes-adjetivos ou pronomes-adjuntos (Saíd Ali). Não posso expor aqui as razões por que não anuo a tal conceito.

45 — Os pronomes substitutivos ou supletivos representam as pessoas gramaticais, entidades indefinidas, ou cousas que se designam ou a que se faz referência. São, assim, pronomes *pessoais, indefinitos, demonstrativos e relativos*.

Nota. Parecerá estranha a inclusão de demonstrativos e relativos entre os supletivos e a de indefinitos entre os supressivos. Essa classificação, entretanto, resulta do sério exame feito em conjunto

(1) Maximino Maciel me parece o único autor que viu bem esse fato.

por mim e pelos professores Antônio Houaiss, Sílvio Elia, A. C. de Matos Peixoto e Rocha Lima.

Concluimos que são **indefinitos supletivos**: *alguém, quem, ninguém, nada, tudo, algo, al*; mas **indefinitos supressivos**: *um, algum, nenhum, certos, muitos, poucos, vários, outro e outros* (em frases como: *um entra e outro sai; muitos ficaram; outros faltaram; certos afirmam que... etc.*)

Por outro lado, *isto, isso e aquilo* são pronomes supletivos (*esta coisa, essa coisa, aquela coisa*), ao passo que *este, esse, aquele*, como pronomes, são supressivos. Do mesmo modo, *quem* e *onde* são supletivos, mas *que* e *qual* são supressivos.

É de importância, para a análise, conhecer a seguinte equivalência de alguns pronomes indefinitos, que dividiremos em três grupos: o das *pessoas*, o das *coisas* e o dos *lugares*.

1.º grupo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{quem} - \text{que pessoa, a pessoa que} \\ \text{alguém} - \text{alguma pessoa} \\ \text{ninguém} - \text{nenhuma pessoa} \\ \text{outrem} - \text{outra pessoa} \\ \text{quemquer} \left\{ \begin{array}{l} \text{qualquer pessoa} \end{array} \right. \\ \text{qualquer} \end{array} \right.$
2.º grupo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{que} - \text{que coisa, qual coisa, a coisa que} \\ \text{algo} - \text{alguma coisa} \\ \text{nada} - \text{nenhuma coisa} \\ \text{al (arceiro)} - \text{outra coisa} \\ \text{tudo} - \text{todas as coisas} \end{array} \right.$
3.º grupo	$\left\{ \begin{array}{l} \text{onde} - \text{em que lugar} \\ \text{algures} - \text{em algum lugar} \\ \text{nenhures} - \text{em nenhum lugar} \\ \text{alhures} - \text{em outro lugar} \end{array} \right.$

Este último grupo participa dos chamados *pronomes adverbiais*.

Note que os pronomes *qual* e *quem*, mórmente nos clássicos, funcionam como distributivos; ex.: *qual* corre, *qual* tomba, *qual* se ajoelha (isto é, *uns* correm, *outros* tombam, *outros* se ajoelham). Ver nos *Lusiadas* I, 92 — IV, 5, 90 e 91 — VI, 64 — VII, 35.

Há expressões pronominais indefinitas: *alguma cousa*, *quem quer*, *o que quer*, *seja o que fôr*, *seja quem fôr*, *seja qual fôr*, *cada um*, *cada qual*, *não importa quem*, *não sei quem*, *um quidam*, *um sujeito qualquer*, etc. além das expressões populares: *um cara*, *um João Ninguém*, *um zinho*, etc.

Pronomes	{	supletivos	{	personais demonstrativos relativos indefinitos
		supressivos	{	relativos demonstrativos indefinitos possessivos numerais ordinais

46 — Eis o quadro geral dos pronomes pessoais:

pronomes pessoais	{	subjetivos	{	1. ^a pessoa — <i>eu, nós</i>	
			2. ^a pessoa — <i>tu, vós</i>		
				{	3. ^a pessoa { com quem se fala — <i>você, V. Ex., o senhor, etc.</i> (1) de quem se fala — <i>êle, ela, êles, elas</i>
	{	objectivos	{	1. ^a pessoa — <i>me, nos</i>	
				2. ^a pessoa — <i>te, vos</i>	
3. ^a pessoa .. { com quem se fala — <i>você, V. Ex., o senhor</i> de quem se fala — <i>se, o, a, os, as</i>					
			indiretos — <i>me, mim, te, ti, se, si, lhe, lhes, a êle, a ela, a êles, a elas, a você, etc.</i>		
			adverbiais — <i>comigo, contigo, consigo, conosco, convosco</i>		

(1) Convém, para a análise, conhecer as expressões pronominais usadas nos tratamentos. Ei-las:
Vossa mercê (V. M.) — para pessoas de cerimônia.
Vossa Senhoria (V. S.) — para oficiais até coronel; para funcio-

A maior parte desses pronomes podem ser reforçados. O reforço se faz geralmente com os adjetivos *mesmo*, *próprio* e *outro*, pospostos; ex.: eu *mesmo*, eu *próprio*, *êle mesmo*, nós *outros*. *Conosco* e *convosco* não admitem reforço; para tal, é preciso usarem-se as formas: *com nós*, *com vós*; ex.:

Nenhum sinal aqui da índia achamos
No povo *com nós outros* quase mudo.

(Lus. V, 69)

Alguns raros exemplos de *conosco mesmo*, além de arcaicos, não invalidam o fato assinalado.

Há pronomes *personais indefinitos*, que mencionam terceiras pessoas desconhecidas ou indeterminadas: *beltrano*, *fulano*, *sicrano*. Usam-se também os nomes próprios *Sancho* e *Martinho* como indefinitos distributivos.

47 — Entre os pronomes demonstrativos devemos incluir, como nos adjetivos: *tal*, em frases como: eu não disse *tal*=isso (tal cousa).

nários de alta categoria abaixo de ministros; para pessoas gradas de cerimônia.

Vossa Excelência (V. Exa.) — para generais e almirantes; para ministros e presidentes; para senhoras de alta categoria; para bispos e arcebispos.

Vossa Reverendíssima (V. R.) — para os sacerdotes.

Vossa Paternidade (V. P.) — para abades, priores, superiores de conventos ou residências de jesuitas.

Vossa Eminência (V. Ema.) — para cardeais.

Vossa Santidade (V. S.) — para os papas.

Vossa Onipotência (V. On.) — para Deus.

Vossa Alteza (V. A.) — para príncipes, arquiduques e duques; às vezes também para reis.

Vossa Majestade (V. M.) — para reis, rainhas, imperadores.

Em certos países da Europa usa-se o tratamento de *Vossa Magnificência*, para os reitores de Universidades. Há outros tratamentos para califas, sultãos, etc.: *Vossa Grandeza*, *Vossa Magnitude*, etc. que pouco nos interessam hoje. Todos esses tratamentos são de terceira pessoa.

O, a, os, as, também funcionam como demonstrativos; ex.: o que eu disse=*aquilo* que eu disse; a que morreu ontem=*aquela* que morreu ontem.

Há certas expressões pronominais que se usam nos tratamentos, algumas exclusivamente familiares; ex.: *degas*=eu, o *xará*, o *compadre*, o *amigo*, o *doutor*, o *filho do meu pai*, etc.

48 — **Advérbio** é a palavra modificadora do verbo (1).

O advérbio modifica o verbo exprimindo as *circunstâncias* que cercam ou precisam uma ação. Os advérbios de *intensidade* podem prender-se a adjetivos ou advérbios para funcionar como índices de grau: *muito* rico=*riquíssimo*, *pouco* instruído, *mais* forte, *menos* sábio, *tão* bom, *quase* preto, *nada* caro, etc., e passam, assim, a palavras ou partículas *gradativas*.

Não posso considerar *advérbios* as palavras e as partículas de afirmação ou negação: *sim*, *não*, *exatamente*, *certo*, *certamente*, nem as expressões dessa natureza: *qual nada*, *nada disso*, *por força*, *com certeza*. Todas essas pertencem à numerosa classe dos *denotativos*, muito descuidados dos gramáticos e de suma importância, como: *pois sim*, *não vê*, *podera*, *já se vê*, *que esperança*, *nunca*, etc., e que não são *interjeições*.

49 — Eis a lista geral dos advérbios:

1.º de *DÚVIDA*: *talvez*, *quiçá*, *acaso*, *por ventura*, *provavelmente*, *eventualmente*; ex.: *virá talvez amanhã*; *viveremos sossegados*, *quiçá*

(1) Sobre isso, ver o que digo na *Rev. de Fil. Port.*, vol. 24.

felizes; encontrá-lo-ei *acaso* um dia; partiremos *provavelmente* amanhã; vê-lo-emos *porventura* em casa (1); estarão lá *eventualmente* todos eles.

2.º de FREQUÊNCIA: *diariamente, cotidianamente, semanalmente, mensalmente, etc., nunca, jamais, sempre* (2), *às vezes, raramente, uma vez, etc., sucessivamente, constantemente, perpétuamente, permanentemente, eternamente, uma vez por todas, etc.*; ex.: estudo *diariamente*; *nunca* o vi; vejo-o *sempre*; encontro-o *às vezes*; viaja *constantemente*; *jamais* soube disso; está *permanentemente* em casa, etc.

3.º de INTENÇÃO: *acinte, acintemente, adrede, intencionalmente, propositadamente* (3), *premeditadamente, (de intuito, de plano, etc.), acaso, casualmente, fortuitamente*; ex.: caminhou *acinte* para prendê-lo; ia *adrede* para matá-lo; fez isso *intencionalmente*; saiu *propositadamente*; cometeu o crime *premeditadamente*; feriu *casualmente* (ausência de intenção) (4).

(1) *Porventura* é, na significação originária, designativo de causa: *por determinação da ventura, da sorte, da fortuna*. A acepção de dúvida aparece tão somente com verbos no futuro. Compare-se *por ventura* encontrei Paulo no jardim = *por acaso*.

(2) *Nunca* exprime a negação da frequência, e *sempre* a frequência *ininterrupta*, como *eternamente* exprime a duração absoluta.

(3) O prof. Saïd Ali impugna o uso dêsse advérbio *jamais* usado pelos clássicos: estes só conhecem *de propósito*. *Propositadamente* é formação de Ruy Barbosa, aconselhada para impedir o *propositamente*, errôneo.

(4) Na expressão: caiu *casualmente*, o advérbio exprime a ausência de causa certa.

4.º de INTENSIDADE (1): *muito, assaz, bastante, excessivamente, demais, demasiadamente, pouco, algo, mais, menos, tanto, quão, quanto, quase, etc.*; exs.: corre *muito*; creio que já falei *assaz*; êle sabe *bastante*; êle gritava *excessivamente*; isso é abusar *demais*; escrevemos *pouco*; quero *mais*; viverei *menos* (2); corri *tanto*, que perdi o fôlego; não sabia *quão* longe era a praça; *quase* morri de susto; cheguei *quase* à ponte.

5.º de LUGAR, incluindo a *posição*: *abaixo, acima, arriba, aquém, além, aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, avante, atrás, algures, alhures, nenhures, diante, detrás, dentro, fora, longe, perto, onde*; exs.: anda *abaixo* e *acima*; não podia ir costa *arriba*; nós ficamos *aquém*; êles foram mais *além*; chegue *aqui*; êle vai ficar *ali*; *cá* estamos; pararam *lá*; viu-a *acolá*; passemos *avante*; não fique *atrás*; vi-o *algures*; andou *alhures*, não sei por *onde*; não o encontraram *nenhures*; seguiam todos no carro, os homens *diante*, as mulheres *detrás*; encontramos a choça, *dentro* havia um velho e *fora* um cão; o navio passou *longe*; o carro não estava *perto*; *onde* estou?

6.º de MODO: *atoa, bem, certo, mal, errado, tristemente* (e muitos adjetivos adverbializados com o sufixo *mente* ou sem êle); exs.: o bar-

(1) Os gramáticos chamam a êsses advérbios: *de quantidade*. Esta expressão não lhes convém de modo algum, pois não indicam o *quanto*, mas somente a *intensidade*, como: êle desceu *muito* (*excesso*, além do que devia, o *quanto* devia e *mais* ainda).

(2) *Menos* pode ser adjetivo. Ver Othelo Reis, *Guia para algumas dificuldades da analyse lexica*

co ia *atoa*; cantou *bem*; lia *mal*; anda *certo*; escrevia *errado*; passou *aceleradamente*; etc.

7.º de TEMPO: *ainda*, *agora*, *amanhã*, *dantes*, *cedo*, *então*, *hoje*, *ontem*, *já*, *logo*, *tarde*, *outrora*, *imediatamente*, *anteriormente*, *posteriormente*, *precedentemente*, *depois*, *antes*; exs.: tenho *ainda* o livro (indica apenas a *continuação* da posse); cheguei *agora*; irei *amanhã*; *dantes* éramos todos fortes; venha *cedo*; tinha *então* (nesse tempo) quatro filhos; chegarei *hoje*; parti *ontem*; saia *já*; saí *logo*; não vim *tarde*; *outrora* fomos felizes; *anteriormente*, havia dito o contrário; *posteriormente*, vim a saber de tudo; como fizera *precedentemente*; conforme se verificou *depois*; conforme se soubera *antes*.

50 — Notas — As palavras: *apenas*, *sequer*, *senão*, *só*, *sòmente*, *exclusivamente*, *unicamente*, *menos*, *fora*, etc., em frases como: *apenas* eu fiquei na rua; não vi um soldado *sequer*; *só* a moça não chorava; todos, *senão* meu pai, atravessaram o rio; *unicamente* nós comparecemos à festa; todos, *menos* meu irmão, sabíamos disso, etc., são classificadas, umas, como *advérbios de exclusão*, outras, como *palavras prepositivas*.

Não é possível aceitar semelhante classificação e a prova está na discordância e confusão dos autores, que distribuem os mesmos advérbios a esmo, uns, sob uma rubrica, outros, sob outra.

Essas palavras indicam *exclusão*, e a exclusão, como a *inclusão* (todos partiram, *inclusive* eu, *até* eu...), *não se refere ao verbo*, refere-se ao substantivo; logo não é *circunstância*. Portanto, as palavras

de exclusão não podem ser consideradas advérbios. (1)

Dessa incompreensão do fato linguístico resultou ensinar o snr. Alfredo Gomes poder o advérbio *reger o substantivo* excepcionalmente, citando, para exemplo, a frase de Latino Coelho: «Só a palavra... fala...; só ela... esculpe estátuas...»

Também os gramáticos classificam entre os advérbios palavras como *sim*, *certamente*, *não*, *nada*, *nunca* e outras que exprimem afirmação ou negação. Não logro perceber onde haja *circunstância*, onde haja modificação do verbo, na afirmação ou negação. Na frase: «Você vai ao mercado? — Vou, *sim*,» não vejo, na palavra *sim*, a mínima circunstância; e, se respondo *não*, muito menos

Como então classificar tais palavras? Essas palavras são inclassificáveis no quadro tradicional. Dessa impossibilidade de classificação, dessa insuficiência da taxionomia fixada pelos gramáticos antigos, são testemunhas todos os professores que se vêm atordoados, muitas vezes, com as classificações em aula, e os próprios gramáticos nas suas estranhas divergências.

Alguns chegam a classificar *não* e *sim* como *advérbios de modo* (Epifânio Dias, Pôrto Carreiro). Quase todos silenciam sobre muitos advérbios, com grave prejuízo dos estudantes; exs.: *aliás* (o sr. Pôrto Carreiro o incluiu entre os de *modo*!), *debal-*

(1) Prova real de que nem sequer são preposições temos no seguinte. O professor Saíd Ali, depois de firmar o princípio de que as preposições, se regem pronomes pessoais, exigem as formas oblíquas tônicas (*mim*, *ti*, *si*, etc.), adverte: «Contrariando esta regra, empregamos, todavia, *exceto*, *salvo* e *fora*, *afora*, com o pronome pessoal em forma reta: Todos chamaram *exceto eu* ou *salvo eu*. Ora, facilmente se mostra que não só essas, senão quaisquer outras particulas tais. Exemplo: *até*, sendo preposição, exige *mim*: ele veio até *mim*; sendo particula inclusiva exige *eu*: todos foram, até *eu*».

de, adrede, acinte, intencionalmente, acaso, etc.; e alguns omitem classes inteiras.

E' indispensável, pois, e urgente, completar o quadro da taxionomia, criando outras categorias gramaticais.

Com efeito, até hoje os gramáticos se teem preocupado exclusivamente com as palavras que exprimem *idéias*, ou palavras ideativas, pouco atendendo à numerosa classe das palavras que exprimem *emoção* ou palavras *emotivas* e, ainda menos, às palavras que exprimem meros *acidentes* do discurso, como as interrogações, afirmações, confirmações, realces, correções, ressalvas, exclusões, designações, etc. Tais palavras não exprimem nenhuma *idéia* propriamente, mas indicam certos movimentos ou operações subjetivas e indispensáveis à compreensão do pensamento ou às suas cambiantes.

Na impossibilidade de reconhecerem *idéia* nas interjeições, suprimiram-nas da taxionomia, considerando-as simples gritos da alma, sem refletirem que há *expressões* interjectivas e *frases* interjectivas com pensamento analisável, como: *raios te partam!*

Logo, para procedermos cientificamente, de acôrdo com os fatos reais da linguagem, devemos distinguir três *classes* de palavras: *ideativas, emotivas e denotativas*.

As ideativas compreendem as *nominativas, pronominativas, modificativas e conectivas*, conforme vimos. Acrescentaremos a essas as palavras *sintéticas*. As *emotivas* dividiremos em *interjectivas* e *intensivas*, segundo revelam a emoção pura, ou apenas um pouco de emoção *em refôrço* a uma *idéia*, a *ênfase*, numa palavra. As *denotativas* subdividiremos em: *aditivas, afirmativas, avaliativas, comparativas, concessivas, corretivas, designativas, distributivas, es-*

cusativas, exclusivas, expletivas, explicativas, gradativas, inclusivas, preventivas, seletivas.

Eis o quadro dessa classificação:

palavras	ideativas	nominativas	{ substantivo verbo
		pronominais...	{ pronomes vicários
		modificativas ...	{ adjetivo advérbio
		sintéticas	
	emotivas	conectivas	{ preposição conjunção
		interjectivas intensivas	
		aditivas	
	denotativas	afirmativas	{ positivas negativas
		avaliativas	
		comparativas	
		concessivas	
		corretivas	
		designativas	
		distributivas	
		escusativas	
		exclusivas	
		expletivas	
		explicativas	
		gradativas	
		inclusivas	
		preventivas	
		seletivas	

A classe das interjectivas prendem-se às *interjeições*. Eis alguns exemplos de palavras intensivas ou de ênfase:

Eles *lá* se avenham; eu *cá* que me torça; não sei *não*; não encontrei *nem* um; êle chegou *ainda* agora, agora *mesmo*; eu *mês*mo não sei; foi êle *próprio* que me disse; era o Paulo *e não* outro.

Eis agora exemplos de cada uma das denotativas:

1.º ADITIVAS: *com, e, mais, outrossim, demais, ainda, também, além disso*, etc.; em frases

como: *duro com duro* não faz bom muro; escapamos eu e Sérgio; João *mais* Pedro foram à festa; *outrossim*, peço-lhe que me mande o livro; *demais*, nada lhe devo; digo-lhe *mais*; acrescente *ainda*; *além disso*, mentiu (além do mais, além de tudo, etc.).

2.º AFIRMATIVAS POSITIVAS: *sim, certo, certamente, naturalmente, perfeitamente, realmente*, etc. e expressões como: *sem dúvida, de certo, por força, com efeito*, etc.

3.º AFIRMATIVAS NEGATIVAS: *não, nada, nunca*, etc., e expressões como: *qual nada, não vê, pois sim! que esperança!*

4.º AVALIATIVAS: *acima de, abaixo de, mais de, menos de, para lá de, cerca de, aproximadamente, mais ou menos, uns, por volta de, lá por, quase, um tanto, algo, seu quanto de*; exs.: comprou *acima de* mil fardos; eram *abaixo de* cem; vieram *mais de* doze; havia *menos de* um terço; estavam lá *cerca de* vinte; contamos *aproximadamente* trinta; passaram *mais ou menos* quinze; eram *uns* cinquenta; irei *por volta* das duas horas; lá *pelas* quatro chegarei; devia ser *quase* meia noite; era *um tanto* mole; era *algo* tolo; tinha *o seu quanto de* esperto, etc. A avaliação pode operar-se sobre a *quantidade* ou sobre a *qualidade*.

5.º COMPARATIVAS: *como, por assim dizer, como dizer, digamos assim*; exs.: tinha uma *como* fascinação para o jogo; era, *por assim dizer*, o rei do bairro; poderia, *como dizer*, empol-

gar a todos; foi, *digamos assim*, (ou só *digamos*) um desastre (1).

- 6.º CONCESSIVAS: *ainda, mesmo, quando muito, quando nada, no mínimo, no máximo, sequer, todavia, entretanto*, etc.; exs.: não é bom, *nem mesmo* (*ainda, sequer*) sofrível; *dou, quando muito* (*no máximo*), dois dias; *todavia*, não foi o que se esperava; *entretanto*, falou bem (ver conjunções adversativas, pg. 61).
- 7.º CORRETIVAS: *aliás, digo, minto, não, melhor, isto é, ou antes*, em frases como: eram quatro, *aliás* cinco; vinham quatro carros, *digo*, carroças; foi na quinta-feira, *minto*, no sábado passado; foram setenta tiros, *não*, setenta e dois; passe a farinha na peneira, *melhor*, num pano fino; passamos, *isto é*, pulamos uma vala; raspe, *ou antes*, lixe a tábua (2).
- 8.º DESIGNATIVA: *eis* (com suas modalidades: *eis aqui, eis aí, eis ali*).
- 9.º DISTRIBUTIVAS: *primeiro, segundo, terceiro, etc., primeiramente, depois, antes de tudo, em seguida, afinal, finalmente, por último, ultimamente, enfim, até que enfim, por fim, por fim de contas; a), b), c)*, etc.; em frases como: falaram na reunião, *primeiro* Paulo, *depois* Lúcio, *finalmente* teu irmão; as condições eram estas: *primeiramente*, pagar uma jóia estipulada; *em segundo lugar*, assumir um compromisso de bem servir; *por último*, não faltar sem causa justificada; são quatro adjuntos: *a) êstes; b) lindo; c) branco; d) que me deram*.

(1) Esta classe me foi sugerida pelo prof. A. C. de Matos Peixoto.

(2) A correção se faz às vezes repetindo a palavra em tom diferente: ex.: vi a *caíra*... caixa! um *caixão*!

- 10.º ESCUSATIVAS: *perdoe-me, desculpe, com licença, se me permitem, data vênia*; em frases como: esta conta, *perdoe-me*, não está certa; cavalheiro, *desculpe*, êsse lugar é meu; *com licença*, voltarei já; senhoras, *se me permitem*, continuarei hoje a exposição do enrêdo; os requerentes, *data vênia*, entrarem um a um.
- 11.º EXCLUSIVAS: *só, sòmente, salvo, senão, apenas, unicamente, exclusivamente, exclusive*, em frases como: *só* meu pai me entende; *sòmente* João teve coragem; *todos, senão* Pedro, ficaram lá; *apenas* eu pude passar; *unicamente* êle pôde entrar; a lição vai até a página cinco, *exclusive*.
- 12.º EXPLETIVAS: *também, ora, lá, se, ainda, só*, etc., em frases como: *também* Você, que homem ruim!; *ora* vamos lá, conta isso; *ora lá*, para que isso!; *foram-se* embora cedo; *ainda* se fosse eu, vá lá; veja *só* que tolo! Nessas expressões tais palavras perderam o sentido próprio que deveriam possuir originariamente. São seres outrora vivos que se fossilizaram no discurso usual, constituindo as chamadas frases ou expressões *feitas, estereotipadas*.
- 13.º EXPLICATIVAS: *como, a saber, por exemplo, isto é*, em frases como: eram cinco, *a saber*: Pedro, Paulo...; são palavras simples, *como*: pé, mão, etc.; os coleópteros, *por exemplo*, teem metamorfoses completas; *exemplo*:: *verbi gratia* (1); entregou-me o depósito, *isto é*, um relógio, um anel e 200\$000.

(1) Essas expressões são dadas pelos gramáticos como *conjunções explicativas*, sem que seja possível descobrir nelas caráter de conetivo oracional ou sequer interverbal; introduzem apenas uma enumeração, como os dois pontos

- 14.º GRADATIVAS: *muito, pouco, mais, menos, tão, tanto, assaz, bastante, enormemente*, etc. ex.: *muito caro; pouco hábil, mais livre; menos mau; tão lindo; tanta gente; assaz rico; bastante bom; enormemente gordo*; etc.
- 15.º INCLUSIVAS: *também, até, mesmo, inclusive, igualmente* em frase como: *também* (1) eu irei; *até* Maria dançou; todos ficaram, *mesmo* Jorge; até a quarta estância, *inclusive*; o tropeiro resolveu, *igualmente*, acompanhar-nos.
- 16.º PREVENTIVAS: *aliás, olhe*, e expressões como *note bem, entenda-se*, etc., em frases como: *aliás*, não lhe pedi nada; *olhe*, não pense que me engana; *note bem*, eu o tinha prevenido; farei tudo, *entenda-se*, se procederem corretamente; *ouça!* quero tudo arrumado.
- 17.º SELETIVAS: *mórmente, principalmente, sobretudo*; exs.: tôdas são lindas, *mórmente* Maria; nenhum deles falta aos ensaios, *principalmente* o Antônio; aprecio a música, *sobretudo* a de câmara.

51 — Alguns advérbios se referem às pessoas gramaticais:

aqui, cá = neste lugar

aí, lá = nesse lugar

ali, acolá = naquele lugar

e outros, como *algures, alhures, nenhures, onde*, encerram uma expressão correspondente a pronomes indefinitos.

(1) Os gramáticos classificam *também* ora como *conjunção*, ora como *advérbio de modo*. Em verdade, essa palavra perdeu completamente a aceção de *modo*. Quando digo: eu *também* vou, não indico o *modo* pelo qual vou; incluo-me, apenas, entre os que vão. Nem sei como se pode ver nisso advérbio; é uma palavra com caráter meramente aditivo.

Chamam-se êsses advérbios *pronominais*, e são, na realidade, palavras *sintéticas*.

52 — Eis o quadro geral dos advérbios:

advérbios	{	de dúvida
		de frequência
		de intenção
		de intensidade
		de lugar
		de modo
		de ordem

de tempo

53 — **Preposição** é a palavra que indica *relação* entre duas idéias.

E' muito importante, para a análise sintática, estudar a fundo essas relações.

São as seguintes:

adição — *além de* queda, coice; *sobre* ser fraco, é imprudente; *a mais de* talentoso, é aplicado.

assunto — falou *sobre* religião; conversou *a respeito de* modas; dissertou *acêrca de* febres.

causa — morreu *de* fome; chorou *com* a morte do filho; fez isso *por* despeito (locuções: *por causa de*, *por motivo de*, *em virtude de*, *em vista de* etc.).

companhia — saiu *com* o irmão; partiu *mais* o filho; (locuções: *em companhia de*, etc.).

concessão — sairei *apesar de* tôda a chuva; iremos *mau grado* o tempo; (locuções: *sem embargo de*, *não obstante*).

concomitância — dormiu *durante* a cerimônia (locução: *por ocasião de*: estava lá *por ocasião do* conflito).

condição — não irá *sem* o irmão (*se o irmão não for*, negação da condição); só deixarei *com* recibo; só alugarei, *mediante* contrato.

conformidade — fez *conforme* a receita; escreveu *segundo* o original; (locuções: *de conformidade*

- com, de acôrdo com, de mãos dadas com, de combinação com*); penso *com* Platão que...; *por mim*, pode ir (*quanto a, enquanto a*).
- distância* — está *a* quatro metros; estava *longe de* casa; caminhava *junto a* mim; estamos *perto de* ti.
- distribuição* — repartiu o dinheiro *com* todos (*por todos, entre todos*).
- efeito* — fez isso *em* pura perda (*em vão*); realizou o negócio *com* vantagem.
- estado* — partiu *com* esperança (esperançado); *via sem* recursos; estava *com* fome.
- estimativa* — eu o tinha *por* sábio; êle me tinha *na conta de* tolo; recebi-o *como* amigo.
- favor* — morre *por* mim; (locuções: *em prol de, em favor de, em atenção a, em benefício de, para com*).
- fim* — preparou-se *para* a desforra; debruçou-se *afim de* ouvi-lo.
- freqüência* — vem aqui *de vez em vez*; come lá uma *vez por* outra; passa aqui *às vêzes, por vêzes*.
- instrumento* — escreve *com* pena de pato; expulsaram-no *a* pau.
- intensidade* — bateu *com* fôrça; a água saía *sem violência* (ausência de intensidade).
- limite* — foi *até* o portão; permanecerá *até* maio.
- lugar* { *onde* — estou *em* casa
 donde — vim *de* Mendes
 aonde — vou *a* Minas
 para onde — vou *para* a Europa
 por onde — foi *por* outro caminho
- matéria* — copo *de* vidro; parede pintada *a* óleo; preso *com* cola.
- medida* — vendeu *a* braças; contou *por* grosas.

meio — passamos *com* licença (*sem* licença é a negação do meio); vivia *de* esmolas; seguiu *mediante* um passaporte; (locuções: *por meio de*, etc.); andou *de* trem.

modo — olhar *de* esquelha; pisar *em* falso; ia *com* cautela; saltou *sem* cuidado (negação do modo).

oposição — combater *com* o inimigo; lutamos *contra* as ondas; bateu *de encontro* à rocha; remou *ao revés da* corrente; navegou *ao arripio das* águas, etc.

posição — está *entre* a cruz e a caldeirinha; estava *acima da* mesa; ficava *ao lado de* meu tio; etc.

prazo — fez a travessia *em* quatro horas; chorou *durante* uma semana; ficarei lá *por* 24 horas; morou aí *por* algum tempo (prazo indefinido); surgiu *de* improviso (negação de prazo); morreu *de* repente (*idem*).

preço — ficaram *a* mil réis; vendi *por* dois contos.

proveniência — Júpiter descendia *de* Saturno; há bens que veem *de* males; óleo *de* ricino.

qualidade — é um coração *de* ouro.

quantidade — exército *de* um milhão de homens; casa *com* trinta quartos.

reciprocidade — discutiram *entre* si; combinaram um *com* o outro.

referência — dois estão *para* seis, como três *para* nove (essa dupla referência forma a proporção); tua casa, *em relação* à minha, está de graça; li, *com referência* a isso, uma notícia ótima.

substituição — falou *por* mim; jogou *em vez de* Paulo; foi escalado *em lugar de* Mário.

troca — deu ouro *por* papel; deu o navio *em troca de* alimentos.

54 — Como vemos, as preposições essenciais não são bastantes para exprimir tôdas as relações,

nem cada relação tem, para expressá-la, uma preposição especial. Daí, o servir a mesma preposição a várias relações e o recorrermos, constantemente, a *palavras prepositivas* ou a *expressões prepositivas*.

55 — Conjunção é a palavra que indica a relação entre dois pensamentos. (1) Essa relação pode fazer-se por *coordenação*, *subordinação*, ou *correlação*.

E' de importância saber distinguir bem esses processos de ligação.

Na *coordenação*, os sentidos das frases são, por si mesmos, completos e independentes; ex.: *as cigarras chamam e os gaturamos cantam*.

Na *subordinação*, uma ou mais frases completam o sentido de uma frase principal ou de outra já de si completiva do sentido de uma principal; ex.: *as cigarras ziziam, porque chegou o verão*; gosto de ouvir *ziziam as cigarras, quando o verão chega*. Nesses exemplos, a frase *porque chegou o verão* completa o sentido da primeira frase; a frase *ziziam as cigarras*, no segundo exemplo, completa o sentido da primeira e a frase *quando o verão chega* completa o sentido da segunda, já subordinada à primeira.

Na *correlação*, até agora confundida, sem motivo, com a subordinação, há *paralelismo* nos sentidos, dependendo um do outro, sem haver, entretanto, frase principal; ex.: *tanto é ruim o pai, quanto é bom o filho*.

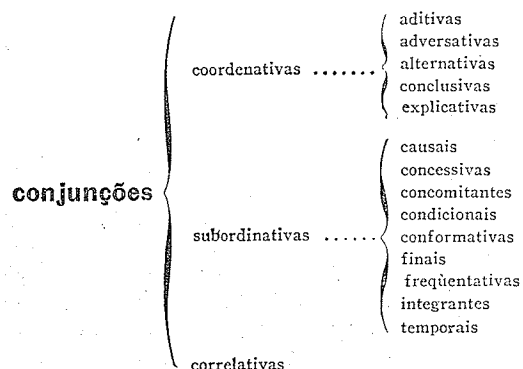
A correlação, em geral, não se faz com a conjunção, existindo apenas uma conjunção correlativa:

(1) Em frases como: João e Pedro foram passear; dois e dois são quatro, etc., não há conjunção. A palavra *e*, nesses casos, é simples *partícula aditiva*, como também *mais* e *com*. A diferença essencial entre *preposição* e *conjunção* é que a primeira mostra *relação entre idéias* e a segunda mostra *relação entre pensamentos*.

que. Note que as comparações, pois há nelas paralelismo de sentido, são verdadeiras correlações. Essas comparações são sempre de *igualdade*, *superioridade* ou *inferioridade*; exs.: *êle corre tanto, quanto o irmão*; *passeávamos mais, que vocês*; *gastaste menos, que eu (do que eu)*. Nas correlações há sempre dois *termos paralelos*, podendo vir um deles oculto. Nos exemplos dados, êsses termos são: *tanto* e *quanto*; *mais* e *que*; *menos* e *que*.

Adiante veremos a composição dos períodos pelo processo da *juxtaposição*.

56 — Eis o quadro geral das conjunções:



Eis a lista das conjunções essenciais e das expressões conjuntivas:

COORDENATIVAS:

aditivas — juxtapõem pensamentos similares. Só há propriamente duas conjunções dessa natureza; são: *e* e *nem*. Uma é aditiva afirmativa; outra negativa, correspondente a *e não*: não vou lá, *nem* (e não) fico aqui.

adversativas — juxtapõem pensamentos contrários.

O tipo de tais conjunções é *mas*. Teem força adversativa as palavras: *porém, contudo, todavia, entretanto, não obstante*, etc., que perderam sua força adverbial. O próprio *mas*, derivado de *magis*, é o mesmo advérbio *mais*. Entretanto, essas palavras funcionam, quase sempre, como partículas concessivas (ver pag. 53, n.º 6).

alternativas — juxtapõem pensamentos que se excluem. O tipo de tais conjunções é *ou*, repetido ou não. Há, porém, várias palavras conjuntivas de alternância: *ora... ora, quer... quer, seja... seja*, etc.

conclusivas — juxtapõem pensamentos em seqüência lógica; funcionam, realmente, como nexos no raciocínio (1). São: *logo, pois* (pospositivo), *portanto, conseqüentemente, então, assim*, e expressões como *por isso, por conseguinte, em vista disso, em vista do que*, etc., em frases como: penso, *logo* existo; êle te protege, sê-lhe grato, *pois*; êle já escreve, *portanto* melhora; êle não fala, *então* piorou; ela zanga-se, *assim*, calo-me; ganho pouco, *por conseguinte* devo economizar, etc.

explicativas — juxtapõem pensamentos em seqüência justificativa, em que a segunda frase explica a razão de ser da primeira. São: *que, porque, pois, porquanto*; exs.: não faça caso, *que* aqui estamos para ouvi-lo; isso não é razão, *porque*, afinal de contas, os negócios teem corrido bem;

(1) O raciocínio se faz por *silogismo*. Consta êste de três proposições: a premissa maior, a premissa menor, a conclusão ou ilação. Ex.: Só os seres vivos respiram; eu respiro; *logo* sou ser vivo. A premissa maior pode, muitas vezes, subentender-se; neste caso, temos o *entimema*. O raciocínio falso chama-se *sofisma*; ex.: «Todos os mamíferos respiram; as plantas respiram; logo, são mamíferos».

era difícil a passagem, *porquanto* nem sequer animais tínhamos; cedo se arrependerá, *pois* é o que sucede aos que renegam seus amigos.

SUBORDINATIVAS:

causais — subordinam pensamentos em que se exprime a causa, o motivo, a razão de ser do pensamento principal. São: *que, porque, porquanto, como, se* e expressões como: *já que, desde que, pois que, visto que, visto como, uma vez que* (com verbo no indicativo); *como quer que*, etc.; exs.: o cavaleiro não se deteve, *que* lhe pareceu haver gente emboscada; o homem fugiu *porque* o queriam matar (1); não ficaremos, *porquanto* nos pretendem roubar; *desde que* assim procederam, vão sofrer as conseqüências; *já que* assim o quis, mandei-o embora; *pois que* tudo já soubemos, deixemo-lo partir; *como* tenho de ir amanhã, entrego-lhe a oficina; *se* assim m'o ordenam, fá-lo-ei; *uma vez que* m'o ordenam, retirar-me-ei; *como quer que*... lhe desse para cismar numa subvenção às despesas... ocorreu-lhe uma idéia (C. C. Branco, *Três irmãs*, 107).

concessivas — subordinam frases em que se pressupõe um acontecimento contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la. São: *embora, conquanto, ainda que, pôsto que, bem que, se*

(1) O professor Saïd Ali insiste, com razão, em seu livro *Difficuldades da língua portuguesa*, no valor, ora coordenativo, ora subordinativo, de *porque*, correspondente, no primeiro caso, a *car, for e denn e*, no segundo, a *parce que, because, weil*. Eis um exemplo tirado dos *Diálogos* de Heitor Pinto e em que os dois *porques* aparecem claramente: «E' verdade, disse o teólogo, mas deviam-se queixar de si, quando se disso quisessem queixar: *porque* eu vejo-os chorar *porque* perdem o tempo e calar a culpa *porque* o perdem». A primeira oração de *porque* é coordenada e a segunda subordinada. O terceiro *porque* é o relativo e equivale a *por que, isto é, pela qual*. Nas orações de *porque* coordenativo, o pronome objeto, como no exemplo supra, pode ser enclítico. Esse *porque* coordenativo é meramente *explicativo*.

bem que, etc.; exs.: *embora* não me creias, dirte-ei tudo; *conquanto* estivessem fatigadíssimos, os soldados avançavam; *ainda que* fôssemos depressa não o alcançaríamos; *pósto que* a ilha estivesse deserta, a princesa quis desembarcar; *se bem que* o admirasse, não o aplaudiu. Incluem-se nessas as *concessivas intensivas* (Said Ali, *Gram. sec.*, pg. 191): *por mais que*, *por muito que*, *por pouco que*, em frases como: *por mais que* faça, não consigo ouvir; *por muito que* me esforce, pouco obtenho; *por pouco que* estude, aprende muito. Se é *nominal* o predicado, ocorre frequentemente sua *antecipação* ao *que*: *por muito bons que* sejam, não os tolero; em vez de: *por muito que sejam bons*. A antecipação se dá pelo hábito de, na gradação, vir *muito*, *pouco* sempre juntos ao adjetivo. Ainda sucede o mesmo com os adjuntos adverbiais gradativos: *por muito depressa que* corram, não chegarão a tempo; em vez de: *por muito que* corram depressa. Nesses casos pode suprimir-se o índice intensivo se fôr *mais* ou *muito*: *por bons que* sejam, *por depressa que* corram, ou ainda, suprimindo-se *por*: *bons que* sejam, *depressa que* corram. A concessão intensiva designa-se, então, pela posição do adjetivo ou do advérbio antecipados (ver adiante o capítulo da *antecipação*).

concomitantes — subordinam frases em que se menciona uma ação realizada ou para realizar-se ao mesmo tempo que a principal. São: *e quanto*, *ao passo que*, *à proporção que*, etc.; exs.: *emquanto* remávamos, víamos crescer a tempestade; *ao passo que* o exército avançava, mais intenso era o troar da artilheria; o vento ia serenando *à proporção que* a lua ia subindo.

condicionais — subordinam frases em que se exprime condição necessária à realização ou não realização da ação principal. São: *se, caso, contanto que, sem que, uma vez que* (com verbo no subjuntivo), *dado que, dado o caso que, desde que, logo que*; exs.: *se a chuva abrandar, ainda irei hoje*; *irei caso haja condução*; *garanto o êxito, contanto que me ajudem seriamente*; *sem que a lua saia, não partiremos* (condição negativa); *uma vez que cheguem os reforços (se chegarem) atacaremos a praça*; *dado que a polícia venha a tempo, prenderemos o assassino*; *dado o caso que me expliques o problema, resolvê-lo-ei*; *desde que tudo corra bem, ganharemos a questão*; *logo que proceda dignamente nesse cargo, poderemos nomeá-lo*. Na expressão *salvo se* a condição se exprime unicamente por *se*; *salvo* é mera *palavra exclusiva* ou *partícula exceptiva* como lhe chama Epifânio Dias. Há dificuldade, muitas vezes, em distinguir a *causal* da *condicional*, porquanto a causa é, na realidade, uma *condição determinante*. Devemos verificar, pois, se a condição expressa na subordinada *determina* a ação principal ou se apenas anuncia a dependência em que se acha a ação principal da realização dessa condição; exs.: *desde que saiu sem licença despedi-lo-ei* (despedi-lo-ei *porque* saiu sem licença, isto é, realizou a condição determinante da demissão); *desde que saía sem licença, despedi-lo-ei* (despedi-lo-ei *se* sair sem licença, isto é, se realizar a condição, se tornar essa condição determinante).

Nota. Penso que, pela primeira vez, se observa o seguinte: em expressão como *quer volte, quer não volte*, o primeiro *quer* é *CONDICIONAL*; o se-

gundo é CONCESSIVO. O primeiro, com efeito, corresponde a *se voltar*, mas o segundo corresponde a *ainda que não volte*. Há, portanto, um *quer* conjunção condicional e outro conjunção concessiva, mas não podem figurar isoladamente. O mesmo ocorre com *seja que*.

conformativas — denomino assim as que subordinam frases em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da frase principal. São: *como, conforme, consoante, segundo*; exs.: vou, *como* disse antes, referir o caso; tudo se realizou *conforme* anunciara o astrólogo; procederam *segundo* ordenava a lei; fez tudo *consoante* lhe haviam determinado.

finais — subordinam frases em que se inclue a indicação da tendência, da finalidade da ação principal. São: *para que, afim de que, porque, que*; exs.: enganou-os *para que* o não enganasse; contou essa história *afim de que* lhe dessem o que pedia; instou *porque* lhe trouxessem o candieiro; insistiu *que* lhe mandassem o menino.

frequêntativas — subordinam frases em que se denota o aspecto iterativo de uma declaração em referência a outra. São: *quando* (com verbo no presente), *sempre que, tôdas as vêzes que, de cada vez que*, etc.; exs.: *quando* a vejo, alegrome; *sempre que* o procuro, encontro-o; *tôdas as vêzes que* dele me lembro, perdôo-lhe.

integrantes — subordinam frases que completam o sentido da frase principal, servindo-lhe de objeto, sujeito, etc. Só há duas: *que* e *se*, a primeira para a afirmação certa, a segunda para a incerta; ex.: não pude ver *que* ele descia (descia certamente, mas não pude ver); não pude ver *se* ele

descia (não tenho certeza disso). Com os verbos *que*, de si mesmos, já denotam dúvida, usa-se *que*: duvido *que* venha; mas: creio *que* chegue hoje; suponho *que* me encontrará. Nesses casos a incerteza está na principal, mas na subordinada há certeza; duvido *que* passe (êle diz *que* passa); mas: estou em dúvida *se* passe (ou *se* não passe; incerteza no ato de passar). Muitos gramáticos incluem entre as integrantes as palavras *como*, *porque*, *quando* e, alguns, *onde*, em frases como: não sei *quando* chegaste; ignoro *porque* saíste; não via *onde* estava; não vi *como* saltaste, supondo tais subordinações cláusulas objetivas. Veremos, na sintaxe, o êrro de tal suposição.

temporais — subordinam frases onde se inclue uma idéia de tempo, ou prazo em que se realiza a ação principal. São: *apenas*, *mal*, *quando*, *até que*, *assim que*, *antes que*, *depois que*, *logo que*, *tanto que*, etc.; exs.: *apenas* me viu, correu para mim; *mal* desembarcava, era roubado; *quando* chegou, todos se tinham ido; ficaram na estação, *até que* o trem chegasse; *assim que* o trem chegou, vieram para casa; *antes que* o prendessem, fugiu; *depois que* o conheceram, deixaram-no andar na rua; *logo que* trouxeram as frutas, pônham a mesa; o preso, *tanto que* se livrou da pena do crime, fica muito contente (Vieira, *Serm. I*, 91).

CORRELATIVAS:

Introduzem uma frase em que se exprime um pensamento preso, não à ação principal com que apenas se coordena, mas a um termo *intensivo*, claro ou oculto. São: *que* e às vezes *como*; exs.: subi *tanto*, *que* perdi o fôlego; esforçou-se de

maneira *tal*, que adoeceu; chegamos de *tal* modo, que todos se compadeciam de nós; fizemos *mais* que vocês todos; corri *como* qualquer outro (*tanto*, *como* qualquer outro; quando *tanto* vem claro usa-se *mais* *quanto* no segundo membro da correlação); procedo do *mesmo* modo que êle (correlação de identidade); é mais linda que você.

Em frases como: sou mais enérgico *do* que êle, ela é menos risonha *do* que a irmã, o *do* é uma contaminação com a correlação complementar: “mais esforçado *de* você”, ainda corrente em: maior *da* marca.

Nota — Alguns gramáticos admitem conjunções *modais* e incluem nessa classe: *como*, *do mesmo modo* *que*, *de modo* *que*, *de sorte* *que*, *de jeito* *que*, etc. Exame detido me fez rejeitar semelhante classe.

Na frase: *corro do mesmo modo que você*, não posso ver expressão conjuntiva em *do mesmo modo que*. Isso nos levaria a considerar expressões conjuntivas tôdas as fórmulas de comparação em que entrasse o adjetivo assimilativo *mesmo*: *ando do mesmo jeito que* êle; *salto com a mesma facilidade que* êle, *durmo da mesma maneira que* êle, *desço do mesmo lado que* êle, etc. Vê-se, bem claro, que há nisso verdadeira *correlação de identidade* em que o primeiro termo correlativo é *mesmo*, com o paralelismo característico (*salto com facilidade*, êle também salta com facilidade, essa facilidade é a mesma; *pulo de um modo*, êle pula também de um modo, e êsse modo é o mesmo). E’ isso tão exato, que temos, ao contrário, a *correlação de disseminação*, com *outro* no primeiro membro; *pulo*

de *outro* modo *que* êle; penso de *outra* forma *que* êle; êle é de *outro* calibre *que* João.

Ora, muitas vêzes, essa correlação vem expressa pela palavra de síntese *como*, sem que se altere em nada o sentido; trabalho *como* um mouro (do *mesmo* modo *que* um mouro); não posso falar *como* Você (do *mesmo* modo *que* Você fala).

57 — Palavras sintéticas. Palavras há que em si resumem funções duplas. Chamo-lhes *sintéticas*. São: a) os comparativos sintéticos: *maior* (mais grande); *melhor* (mais bom), etc. b) *que*, *quem*, *como*, *onde*, *porque*, *quando*, *quanto*, em frases como: não sabia *que* fazer (a coisa *que*, qual coisa); quero saber *quem* fez isso (a pessoa *que*); não vi *como* saíram (o modo pelo qual); descobri *onde* se achavam (o lugar em *que*); falei-lhe *quando* entrava (no momento em *que*); não compreendo *porque* choras (o motivo pelo qual); diga-me *quanto* ganhou (a quantia *que*), etc. Veja: pg.

58 — Interjeição é a palavra que exprime *emoção* independente de algum pensamento.

Essa independência distingue a interjeição da *ênfase* em que há uma emoção apenas reforçando o pensamento.

Se a expressão de um pensamento é uma frase, podemos também dizer que é frase a expressão de uma emoção. Isso é tão verdade, que essa emoção pode ser expressa por uma verdadeira oração analisável, como: *raios te partam, vá para o inferno*, etc.

Do mesmo modo que a *frase-pensamento* pode reduzir-se a uma só palavra como: *chove*, também a uma só palavra pode reduzir-se a *frase emoção*, como: *safa! dane-se!* etc. e temos a *interjeição*.

Muitos gramáticos, desconhecendo a *frase-emoção*, definindo *palavra* a representação exclusiva da *idéia*, não sabendo que fazer da interjeição, consideraram-na mero grito inarticulado, sem se lembrarem de que uma seqüência inteira de palavras, perfeitamente e logicamente elaborada, pode ter o valor de uma interjeição e constitui realmente a frase interjectiva.

59 — Há *interjeições essenciais*, *palavras interjectivas*, *expressões interjectivas* e *frases interjectivas*; exs.: *ai ! oh ! hein ! safá ! livra ! bravíssimo ! toca ! com os diabos ! ora bolas ! boa tarde ! vá saindo ! valha-me Deus ! diabos o levem !*

A mesma interjeição ou palavra interjectiva pode revelar emoções diversas, conforme a inflexão da voz. Eis porque é quase impossível classificá-las, sobre ser absolutamente inútil. Por exemplo: *arre !* pode exprimir dor física, impaciência, cansaço, repulsa, etc.

60 — *Palavras intensivas* são as de realce, ênfase, refôrço; exs.: *mesmo, todo, o, outros, que, um*; em frases como: eu *mesmo* lembrei isso; dê isso *mesmo*; *todo* o dinheiro foi pouco; o meu tio embarcou; vós *outros* não me desculpastes; o que disseram *êles*?; *quão* contentes *que* iam !; ó *que* saudades *que* eu tinha; *um* outro o desviara, etc. E' pelo refôrço que se operam expressões como: quase *que*, talvez *que*, enquanto *que*, embora *que*. Entre essas intensivas estão incluídas as expressões de *precisão*, denotativas da intensidade da avaliação: *exatamente, precisamente, rigorosamente, nem mais nem menos, sem tirar nem pôr* (ou *botar*), etc.; em frases como: foram *exatamente* quatro; eram *precisamente* duas horas; *chegou rigorosamente ao ponto marcado*;

compareceram, *nem mais nem menos*, uma dúzia;
era o irmão, *sem tirar nem pôr*.

Modêlo de análise taxionômica:

Olá, Veloso amigo, aquêlo outeiro
E' melhor de descer que de subir.

(Lus. V, 35)

Olá	palavra emotiva, interjeição de apêlo.
Veloso	palavra ideativa, substantivo próprio personativo, cognome.
amigo	palavra ideativa, modificativa, adjetivo descritivo, accidental, referente ao substantivo <i>Veloso</i> .
aquêlo	palavra ideativa, modificativa, adjetivo designativo.
outeiro	palavra ideativa, substantivo comum, concreto.
é	palavra ideativa, verbo de ligação, prende o comparativo <i>melhor</i> a <i>outeiro</i> .
melhor	palavra ideativa, adjetivo descritivo, sintético, encerra em si o intensivo <i>mais</i> (mais bom).
de	palavra ideativa, preposição simples, exprime a relação de fim.
descer	palavra ideativa, verbo de ação, da segunda conjugação, irregular, fraco, inefectivo.
que	palavra ideativa, conjunção correlativa, de comparação. (já analisado).
de	
subir	palavra ideativa, verbo de ação, da terceira conjugação, irregular, fraco, inefectivo.

MORFOLOGIA

61 — *Morfologia* é o estudo da estrutura da palavra (1). Estudar a estrutura da palavra é decompô-la em seus *elementos mórficos* ou *morfoses* (2).

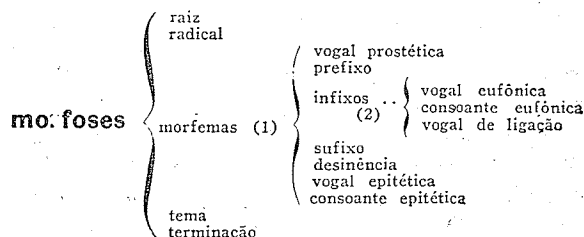
(1) Esse é o conceito decorrente da significação exata da palavra *morfologia*, estudo da forma. E' de ver, porém, a confusão dos linguistas nesse ponto. Não posso mostrá-la aqui. Geralmente incluem toda a *lexiologia* na *morfologia* e, ultimamente, até a *sintaxe*. Para Meillet, a *linguística* divide-se em três partes: estudo dos *fonemas*, das *palavras* e dos *morfemas*. Dos *fonemas*, trata a *fonologia*; das *palavras*, trata o *dicionários*; dos *morfemas*, trata a *gramática*!

(2) Proponho esse termo que julgo necessário; é o grego *μόρφωσις*, formação, imagem.

Por exemplo: na palavra *desconjuntado* a idéia fundamental de *ligar* é dada pelo grupo mórfico *junt* que, por sua vez, é composto do radical *junc* (formado da raiz *yeug*, nasalizada) e de *t* designativo de particípio passado, *unctum*; a idéia de reunião é dada pelo morfema *con*; a idéia de contrariedade, ação oposta, é dada pelo primeiro elemento *des*; enfim, a idéia de ato realizado se exprime pelo grupo *do*, preso ao elemento fundamental pela vogal *a*, característica da primeira conjugação.

O elemento *jun* chama-se *radical*; *con* e *des* são prefixos; *a* é vogal de ligação; *t* e *do* são *desinências de particípio passado*.

62 — Eis o quadro geral das *morfoses*:



Raiz é o elemento significativo originário da palavra. Ex.: nas palavras *luz*, *lua*, *luminoso*, *lúcido*,

(1) Mantenho para *morfema*, a extensão que lhe deu Brugmann (*Abrégé*, pág. 301): «Um nome que, sem possível engano, convém a todos os casos em que, até hoje, se falava em sufixo e que se pode aplicar também a todos os afixos, aos infixos e também aos determinativos de raízes e o de *morfemas*». Morfema, assim, era o *elemento mórfico secundário da palavra*. Sucede, porém, que modernos lingüistas estendem a *morfema* até os fenômenos sintáticos de posição e até a significação, própria de palavras como os pronomes pessoais! Introduziu-se, assim, nova confusão, pois não temos, a vingar o novo conceito de *morfema*, uma palavra para designar exclusivamente os *elementos mórficos secundários*, apenas à raiz ou ao radical.

(2) Evidentemente, a palavra *infixo* não tem aqui a mesma acceção de *infixo* em fonética indo-européia, onde só um existe: o *n* de raízes nasalizadas, como exatamente *iungere*.

lunar, lustre, as morfoses *luc* e *lu* representam a raiz indo-européia *leuk* ou *louk* que exprime a idéia de brilho. Essa raiz, nas línguas do grupo indo-europeu, alterou-se, ou ampliou-se com a juxtaposição de morfemas, e assim deu *ruc, luc, lu, lug, lum, lun, licht, light*, etc. A determinação das raízes é quase sempre difficilima dadas as suas profundas transformações resultantes das alterações vocálicas e consonantais. Quem poderia ver semelhança entre *zo* de *azoto* e *vi* de *viver*? Pois ambos derivam da raiz indo-européia *gwye*.

Essas raízes *modificadas* chamam-se *radicais*.

Ao radical *luc*, em português, podem juntar-se alguns morfemas, palavras-prefixos e palavras-sufixos, como em *elucidar, elucidação*. No verbo *elucidar* há uma parte que se não altera ou se não dispensa na conjugação; é *elucid*, onde vemos o radical *luc*, o prefixo *e*, o morfema pospositivo *d* formador de adjetivos, ligado a *luc* pela vogal *i*. Essa morfose composta *elucid* chama-se *tema verbal*. Esse mesmo tema pode formar substantivos ou adjetivos, ou ampliar-se para formar novo tema. O tema se altera nos verbos irregulares e até nos substantivos: *funil, funi-s; perdiz, perdigão*. A morfose que se segue imediatamente ao tema chama-se *terminação*. Em *elucidar* a terminação é *ar*; em *elucidação* é *ação*; em *lucidez* é *ez*; em *lúcido, luzerna, lua*, não há terminação, porque as vogais finais são meras desinências.

Chamam-se *cognatas* as palavras de mesma raiz; ex.: *gênero, nascer, cunhado, nada, genro, progenitor, gerar, gênese, cognato, epigono*, etc. todas da raiz *gene*.

Afixos são as morfoses significativas que se prendem à raiz. Compreendem os *prefixos*, antepostos, e os *sufixos*, pospostos.

Palavras-prefixos são palavras antepostas, inalteradamente ou não, aos radicais; ex.: *BENEFÍCIO*, *ENTRETER*, *CONTRAPOR* (1).

Palavras-sufixos são palavras pospostas, inalteradamente ou não, aos radicais, ex.: *SUAVEMENTE*, *SACRIFÍCIO*, *LANÍGERO*.

Pode haver palavra composta exclusivamente de uma palavra prefixo e outra sufixo: *benefício. malévolo*.

Pode haver, ao contrário do que se ensina geralmente, palavra sem raiz; ex.: *como* de *cómedo*, cujo raiz *ed* desapareceu, de modo que a idéia de *comer* passou à preposição *com*, prefixo. Outro exemplo é *reciproco*, com dois prefixos e dois morfemas adjetivais (*re-c-i-pro-co*).

Pode haver ainda palavra com mais de um radical; ex.: *madresilva*, *papavento*, *sacrilégio* e todas as compostas por juxtaposição ou aglutinação.

Vogal prostética é a morfose insignificativa preposta às palavras iniciadas por consoantes e certos grupos consonantais. Em português há duas vogais prostéticas *a* e *e*; ex.: *Atambores*, *esplendor*.

Vogal eufônica ou *epentética* é a intercalada no radical ou entre um radical e um afixo para facilitar a pronúncia; exs.: *garupa* (de *kruppa*), *fulô* por *flor*.

Consoantes eufônicas são as intercaladas nos radicais para facilitar ou embelezar a pronúncia: *registro*, *cafeteira*, *chaleira*. Em *amorzinho* (2), por

(1) Cada palavra prefixo, como aliás todo prefixo ou sufixo, tem sua raiz. *Bene*, por exemplo, só funciona em português como palavra-prefixo, mas tem a mesma raiz que *bom*.

(2) Supõe Gonçalves Vianna que o sufixo é *zinho* análogo ao espanhol *cico*. Opõe-se-lhe Otoniel Mota (*O meu idioma*), que sustenta ser tal *z* mera consoante eufônica..

exemplo, o z não é talvez consoante eufônica, pois o sufixo é *zinho*, como em *amorzito* é *zito*.

Vogal de ligação é a que prende duas morfoses. São as seguintes:

- a — característica da primeira conjugação — *am-a-r*.
- e — característica da segunda conjugação — *perd-e-r*.
- i — característica da terceira conjugação — *part-i-r*.
- i — } liga dois radicais latinos — *alu-i-negro*
- o — } liga dois radicais gregos — *morfologia*
- u — vogal de ligação do antigo particípio passado e persistente em *teúdo*, *conteúdo*, *manteúdo* e *Temudo* (nome próprio: *temido*).

Desinência é a morfose indicativa das flexões: *hora-s*, *ten-s*, *ia-mos*.

Vogal epitética, em português, é o e acrescentado a palavras terminadas em consoantes não finais; ex.: *bond-e*, *club-e*.

Consoantes epitéticas são as que se acrescentam a certos radicais terminados em vogal. Isso se faz, em geral, por analogia com outras palavras. A consoante epitética em português é s; ex.: *ante-s* de *ante*; *Marica-s*; um *fole-s*, etc.

63 — É importante conhecer tôdas as desinências portuguesas; eis o quadro geral:

desinências	nominais	gênero	masculino — o
		feminino — a	
		número	plural — s
		grau	comparativo — or (1) superlativo — mo, limo, rimo, simo, timo
verbiais	temporais	presente do infinito — r	
		gerúndio — ndo	
		particípio presente — nte	
		particípio passado — do, to, so	
		imperfeito do indicativo — va (ve) e a (e)	
		mais que perfeito — ra	
	condicionais	condicional — ia	
		imperfeito do subjuntivo — sse	
		futuro do subjuntivo — r	
		do pres. do ind. — o, s, mos, is e des, m	
pessoais		do pret. perfeito — i, ste, u, mos, stes, ram	

(1) Essa desinência *or* permanece nos seguintes grupos: maior e menor; melhor e peor; superior e inferior; anterior e posterior; ulterior e ceterior; sênior e júnior; no subst. prior e no verbo deteriorar.

Exemplos — *lôbo, loba, lobos, inferior, sumo, facilimo, paupérrimo, altíssimo, íntimo, amar, amando, amante, amado, posto, confesso, amava, (amáveis, partia, partieis), amara, amaria, amasse quiser, amo, amas, amamos, amais, ledes, amam, amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram* (1).

64 — É vantajoso conhecer o modo de formação dos tempos derivados.

Há três tempos primitivos: *infinitivo impessoal, presente do indicativo e pretérito perfeito*. Os demais tempos *simples* se derivam desses.

Do *infinitivo impessoal* formam-se seis tempos (2): o *infinitivo pessoal, o gerúndio, o particípio presente, o particípio passado, o futuro do indicativo e o condicional*.

O *infinitivo pessoal* forma-se acrescentando-se ao infinitivo impessoal as desinências pessoais do presente do indicativo, menos na 1.^a pess. s.:

amar, amar-e-s, amar, amar-mos, amar-des, amar-e-m.

O *gerúndio* forma-se substituindo-se a desinência *r* do infinitivo pela desinência *ndo*:

ama-r — ama-ndo

O *particípio presente* forma-se substituindo-se a desinência *r* do infinitivo pela desinência *nte*:

teme-r — teme-nte.

(1) Nas edições anteriores, adicionai, às desinências de superlativo, *tumo*, ocorrente em *póstumo*, segundo ensinavam alguns autores. Hoje, está melhor apurado que *póstumo* se formou sobre *post*, com o mesmo sufixo *mus* de *infirmus, intimus, summus*, etc.

(2) Observe-se que, em alguns casos, essa subordinação é meramente didática. O presente do subjuntivo por exemplo, *tem*, etimologicamente, formação especial. Mas, ainda assim, a influência do pres. do ind. sobre o do subj. é real; ex.: *peço, peça, trago, traga*.

O *participio passado* forma-se substituindo-se a desinência *r* do infinitivo pela desinência *do*:

ama-*r* — ama-*do*.

Note-se que, na 2.^a conjugação, a vogal de ligação *e* se muda em *i*: perder — perd-*i*-do (por influência da 3.^a conjugação).

Note-se ainda que os participios irregulares se formam com as desinências *to* ou *so*, além de alterações do radical: fei-*to*, confes-*so*.

O *futuro do indicativo* forma-se acrescentando-se ao infinitivo impessoal as formas contractas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei, hás, há, hemos, heis, hão*, cortando o *h*:

amar-*ei*, amar-*ás*, amar-*á*, amar-*emos*, amar-*eis*, amar-*ão*.

O *condicional* forma-se acrescentando-se ao infinitivo impessoal as formas contractas do imperfeito do indicativo do verbo *haver*: *hía, hias, hia, hiamos, hieis, hiam*, cortando o *h*:

amar-*ia*, amar-*ias*, amar-*ia*, amar-*íamos*, amar-*icis*, amar-*iam*.

Do presente do indicativo formam-se três tempos: o *imperfeito do indicativo*, o *presente do subjuntivo*, o *imperativo*.

O *imperfeito do indicativo* forma-se pondo-se, entre o tema do presente e as desinências pessoais, a desinência *va*:

am-a-s — am-a-*va*-s.

Note-se a) que a desinência da primeira pessoa desaparece: eu ama-*va*; b) que nas 2.^a e 3.^a conjugações caiu o *v*: part-*i*-a, por part-*i*-*va* (1); c) que na

(1) No italiano ainda se diz *scriveva* (ou *scrivea*), *partiva*.

2.^a conjugação a primeira vogal de ligação em vez de *e* é *i*: *perd-i-a* pcr *perd-e-a*.

O *presente do subjuntivo* (dos verbos regulares) forma-se mudando-se a vogal de ligação *a* em *e*, e a vogal de ligação *e* ou *i* em *a*:

am-a-mos — *am-e-mos*
escrev-e-mos — *escrev-a-mos*
part-i-mos — *part-a-mos*

O *imperativo* se forma, nas duas 2.^{as} pessoas, diretamente das duas 2.^{as} pessoas do indicativo cortando-se o *s* final; nas demais pessoas, indiretamente, através do subjuntivo. Eis todo o imperativo de um verbo irregular, onde melhor se verá o processo:

perca eu, *perde* tu, *perca* você, *percamos* nós,
perdei vós, *percam* vocês (1).

Note-se: *a*) que na forma negativa as segundas pessoas se formam também do subjuntivo: não *percas* tu, não *percaís* vós; *b*) que há um verbo cujo imperativo não segue, aparentemente, êsse processo; é o verbo *ser*. No indicativo faz: *és*, *sois* e no imperativo: *sê*, *sêde*. E' que as formas *sê*, *sêde* proveem de um antigo presente do verbo *seer* derivado de *sedere* (sentar-se) e cujas 2.^{as} pessoas eram: *sês*, *sêdes*.

(1) Tem-se estranhado haver eu incluído *primeira pessoa* no *imperativo*. Basta citar um exemplo de Camões com a 1.^a e 2.^a pessoa contrapostas:

Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Alguns professores querem ver, nessa primeira pessoa, uma forma optativa; mas a contraposição com a 2.^a pessoa é decisiva. Há meio de apurar se uma forma verbal é optativa: antepor-lhe a interjeição *oxalá!*. Há diferença entre *vive em paz* e *vivas em paz*. Considere-se este período de José de Alencar: «Vivereis ambas e *acabe eu*, que de nenhuma sou digno (*Minas de prata*, III, 549). Impossível supor optativa a frase. Ele não *deseja acabar*, nem sequer suplica; resolveu suicidar-se e o vai fazer. E' frase, quanto pode ser, imperativa.

Do pretérito perfeito formam-se três tempos: o mais que perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo.

O mais que perfeito do indicativo forma-se acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do imperfeito do indicativo do verbo ser:

de-ra, de-ras, de-ra, dé-ramos, dé-reis, de-ram
quise-ra, quise-ras, quise-ra, etc.
fô-ra, fo-ras, fô-ra (radical *fo*, contração de *fui*)
vesti-ra, vesti-ras, vesti-ra, etc.

Note-se que, em geral se mantem, nos temas, as vogais de ligação: ama-ra, disse-ra, fugi-ra. Quando o tema da terceira termina em *i*, não há vogal de ligação; *rir* faz *ri-ra*. *Vir* toma a vogal *e* (*vi-e-ra*) para não se confundir com *vira*, de *ver*.

O imperfeito do subjuntivo forma-se acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do imperfeito do subjuntivo do verbo ser, (*fô*+*sse*); exs. *fize-sse*, *fize-sse*s, *fize-sse*, *fizé-ssemos*, *fizé-sseis*, *fize-ssem*.

O futuro do subjuntivo forma-se também acrescentando-se ao tema do perfeito as terminações do futuro do subjuntivo do verbo ser (*fô*-*r*); ex.:

fize-r, *fize-res*, *fize-r*, *fize-rmos*, *fize-rdes*, *fize-rem*.

65 — Eis a lista completa dos prefixos da língua portuguesa:

a) **Prefixos latinos:** (1)

AB — sentido fundamental: *movimento DE* (*from* em inglês); exs.: *aberrar*, *ab*+*errar*, *camí*.

(1) Ao professor incumbe explicar os radicais conforme o adiantamento dos alunos. O ensino sistemático dos radicais latinos, pelo menos os verbais, é indispensável num curso regular de português.

nhar afastando-se de um centro; *abjecto*, *ab + jecto* (de *iactum*, atirado) atirado por alguém de junto de si. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de afastamento moral, privação, ausência, repugnância, aversão, como em *abjurar*, *abdicação*, *abominar*, *abusar*, *absurdo*, *abolir*.

Esse prefixo aparece ainda com as seguintes formas:

- a* — amovível, que pode ser movido de um lugar para outro; *amente*, que está fora da sua mente, do seu juízo, louco.
- abs* — antes de *c* ou *t*; ex.: — *abscesso* (de *cedere*), que se afasta, se torna saliente; *abscisão* (ato de separar cortando); *abster*, possuir, mas não usar, afastar-se alguém de alguma coisa que possui ou pode alcançar; *abstrair* *puxar* separando; *abstruso* (*truſum*, de *trudere*), afastado, fora do comum.
- au* — antes de *f* — *aufferir*, levar de, tirar proveito de; (1) *ausência* (de *absens*, *tis*), afastamento.
- es* — *esconder*, de *abs + condere* (sent. fund. de *colocar* com outros, fundar), colocar alguma coisa fora das vistas de alguém.
- av* — em *avante* = *ab + ante*, por degeneração do *b* em *v*; *avental* (de *ab-ante*), que se põe diante (antigo *avantal*). Nas palavras *vante*, *vantagem*, *vanguarda*, por *avante*, *vantagem*, *avanguarda*, reduz-se a *v*.
- AD* — sentido fundamental: *movimento PARA*; ex.: *adducção* (pela atual grafia: *adução*), movi-

(1) Na realidade, *au* é prefixo diferente de *ab*, pelo étimo; os dois, porém, foram confundidos em latim (cf. *auxilia* e o perfeito *abstuli*). Em *ausência*, o *au* representa *ab*.

mento do braço ou da perna para junto do eixo de simetria (o contrário de *abdução*, afastamento); *adventício*, aquele que *veio* a algum lugar. Dêsse sentido fundamental decorrem as acepções de aproximação, direção, tendência no espaço e no tempo, vizinhança, apêgo, afeição, favor, como em: *advogado*, que é chamado para si, em seu socorro; *adaptar*, prender exatamente a alguma coisa; *adjacente*, que jaz perto; *admirar*, olhar de perto, com interesse, com entusiasmo; *adotar*, escolher para si; *adorar*, pedir com instância, dirigindo-se a alguém. Esse prefixo assume ainda as seguintes formas.

- ar* — antes de radical iniciado por *r*: *arrostar*, voltar o rosto para alguém, desafiá-lo; *arribar*, chegar à riba, à margem, à costa; *arraigar* (*ad+radicare*), prender, fixar as raízes. (1)
- as* — antes de radical iniciado por *s*: *assimilar*, tornar semelhante *a*; *associar*, reunir sócios, companheiros.
- a* — com essa forma tornou-se prefixo vernáculo e mesmo simples vogal prostética em numerosas palavras: *abordar*, *apurar*, *aquecer*, *adoçar*, *aplanar*, *amanhã*, *após*, *ai*, etc. É o prefixo, por exemplo, de: *aclamar*, clamar em favor de alguém; *acumular*, reunir em montão; *afável*, capaz de falar com alguém, de receber urbanamente; *aglomerar*, reunir em grumos; *alocução*, fala dirigida a alguém, discurso; *anexar*, prender a alguma coisa;

(1) A etimologia de *arbitro*, suposta *ad + bētere* ou *bītēre*, ir, foi abandonada pelos filólogos latinistas. Considera-se inexplicada a palavra. Todavia, é certo o prefixo *ad* mudado em *ar* por via dialetal.

aplaudir, bater palmas a favor de alguém. Pela grafia antiga havia as formas: *ac*, *af*, *ag*, *al*, *an*, *ap*, *at*.

ALÉM — prefixo vernáculo — sentido de posição ulterior, ao de lá de certo limite; corresponde exatamente a *ultra*; ex.: *além* mar, que está situado para lá do mar; *Alemtejo*, terras para lá do Tejo; *além-túmulo*, que se acha depois do túmulo, da morte.

AMBI — sentido de *duplicidade*: *ambidextro*, destro de ambas as mãos. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de direção múltipla, *dubiedade*: *ambiente*, que vai (de *ire*, *iens*) para todos os lados, *circunjacente*; *ambição*, ação de ir (também de *ire*) para muitos lados, de procurar por toda a parte; *ambíguo* (*amb+ago*, *faço*), que atua para um e outro lado; *ambáges*, *ambular* e derivados (*funámbulo*, *ambulacrário*, *perambular*, etc.) (1), *âmbito*. Reduz-se a *am* em *amplexo* (dobrado em volta); *amputar*; a *an* em: *andar* (de *ambitare*); *ancila* e derivados (a que circula, de uma velha raiz *kwel*, circular). Em *anfractuoso* o prefixo é *anfr*, o mesmo *ambi*, com forma osca. Em *amplo* é duvidoso.

ANTE — sentido de anterioridade, precedência, no espaço e no tempo; *antepor*, colocar antes; *anteceder*, caminhar antes de outrem, vir antes (2).

Esse prefixo tem as seguintes formas: *ant* em *antolhos*, aparelho aposto aos olhos dos

(1) O radical *ul* prende-se a uma raiz *el*, *ir*, a mesma que aparece em *êxul* e *exilar*.

(2) Não confundir com o prefixo grego *anti* que indica *oposição*.

animais de tiro; *ente* em *enteado* (antigo *anteado*), de *antenatum*, nascido de casamento anterior.

AQUÉM — palavra-prefixo vernácula — sentido de posição citêrior, ao de cá de certo limite; corresponde a *cis*: exs.: *aquém*-mar, situado para cá do mar; *aquém*-túmulo, que se dá antes do túmulo, da morte.

BENE — *ben*, palavra-prefixo latina: *benefício*, ação de fazer bem; *bemdizer*, dizer bem. Aparece com a forma vernácula *ben* em: *bento*, contração de *bendito*; *bênção*, por *benção* (de *benedictionem*), ato de abençoar, desejar bem, boa sorte.

BIS — duas vezes, idéia de repetição; ex.: *biscoito*, cozido duas vezes; *bisneto*, duas vezes neto. Aparece com a forma assigmática *bi*: *biforme*, de duas formas; *biênio*, espaço de dois anos. Aproxima-se dessa forma o prefixo *bin*, de *bini*, de dois em dois, que aparece em *binóculo*, e como radical em *binário*, combinar, etc.

CENTUM — palavra-prefixo latina, *cem*; exs.: *centúmviros*, membros de uma assembléia de *cem* homens na antiga Roma; *centumvirato*, dignidade do *centúmviro*. Esse prefixo toma as seguintes formas:

centu — *centuplicar*, tornar cem vezes maior; *cêntuplo*, cem vezes mais.

centi — *centímetro*, centésima parte do metro; *centípede*, que tem cem pés; *centígrado*, dividido em cem graus (termômetro); *centímano*, de cem mãos.

centa — em *centafolho*, por *centifolho*, foliculos do estômago bovino e, figuradamente, entranhas, recônditos.

cent — em *centóculo*, que tem cem olhos; *centúria* (de *centum*+*uir*) grupo de cem homens; *centurião*, *centurial*, etc.

CIRCUM — sentido fundamental de movimento em *tórno*; exs.: *circumpolar*, que se faz ou está em tórno do polo (viagem *circumpolar*). Em vez de *m* toma *n*, antes dos radicais não iniciados por *p* e *b*: *circunferência*, movimento em tórno de um centro; *circunlóquio*, fala em tórno, frase longa, dita em vez do termo próprio, para evitá-lo ou por ignorá-lo; *circunvagar*, andar em volta. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de posição em redor, vizinhança: *circunjacente*, que jaz em tórno, que está perto; *circunvizinhança*, arredores. Esse prefixo aparece com a forma *circu* em *circuito* (*circu*+*ito*, de *itum*, supino de *ire*), que vai em tórno.

CIS — posição aquém; exs.: *cisplatino*, que está aquém do Rio da Prata; *cismontano*, que está aquém do monte, das montanhas; *cisandino*, aquém dos Andes.

COM — (da preposição latina *cum*) sentido fundamental de concomitância, ação que se realiza ao mesmo tempo que outra; exs.: *competir*, procurar alguma coisa ao mesmo tempo que outrem; *companheiro* (*cum*+*panis*), que come o pão com outro, comensal. Dêsse sentido fundamental decorrem as aceções de companhia, reunião, associação, ação conjunta, intensidade, oposição: *combater*, pe-

rejar com outros; *comício* (*cum + ire*), ação de ir com outros tratar de algum negócio em praça pública; *comensal*, que se reúne à mesma mesa que outro; *comum*, que paga o mesmo tributo (*munus*), que é igual para todos; *comprimir*, apertar com intensidade. Esse prefixo toma as seguintes formas:

con — antes de radicais iniciados por *c, d, f, g, j, q, s, t*: *concorrer*, correr com outros, em oposição a outros; *condensar* reunir em massa densa; *confundir*, fundir juntamente, misturar; *congregar*, reunir na mesma grei, no mesmo rebanho; *conjugiar*, reduzir ao mesmo jugo, submeter às mesmas flexões verbais, etc.

cor — antes de radicais iniciados por *r*: *corroborar* (de *robur*, fôrça), juntar suas fôrças às de outrem, auxiliar; *corrosivo* (de *rodere*, roer), que rói muito, intensamente.

co — antes de radicais iniciados por vozes, *h*, ou outros novamente formados: *cooperar*, fazer um trabalho com alguém, auxiliar; *coerente*, que está preso a alguma cousa, cujas partes se unem, cujas ações demonstram unidade de princípio; *cohonestar*, *coherdeiro*, *coproprietário*, que é proprietário juntamente com outro. Reduz-se a *cu* em *cunhado* (de *co + gnatum*).

A forma latina *cum* permanece em português nas palavras: *cumprir* (de *cumplere*), encher bem, antigamente *comprir*; *cúmplice* (do latim eclesiástico *complex*) o que está envolto com outro nas dobras de um processo. Pela grafia antiga havia a forma *col*: *collaborar*, *collidir*, etc.

CONTRĀ — idéia de opposição; exs.: *contradizer*, dizer o contrário de alguém; *contraveneno*, remédio dado para anular a ação de um veneno. Dêsse sentido fundamental decorre a idéia de ação conjunta, semelhante, simétrica; *contrarregra*, pessoa encarregada de dirigir uma representação teatral; *contraforte*, muralha que reforça outra; *contrapêso*, pêso adicionado para restabelecer o equilíbrio (1). Esse prefixo tem a forma *contro* nas palavras *controverter*, *controvérsia*; esta forma é latina (cf. *intra* e *intro*). É radical no verbo *encontrar*, no substantivo *encontro*, em *contrário* e derivados, etc.

DE — sentido fundamental de movimento de cima para baixo; exs.: *declive*, inclinado (olhando-se de cima para baixo); *decrecer*, movimento contrário ao de crescer, vir de cima para baixo, em altura; *débil*, que perdeu a habilidade, que decaiu em forças. Dêsse sentido fundamental decorrem as acepções de colocar, estabelecer, subordinar, suprimir, e as de pressão, intensidade, esforço, particularização: *depor*, arremessar de cima abaixo, declarar o seu testemunho, deixar cair, largar alguma coisa sobre outra; *definir*, firmar, estabelecer os limites; *depende*r, estar pendurado, preso por baixo de alguma coisa, preso a alguém, subordinado; *decapi-*

(1) *Contradança* — Os etimólogos franceses derivavam a palavra do inglês *country dance*, dança da roça. Teriam os franceses ouvido *contre* e por falsa derivação composto *contredanse*. Littré, no seu dicionário, protesta. Já existia *contredanse*, dança em que pares fronteiros executam movimentos iguais, registrado em 1718 pela Academia, antes de se importar a *country dance* em 1723 ou 25. Há pois, em francês, dois *contredanse*. Para Bréal (*Sémantique*, p. 265) foi, ao contrário, o *contredanse* francês que deu o *country dance* inglês tendo os ingleses ouvido *country* em *contre*.

tar, fazer cair uma cabeça, separá-la do corpo; *deliberar*, fazer inclinar a balança (*libra*), seguir a determinação de maior peso; *decalcar*, calcar forte, seguir a trilha calcando; *descrever*, escrever insistindo nas particularidades. Entra em *dever* (*de* + *habere*) e derivados (*débito*, etc.), *demente*, *débil* (*de* + *habile*), *debelar* (acabar a guerra), *deperecer* (decair até morrer). Perdeu sua força significativa em certos verbos, como: *dealvar*, *deambular*. Prefixa-se, como refôrço, a advérbios (*deante*, *demais*) ou a substantivos gerando palavras adverbiais (*devagar*, *deveras*, *debalde*, etc.). Serve de radical em *deteriorar* (*ter* e *ior* são sufixos comparativos). Esse prefixo tem, às vezes, a forma *di*: *diminuir*, ou antes *deminuir*, abater no tamanho, tornar menor.

DECEM — palavra-prefixo-latina, *dez*; exs.: *decémviro* membros de uma assembléia de dez homens (magistrados romanos); *decemvirato*, dignidade do decémviro. Reduz-se a *dezem* em *dezembro*, onde é radical. Esse prefixo toma as formas:

deci — *decímetro*, décima parte do metro; *decigrama*, décima parte do grama; *decimilésimo*, décima parte do milésimo.

decu — *decuplicar*, dobrar dez vezes, e cognatos; *decumano*, que está ou chega em décimo lugar (onda *decumana*, ovo *decumano*, soldado *decumano*, da 10.^a legião romana).

dec — *decênio* (*decem* + *annum*) espaço de dez anos; *decúria* (de *decem* + *vir*), corpo de dez homens, de onde *decurião*. É radical em *decano* e *Décio*.

DES — sentido fundamental de separação (de+ex); *desvestir*, tirar os vestidos; *destravar*, tirar as traves; *desviar*, tirar do caminho. Dêsse sentido decorrem as idéias de afastamento, privação, ação contrária, negação; *descomunal*, que se afasta do comum; *desprotegido*, que está privado de proteção; *desfazer*, fazer o contrário; *deshonesto*, que se afasta do honesto, que não é honesto; *desleal*, não leal. (Ver adiante, pg. 88 nota, a opinião do prof. Saíd Ali sobre a origem de *des*).

DIS — sentido fundamental de dualidade, de divisão em duas partes; ex.: *disjuntir*, separar duas cousas juntas. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de separação em geral, movimento em muitos sentidos, afastamento, cessação, negação, falta, intensidade; *dis-sentir*, separar-se do sentimento, do modo de sentir de outrem; *disseminar*, semear para diferentes lados, atirar sementes em tórno; *discutir*, sacolejar para separar as partes, para examinar; *dissidente*, aquêle que se assenta na mesma assembléia, mas diverge das opiniões da maioria; *discontínuo*, cuja continuidade cessa, que se acha separado, por intervalo, de outra substância; *disforme*, que se afasta de qualquer forma e, assim, não tem forma; *dissabor*, que não tem sabor, falta de sabor; *distender*, esticar em todos os sentidos, esticar muito. Esse prefixo pode ter as seguintes formas:

dir -- antes de radicais iniciados por vogal: *dirimir* (*dis+emo*) separar, perturbar, desfazer. É o único exemplo em português.

di — *digerir*, levar para várias partes, desassimilar as substâncias nutritivas para espalhá-las no organismo; *dilacerar*, rasgar em todos os sentidos; *divagar*, vagar, errar em vários rumos; *distilar*, separar gota a gota (*stilla*); *dimensão*, resultado da medição, medidas em todos os sentidos ou de ponta a ponta; *difundir*, fundir, espalhar para diversas partes; *difícil* = não fácil.

des — em várias palavras houve mudança do *i* em *e*, talvez por confusão com *des*: *desgraça*, afasamento, privação da graça divina ou real; *desculpar*, afastar de alguém a culpa; *deslocar*, afastar do lugar (1).

EX — sentido fundamental de movimento para fora; *exs.*: *expatriar*, pôr fora da pátria; *expulsar*, impelir para fora; *extrair*, puxar para fora. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de afastamento, separação, privação, estado anterior, excesso: *excêntrico*, que se afasta do centro; *expectorar*, tirar do peito, escarrar; *expropriar*, tirar a propriedade a alguém; *exdiretor*, que já foi diretor; *exceder*, ir além do que deve; *excluir*, fechar, deixando alguém ou alguma coisa fora.

Esse prefixo toma as seguintes formas:

e — *emigrar*, sair de um país para outro; *emanar*, sair a água de uma rocha, correr de; *efusão*, ação de fundir derramando, trans-

(1) Seria difícil assentar, em muitos casos, qual dos dois prefixos figura na palavra. Houve tendência, no português, para a adoção geral de *des*, como no antigo *despor* = *dispor*. O italiano não tem prefixo *des*, que se confunde sempre com *dis* e o espanhol varia como o português. Penso que o mais seguro guia é o francês onde os prefixos se mantiveram discriminados (*disgrace*, *disculper*). Para o prof. Saïd Ali *des* é desenvolvimento românico do mesmo *dis* (*Gramát. hist. da ling. port.*, II, pág. 27).

bordando; efervescência, fervor da água com transbordamento ou produção de bolhas; eleger, emitir, erigir, evadir, erudito.

es — *escorrer*, correr de alguma parte; *esbagoar*, tirar os bagos; *esquecer* (de *ex+cadescere*, antigo *escaecer*).

enx — *enxaguar* (*ex+aquare*), passar a última água; *enzuto* (*ex+suctum*), que secou; *enrame* (*ex+agmen*). Note-se que noutras palavras o *x* pertence ao radical (*enxabido*, *enxergão*, *enxoval*, etc.). Pela grafia antiga, havia a forma *ef*: *effusão*.

EXTRA — é forma comparativa de *ex* (como *exter*, que deu *exterior*); sentido fundamental de posição exterior; *exs.*: *extramuros*, que está ou se passa fora das muralhas, das paredes, da casa; *extravagante*, aquele que vaga, anda fora, por fora, que sai dos limites usuais, que aberra dos costumes aceitos. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de movimento para fora, excesso, superioridade; *ex.*: *extraordinário*, que está fora do comum, admirável; *extrafino*, finíssimo, de ótima qualidade; *extravasar*, vasar para fora, transbordar. Em *extrinseco*, há *extra*, mais *in*, sufixo adverbial latino, mais *secus*, advérbio e preposição (ao longo de); significa pois: que se estende por fora.

IN — sentido fundamental de movimento para dentro; *influir*, correr, escorrer para dentro; *incrustar*, meter numa crosta; *ingerir*, levar para dentro. Dessa idéia fundamental decorrem as accepções de movimento para algum lugar, tendência, mudança de estado: *inclin*ar, pender para alguma cousa; *investigar*,

procurar os vestígios com um fim determinado; *incinerar*, transformar em cinza; *inverado*, tornado velho, crônico.

Esse prefixo toma as seguintes formas:

- i* — antes de radicais iniciados por *l* e *m*: *ilaquear*, pôr no laço, na armadilha; *ilação*, ato de levar, de concluir um raciocínio; *imigrar*, ir para dentro de um país.
- im* — antes de radicais iniciados por *b*, *p* e *m*: *imbibição*, fato de entrar a água bem no interior dos tecidos; *impressão*, fazer pressão sobre, para dentro da substância ou do espírito.
- ir* — antes de radicais iniciados por *r*: *irromper*, romper, precipitar-se para.
- ind* — *indagar* (*ind+agere*, tanger), propriamente seria tanger a caça até acuá-la; depois, procura intensa, investigação; *indole* (*ind+alere*, nutrir, como *adolescere*), primitivamente, ato de crescer; depois, caráter revelado durante o crescimento; *indúsia*, *induto*, *indumento*, *indumentária*, todos do verbo *induere*, vestir (de *in* + um primitivo *evo* ou *owo*); *indigente* (de *in* mais *egere*, ter necessidade).
- em* e *en* — formas vernáculas de *in*, com idéia de superposição, além das outras mencionadas: *enterrar*, pôr dentro da terra; *empilhar*, superpor em pilhas; *enformar*, meter na fôrma.
- n* — em *namorar*, por *enamorar* (radical *amor*) e derivados. Na grafia antiga, havia ainda as formas *il*, *im*.
- IN** — prefixo *negativo*, de origem e significação inteiramente diferentes das do anterior (grau zero da negativa *ne*, indoeuropéia). Sentido exclusivamente negativo: *indecente*, que não

é conveniente; *indene*, que não sofreu dano; *inerte* (*in*+*arte*), que não tem atividade.

Esse prefixo toma as seguintes formas:

im e *ir* — como o antecedente: *impróprio*, que não é próprio; *imbele*, impróprio para a guerra; *imberbe*, sem barba; *irregular*, que não tem regularidade.

i — *ignóbil*, que não é nobre (*gnobile*); *ignaro* (de *gnaru*, que sabe, de onde *ignorar*, não saber); *ignavo*, preguiçoso (de *gnavu*, ativo); *ignominia* (*gnomen*, nome), infâmia; *ignoto*, não conhecido (*gnotus*); *ilícito*, que não convém, não é permitido; *imutável*, que não muda. Pela grafia antiga, havia ainda a forma *il*: *illegal*.

INFRA — abaixo — palavra-prefixo; indica posição abaixo: *infraescrito* que está escrito abaixo da página; *infracitado*, *inframencionado*, etc.

INTER — preposição latina; sentido fundamental de posição intermédia: *intervalo*, fôssio entre duas estacadas; *interstício*, espaço existente (*stare*) entre duas cousas ou partes do mesmo objeto. Dêsse sentido fundamental derivam as accepções de prazo, movimento mútuo: *interregno*, espaço de tempo entre dois reinados; *internacional*, que se opera entre duas ou mais nações. Tem sentido privativo, proibitivo, na palavra *interdizer* e derivados. Esse prefixo tem as seguintes formas:

inte. — em *inteligente* (*intelligente*, em latim), aquele que escolhe (*legente*) entre, espírito penetrante, discernente.

entre — vernácula, com o mesmo sentido da anterior: *entremeio*, renda que se põe entre o pano e a *ponta* ou *bico*; *entrelinha*, espaço

que se abre, entre uma linha e outra, numa página impressa; *entreato*, tempo que media entre um ato e outro de uma representação dramática.

INTRA — posição dentro de alguma cousa: *intraverbal*, que se acha dentro da palavra; *intrapulmonar*, que se passa dentro dos pulmões; *intrafólio*, que se acha dentro das folhas. Para *intrínseco*, antônimo de *extrínseco*, ver o prefixo *extra*.

INTRO — movimento para dentro: *introduzir*, levar para dentro; *introverter*, virar para dentro; *introspectivo*, que olha para dentro; *intróito*, o ato de ir entrar, ir começar. Deu, como radical. *entrar* (*intrare*, de *intro+are*).

INTU — do latim *intus* (de *in*+sufixo *tus*), dentro de: *intususcepção* (de *suscipere*, receber), absorção de líquidos nutritivos por plantas e animais; *intuspecção*, visão, observação íntima de si mesmo. Em *intuitivo*, *intuição*, o radical é *tu* (de *tueor*). É o radical de *intestino*, com a forma *intes*.

JUXTA — posição ao lado, perto de: *juxtapor*, colocar junto; *juxtalinear*, que se faz junto de cada linha; *juxtafluvial* que fica perto, à margem de um rio

MALE — sentido oposto a *vene* — mal; ex.: *malévolo* que quer mal; *maléfico*, que faz mal; *malédico*, que diz mal de alguém.

Esse prefixo tem a seguinte forma vernácula:

mal — *malgrado*, de má vontade, com pesar (*malgrado* vosso, a vosso pesar); *malgastar*, gastar mal, atoa, desperdiçar; *malgalante*, que não tem galanteria; *maldar*, pensar mal de

alguém. Em *malcriação* o *mal* é o antigo adjetivo *mala*, *má* (1). Esse prefixo assume a idéia intensiva, com a accepção de graves conseqüências: *malferido*, ferido gravemente; *malfadado*, cujo destino é mau.

MENOS — palavra-prefixo vernácula, derivada do latim *minus*; idéia fundamental de diminuição, depreciamento; ex.: *menosprezar*, prezar menos, fazer pouco caso de alguém; *menoscabar*, tirar ou negar o que há perfeito em alguma cousa, difamar.

Esse prefixo se contrai em *mas* na palavra *mascavar* corruptela de *menoscabar*=*menos acabar* (assucar *mascavado*, *mascavo*, *mascavinho*, apenas meio refinado). Em *minúsculo*, *minuete*, *minuto*, *minúcia*, etc., não há nenhum prefixo; *minu* é aí verdadeiro radical como em *diminuir*.

MILI — palavra-prefixo latina=*mil* ex.: *milímetro*, milésima parte do metro; *milígrama*, milésima parte do grama; *milípede*, que tem mil pés; *milímodo*, que se apresenta de mil modos, variadíssimo. Em *milefólia*, não há *mile*. Em português se diz *mil-folhas*, *mil-em-rama*, por etimologia popular (2).

MULTI — palavra-prefixo latina=*muito*; exs.: *multiforme*, que tem muitas formas; *multiplicar*, dobrar muitas vezes; *multímodo*, que se apresenta de vários modos, variável. Outros exemplos: *multifário*, *multífido*, *multicor*, *multissecular*, *multívago*, *multívoco*.

(1) Ver João Ribeiro, *Selecta classica*, nota 143.

(2) E talvez o grego *mélôphyllon*, em que *mêlon* é cabra, carneiro.

- OB** — sentido fundamental de posição em frente, diante de; exs.: *objeto* (de *iaccere*), aquilo que se põe diante, que foi atirado diante; *obstáculo* (de *stare*), aquilo que está diante; *obstruir*, construir, elevar alguma coisa diante de outra. Dêsse sentido fundamental decorrem as accepções de oposição, empecilho, movimento contra, resistência, intensidade; *obstar*, estar em frente para impedir o passo; *obviar*, ir ao encontro no caminho; *obstinar* (de **stano*, de *stare* com sufixo nasal), manter-se firme num lugar, numa idéia; *obsecrar*, pedir com insistência; *obter*, segurar com força; *obrigar* (ligare), atar com força. Outros exemplos: *obeso* (*ob+edere*, comer), *óbice*, *obnóxio*, *obedecer* (*ob+audire*). É incerto em *obsuro* e *obscuro*.
Esse prefixo tem as seguintes formas.
- os** — na palavra ostentar e derivados, formada de *obs* (reduzido a *os*) e *tentare* (de *tentum*, *tendere*), estender, desdobrar diante de alguém, mostrar.
- o** — antes de radicais iniciados por *c*, *f*, *p*, *m*:
ocorrer, correr ao encontro, sobrevir; *ocupar* (de *capere*), apanhar o que está diante; *ofuscar*, escurecer colocando alguma coisa diante; *ofender*, bater de encontro; *opor*, pôr em frente, contra; *oportuno*, que conduz ao porto, favorável (aplicado primeiro aos ventos); *omitir*, pôr de parte como contrário ao fim desejado. É duvidoso em *opérculo*.
- e** — em *escuro* e derivados (de *obscurum*).
- ONI** — palavra-prefixo latina (*omne*, *todo*) exs.: *onipotente*, que pode tudo; *onipresente*, que está

em tôda parte; *onívoro*, que come tôda sorte de alimentos.

PENE — quase; *exs.*: *península*, quase ilha; *penumbra*, quase sombra; *penúltimo*, quase último. A forma *pene* se mantém em *peneplanície*.

PER — sentido fundamental de movimento através; *exs.*: *percorrer*, correr através; *perpassar*, passar através; *permeável*, através do qual se pode passar. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de duração, continuação de um movimento até o fim; mas a idéia de intensidade, superlatividade parece originar-se de outro prefixo que se identificou a êste; *pernoitar*, passar tôda a noite; *perdurar*, que dura por muito tempo; *peregrinar*, ir de campo em campo (*ager*); *perplexo*, completamente preso e enleado.

Êsse prefixo reduz-se a *pe* na palavra *pelúcido*, através do qual passa a luz, transparente. Tem sentido pejorativo: *perder* (de *dare*, dar); *perverter*, virar para o mal; *perjuro*, que jurou falso; *perecer*, (de *ire*, ir; *perire*), ir para o mal, para a morte; *pérfido*, que não mantém a fé, a palavra; *perempto*, *peremptório*. Não entra em *peor*, nem *péssimo*, como se supunha (*péssimo* e *peor* veem de um radical indo-europeu com sentido de *cair*).

PLURI — palavra-prefixo latina=muitos, vários: *plurilobulado*, dividido em muitos lóbulos; *pluriforme*, de muitas formas; *pluriseriado*, formado de várias séries.

POST — ação posterior; *exs.*: *post-datar*, datar depois de passado o dia, ou emendar a data.

Esse prefixo aglutina-se, com a forma *pos*: *pospor*, pôr depois; *pospasto*, depois da refeição, sobremesa; *postergar*, pôr para trás das costas (*tergum*), deixar. É radical em *pósteros* e derivados, em *póstumo*, *postumero*, *postigo*.

PRE — sentido fundamental de anterioridade no espaço e no tempo; *exs.*: *prepor*, pôr antes ou diante; *prefixo*, que está preso antes ou diante de; *preliminar*, que está diante do limiar, da soleira; *precipitar* (de *caput*), ir, cair com a cabeça para a frente. Dêsse sentido decorrem as idéias de excelência, superioridade, intensidade: *preceder*, ir à frente, ser superior; *preciso* (de *caedere*, *caesum*), cortado nas extremidades, encurtado; *preclaro*, muito luminoso, notável; *prefulgente*, que fulge muito. Houve certa confusão com o prefixo *per*. Assim, ocorre também, mesmo em latim, raramente, *perfulgens* e em português *perfulgente*.

PRETER — é um comparativo do anterior e quer dizer: mais para a frente, além; *preterir*, ir além, passar sem demorar-se, levar vantagem; *pretermissão*, ação de passar além, omitir; *pretérito*, o que passou além, o que se foi.

PRIMI — palavra-prefixo latina (superlativo de *pri*)=*primeiro*; *exs.*: *primigênio*, nascido antes dos outros, antigo; *primípara*, que deu à luz pela primeira vez; *primórdio* (de *ordior*, *urdo*), *primordial*. Com a forma *prim* em *primevo*, da primeira idade; com a forma *primo*, em *primogênito*, o primeiro gerado, o mais velho dos filhos.

PRO — sentido fundamental de *movimento para a frente*: *prosseguir*, seguir para a frente; *progredir*, caminhar para a frente; *propagar*, fixar-se adiante. Dêse sentido fundamental derivam as idéias de exterioridade, evidência, intensidade, publicidade, movimento a favor, substituição: *profano*, que fica diante, do lado de fora do templo; *proeminente*, que está mais alto que todos; *profundo*, que foi derramado em abundância, que enche muito, que tem muito fundo; *proclamar*, clamar diante de todos, públicamente; *protestar*, dar seu testemunho perante todos; *procurador*, aquele que cuida dos negócios de outrem; *pronomê*, palavra que substitue o nome.

QUADRI — palavra-prefixo vernácula=*quatro*: *quadrilátero*, de quatro lados; *quadrivio*, encruzilhada de quatro caminhos ou vias; *quadrígêmeos*, tubérculos do cérebro (quatro, unidos dois a dois). Esse prefixo tem a forma *quadru* em *quadrúmano*, de quatro mãos; *quadrúpede*, de quatro pés e *quadruplicar*; a forma *quadr* em *quadrângulo*, *quadrangular*. Toma a forma latina *quatr* em *quatravo*, cavalo cujos quatro pés são calçados de branco e *quatri* em *quatrídúo*, espaço de quatro dias e *quatriênio*.

QUINQUE — palavra-prefixo latina=*cinco*; exs.: *quinqüefólio*, que tem cinco folhas; *quinqüelobado*, que tem cinco lobos. Toma a forma *quinqüi* em *quinqüídio*, espaço de cinco dias; a forma *quinqü* em *quinqüênio*, espaço de cinco anos, e *quinqüenal*; a forma *quinc* em *quincunce* (de *uncia*, onça, moeda) e *quincuncial*, em *quincálogo*, os cinco mandamen-

tos da Igreja, por analogia com *decálogo*. Prende-se a êsse o prefixo *quintu* em *quintuplicar*, ou *quint* em *quintanista*, *quintessência*.

RE — sentido fundamental de *movimento para trás*; exs.: *regredir*, caminhar para trás; *recíproco* (de *recus*, para trás+*procus*, para a frente), que vai para trás e para a frente, alternado, mútuo; *refrear*, puxar o freio para trás. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de movimento em direção contrária, repetição do movimento, repetição da ação, ação inversa, intensidade; *reagir*, agir em direção oposta; *refluir*, escorrer em direção contrária; *refazer*, tornar a fazer; *recensar*, tornar a fazer o censo, a estatística; *reiterar* (de *iterum*, de novo; *iterare*, tornar a fazer), insistir, fazer segunda vez com mais energia. Castilho usava muito dêsse prefixo como intensivo: perdido e *reperdido*, nenhum e *renenhum*. Êsse prefixo conserva-se ainda em palavras herdadas do latim, com a sua forma primitiva *red*: *redarguir* (*red*+*arguir*), rebater uma arguição, uma acusação, responder contestando; *redimir* (de *red*+*emere*, comprar), tornar a comprar o que foi vendido, resgatar, salvar de uma condenação; *rédito* (de *red*+*itum* do verbo *ire*, ir), aquilo que volta como fruto do capital empregado, rendimento; *redundar*, (de *red*+*unda*, onda, inundação), inundar transbordando, transbordar, ser copioso nas palavras; *redolente*, que cheira muito. Junta-se ao prefixo *ex* em *resgatar* (*re*+*ex*+*captare*), *resguardar*, *resvalar* (de *vala*), porém não,

em *resmonear* e *resmungar* (*remussinare* e *+remussicare*). Em *resposta* (de *reposita*) o prefixo é *re* e o *s* apareceu por influência de *responder*.

RETRO — composto de *re+tro* (desinência de comparativo) — significa, dessa arte, movimento *mais para trás*; exs.: *retroceder* (de *cedere*, caminhar), caminhar mais para trás, voltar; *retrogradar*, andar para trás; *retroagir*, agir fazendo recuar, atuar contra; *retrospectivo*, que olha para trás, que examina ou relembra o passado, ou o exposto. Tem a forma *reta* em *retaguarda*, palavra, de origem italiana.

SATIS — bastante: *satisfazer*, fazer o bastante, o necessário, o exigido; *satisdar*, dar a garantia suficiente num contrato.

SEM — preposição vernácula já usada como prefixo em certas palavras, equivalente ao prefixo negativo *in* e preposta a substantivos; exs.: *semsabor*, que não tem sabor, dissaborido; *semrazão*, falta de razão, disparate; *senfins*, espaço longínquo, ilimitado; *semnúmero*, *sempar*, *semsal*, *semtermo*, *semvergonha*.

SE — sentido fundamental de separação: *segregar* (*grex*, *gregis*, rebanho), tirar do rebanho, escolher; *seduzir*, conduzir para fora, fazer desviar do caminho certo; *separar* (de *par*, *paris*, o par, o casal), afastar os dois indivíduos de um par. A forma primitiva desse prefixo é *sed* que se mantém na palavra *sedição* (de *seditionem* < *sed+ire*, ação de *ir* para fora, afastamento, cisão, revolta). Incorporou-se ao radical, com a forma *só*, em

solver, desligar, e sobrio (por *se*+*ébrio*, provavelmente), o que se afasta da ebríez.

SEMI — metade; exs.: *semicircunferência*, meia circunferência; *semimorto*, meio morto, moribundo; *semiturvo*, meio turvo. Esse prefixo contrai-se em *se* na palavra *seminima*, metade da *minima*, em *semestre* (por *semi*-*mestre*).

SESQUI — um e meio; ex.: *sesquipedal*, que mede um pé e meio, enorme; *sesquiáltera*, que contém outro tanto e mais meio (termo de música: notas a mais num compasso). Tendo empregado *sesquiorelhal*, de orelha e meia, orelhudo, pouco inteligente.

SUB — sentido fundamental de *movimento de baixo para cima*; *subir*, ir para cima; *sublevar*, levantar, fazer ir para cima; *sublime*, por *sublimine*, que foi suspenso no limiar, de *limen*, *inis*, limiar (dizia-se do escravo que era suspenso ao limiar superior, à padieira da porta para ser açoitado). Dêse sentido fundamental decorrem as idéias de posição ou estado inferior, inferioridade moral ou social, movimento por baixo, redução na quantidade ou no número: *substância* (de *stare*, estar), aquilo que está sob as aparências, parte essencial de um ser; *subalterno*, que se acha sob as ordens de outrem; *subjuagar*, pôr sob o jugo, sob a canga; *subserviente*, que serve com humildade, sem altivez; *suburbano*, que vive nos arredores da cidade (quase sempre as cidades primitivas eram construídas numa colina, a acrópole ou cidade alta); *subreptício* (de *repère*, *reptum*, andar de rôjo, reptar), que rojou por baixo,

furtado às escondidas; *subdividir*, dividir partes já divididas.

Esse prefixo toma as seguintes formas:

sur — antes de radical iniciado por *r*: *surripiar* (*sub+rapere*, roubar), furtar, tirar às escondidas, por baixo; *ressurreição* (formado de *resurrectionem*, derivado de *resurrectum*, que se prende ao verbo *surgere*, contração de *subrigere*), conduzir de baixo para cima, levantar, ressuscitar.

sus — esta forma está por *subs* e corresponde a *sub*, como *abs* e *ab*: *suster* (de *sustinere* < *subs+tenere*), suportar, resistir de baixo para cima (e, com o mesmo radical, *sustentar*); *suscitar* (*subs+citare*, *mover*), mover de baixo para cima, levantar; *suspender* (de *subs+pendere*), pendurar, sustentar ficando o objeto voltado para baixo.

su — por queda do *b* antes do grupo *sp*: *suspirar* (*sub+spirare*, soprar), respirar profundamente, penetrando o ar até o baixo pulmão; *suspeitar* (de *sub+specere*, ver, olhar; em composição: *spicere*; supino: *spectum*), olhar para cima ou também para baixo, olhar procurando ver a verdade sob as aparências; antes de radicais iniciados por *c*, *f*, *g*, *m* e *p*: *suced*er, vir de baixo, tomarem os filhos e netos o lugar dos pais e avós, ou o inferior o do superior; *sucumbir* (de *cubare*, deitar-se), ficar deitado sob, morrer; *sucinto*, sungado e apertado por um cinto, conciso, abreviado; *sufocar* (*sub+faux*, garganta), agarrar por baixo da garganta, estrangular, tirado o fôlego; *suficiente* (de *sub+facere*, cujo sentido primitivo é *colocar*), que se co-

loca debaixo, que serve de base, que é indispensável, bastante; *sugerir* (de *sub* + *gerere*, levar), levar ou pôr debaixo, dar a entender sob aparências ou veladamente, insinuar (mesmo sentido em *sugestionar* e derivados); *sumo* (de *summu*, superlativo de *sub*, o mais alto, o ponto último de um movimento de baixo para cima); dele derivam: *soma*, *sumidade*, *sumário*, *consumar* (não confundir com os derivados de *sumo*, formado de *sum* + *emere*, comprar, sentido primitivo *tomar*, que deu *consumir*, *resumir*, *assumir*, etc.); *suplício* (de *sub* + *placere*, agradar; em composição *plicere* ou *plicare*), satisfação aos deuses, habitantes do alto (o prefixo *sub* barca a direção para cima), prece; *suplantar*, colocar sob a planta dos pés, derribar, tornar-se superior, *suprimir*, fazer pressão para baixo, eliminar por pressão, barrar; *supino*, voltado para cima.

sob — é a forma vernácula do prefixo *sub*: *sobpôr*, pôr debaixo; *sobestar*, estar debaixo; *sobcolor*, sob a aparência de alguma coisa, com o pretexto de; *sobalçar*, *sobroda*.

Esta última forma varia em:

sor — assimilação do *b* em *r*: *sorrir*, por *sobrir*, rir disfarçadamente, rir apenas.

so — queda do *b* final: *sopé*, sob o pé, à raiz do monte; *soerguer*, erguer muito acima ou de muito baixo e, portanto, erguer com esforço; *sonegar*, negar com evasivas, subtrair negando ter o que se pede; a *socapa*, sob a capa, escondidamente; *soluçar* (*subglutiar*, de *glutus*, garganta). De *sub* formaram-se, em latim, *subter* e *subtus* que permaneceram em

português, o primeiro com a forma latina e o segundo com forma vernácula:

subter — *subterfúgio*, fuga por baixo, às escondidas, evasivas (apenas com sentido moral); *subtercutâneo*, que fica ou se alastra por baixo da pele; *subterfluente*, que corre por baixo.

soto — derivado de *subtus*: *sotopor*, pôr debaixo; *sotoalmirante*, substituto do almirante, seu imediato inferior. Este prefixo toma ainda a forma *sota*: *sotaven^{to}*, borda de navio que se abaixa com o vento contrário; *sotapiloto*, o substituto do piloto; *sotapatrão*.

Na grafia antiga, havia as formas: *suc*, *suf*, *sug*, *sum*.

SUPER — é, na realidade, derivado de *sub*, mas formou, desde o antigo latim, prefixo especial, significativo de posição superior: *superpor*, colocar em cima; *supercílio*, que fica por cima dos cílios; *superfície*, face que fica por sobre as outras; depois, por extensão, face exterior e finalmente qualquer face. Dêse sentido fundamental proveem as idéias de excesso, intensidade; *supérfluo*, que escorre, por cima, que transborda, que sobra; *supernatural*, que está além, fóra da natureza; *supersensível*, que é muito sensível; *superfino*, que é muito fino, excelente. Torna-se, assim, verdadeira *partícula intensiva*, morfema de superlativo. Esse prefixo deu diretamente vários derivados: *súpero*, *superar*, *superano*, *superior*, *supremo* e, com a forma *sober*, entra em palavras como *soberbo*, *soberano*, etc. Outros exemplos: *superácido*, *superstite*, *superexcitar*, *superumeral*, *superin-*

tender, *superlativo*, *superovariado*, *superpopulação*, *superprodução*, *supervacâneo*, etc.

SUPRA — outro derivado de *sub* que também significa *posição superior*; *supramencionado*, que foi mencionado acima; *suprarrenal*, que fica acima dos rins; *supra-axilar*, que está acima da axila de uma folha. Dêsse sentido fundamental deriva o de excesso: *supranúmerário*, que está além do número marcado; *suprassumo*, que está acima do mais alto, demasiado. Feito radical, aparece com a forma *sopra* na palavra *soprano*, a voz mais alta, derivada do italiano onde *supra* latino deu *sopra*. Outros exemplos: *supradito*, *supralunar*, *suprassensível*, *supratorácico*, etc.

SOBRE — forma vernácula de *super* e com os mesmos sentidos; exs.: *sobrenadar*, nadar à tona, à flor; *sobrepor*, colocar acima de; *sobretudo*, que se veste por cima das demais roupas; *sobreviver*, ir além da vida; *sobreexcelente*=muito excelente. Tem a forma *sobr*, em alguns casos, antes de vogal: *sobrancelha*, *sobranceiro*, *sobrôlho*, *sobreexceder*. Outros exemplos: *sobreagudo*, *sobreaviso*, *sobrecana*, *sobrecarga*, *sobrecarta*, *sobre-cásaca*, *sobreceño*, *sobredourar*, etc.

TRANS — idéia fundamental de posterioridade, posição excedente a certo limite; ex.: *transmontano*, que está além dos montes; *transalpino*, que demora além dos Alpes; *translunar*, que se acha além da lua. Dêsse sentido fundamental decorrem os de movimento para além, percurso, excesso: *transpor*, pôr além, passar; *transbordar*, passar além do bordo, derramar; *transitar* (de *ire*, *itum*), caminhar,

percorrer; *transluzir*, luzir por entre, através de.

tras — *traspassar*, passar além, através, perecer; *trasladar*, levar além, levar a outra margem, a outro papel, copiar, traduzir; *trasfolar*, copiar um desenho através de uma folha de papel transparente.

tra — *tradição* (*tra+dare*, dar), ato de entregar, passar além, adiante, de geração em geração; *traduzir*, passar além de um povo, verter de uma língua para outra; *trama* (de *trans* e *mus*, como *summus* de *sub* e *mus*), linha que passa de um lado a outro para formar o tecido; *tramite* (derivado de *trames*, *itis*, cognato de *trama*), passagem de um lugar para outro, meios de ir além, de passar.

tran — antes de radical iniciado por *s* impuro: *transcendente* (de *scandere*), que sobe muito além; *transcrever* (de *scribere*), passar além por escrito; *transpirar*, exalar através (dos poros). Com essa mesma forma, em *tranquilo* (*trans + liquidus*), transparente, quieto, com referência à água.

tres — *tresmalhar*, ir além da malha, sair fora do rumo; *tresnoitado*, que atravessou a noite em claro (1); *trespasse*, ato de passar além, ultrapassar a vida, morte.

tre — em *tredo* e *tredor*, de *traditorem*.

TRAS — prefixo vernáculo que significa *movimento para trás*, derivado, segundo a opinião corrente, do anterior (*atrás=ad+trans*), embo-

(1) Talvez esse *tres* por *tras*, pertença ao prefixo seguinte: perder a noite anterior.

ra o sentido seja exatamente o oposto (1);
exs.: *traspor*, pôr para trás, deixar atrás;
trasandar (ou *tresandar*), andar para trás,
fazer alguém voltar, ir para trás (2); *trasan-*
teontem, o dia atrás do de ontem, anterior
à véspera; *traspilar*, o pilar que se acha
atrás de ouro; *trasorelho*, inflamação atrás
da orelha, caxumba; *trascâmara*, câmara in-
terior a outra.

TRI — prefixo latino que significa *três* ou *três* ve-
zes; exs.: *triplicar*, dobrar três vezes; *tridente*,
que tem três dentes; *trivial*, que se encontra
entre o povo, na praça pública (*trivium*, en-
cruzilhada, praça, de *tri* + *via*, caminho),
muito comum, vulgar. Esse prefixo entra em
trinta (*triginta*) e cognatos. Outros exemplos:
triácido, *tribásico*, *tríduo*, *triênio*, *trimestre*,
triforme, *tricipite*, *tricorne*, *trifurcar*, *trigê-*
meos, *trípode*, *trípúdio*, etc. Não confundir
esse prefixo com o grego *tri* de *treis*, como
em *triacanto*, *tricéfalo*, etc. (ver adiante).
Toma as seguintes formas:

tres — do nominativo latino *tres*, formado do radi-
cal *tri*: *tresler* (ler, reler, *tresler*), ler três
vezes, ler demais, ler tanto que baralha tudo;
tresdôbro, três vezes mais (como *seisdôbro*,
seis vezes mais, nas *Ordenações*), dobrado
três vezes. Dêsse sentido fundamental de-
corre o de *intensidade*: *tresjurar*, jurar mui-
tas vezes; *tresloucado*, muito, completa-
mente louco; *tressuar*, suar demais.

(1) A inversão de sentido pode explicar-se atendendo à expressão comum:
puxa atrás, em que o movimento é *para a frente*, *para além*, quanto à pessoa
que fala, e retrógrado quanto à pessoa a quem se fala. O mesmo para *detrás*.
(2) O sentido de *exalar mau cheiro* provém da frase *fedo que tresanda*
isto é, *fedo tanto que faz qualquer recuar, tornar caminho*.

tris — deflexão do *e* de *tres* por analogia com *bis*: *trissavô*, três vezes avô, avô do avô; *trisneto*, neto do neto; *trisanual*, que dura três anos.

tre — por apócope do *s* de *tres*: *tremês*, que produz em três meses (trigo *tremês*); *trezentos*, três centos; *treplicar*, responder à réplica, à contestação do adversário; *trejurar*, por *tres-jurar*. Esses prefixo aparece nasalizado em *trempe*, suporte de três pés.

ULTRA — sentido fundamental de posição além de certo limite; exs.: *ultramontano*, que está além dos montes, que pertence ao partido ou à igreja de além dos montes Alpes, na Itália, de Roma; *ultrazodiacal*, que está além da zona do zodíaco; *ultramar*, que demora além do mar, terra cujo alcance demanda a travessia do mar. Dêsse sentido fundamental decorrem as idéias de movimento para além ou para fora, excesso, intensidade; *ultrapassar*, passar além do limite; *ultrarealista*, que exige, em defesa do rei, mais daquilo que o rei deseja. Serve para formar superlativos: *ultracômico*, excessivamente, intensamente cômico; *ultraliberal* = *liberalíssimo*; *ultrasensível* = *sensibilíssimo*.

UN — de *unu*, um, idéia de unidade, união, reunião, acôrdo; exs.: *unânime*, com uma só alma, um só pensamento, concorde; *undécimo*, um mais décimo, décimo primeiro; *unóculo*, que só tem um olho.

uni — em que o *i* final é vogal de ligação; *unisso-no*, que tem o mesmo som que outra voz ou instrumento; *unificar* (de *ficare* por *facere*, fazer) fazer, tornar um, reduzir cousas dis-

persas a um todo. Outros exemplos: *unicelular*, *unicapsular*, *unicolor*, *unicórneo*, *unilateral*, *unigênito*, *universo*, *univoco*, etc.

VICE — ablativo de *vix* (desusado) *vicis*, vez — sentido de substituição; ex.: *vice-cônsul*, que substitue o cônsul; *vice-rei*, que faz o papel de rei; *vice-almirante*, *vice-chanceler*, *vice-governador*, *vice-legado*, etc.

Esse prefixo tem as formas:

viso — no português antigo: *visorei* (ou melhor: *vizorei*); e derivados *viso-reinado*, *viso-reinar*.

vis — em *visconde* por *viceconde* (ou melhor: *vizconde*); e derivados: *viscondessa*, *viscondado*, *viscondizar*, etc.

b) Prefixos gregos

av, an — corresponde à negativa latina *in*: anarquia (*ἀρχή*, *arkhé*, comando, autoridade), não autoridade, não opressão, regimen social onde seja impossível a opressão dos capitalistas aos trabalhadores; *anômalo* (*ἄμαλός*, *homalós*, uniforme, regular), que não tem regularidade, fora do normal; *anônimo* (*ἄνώνυμος*, *anónymos* de *av*+*ὄνομα*, nome), sem nome, cujo nome se oculta, cujo autor não se conhece.

Antes de consoante cai o *n* dêsse prefixo que se simplifica em *a*: *acéfalo* (*κεφαλή*, *kephalé*, cabeça), sem chefe, sem diretor; *ametista* (*ἀμέθυστος*, *améthystos*, que não embriaga, de *μέθυ*, *méthu*, bebida embriagante), que preserva da embriaguez (propriedade atribuída

pelos antigos a certa planta e a uma pedra preciosa); afonia (φωνή, *phoné*, voz), falta de voz, perda da voz.

ἀμφί — *amphi* — corresponde a *ambo* latino e significa propriamente: de um e outro lado, em torno; *anfiteatro*, teatro com galerias em toda a volta da cena; *anfíbio* (βίος, *bios*, vida), que vive de um e de outro modo, tanto em água como no ar; *anfíbiologia* (βόλος, *bólos*, jato, ato de atirar + λόγος, *lógos*, discurso), frase de sentido equívoco, duplo, ambíguo, que pôde ser interpretado de um ou de outro modo. Esse prefixo aparece com a forma *am* em *âmbula* (de *ampulla*, diminutivo de *amphora*); com a forma *an* em *ânfora* (ἀμφί+φορός, *phorós*, que leva), que se leva segurando de um e de outro lado, por duas asas; com a forma *em* em *empôla* (de *ampulla*) e *empolar*.

ἀνά, *aná* — sentido fundamental de ação ou movimento contrário: *anástrofe* (ἀνά+στροφή, *strophé*, movimento de volta do côro grego em torno do altar, estrofe cantada durante essa volta, inversão dos termos da oração; *anagrama* (ἀνάγραμμα, *anagramma*, de γράμμα, *gramma*, coisa escrita, letra) colocação invertida das letras de um nome formando outro nome. Dêsse sentido fundamental decorrem os de recomêço, reduplicação, intensidade, intercomunicação, dispersão; ex.: *anabatista* (do verbo βαπτίζω, *baptizo*, batizo), que torna a batizar, que faz segundo batismô; *aneurisma* (εὖρος, *éurys*, largo) ação de alargar, dilatação crescente de uma artéria; *anastomose* (de στόμα, *stóma*),

intercomunicação de veias e artérias bôca com bôca; *analogia* (λόγος, *lógos*, discurso), semelhanças entre dois fatos, interfluência de palavras entre si; *análise* (λύω, *lyo*, desligo), ato de separar as partes de um todo, discriminação de elementos.

ἀντί — *anti*, contra, em troca de — idéia de oposição: *antagonista* (ἀγωνία, *agonia*, combate), aquele que combate contra outro, adversário, rival; *antipatia* (πάθος, *pathos*, modo de sentir, afeção), sentimento contrário de aversão, de repugnância; *antipodas* (ποῦς, ποδός, *pus*, *podós*, pé), que tem os pés voltados contra outros, habitantes de regiões diametralmente opostas. Esse prefixo perdeu o valor de prefixo grego e assumiu valor vernáculo, combinando-se com qualquer palavra não grega: *antipapa*, *antifebril*, *antisemita*, *anticlerical*, etc.

ἀπό — *apó*, fora de, longe de — idéia de afastamento, separação, movimento ou ação contrária à indicada pelo radical: *apóstolo* (στέλλω, envio), aquele que é enviado, expedicionário, missionário; *apócrifo* (ἀπόκρυφος, escondido, de κρύπτω, escondo), que está escondido longe, muito afastado, oculto, misterioso, suspeito, não verdadeiro; *apóstata* (ἀπό+στατος, que está em pé, que se mantém), que se mantém fora, afastado, que renegou de uma religião e adotou outra. Esse prefixo aparece reduzido a *af* antes de radicais aspirados em grego: *afélio* (ἥλιος, *hélíos*, sol), que está afastado do sol; *aférese* (de *apó+haíreo*, tiro); *aforismo* (de *apó+horizo*, limite), definição, frase definidora de uma doutrina. Tem ainda a forma *bo*

em *botica* e *bodega*, ambas derivadas de *apotheca* (θήκη, *théke*, cofre, armário), lugar onde se guardam, já separadas, as drogas medicamentosas; reduz-se a *a* em *adega* (por *abdega*), também de *apotheca*.

ἀρχι, *árkhi* — termo de composição grego, derivado do verbo ἀρχω, *árkho*, sou superior, mais alto, comando, estou à frente, começo. Indica precedência, sobreexcelência, superioridade: *arquipélago* (πέλαγος, *pélagos*, mar), mar principal (nome dado ao mar Egeu pelos gregos e aplicado depois às ilhas do mesmo e enfim generalizado a qualquer grupo de ilhas), *architeto* (ἀρχιτέκτων, *arkhitécton*, de τέκτων, *técton*, operário construtor), aquele que superintende ou planeja uma construção. Esse prefixo toma as seguintes formas:

arque — em *arquétipo* (ἀρχέτυπος, *arkhétypos*, de τύπος, *typos*, modelo), modelo principal, primitivo, aquilo que serve de modelo; *arquegônio* (ἀρχέγονος, *arkhégonos*, primordial) órgão produtor da oosfera, elemento primordial feminino nas muscíneas.

arc — *arcanjo* (de *arc+anjo*, palavra derivada do latim *angelus* < ἄγγελος, mensageiro), anjo superior, chefe de anjos.

arce — *arcebispo*, que está acima dos bispos e os vigia; *arcediogo*, diácono principal, dignitário superior aos diáconos.

arci — *arcipreste* (*prestre*, presbítero, no francês antigo), padre encarregado dos demais padres. Esse prefixo usa-se comumente como elemento aumentativo ou superlativo preposto

a qualquer adjetivo ou substantivo: *arquitol*, *arquiparvo*, *arquitrave*, etc.

κατά, *katá* — preposição grega; em composição significa movimento de cima para baixo, posição superior; exs.: *catástrofe* (στροφή, *strophé*, movimento), volta para baixo, reviravolta, derrocada; *catadupa* (δουπῶ, *dupô*, caio, caio com barulho) queda com estrondo, eachoeira; *catarrho* (κατάρρῶς, *katárrhus*, de *κατά*+*ῥέω*, *rhéo*, corro) fluxo inflamatória da mucosa. Dêse sentido fundamental derivam os de: posição sobre, adaptação, oposição, conformidade, refôrço; exs.: *cataplasma* (πλάσμα, *plasma*, modelo, de *πλάσσω*, *plásso*, modelo, aplico), aplicação de tópicos sobre uma parte doente; *catapulta* (do latim *catapulta* derivado de *καταπέλτης*, do verbo *πάλλω*, atiro), máquina antiga de guerra com que se atiravam pedras e dardos contra muralhas; *catálogo* (λόγος, *lógos*, razão, ordem), de conformidade com uma disposição racional, segundo um plano bem ordenado, enumeração de livros, objetos, plantas, etc., consoante um sistema predisposto.

Esse prefixo toma as formas:

cate e *cat* — *catequese* (κατά+ήχη, ruído, palavra), ensino por processo de perguntas e respostas de palavras opostas a palavras; *cateto* (por *cáteto*, κάθετος, *káthetos*, abaixado), linha abaixada, perpendicular, sobre outra; *católico* (καθολικός, *catholikós*, geral, universal, de ὅλος, inteiro, completo), que abrange tudo, todos os homens, todas as cousas, (remédios *católicos*, para todas as doenças).

διά, *diá* — movimento através, passagem: *diagonal* (de γωνία, ângulo), que atravessa o polígono de um ângulo a outro; *diâmetro* (de μέτρον, *métroon*, medida), medida através de um círculo, linha que une dois pontos da circunferência passando pelo centro; *diagnóstico* (de γνωστός, *gnostikós*, que conhece), exame *diagnóstico*, pelo qual o médico reconhece uma doença através dos sintomas observados. Dêsse sentido fundamental derivam os de: meio, afastamento, intensidade; *diagrama* (διάγραμμα, *diagramma*, de γράμμα, escrito), coisa escrita ou traçada, registro por meio do qual se chega a uma demonstração ou se evidencia qualquer fato; *diafragma* (φράγμα, fechamento, ação de fechar), músculo ou membrana transversal que separa o coração e os pulmões das demais vísceras. Esse prefixo reduz-se a:

di — *diocese* (de οἰκίσις, *oíkesis*, habitação), habitação à parte, região a cargo de um bispo; *diurético* (de οὐρέω, *uréo*, urino), remédio que aumenta, intensifica a secreção urinária.

δύς, *dys* — sentido fundamental de dificuldade: *dispnéia* (de πνέω, *pnéo*, sopro, respiro), dificuldade de respirar; *dispepsia* (de πέψις, *pépsis*, cozimento, digestão), dificuldade de digerir. Dêsse sentido fundamental decorrem os de falta, privação, mau estado: *dysenteria* (de έντερον, *énteron*, intestino), mau estado dos intestinos, inflamação com fluxo; *dissimetria* (συμμετρία, *symmetria*, ação de medir igualmente, proporção), falta de simetria.

ἐκ, ἐξ, *ek*, *ex* — correspondente ao latim *ex* — sentido fundamental de movimento para fora:

éxodo (ὁδός, *hodós*, caminho), marcha para fora, saída, emigração; *exorcismo* (de ὀρκίζω, *orkízo*, juro, conjuro), ato de expelir o demônio do corpo de alguém por meio de conjurações, de palavras sacramentais; *exegese* (de ἐξαγω, *exágo*, levo para fora, conduzo), ação de guiar na interpretação dos textos difíceis. Dêsse sentido fundamental derivam os de proveniência, separação: *eclético* (de λέγω, *escôlho*), que escolhe de várias partes, que aceita os ensinamentos de várias escolas ou doutrinas procurando harmonizá-los; *eclipse* (ἐκλειψις, *ékleipsis*, de λείπω, *leipo*, deixo), ação de deixar fora, falta, ausência, não aparecimento, desaparecimento.

Esse prefixo tem a forma *eg* em *égloga* (também se diz *écloga*, de λέγω, *escôlho*), poesia escolhida; significa hoje *poesia pastoral* por causa das *éclogas* de Vergílio, onde as personagens são pastores.

ἐκτο, *ecto* (de ἐκτός, por fora)—posição por fora: *ectoplasma*, zona periférica do protoplasma da ameba; *ectozoário*, insetos parasitos na superfície externa do corpo de um animal; *ectoderme*, folha externa da blastoderme.

ἐν, *en* — posição interna, posição sôbre: *encéfalo* (κεφαλή, *kephalé*, cabeça), aquilo que está dentro da cabeça, do crânio: cérebro, cerebelo e bulbo; *energia* (ἐργον, *érgon*, ação, obra), ação interna, fôrça inerente; *entusiamo* ἐνθουσιασμός, *enthusiamós*, de ἐν+θεός, *theós*, deus) estado de quem possui um deus em si, de quem é inspirado por um deus, exaltação de espírito. Esse prefixo tem ainda as seguintes formas:

em — por assimilação imperfeita antes de *b* e *p*; *emplastro* (de ἐμπλαστρον, *émplastron*, formado de πλάσσω, *pláссо*, formo, coloco, aplico), que se aplica sôbre uma parte doente; *empíreo* (πῦρ, fogo), região em que se acham os fogos celestes, os astros, firmamento.

e — antes de radical grego iniciado por *l*—*elipse* (de λείπω, *leipo*, deixo, falto), falta, omissão, abandono em algum lugar.

ἐνδο, *endo*, de ἐνδον, *éndon*, dentro: *endocarpo* (καρπός, *carpós*, fruto), membrana interna do pericarpo; *endocárdio* (καρδία, *cardia*, coração), membrana interna do coração; *endotérmico* (θερμός, *thermós*, quente), que tem calor dentro de si, corpo cuja decomposição se faz com desprendimento de calor.

Esse prefixo toma a forma *end* antes de radicais iniciados por vogal: *endosmose* (ὠσμός, *osmós*, impulsão), impulsão para dentro, pressão e transfusão de um líquido através de uma membrana.

ἐντο, *ento*, de ἐντός, *entós*, dentro: *entozoario* (ζῷον, *zóon*, animal), animal que vive dentro de outro, parasito.

Esse prefixo entra em *enterite* (de ἐντερον, *énteron*, intestino, derivado de ἐντός), inflamação do intestino.

ἐπί, *epi* (corresponde ao latim *ob*) — preposição grega com dois sentidos fundamentais, conforme se contrói em caso que indica repouso ou em caso de movimento; no primeiro, significa posição superior, em cima, sôbre; no segundo, significa movimento para, em direção a, tendência: *epiderme* (δέρμα, *derma*, pele), membrana externa das plantas ou dos

animais; *epitáfio* (τάφος, *táphos*, túmulo), que está em cima do túmulo, que se escreve na lousa sepulcral *epístola* (de στέλλω, *stéllo*, envio), que se envia a alguém, carta, missiva. Dêsses sentidos fundamentais decorrem os de posterioridade, excesso: *epílogo* (λόγος, *lógos*), discurso final de uma tragédia, de um romance; *epíteto* (θετός, *thetós*, posto, colocado), palavra adicionada, colocada depois de um nome para indicar um característico especial. Esse prefixo toma a forma *ep*, antes de radicais iniciados por vogal: *epônimo* (*epi* + ὄνυμα, nome), cujo nome se aplica a algum fato ou dia (heróis *epônimos*, arcontes *epônimos*). Reduz-se a *ef* antes de radicais gregos iniciados por vogal aspirada: *efêmero* (ἡμέρα, *heméra*, dia), que dura apenas um dia, passageiro; *efélides* (ἥλιος, *hélíos*, sol,) manchinhas da pele produzidas por suposta ação do sol, sardas. O prefixo *epi* combina-se usualmente com outros, exs.: *epanáfora* (*epi* + *aná*); *epêntese* (*epi* + *en*); *epexegeze* (*epi* + *ex*).

εὖ *eu* — bem, felizmente: *eucaristia* (χάρις, *kháris*, graça), sacramento da Igreja romana em que está presente a graça de Cristo; *eufonia* (φωνή, *phoné*, voz), composição de sons, harmonia sonora; *eufemismo* (de φήμι, *phémi*, digo), dizer bem, palavra de bom augúrio, que não ofende, palavra que substitue outra palavra ofensiva. Esse prefixo toma a forma *ev* em *evangelho* (εὐαγγέλιον, *evangélion*, boa nova, de ἀγγέλλω, *angéllo*, anuncio), a boa nova, a boa doutrina, a doutrina salvadora.

Esse prefixo entra em grande número de nomes próprios como: *Eugênia* (bem nascida),

Eulália (que fala bem), *Eudócia* (*bem* afamada), *Eusébio* (que venera bem, piedoso), etc.

ἡμι, *hemi*, de ἡμισυς, *hémisys*, metade), meio (correspondente ao latim *semi*): *hemiciclo* (ἡμικύκλιον, de κύκλος, *kyklos*, círculo), meio círculo, meio anfiteatro em um sala; *hemisfério* (σφαίρα, *spháira*, esfera), metade de uma esfera; *hemístiquio* (στίχος, *stikhos*, verso), metade de um verso.

ὑπέρ *hypér* (correspondente ao latim *super*); sôbre, além de; sentido fundamental de posição superior ou além. Em composição, indica superabundância, excesso: *hipérbole* (ὑπερβολή, *hyperbolé*, ação de passar por cima, superioridade, de βάλλω, *atiro*, lanço), termo de retórica: exagêro de comparação, imagem excessiva; termo de geometria: curva cujos ramos não se encontram, vão sempre além; *hipertrofia* (de τροφή, *trophé*, alimentação), excesso de nutrição, desenvolvimento excessivo de um órgão; *hiperbóreos* (de Βορέας, *Boréas*, divindade representativa do vento norte), terras e povos situados além, para lá, onde demora o vento norte.

Esse prefixo emprega-se em química para designar a maior oxigenação de um ácido: *hiperclórico*.

ὑπό, *hypó* — sob (correspondente ao latim *sub*), significa posição inferior: *hipotenusa* (de τείνω, *téino*, estico, estendo), linha que subtende um arco de 90 graus, linha oposta ao ângulo reto no triângulo retângulo; *hipoglósso* (de γλῶσσα, *glóssa*, língua), que está debaixo da língua; diz-se do nervo que inerva

a região inferior da língua. Dêse sentido fundamental decorre o de dependência, subordinação: *hipótese* (θέσις, *thésis* disposição), suposição, proposição cuja veracidade depende da verificação de certas condições ou de uma demonstração; *hipocrisia* (κρίσις, *krisis*, julgamento, emissão de um juízo, de κρίνω, *krino*, julgo, penso, dou opinião), emissão de um juízo, encobrindo-se a verdadeira opinião própria, aparentar alguém virtudes que não possui. Esse prefixo serve, em química, para designar um composto menos oxigenado; ex.: ácido *hípo-azótico*, que tem menos oxigênio que o *azótico*.

μετά, *metá* — com, depois, atrás de. O sentido fundamental dessa preposição é o de movimento de um lugar para outro, passagem de um estado a outro; daí as idéias de mudança, sucessividade, tendência, *metacarpo* (καρπός, *karpós*, punho), que se segue ou sucede ao carpo, ao punho; *metamorfose* (μορφή, *morphé*, forma), passagem de uma forma a outra, mudança de forma; *metáfora* (φορέω, *phorá*, ação de levar, transporte), operação do espírito que consiste em transpor, atribuir a entidades abstratas caracteres pertencentes a entidades reais; ex.: as *flores* da retórica, o *manto* da noite, etc. Esse prefixo toma a forma *met* antes de radical iniciado por vogal ou *h*; ex.: *meteoro* (αἰωρόω, *aioró*, elevo ao ar), fenômeno que se passa na atmosfera, quer aquoso, quer ígneo, quer puramente aéreo; *metonímia* (μετωνυμία, *mtonymia*, de ὄνυμα, *ónyma*, nome), mudança ou transposição de nome, operação de espírito pela qual se emprega o nome de uma parte

pelo do todo, do conteúdo pelo continente, etc.;
ex.: bebeu uma *garrafa* de vinho.

παρά, *pará*—perto de—o sentido fundamental é o de *proximidade*; dêsse sentido decorrem os de continuidade, comparação, intensidade: *paradigma* (δείγμα, *dêigma*, exemplo), exemplo ou modelo que se põe ao lado para declinar um nome ou conjugar um verbo; *paradoxo* (δόξα, *dóxa*, opinião), opinião que alguém sustenta ao lado, ao encontro da opinião geral; *parasita* (παράσιτος, *parásitos*, alimentado à custa do governo, de σίτος, trigo, alimento), aquele que come ao lado, à mesa dos outros, comensal, explorador.

Esse prefixo toma a forma *par* antes de nome iniciado por vogal *paralelo* (de ἀλλήλων, *allélon*, um e outro), que está ao lado e sempre à mesma distância de outro; *paródia* (ᾠδή, *odé*, canto), poesia que se escreve ao lado de outra aproveitando-se as palavras e o sentido, mas geralmente em tom sarcástico ou depreciativo, imitação; *parônimo* (ὄνυμα, *ónyma*, nome), nome que se aproxima de outro na forma, ex.: *relewa* e *revela*.

περί, *peri*, em tórno — posição ou movimento em redor; *perianto* (ἄνθος *ánthos*, flor), que está em redor da flor; envolucro floral, principalmente cálice e corola; *perímetro* (μέτρον, *métron*, medida), medida em tórno, soma dos lados de um polígono: *peripécia* (περιπέτεια, *peripéteia*, acontecimento imprevisto, de πίπτω, caio) aquilo que cai em tórno, fato que sobrevém, circunsistência inesperada e complicadora.

πρό, *pró* — sentido fundamental de posição em frente e movimento para a frente: *propileu* (πόλη, *pyle*, porta), que se acha diante da porta, vestibulo do templo, colunas dianteiras de um templo grego; *problema* (πρόβλημα, *próblema*, arma defensiva, de βάλλω, *bállo*, eu atiro), que se atira, põe em frente, *propõe* para resolver ou explicar. Dêsse sentido fundamental provém o de antecedência: *prólogo* (λόγος, *lógos*, discurso), discurso que precede um drama e no qual um ator expõe e explica a ação ao público.

σύν, *syn=cum*—idéia de simultaneidade, reunião: *sincrônico* (χρόνος, *khrónos*, tempo), que se faz ao mesmo tempo; ex.: movimentos *sincrônicos*; *síncope* (κοπή, *kopé*, pancada, golpe, corte), golpe dado numa palavra, corte de um fonema no meio da palavra, supressão geral dos sentidos por parada súbita do coração; *sinônimo* (ὄνυμα, *ónyma*, nome), palavra que significa a mesma coisa que outra, ex.: *onda* e *vaga*; *sinfonia* (φωνή, *phoné*, voz), conjunto de vozes, sons harmonizados, composição musical de muitos instrumentos.

Esse prefixo toma as seguintes formas:

sim — antes de radical iniciado por *b* ou *p*; *simbolo* (βόλος, *bólos*, ação de atirar), aquilo que se atira juntamente, que se encontra no mesmo ponto, imagem objetiva de uma idéia; ex.: o verde é o *simbolo* da esperança; *simpatia* (πάθος, *páthos*, modo de sentir, doença), modo de sentir idêntico ao de outrem, conformidade de sentimentos que levam à amizade.

si — antes de radical iniciado por *l*, *m*, *s*, ou *z*:
sílabā (λάβή, *labé*, ação de apanhar, tomar),
aquilo que se reúne, fonemas emitidos junta-
mente; sílepse (λήψις, *lépsis*, ato de agarrar),
operação mental que consiste em considerar o
conjunto de unidades, o todo, em vez das uni-
dades, concordância de um objeto singular
com substantivos vários ou um só plural, de
um verbo no singular com sujeitos vários,
etc. e, por extensão, qualquer concordância
ideal e não formal; ex.: *V. Ex. é justo e bom*;
símetria (μέτρον, *métron*, medida), disposição
de vários objetos ou linhas com as mesmas
distâncias, tamanhos, formas; sistema (σύστημα,
systema, reunião, sistema, de ἵστημι, *histemi*,
coloco), coordenação das partes de um todo;
sízigia (ζεύγος, *zêugos*, canga, par, laço), po-
sição de um planeta em conjunção ou oposição
ao sol, ficando, assim, como emparelhados.

66 — Além dêsses prefixos, há palavras gregas
que teem assumido, em português, a função de pre-
fixos ou radicais e a que poderemos chamar pala-
vras-prefixos ou palavras-radicaes. Tais palavras se
encontram na seguinte lista dos principais radicais
gregos e nos quais deverão exercitar-se os alunos.

ἄγγελος, *ángelos*, mensageiro; ex.: *angelical*, *evan-
gelista*.

ἅγιος, *hágios*, sagrado; ex.: *hagiologia*.

ἀγρός, *agrós*, campo; ex.: *agronomia*.

ἄγω, *ágo*, conduzo, ex.: *demagogo*, *sinagoga*.

ἄγων, *agón*—luta; ex.: *agonia*, *antagonista*, *pro-
tagonista*.

ἀδάμας, *adámas*, antos, aço duríssimo; ex.:
adamantino.

- *Αἴρ ἀέρος, *aér*, *aéros*, ar, vapor; ex.: *aeródromo*, *aeróstato*.
- *Ἀθλον, *áthlon*, combate; ex.: *atleta*.
- Αἰθήρ, *aithér*, céu; ex.: *éter*, *etéreo*.
- Αἷμα αἵματος, *háima*, *háimatos*, sangue; ex.: *hematose*, *hemorragia*.
- Αἶνγμα, *áinigma*; ex.: *enigma*, *enigmático*.
- Αἵρεσις, *háiresis*, escolha; ex.: *heresia*, *heresiarca*.
- Αἴσθησις, *áisthesis*, percepção; ex.: *estético*, *estética* (subt.).
- *Ἀκούω, *akúo*, eu ouço; ex.: *acústica*, *acusma*.
- *Ἄκρος *ákros*, alto, o extremo; ex.: *acrópole*, *acróbata*.
- *Ἄλλος, *állos*, outro; ex.: *alopatia*, *alotrópico*.
- *Ἄλφα, *álpha*, a (primeira letra do abecedário grego); ex.: *alfabeto*, *analfabeto*.
- *Ἄνεμος, *ánemos*, vento; ex.: *anemoscópio*, *anémona* (1), *anemómetro*.
- *Ἄνθος, *ánthos*, flor; ex.: *antologia*, *crisântemo*, *perianto*.
- *Ἀνθράξ, *ánthrax*, carvão; ex.: *antraz*, *antracite*.
- *Ἀνθρωπος, *ántropos*, homem; ex.: *antropologia*, *antropoide*, *filantropia*.
- *Ἀξίωμα, *axioma*, opinião, pergunta; ex.: *axioma*, *axiomático*.
- *Ἄρκτος *árktos*, urso; ex.: *ártico*, *antártico*.
- *Ἀριθμός, *arithmós*, número; ex.: *aritmética*, *logaritmo*.
- *Ἀριστος, *áristos*, melhor; ex.: *aristocracia*.
- *Ἀρμονία, *harmonia*, ajustamento, acôrdo; ex.: *harmonia*, *filarmônica*.
- *Ἀρχή, *arkhé*, começo, comando; ex.: *monarca*, *anarquia*, *arcânjo*.

(1) A pronúncia correta seria *anemóna*.

- * Ἀσκέω, *askéo*, exército; ex.: *ascético*, *ascetismo* *ascetério*.
- * Ἀστήρ, *astér*, astro; ex.: *astronomia*, *astrologia*, *asteroide*.
- * Ἀτμός, *atmós*, vapor, *sópro*; ex.: *atmosfera*.
- Αὐτός, *autós*, próprio, de si mesmo; ex.: *autógrafo*, *autonomia*, *autócrata*.
- Βάλλω, *bállo*, atiro (d'onde βολή e βλήμα, *bolé*, *bléma*, ação de atirar); ex.: *parábola*, *símbolo*, *emblema*, *problema*.
- Βαπτίζω, *baptizo*, eu mergulho; ex.: *batizar*, *anabatista*, *batistério*.
- Βάρος, *báros*, pêso e βαρύς, *barys*, pesado, grave; ex.: *barítono*, *barômetro*.
- Βιβλίον, *biblion*, livro ex.: *biblioteca*, *bibliômano*, *bibliopola*.
- Βίος, *bios*, vida; ex.: *amfibio*, *biografia*, *biologia*, *micróbio*.
- Γάμος, *gámos*, casamento; ex.: *bigamo*, *polígamo*, *fanerógamo*, *gamopétalo*.
- Γαστήρ, *gastér*, estômago; *gastrônomo*, *gastralgia*, *gastrite*.
- Γῆ, *gé*, terra; ex.: *geografia*, *perigeu*, *geologia*.
- Γονός, *gonós*, que produz, frutifica; ex.: *oogônio*, *arquegônio*, *goníδια*, *cosmogonia*, *teogonia*.
- Γωνία, *gonía*, ângulo; ex.: *polígono*, *diagonal*, *goniômetro*.
- Γράφω, *grapho*, escrevo; ex.: *telégrafo*, *polígrafo*, *geografia*.
- Γράμμα, *gramma*, escrito; ex.: *gramática*, *programa*, *telêgrama*.
- Γυνή, *gyné*, mulher; ex.: *andrógino*, *misógino*, *gynecologia* (do genitivo γυναικός, *gynaikós*).
- Δάκτυλος, *dáktylos*, dedo; ex.: *datilografia*, *ptero-dátilo*.

Δέκα, *déka*, dez; ex.: *decálogo*, *decâmetro*, *decágono*.

Δέρμα, *dérma*, pele; ex.: *epiderme*, *paquiderme*, *endoderme*.

Δῆμος, *dêmos*, povo; ex.: *democracia*, *epidemia*, *demagôgo*.

Δόξα, *dóxa*, opinião; ex.: *ortodoxo*, *heterodoxo*, *paradoxo*.

Δράμα, *drâma*, (gen. δράματος), ação, drama; ex.: *dramaturgo*, *melodrama*, *mimodrama*.

Δρόμος, *drómos*, corrida; ex.: *hipódromo*, *pródromo*.

Δύναμις, *dynamis*, fôrça; ex.: *dinamômetro*, *dinastia*, *dinamite*.

Ἑδρα, *hédra*, séde, base; ex.: *cathedral*, *poliedro*, *pentaedro*.

Ἔθνος, *éthnos*, raça; ex.: *etnografia*, *etnologia*.

Εἶδος, *éidos*, forma; ex.: *calidoscópio*, *elipsoide*, *romboide*.

Εἰκὼν, *eikón*, imagem; ex.: *iconografia*.

Ἑντερὰ, *éntera*, intestino, entranhas; ex.: *enterite*, *disenteria*.

Ἑξ, *hex*, seis ex.: *hexágono*, *hexápodo*, *hexâmetro*.

Ἑπτὰ, *heptá*, sete; ex.: *heptágono*, *heptaedro*, *heptarquia*.

Ἔργον, *érgon*, obra, trabalho; ex.: *energia*, *energética*, *dramaturgo*, *metalurgia*.

Ἑτερος, *héteros*, outro; ex.: *heterodoxo*, *heterogénio*, *heterómero*.

Ἑτυμος, *étymos*, verdadeiro; *etimologia*.

Ζῶον, *zôon*, animal; ex.: *zoologia*, *zoófito*, *zôógono*, *zodiaco* (de ζῶδιον, *zódion*, animalzinho).

Ἠλεκτρον, *électron*, âmbar; ex.: *eletricidade*, *electróforo*, *electrómetro*.

Ἥλιος, *hélíos*, sol; ex.: *heliotrópio*, *perihélio*, *helióstato*.

Ἡμέρα, *heméra*, dia; ex.: *efêmero*, *efemérides*.

Ἡμι, *hemi*, meio; ex.: *hemisfério*, *hemiciclo*, *hemíptero*.

Ἐκλή *ekhé*, éco, ex.: *éco*, *catecismo*, *catequese*, *catecúmeno*.

Θέα, *théa*, espetáculo; ex.: *teatro*, *teoria*, *teorema*.
Θαῦματος, *tháumatos*, (genit. de Θαῦμα, milagre), prodígio, milagre; ex.: *taumaturgo*.

Θεός, *theós*, deus; ex.: *teologia*, *teodicéia*, *entusiasmo*.
Θερμός, *thermós*, calor; ex.: *termómetro*, *termodinâmica*, *isotérmico*.

Θέσις, *thésis*, ato de colocar; ex.: *hipótese*, *hipértese*, *síntese*.

Θέμα, *théma*, ato de colocar; *anátema*, *apótema*.
Θήκη, *théke*, caixa; ex.: *hipoteca*, *biblioteca*, *botica*, *bodega*.

Ἰδιος, *idios*, peculiar, próprio; ex.: *idiota*, *idioma*, *idiosincrasia*.

Ἱερός, *hierós*, sagrado; ex.: *hieroglifo*, *hierarquia*.

ἵππος, *hippos*, cavalo; ex.: *hipódromo*, *Felipe*, *hipopótamo*.

ἴσος, *isos*, igual; ex.: *isotônico*, *isomorfo*, *isósceles*, *isócrono*.

Ἰχθύς, *ikhthys*, peixe; ex.: *ictiologia*, *ictiófago* *ictiosauro*.

Κακός, *kakós*, mau; ex.: *cacografia*, *cacofonia*, *cacoepeia*.

Κάλλος, *kállos*, beleza; ex.: *caligrafia*, *calistenia*.

Κέντρον, *kéntron*, ponto, centro, ex.: *epicentro*, *centrosoma*.

Κλίμα, *tos*, *klima*, *tos*, inclinação, clima; ex.: *climatologia*, *aclimatação*.

Κλῖνω, *klino*, inclino, ex.: *clinómetro*, *enclítico*, *heteróclito*.

- Κόγχη, *kónkhe*, concha, ex.: *concoide*, *concológia*, ou *conquiliologia* (do dimin. *konkhyllion*).
- Κοινός, *koinós*, comum; ex.: *cenobita*, *epiceno*.
- Κόπτω, *kópto*, bato, corto; ex.: *síncope*, *sarcopta*.
- Κόσμος, *kósmos*, mundo; ex.: *cosmologia*, *cosmopolita*, *microcosmo*.
- Κρανίον, *kranion*, crânio; ex.: *cranioscopia*, *pericránio*, *hemicrania*.
- Κράτος, *krátos*, *fórça*, poder; ex.: *autócrata*, *democrata*, *aristocracia*, *Pancrácio*.
- Κρίσις e κριτικός, *krisis* e *kritikós*, (de κρίνω, *krino*, eu julgo, separo); ex.: *hipocrisia*, *critério*, *hipercrítico*, *Demócrito*.
- Κρύσταλλος, *krystallos*, gêlo, cristal; ex.: *cristalóide*, *cristalografia*.
- Κρύπτω, *krypto*, eu escondo; ex.: *criptógamo*, *apócrifo*, *criptografia*.
- Κύανος, *kyanos*, azul; ex.: *cianídrico*, *cianogênio*, *ficocianina*.
- Κύκλος, *kyklos*, círculo; ex.: *ciclone*, *encíclica*, *enciclopédia*, *hemiciclo*.
- Κύων, *kyon*, cão; ex.: *cinico*, *cinocéfalos*, *cinagética*.
- Λήμμα, *lémma*, aquilo que se toma (de λαμβάνω, *tomo*, agarro, ganho), proposição ou princípio que de antemão se toma ou estabelece para dêle deduzir outros; ex.: *dilema*.
- Λήψις, *lépsis*, ação de agarrar (do mesmo λαμβάνω), acesso mórbido; ex.: *silepse*, *epilepsia*; a êsse radical prende-se o radical *lab*, como em *astrolabio*, *sílabas*.
- Λέγω, *légo*, digo, escolho; ex.: *égloga*, *eclético*, *antologia*, *léxico*, *prolegómenos*.
- Δείπω, *léipo*, deixo, abandono; ex.: *eclipse*, *elipse*.
- Λεπίς, *lepidós*, *lepís*, *lepidos*, escama; ex.: *lepra*, *lepidóptero*.

- Λίθος, *lithos*, pedra; ex.: *litografia*, *monólito*, *acrólito*, *litargírio*.
- Λίτρα, *litra*, libra de doze onças; ex.: *centilitro*, *hectolitro*.
- Λόγος, *lógos*, discurso, razão, tratado; ex.: *diálogo*, *apólogo*, *catálogo*, *decálogo*, *prólogo*, *logógrifo*, *elogio*, *relógio*, *biologia*.
- Λύσις, *lysis*, dissolução; ex.: *análise*, *electrólise*.
- Μάζος, *mázos*, mama, seio; ex.: *mastoide*, *mastodonte*, *Amazonas* (?)
- Μακρός, *makrós*, longo, grande; ex.: *macrocosmo*, *macrocéfalo*, *macróbio*.
- Μανία, *mania*, loucura; ex.: *bibliômano*, *monomania*, *cleptomania*.
- Μαντεία, *mantéia*, adivinhação, profecia; ex.: *necromancia*, *cartomante*, *quiromancia*.
- Μάρτυς, *mártys*, *martyros*, testemunha; ex.: *martírio*, *martirológio*.
- Μέγας, (f) *μεγάλη*, *mégas*, *megále*, grande; ex.: *megalomania*, *megatério*, *trismegisto*, *almagesto*.
- Μέλας, (n.) *μέλαν*, *melas*, *mélan*, preto, ex.: *calomelanos*, *melancolia*, *Melanésia*.
- Μέλος, *mélos*, canto, música; ex.: *melodia*, *melodrama*, *melopéia*, *melômano*.
- Μέρος, *méros*, parte; ex.: *metâmero*, *tetrâmero*, *pentâmero*, *merotomia*.
- Μέσος, *mésos*, que está no meio; ex.: *mesoderme*, *mesentério*, *Mesopotâmia*.
- Μέτρον, *métron*, medida; ex.: *diâmetro*, *metrologia*, *metrônomo*, *barômetro*.
- Μικρός, *micrós*, pequeno; ex.: *micróbio*, *micrómetro*, *microscópio*.
- Μίμος, *mimos*, que imita; ex.: *mimodrama*, *mímica*, *mimetismo*, *pantomima*.

Μνήμη, *mnéme*, memória; ex.: *amnesia*, *anístia* (por *amnístia*) *mnemônica*.

Μόνος, *mónos*, um só; ex.: *monarca*, *monótono*, *monoteísmo*, *monômio*, (contração de *mononômio*).

Μορφή, *morphé*, forma; ex.: *morfologia*, *amorfo*, *metamorfose*.

Μῦς, *mús*, *mys*, *myós*, músculo; ex.: *miologia*, *miocárdio*, *miotomia*.

Μύρια, *myria*, (plural neutro de *μυρίος*, *myrios*, numeroso), dez mil; ex.: *miriâmetro*, *miriápodes*, *miriade*.

Μῦθος, *mythos*, fábula; ex.: *mitologia*, *mítico*.

Ναῦς, *nâus*, navio; ex.: *aeronauta*, *argonauta*, *náu-seas*.

Νεκρός, *necrós*, morto; ex.: *necrotério*, *necrópole*, *necromancia*.

Νέος, *néos*, novo; ex.: *neologismo*, *neófito*, *neografia*.

Νεῦρον, *néuron*, nervo; ex.: *neurônio*, *aponevrose*, *neurologia*, *neuróptero*.

Νῆσος, *nésos*, ilha; ex.: *Polinésia*; *quersoneso*, *Micronésia*.

Νόμος, *nómos*, divisão, lei; ex.: *autônomo*, *astronomia*, *binômio*, *deuteronômio*.

Ὁδός, *hodós*, caminho; ex.: *período*, *êxodo*, *método*, *eléctrodo* (ou *electródio*), *episódio*.

Ὁδούς, *ódóntos*, *odús*, *odóntos*, dente; ex.: *odontalgia*, *odontologia*, *mastodonte*.

Οἶκος, *óikos*, casa; ex.: *economia*, *diocese*, *ecumeno*, *ecumênico*, *ecologia*, *dioico*, *paróquia*.

Ὀκτώ, *octó*, oito, ex.: *octaedro*, *octógono*, *octópodes*.

Ὄνομα, ou ὄνυμα, *ónyma*, nome ex.: *anônimo*, *sinônimo*, *heteronímia*, *onomatopéia*, *pseudônimo*, *patronímico*, *antonomásia*.

- *Οξύς, *oxys*, agudo, penetrante, ácido; *oxigênio*, *paroxismo*, *peróxido*.
*Οράω, *horáo*, vejo; *ὄραμα*, *hórama*, visão; ex.: *panorama*, *cosmorama*, *éforo*.
*Ορθός, *orthós*, recto, justo; ex.: *ortodoxo*, *ortografia*, *ortóptero*, *ortótropo*.
*Ορνις, *ornis*, *ὄρνιθος*, *órnis*, *órniθος*, pássaro; ex.: *ornitologia*, *epiornis*, *ornitorinco*.
*Ὄρος, *óros*, montanha; ex.: *orografia*, *oréade*, *orégão*.
*Ὄστέον, *ostéon*, osso; ex.: *osteologia*, *osteína*, *perioste*, *exostose*.
*Ὄφις, *óphis*, serpente; ex.: *ofidio*, *oficleide*, *ofite*.
*Ὀφθαλμός, *ophthalmós*, olho, vista; ex.: *oftalmia*, *oftalmoscópio*, *exoftalmo*.
Πάθος, *páthos*, modo de sentir, afeção; ex.: *simpatia*, *patologia*, *patético*, *alopatia*.
Παῖς, *paîs*, *παῖδος*, *páis*, *paidós*, criança; ex.: *pedagogo*, *pedante*, *pedologia*.
Παιδεία, *paidéia*, educação; ex.: *enciclopédia* (1), *ortopedia*, *Ciropedia*.
Παλαιός, *palaiós*, antigo; ex.: *paleografia*, *paleontologia*, *paleotério*.
Πᾶς, *pás*, *πάν*, *pân*, todos; ex.: *diapasão* (que vai por todas as notas, oitava), *panacéia*, *pâncreas*, *Pancrácio*, *panorama*, *pantomina*.
Πείρα, *péira*, tentativa, experiência; ex.: *pirata* (que tenta a sorte), *empírico*.
Πέντε, *pénte*, cinco; ex.: *pentacórdio*, *pentágono*, *pentâmero*, *pentâmetro*, *pentadelfo*.
Πέψις, *pépsis*, cozimento; ex.: *pepsina*, *dispepsia*, *aepsia*.
Πέταλον, *pétalon*, pétalo; ex.: *apétalo*, *gamopétalo*, *dialipétalo*, *monopétalo*, *petaloide*.

(1) A pronúncia correta seria *enciclopédia*.

Πλήσσω, *pléssō*, bato, firo; ex.: *apoplexia*, *hemiplegia*, *paraplegia*.

Πλευρά, ou πλευρόν, *pleurá*, ou *pleurón*, flanco, lado; *pleura*, *pleuriz*, *pleurizia*, *pleurite*.

Πνεῦμα, πνεύματος, *pnéuma*, *pnéumatos*, sôpro, ar, espírito: ex.: *pneumonia*, *pneumatico*, *pneumática*.

Ποιέω, *poiéo*, eu faço; ex.: *poeta*, *epopéia*, *onomatopéia*, *poema*.

Πόλις, *pólis*, cidade; ex.: *metrópole*, *acrópole*, *cosmopolita*, *política*.

Πολύς, *polys*, muito, numeroso; ex.: *poliglota*, *polícromo*, *pólipo*, *polvo*.

Ποταμός, *potamós*, rio; ex.: *hipopótamo*, *potamografia*.

Πούς, ποδός, *pús*, *podós*, pé; *antipodes*, *ápodes*, *licópodio*, *pólipo*.

Στρατός, *stratós*, exército; ex.: *estratégia*, *estrategema*, *estratiota*.

Στροφή, *strophé*, volta; ex.: *anástrofe*; *catástrofe*, *apóstrofe*.

Σφαίρα, *spháira*, esphera; ex.: *atmosfera*, *pirosfera*, *hemisfério*, *esferoidal* *planisfério*.

Σχίζω, *skhizo*, fendo, divido; ex.: *chisto*, *chisma*.

Στύλος, *stilos*, coluna; ex.: *estilista*, *peristilo*, *hipóstilo*.

Τάφος, *táphos*, túmulo; *epitáfio*, *cenotáfio*.

Τάξις, *táxis*, ordem, arranjo; ex.: *taxidermia*, *ataxia*, *sintaxe*, *taxionomia*.

Τέχνη, *tékhne*, arte; ex.: *mnemotécnica*, *politécnico*, *tecnologia*.

Τῆλε, *téle*, longe; ex.: *telescópio*, *telegrama*, *telefone*.

Τέμνω, *témno*, divido, córto; ex.: *anatomia*, *átomo*, *dicotomia*, *epítome*.

- Τέτταρα, *téttara* (contraído em *tetra*), quatro; ex.: *tetracórdio*, *tetraedro*, *tetrarca*, *tetrágono*.
- Τόνος, *tonos*, tensão, tom; ex.: *barítono*, *detonar*, *monótono*, *entoar*.
- Τόπος, *tópos*, lugar; ex.: *topografia*, *utopia*, *tópico*.
- Τρέπω, *trépo*, eu volto, mudo; ex.: *trópico*, *fototropismo*, *heliotrópio*.
- Τρέφω, *trépho*, alimento. ex.: *atrofia*, *limitrofe*, *trófico*, *hipertrofia*.
- Τριάς, *triádos*, *triás*, *triádos* e *τρεῖς*, *tréis*, *tría*, *três*, ex.: *triade*, *triásico*, *triclínio*, *triedro*, *trífido*, *trinômio*, *trismegisto*.
- Τύπος, *typos*, tipo, figura; ex.: *arquétipo*, *protótipo*, *tipografia*, *linótipo*.
- Ὑδρω, *hydor*, água; ex.: *hidropisia*, *clepsidra*, *anidro*, *cianídrico*.
- Φαγεῖν, *phagéin*, comer; ex.: *antropófago*, *esófago*, *sarcófago*, *fagocitose*.
- Φαίνω, *pháino*, mostro, brilho; ex.: *diáfano*, *epifania*, *fantasia*, *hierofante*, *fanerógama*, *fenômeno*.
- Φέρω, *phéro*, levo; φορέω, *phorós*, que leva; ex.: *ânfora*, *electróforo*, *metáfora*, *periferia*, *fósforo*.
- Φημί, *phemí*, eu digo, falo; ex.: *ênfase*, *blasfêmia*, *eufemismo*, *profeta*.
- Φίλος, *philos*, amigo; ex.: *bibliófilo*, *Filadelfo*, *filologia*, *filósofo*.
- Φόβος, *phóbos*, medo; ex.: *hidrofobia*, *fotofobia*, *germanóphobo*.
- Πρώτος, *prótos*, primeiro; ex.: *protótipo*, *protocolo*, *protóxido*.
- Πτερόν, *pterón*, asa; ex.: *coleóptero*, *áptero*, *díptero*, *pterodáctilo*.
- Πτύσις, *ptysis*, escarro; ex.: *hemoptise*, *ptialina*, *ptialismo*.
- Πύλη, *pyle*, porta; ex.: *propileu*, *pilône*, *píloro*.

- Πῦρ, *pyr*, fogo; ex.: *empíreo*, *piretro*, *pirite*, *pirômetro*, *pirotécnico*.
- Πωλέω, *poléo*, vendo; ex.: *monopólio*, *farmacopola*, *bibliopola*.
- Ῥέω, *rhéo*, corro, escorro; ρεῦμα, *rhéuma*, fluxo; ex.: *catarro*, *diarréia*, *hemorroides*, *reumatismo*, *rítmo*.
- Σάρκς, *sarks*, carne; ex.: *anasarca*, *sarcasmo*, *sarcode*, *sarcófago*, *sarcopta*.
- Σελήνη, *seléne*, lua; ex.: *selênio*, *selenite*, *selenografia*, *paraselênio*.
- Σῆμα, σημεῖον, *semeion*, sinal, ex.: *semântica*, *semáforo*, *semiologia*, *semiótico*.
- Σήπω, *sépo*, apodreço, putrefaço, ex.: *séptico*, *asepsia*, *antiséptico*.
- Σίδηρος, *sideros*, ferro; ex.: *siderite*, *sideral*, *sidéreo*, *siderurgia*.
- Σκάφη, *scáphe*, barco; ex.: *escafandro*, *escafoide*, *piróscafo*.
- Σκηνή, *skené*, tenda; ex.: *procênio*, *cenografia*.
- Σκιά, *skιά*, sombra; ex.: *anfiscios*, *antiscios*, *áscios*, *heteróscios*, *periscios*.
- Σκοπέω, *skopéo*, vejo; ex.: *electroscópio*, *horóscopo*, *calidoscópio*, *microscópio*, *telescópio*, *episcopal*.
- Σοφός, *sophós*, sábio; ex.: *filósofo*, *sofisma*, *teosofia*.
- Σπείρω, *speiro*, dissemino e σπέρμα, ex.: *endosperma*, *semente*, *espermacete*, *branco de baleia*, *semente*; *esporádico*.
- Στάσις, *stásis*, ação de estar, situação; ex.: *êxtase*, *hipóstase*, *hemostasia*, *apostasia*.
- Στατός *statós*, fixo, estável; ex.: *aeróstato*, *apóstata*, *hemostático*, *estática*, *estatística*.
- Στέλλω, *stéllo*, envio; ex.: *epistola*, *apóstolo*, *sistole*, *diástole*.

- Στερεός, *stereós*, sólido; ex.: *estereoscópio*, *estere*, *decastere*, *estereotomia*, *estereotipar*.
- Στίχος, *stikhos*, verso; ex.: *acróstico*, *dístico*, *hemistiquio*.
- Στόμα, *stóma*, boca; ex.: *estômago*; *anastomose*, *peristoma*, *estomatite*.
- Φράσις, *phrásis*, ato de dizer; ex.: *antífrase*, *perífrase*, *fraseologia*.
- Φύλλον, *phyllon*, folha; ex.: *clorofila*, *filoxera*, *cariofiláceas*.
- Φύσις, *physis*, natureza; ex.: *física*, *metafísica*, *fisionomia*.
- Φυτόν, *phytón*, planta; ex.: *zoófito*, *fitografia*, *fitozoários*.
- Φωνή, *phoné*, voz; ex.: *fonógrafo*, *afono*, *homofono*, *antifona*.
- Φῶς, *phós*, luz; ex.: *fotografia*, *fósforo*, *fotosfera*.
- Χεῖρ, *kheir*, mão; ex.: *quiróptero*, *quiromancia*, *cirurgia*.
- Χέω, *khéo*, derramo, *χυλός*, *khylós*, suco, *χυμός*, *khy-mós*, sumo; ex.: *alquimia*, *química*, *quilífero*, *equimose*, *parênquima*.
- Χίλιοι, *khilioi*, mil; ex.: *quilograma*, *quilolitro*, *quilómetro*.
- Χλωρός, *khlorós*, verde; ex.: *clorofórmio*, *clorofila*, *cloreto*, *perclórico*.
- Χολή, *kholé*, bilis; ex.: *colédoco*, *cólera*, *melancólico*.
- Χορεία, *khoreía*, dança; ex.: *coreográfico*, *coribante*, *corifeu*.
- Χρόνος, *khrónos*, tempo; ex.: *cronologia*, *cronómetro*, *isócrono*.
- Χρυσός, *khrysós*, ouro; ex.: *crisálida*, *crisântemo*, *crisólito*.

Χρῶμα, *khrôma*, côr; ex.: *acromatismo*, *litocromia*, *policromia*.
Ψάλλω, *psállo*, eu toco lira: *salmo*, *saltério*, *salmodia*; *salmista*.
Ψεῦδος, *psêudos*, mentira, ψευδής, *pseudés*, mentiroso, falso; ex.: *pseudônimo*, *pseudópodes*.
Ψυχή, *psykhé*, alma; ex.: *psicologia*, *metempsychose*, *psicoterapia*.
Ὀδή, *odé*, canto; ex.: *comédia*, *molodia*, *paródia*, *prosódia*, *tragédia*.
Ὥρα, *hóra*; ex.: *horóscopo*, *horografia*, *relógio*, *horometria*.
Ὄσμος, *osmós*, impulsão; ex.: *osmose*, *endosmose*, *exosmose*.
Ὀψ, ὥπός, *ops*, *opós*, olho, vista; ex.: *miopia*, *ciclope*, *óptica*, *autópsia*.

67 — São os seguintes os sufixos da língua portuguesa.

ACEO, A — do latim *aceum*; idéia de semelhança externa ou íntima, de participação num todo; composição; exs.: *rosáceo*, que se assemelha à rosa; *rosácea*, ornamento com forma de rosa; *galináceo*, que participa da família das galinhas; *iridáceas*, plantas que se assemelham à íris. É o sufixo usual em botânica para designar famílias. Outros exemplos: *membranáceo*, *herbáceo*, *coriáceo*, *farináceo*, *furfuráceo*, *violáceo*, *sebáceo*, *linháceo*, *cetaceo* (grego χῆτος, baleia), etc.

ACHO, A — segundo Leite de Vasconcelos, de *asc(u)lu* com a mesma idéia de semelhança e composição; exs.: *verdacho*, que se aproxima da côr verde, que tira ao verde; *bolacha* que se pa-

rece com bôlo, da mesma natureza; *penacho*, feito de penas, semelhante às penas revôltas da cauda da ave. Ésse sufixo assume o sentido diminutivo; exs.: *fogacho*, pequena labareda, centelha efêmera; *riacho*, pequeno rio. Essa acceção diminutiva provém da idéia de inferioridade sempre atribuída ao que é *semelhante*, comparativamente ao *verdadeiro*. Dai ter ésse sufixo também a idéia pejorativa; ex.: *vulgacho*, o vulgo infimo, a ralé; *populacho*, o povo mais reles, a arraia miuda. Outros exemplos: *bonacho*, *borracho*. É provável em *barbicacho*, *cambalacho*, *mamarracho*. Não existe em *capacho*, *despacho*, *diacho*, *patacho*, *recacho*. Ignorado em: *borracha*, *escalracho*, *garnacha*.

ÁCIA — sufixo composto de *ac* (em português *az*, *audaz*) e de *ia*; designa a qualidade; exs.: *audácia*, qualidade do audaz; *pertinácia*, qualidade do pertinaz; *falácia*, qualidade do falaz, enganador. Ésse sufixo estendeu sua significação passando a indicar a ação; assim: uma *audácia* por um *um ato audaz*; *falácia*=engano, lôgro.

ACO, A — do latim *acus*. Ésse sufixo é raro em latim: *ebriacus*, bêbedo, *opacus*, escuro, *cloaca* (que lava); esgôto; e em nomes de plantas. Em português aparece em palavras evidentemente populares; *ervilhaca* (de ervilha); *ruivaca* (peixe); *cavaco* (de cavar), lasca de pau; e, com a forma *aga* em *verdoaga* (*portulaca*), *pastinaga* e *bisnaga*, plantas (*pastinaca*), e a forma *ega* em *heldoega* (do mesmo *portulaca*). Não existe em: *pataca*, *casaco*, *maca-*

co, sovaco, tabaco. Incerto em: *buraco, velhaco, polaco*.

ACO, A — do latim *acus*. Designa a relação íntima, essencial entré o nome a que se refere o adjetivo e a idéia expressa pelo radical; forma, em geral, adjetivos gentílicos; exs.: *austriaco*, natural da Áustria; *siriaco*, nascido na Síria. Correspondente ao sufixo grego *ακός, akós*, indica estado íntimo, doentio do indivíduo; *maníaco*, que sofre de loucura, mania; *cardíaco*, que sofre do coração (em latim *cardiacus* era o que sofria do estômago); indica também referência; *genetliaco*, referente ao nascimento, ao aniversário, horóscopo tirado pelo dia natalício; *demoníaco*, referente ao demônio; *amoníaco*, da natureza, da essência do amônio, derivado dêle (*gás amoníaco*). Outros exemplos: *ambrosíaco*, *elegíaco*, *hipocondríaco*, *iliaco*, *paradisiaco*, *zodiac*o.

AÇO, A — outra forma vernácula do sufixo latino *aceu*. Exprime idéias diversas, difficilmente comparáveis ao original; exs.: *ação* realizada com um instrumento: *pontaço*, golpe com uma ponta; referência à matéria componente: *calhamaço* (por *canhamaço*, também reduzido a *cambás*), acolchoado de cânhamo; *palhaça*, casa coberta de palha; *palhaço*, aquele que se deita na palha ou dela se veste; *vidraça*, porta ou janela feita de vidro; proveniência: *linhaça*, semente do linho; *galinhaço*, estérco de galinha; *fogaça*, bolos ou pães saídos do borralho; *bagaço*, o que ficou das *bagas*, resíduo; pejorativo, com idéia de semelhança inferior: *vinhaça*, vinho ordinário, bebedei-

ra; *mestraço*, mestre ruim; *melaço*, mel de furo; aumentativo: *barcaça*, barbaça, *estilhaço*, (de *estilha*). Esse sufixo prende-se a substantivos; em *andaço*, prende-se ao verbo *andar*. Suponho estar nasalizado em *bicanço*, por influência de *bicanca* e em *picanço* (de *picus*) por confusão com *bicanço*.

ADO, A — do latim *atu*. Forma adjetivos e prende-se a temas substantivos com idéia de posse, instrumento; matéria de que é feita alguma coisa ou que nela se contém; exs.: *barbado*, que tem barba; *costado*, parte do corpo onde se metem as costelas; *mercado*, lugar onde se acham as mercadorias; *pedrada*, pancada com pedra; *bocado*, quantidade de alimento que se contém na boca. O sentido alargou-se para o de compreensão de um todo, tornando-se dess'arte *coletivo*: *carneirada*, coleção de carneiros; *ciumada*, ciumes repetidos. Esse sufixo não é mais que a desinência *to*, do particípio passado, presa a substantivos de final *a*. Outros exemplos: *abada*, *alhada*, *arcada*, *banhada*, *barcada*, *boiada*, *cocada*, *noitada*, *niçada*, etc.

AGEM — do latim *áticum*, remotamente, através do provençal *atge* ou do francês *age*, com posterior nasalização do *e* final; sufixo primitivamente adjetival, designativo de dependência, posse, relação mais ou menos íntima; exs.: *selvagem* (*silváticum*) da selva, que vive nas florestas como as feras, cruel; *viagem* (*viáticum*), primitivamente era tudo o que se referia à estrada, provisões e preparativos, depois o ato de viajar; *homenagem*, (*homináticum*), ato que prende um homem a outro,

tornando-o seu vassalo, preito de admiração. Esse sufixo se generalizou com a significação de ato realizado, hábito, efeito múltiplo, coleção; exs.: *estiagem*, resultado do estio; *vadiagem*, hábito de vadiar. Do efeito múltiplo provém a idéia de coleção; exs.: *folhagem*, resultado do aparecimento das folhas, conjunto delas. A maioria dos sufixos em *agem* filiam-se a esse.

AGEM — do latim *áginem*; idéia de realização ou resultado de uma ação; exs.: *imagem* (*imagine*, cognato de *imitor*), resultado de uma imitação; *voragem* (*voragine*), ato de devorar, queda precipitada, sorvedouro; *cartilagem*. Esse sufixo entra em *plumbagina* (*plumbáginem*), acrescido do sufixo *ina*. Em italiano, êsses dois sufixos assumiram formas diferentes; assim: *selvaggio*, *coraggio*, *ventaggio*; mas: *imáGINE*, *voráGINE*, *cartiláGINE*. Outros exemplos: *borragem*, *farragem*, *mucilagem*, *soagem*, *tussilagem*.

ÁICO — do latim *áicum* (sufixo *icu* preso a nomes de radical terminado em *a*), exs.: *Judaicum*, *prosaicum*, idéia de relatividade; ex.: *hebraico*, relativo aos hebreus; *caldaico*, relativo aos Caldeus; *prosaico*, relativo à prosa, próprio da prosa. Outros exemplos: *alcaico*, *arcaico*, *espondaico*, *incaico*, *mosaico*, *farisaico*, *trocaico*.

AL — do sufixo latino *ali* que formava adjetivos de relação; exs.: *geniali*, *fatali*, *mortali*, idéia de relatividade, participação; exs.: *genial*, que participa da natureza do gênio; *natal*, referente ao nascimento; *vital*, que participa da

vida. Os adjetivos formados com êsse sufixo substantivam-se facilmente; exs.: *capital*, *cabedal*, *caudal* (todos de *capitale*), *curral*, *pontal*, *sinal*, *animal*, *tribunal*, etc. A idéia de participação levou à de continência: região *florestal*, que tem muitas florestas. Daí veio naturalmente a idéia coletiva: *pantanal*, região de muitas pântanos; *coqueiral*, trecho de terra cheio de coqueiros; *bananal*, *roseiral*, etc. Não existe em: *catual*, *chacal*, *embornal*, *enxoval*, *marechal*, *metal*, *sendal*, *vendaval*.

ALHA — de *alia*, sufixo latino composto de *ali* mais o sufixo *ia*, formador de substantivos; designava as festas relativas ou consagradas a certo deus ou deusa; exs.: *Bacchanalia*, festas consagradas a Baccho; *Saturnalia*, festas dedicadas a Saturno; *Opalia*, festas à deusa Ops; etc. Êsse sufixo generalizou-se como designativo de *ajuntamento* e daí, de coleção; ex.: *batalha* (*battualia*, jogos dos gladiadores) significava, no antigo português, as frações do exército, os batalhões, um ajuntamento de guerreiros; depois passou a significar a ação desses guerreiros; *canalha*, ajuntamento de cães (o sentido pejorativo não está no sufixo, mas no radical); *cordoalha*, coleção de cordas. O sentido pejorativo do radical de *canalha* passou ao sufixo das palavras designativas de plebe, como *gentalha*, estendendo-se a outros, como *parentalha*. O sentido de ajuntamento criou facilmente a acepção de aumentativo; exs.: *muralha*, reunião dos muros de uma cidade, muros muito altos. Compõe-se com o sufixo *ada* para formar coletivos pejorativos: *fradalhada*, *padralhada*.

(cf. francês: *prêtraille*). (1) Outros exemplos: *acendalhas*, *cangalha*, *limalha*.

ALHO (1) — variedade masculina do sufixo *alha*, aplicado a nomes masculinos, com sentido aumentativo; exs.: *vergalho*, verga, vara grande; *espantalho*, grande espanto, engenho de espantar as aves; *cabeçalho*, cabeça grande, título dos jornais, feitos com letras grandes. Com o sentido de *ajuntamento*, aparece em *cascalho*, *bórralho* (amontoamento das bôrras das cinzas). Outros exemplos: *bandalho*, *chocalho* (de *choca*, campainha), *frangalho*, *grisalho* (pelo francês *grisaille*), *mimalho*, *penduricalho*, *ramalho*, *rengalho*. Junta-se a sufixo diminutivo como em *amigalhote*, ou a outro aumentativo como em *estardalhaço*. Não existe, ou é incerto em: *agasalho* (do gótico *gasalja*, companheiro), *coalho* (*coagulu*), *orvalho* (*roralu*?), *baralho* (etim. desc.), *soalho*, *tresmalho* (tresmalhar, de malha); nos derivados de *talho* (*atalho*, *retalho*, etc.), *trabalho* (*tripalium*, três paus, aparelho de ferrador para conter animais), *bugalho*, *carvalho*, *chanfalho* (2).

ALHO (2) — do latim *áculum*, como *gubernáculum*, leme (do verbo *gubernare*); sufixo composto do morfema *c* designativo de instrumento e do diminutivo *ulum*. Ocorre em *gorvenalho*, aparelho de govêrno, leme; em *navalha*, soa-

(1) *Fornalha*, citado geralmente como aumentativo não contém o sufixo *alha*, mas vem diretamente de *fornacula*, diminutivo de *fornax*. Em *medalha* há o sufixo *ia*, de *metallia*, sendo *al* do radical. Em *miuçalha* devemos ver *minutialia* (?)

(2) Vejo em *rebotalho*, uma adição do suf. *alho* ao substantivo *rebote*, plaina menor com que se achana a madeira desbastada pela enxó. Os cavacos são o *rebotalho*, os fragmentos imprestáveis saídos do rebote. Insubsistente acho a etimologia de A. Coelho (*re—botar—alho*).

lha, *tenalha*. Provável em *cimalha* (* *cimacula*) e *migalha* (* *micacula*). Tem a forma *alo* em *badaço*, por *badalho* (* *battuaculu*).

ALHÃO — sufixo composto de *alho* mais o aumentativo *ão*, como em *ramalhão*, de *ramalho* mais *ão*; ocorre, todavia, em nomes carecentes de forma em *alho*; exs.: *brincalhão*, sujeito que brinca muito; *fracalhão*, indivíduo muito fraco; *vagalhão*, vaga muito grande; *bobalhão*, *moçalhão*. No entanto não há *brincalho*, *vagalho*, etc. Em *paspalhão* não é certo haver qualquer dos dois sufixos.

AMA — origem incerta; usa-se em algumas palavras com o sentido coletivo; exs.: *Mourama*, a multidão dos mouros, *dinheirama*, grande soma de dinheiro; *courama*, muitos couros; *moçama*, numerosas moças, o conjunto de moças de um lugar; *ourama* (C. Netto, *Imortalidade*, p. 14), muito ouro.

AME — do sufixo substantival latino *men* com a vogal de ligação da primeira conjugação *a*, como em *vexamen*, *gravamen*, *certamen*; idéia de ato que se realiza ou do instrumento da realização; ex.: *certame*, ato de combater (*certare*), concurso; *gravame*, o ato de pesar, agravar, tudo quanto concorre para isso; *vexame*, o abalo, a aflição, o que concorre para afligir. Essa mesma idéia de instrumento existe no latim *velamen*, tudo quanto serve para velar, encobrir, vestir, e, depois, qualquer pano; aplicou-se a uma vela de navio e finalmente, por extensão, a todos os panos do navio, tomando assim uma idéia coletiva que se generalizou, como em: *cordame*, o conjunto das cordas, dos cabos; *correame*, todas

as correias de uma fábrica; *vasilhame*, todas as vasilhas; *cartuchame*, o total dos cartuchos. Em *exame* e *enxame*, o sufixo é apenas *me*, sendo o *a* pertencente ao radical (*ex+agmen*). O mesmo em *lume*, *vime*, etc., onde *me* se incorporou ao radical. Outros exemplos: *filame*, *liame*, *madeirame*, *massame*, *pelame*, *raizame*, *vergame*. Não existe em *beirame* (do persa *bairam*), *estame* (l. *stamine*), *badame* (espécie de formão), *salame* (do italiano).

ANÇA — sufixo composto, *antia*, em latim, formado de *a*, vogal de ligação, *nt*, desinência de participio presente e *ia* sufixo substantival; assim *vigilantia*, vem do part. pres. *vigilans*, *tis*, mais *ia*. Designa, pois, o ato presente, que se realiza ainda; exs.: *esquivança*, ato de esquivar-se; *esperança*, ato, virtude de esperar; *mudança*, ato de mudar. Muitas vezes confundiu-se o ato exercido com o objeto dêsse ato, como em *criança*, cujo sentido verdadeiro e primitivo era ato de criar, o ensino ministrado, educação; depois significou as cousas criadas: gado, meninos e até monumentos públicos. (1) O mesmo com *vizinhança*, ato de se avizinhar, cercanias, conjunto dos vizinhos, já com a idéia coletiva. Em *festança* o sufixo aparece com a idéia de aumento. Admitiu masculino em *criança* e *chegança*.

ANCIA — sufixo composto, forma semi-erudita de *ança*, conservado em palavras mais recentemente tomadas ao latim; idéia de estado presente que se prolonga, estado habitual; exs.: *ignorância*, estado daquele que ignora; tole-

(1) Ver o *Elucidário* de Viterbo I, 319 e *Ap. voc. criança*.

rância, estado, qualidade daquele que tolera; *vigilância*, ação continuada de quem vigia. Admitiu, masculino em nomes próprios: *Amâncio*, *Constâncio*, *Venâncio*.

ANCO, ANCA — origem desconhecida — aparece em raras palavras como: *potranca*, lugar onde se prendem potros; *barranco*, lugar de onde se tira barro; *lavanco* (ganso, talvez de *lavar*); *pelanca*, pele solta e magra; *travanca*, trave ou traves que impedem a passagem. Talvez exista em *tamanco* e *solavanco*, mas são totalmente ignorados os étimos. Deve ser o de *bicanca* (de *bico*), com idéia aumentativa.

ANDO — sufixo formado da desinência *ndo*, de participio do futuro latino precedido da vogal de ligação *a*; idéia de ação futura aplicada a um indivíduo, sofrida por êle; ex.: *doutorando*, aquele que vai ser doutorado; *educando*, aquele que se vai educar ou se está esforçando por educar-se; *matriculandos*, aqueles que se querem matricular. Em palavras tomadas diretamente ao latim permanece a idéia de merecimento, dever geral para com alguém; exs.: *miserando*, aquele que merece compaixão; *venerando*, aquele que merece veneração, a quem devemos culto e respeito; *formidando*, que merece temor, que o impõe, terrível. Vai-se aplicando, bem e mal, a nomes modernos, por analogia com *educando*: *odontolandos*, *farmacolandos*, etc., para designar os que se vão formar em determinada carreira.

ANEQ, A — do latim *aneo*, *a*, sufixo composto de *anu* mais *eo*; indica o *modo de ser*, a capacidade; exs.: *espontâneo*, que se faz por vontade própria; *sucedâneo*, cuja função própria é a de

sucedem a outra cousa, exercer o mesmo mister; *consentâneo*, capaz de sentir com outra pessoa, de estar com ela acorde. Dêse sentido fundamental decorre a idéia da comitância, duração, propriedade; exs.: *momentâneo*, que é por um momento; *instantâneo*, que dura um instante; *contemporâneo*, que vive na mesma época que outro; *cutâneo*, próprio da pele. Outros exemplos: *colectanea*, *mediterrâneo*, *miscelânea*, *presentaneo*, *simultâneo*, *subterrâneo*, *supedâneo*.

ANHA de *ania* como: *campanha* de *campania*; *Bretanha*, de *Britania*, *Espanha*, de *Hispania*. Entra em nomes próprios como: *Peçanha*, *Saldanha*.

ANHO, A — forma vernácula popular de *aneo*, *a*, com a mesma idéia fundamental de *modo de ser*; exs.: *entranha*, que está dentro; *estranha*, que está fora, que vem de fora; *peanha* (*pedanea*); *castanha*, noz própria da castanheira (*castanea* é um adjetivo substantivado; o fruto é *nux castanea* em Vergílio). Em *montanha* (* *montanea*, de *montana*, como *campanea*, de *campana*), há sentido aumentativo de explicação difícil. Esse sufixo entra na formação de certos verbos: *agatanhar*, *abocanhar*.

ANIO, A — do latim *aniu*, *a*, formado de *ano* mais *io* (ver *ano*). Figura em nomes de países: *Albânia*, país dos Albanos; *Araucânia*, terra dos Araucanos. Não entra em *Tasmânia* (de *Tasman*), *Urânia* (de *Urano*), *cizânia*.

ANO, A — do latim *anu*, *a*; sentido fundamental de proveniência, origem, pertença; exs.: *serrano*, que vem da serra, originário de lá; *italiano*,

que vem da Itália, nascido, fabricado lá; urbano, da cidade, pertencente à cidade ou dela proveniente. Forma, assim, nomes gentílicos; romano, açoriano, alagoano. Dêsse sentido fundamental derivou-se a idéia de proveniência ou relação intelectual, moral ou de partido e, depois, de mera semelhança, comparação; exs.: republicano, que é partidário da república; ultramontano, que pertence à seita de além dos montes Alpes, à igreja romana; ciceroniano, próprio de Cícero, semelhante ao seu estilo e eloquência; camoniano, ao geito do estilo de Camões (sonetos *camonianos*); devoniano, terreno semelhante ao de Devon, com os mesmos caracteres geológicos; meridiano, próprio do meio dia; cotidiano, usado todos os dias (1).

Esse sufixo entra em membrana e, com um *i* epentético, possivelmente, em *sotaina*, *polaina*, *andaina* e *borraina*. (2) Em *plaina* há o *i* intercalado; mas o *a* pertence ao radical e o *n* é mero morfema com sentido de participação, como em *ple-no*, *diur-no*, *pen-na*, etc.

ÃO, ã — forma popular de *ano*, *a*; exs.: *pagão* de *paganu*, *cristão* de *christianu*; *capitão* de *capitanu*. Assim se formaram, *irmão*, *ã*; *alemão*, *ã*; *hortelão*, *ã*, etc. (3) Outros exemplos: *aldeão*, *ã*, *avelã* (*abellana*), *cardã*, *cintrão*, *coimbrão*, *castelão*, *catelão*, *beirão* (*óã*), *romã*, *meão*, *ã*, *maçã*, *quartão*, *temporão*, etc.

(1) O *i* em *camoniano*, *ciceroniano*, etc., é temático, do genitivo. É erro, pois, escrever *camoncano*, como demonstrou L. de Vasconcelos.
(2) Ver Othoniel Motta — *O meu idioma*, p. 63.
(3) Note-se que o feminino *hortelã* se aplica à erva, A mulher de *hortelão* se diz *horteloa*.

ÃO, ONA — do latim *one*; sufixo indicativo do agente, em grau elevado; ex.: *latrone*, *ladrão*. Com tal sentido gerava cognomes, como: *Caão*, *Nasão*, *Varrão*. Dêsse sufixo se originam os aumentativos vernáculos em *ão* e muitas palavras em *ão* vindas do latim; *carvão*, *pulmão*, *sermão*, etc. Outros: *brigão*, *brincalhão*, *besuntão*, *chorão*, *gritão*, *intrujão*, *papelão*.

ÃO, ÔA — de *onu*, sufixo que indicava profissão ou posição social; ex.: *patrão* (de *patronu*), *patrôa*, *padrão*. Esse sufixo permaneceu com a forma *ono*, *ona* em algumas palavras, como: *colono*, aquele que cultivava; *matrona*, dona de casa; *dragona* (de *dragão*), *patrono* (advogado, santo protetor).

AR — de *alis*; é o mesmo sufixo *al* de que tratamos; apenas o *l* muda em *r*, por *dissimilação*, nas palavras em que há *l*, como: *popular*, *militar*, *palmar*. Todavia *al* permanece, apesar do outro *l*, às vezes, como em: *fluvial*, *pluvial*, *diluvial*.

ARDO — do germânico *hart*, forte; ex.: *Bernardo* (de *Bär+art*, forte como um urso); *Leonardo*, forte como um leão; *Ricardo*, rico e forte. Afora nomes próprios, são poucas as palavras portuguesas com tal sufixo: *galhardo* (do italiano *gagliardo*; no antigo francês *chateaux gaillards* eram os castelos fortes); *moscardo*, mosca muito grande; *felizardo*, muito feliz. Entra em *cobarde* (fr. *couard*), *bilhar* (fr. *billard*), e *bilharda*. Outros exemplos: *bombarda*, *estandarte*, *javardo*, *mostarda*. É provável em: *bastardo*, *espingarda*, *gobinardo*, *goliardo*, *tabardo*. Não existe em: *albarda*, *alabarda*, *betarda*, *alardo*, *leopardo*, *mansarda*.

ARÉU — vide *éu*.

ÁRIO, A — de *arium* (masculino e neutro); temos realmente dois sufixos *ário*, um (do masculino) designativo de profissões: *estatuário*, *notário*, *sicário*, *lapidário*; outro (do neutro) designativo de objetos, lugares, onde se guardam coisas: *armário*, onde se guardam *armas*; *vestiário*, onde se põem as vestes; *seminário*, onde se plantam as sementes, etc. Ambos assumem também a forma *eiro* (ver *êste* suf.). O masculino forma ainda numerosos adjetivos significativos de agente, estado, resultado de uma ação; *mandatário*, que executa um mandato; *vulnerário*, que pode ferir; *solitário*, que ficou sozinho, etc. Veja EL³.

ARÍA — sufixo composto de *ário* mais *ia*; sendo os três sentidos fundamentais de *ário* os de *lugar*, oficina de trabalho, de *ação*, e de *resultado* da ação, o sufixo *aria* também exprime tais idéias: *olaria*, lugar onde trabalha o oleiro; *estrebária*, lugar onde trabalha o estribeiro; *tesouraria*, lugar onde trabalha o tesoureiro; *calaçaria*, ação dum calaceiro; *patifaria*, resultado da ação de um patife. Como num lugar ou oficina se guardam geralmente muitos objetos da mesma natureza, ou como a profissão se exerce conjuntamente por muitos indivíduos, o sufixo *aria* tomou a acceção de coletivo; exs.: *livraria*, lugar onde se depositam livros e coleção de livros; *cavalaria*, profissão do cavaleiro e conjunto deles; esta acceção se generalizou, como em *gataria*, *casaria*, *pradaria*, *honrarias*, etc. Pode ser masculino, como em *casario*.

ARRO, A — origem desconhecida, usado na península ibérica; entra em palavras como: *cigarra* (por *cigadarra*); *cigarro*, *bocarra*, *pamparra* (?), *chicharro* (carapau grande), *bebarro*, etc., em sentido aumentativo. Outros exemplos: *cas-carra*, *cocharro*, *naviarra*, *navarra*, *piçarra*. É provável em *bizarro*, *galfarro*, *gamarra*, *chapparro*. Incerto em *gambiarra*, *gavarro*, *mascarra*, *pigarro*. Não existe em palavras árabes: *almanjarra*, *algazarra*, *samarra*, etc. Também não em: *amarra*, *fanfarra*, *gabarra*, *guitarra*, *catarro*. Não confundir com deverbais como: *esbarro*, *escarro*. Junta-se a outros: *pratarraz*.

ARRÃO — composto de *arro*+*ão*, aumentativo: *homem-zarrão*, *canzarrão*, *doidarrão* e outros pejorativos. Nesses exemplos o *z* é consoante epentética.

ASCO, A — origem desconhecida (1); idéia de semelhança, aproximação, comparação; exs.: *ruivasco*, puxante a ruivo; *pardavasco*, tirante a pardo; *verdasca*, vara meio verde. Talvez seja o mesmo sufixo que entra em *penhasco*, semelhante a penha. Provável em *carrasco*, *varrasco*. Incerto em *chavasco*. Não existe em *damasco*, *tarasca*. Em *borrasca*, de *Boreas* (*boreastica*, vento norte), não há sufixo *asco*, e também não em *nevasca*, formado por analogia com *borrasca*.

ASTRO, A — do latim *astru*, do grego *αστήρ*, *astér*, formado de *ter* com *as* prefixado — idéia de imitação, substituição; exs.: *mentastro*, pa-

(1) Alguns pensam que *asco*, *esco*, *isco*, *usco*, proveem todos do mesmo sufixo grego *iscós*. Cumpre assinalar em latim *verbascum*.

recido à *mentha*, à hortelã, da mesma família; *poetastro*, aquele que imita os poetas, que se faz poeta sem o ser, mau poeta; *medicastro*, médico ruim, charlatão. Esse sufixo tem a forma *asto*, *asta*, em *padrasto* e *madrasta*, por dissimilação.

ATA — sufixo vernáculo composto de *a*, vogal da primeira conjugação, e *ta* (em latim *tu*), designativo de ação realizada pelo radical verbal a que se prende; ex.: *passeata*, realização de um passeio; *cavalgata*, realização de um passeio a cavalo. Como a ação pode ser, às vezes, realizada habitualmente por muitas pessoas, o sufixo tem assumido a idéia coletiva. Outros: *bravata*, *bambochata*, *cascata*, *ceata*, *concordata*, *frescata*, *funçanata*, *musicata*. Vários vieram através do italiano: *cantata*, *serenata*, *sonata*, *tocata*, *volata*. É incerto em *chibata*. Não existe em *açafata*, *arreata*, *barata*, *batata*, *catarata*, *cubata*, *gravata*. Não confundir com os femininos de *ato*, nem com masculinos em *ata*.

ÁTICO, A — veja *tico*.

ÁTIL — do latim *átile*; idéia de relação, participação, capacidade; exs.: *volátil*, que participa da natureza dos que voam; *versátil*, relativo ao que muda, mutável; *vibrátil*, da natureza do que vibra, capaz de vibrar; *aquátil*, relativo à água, feito em água.

ATO — do latim *atu* — mesma significação que o primeiro sufixo *ado*; exs.: *tribunato*, dignidade, função do tribuno; *triumvirato*, dignidade do triúmviro. Indica, do mesmo modo, estado habitual, instituição; ex.: *celibato*, estado de quem não se casa; *orfanato*, instituição que

se ocupa de órfãos. Outros: *aparato*, *boato*, *cardinalato*, *curato*, *diaconato*, *generalato*, *meato*, *ornato*, *pugilato*, *regato*, *retrato*, *sindicato*, *Torquato* (o que traz colar). Não existe em *carrapato*, *espalhafato*, *garavato*, *olfato*, *sapato*.

ATO, ATA (2) — do latim *atu*; forma adjetivos que designam indivíduos a que se atribue uma qualidade; exs.: *sensato*, aquele que tem senso; *timorato*, aquele que teme; *mediato*, aquele que está no meio, que se intromete. Outros: *caudato*, *cordato*, *gaiato*, *intemerato*, *pacato*, *Honorato*, *Liberato*.

ATO, A (3) — sufixo de origem italiana, diminutivo, aplicado a animais; ex.: *lobato*, lobo pequeno; *mulata*, mula pequena, ou semelhante a mula, côr do burro; *cervato*, novato.

AVO — de *avus*, latim, na palavra *octavus*; deu em português *oitavo* e generalizou-se aplicando-se aos números superiores a dez, fracionários: onze *avos*, vinte *avos*, etc.

ÁVEL — ver *vel*.

AZ — do latim *ace*; idéia de tendência, intensidade ou aumento na ação indicada pelo verbo a que se prende normalmente; forma adjetivos, em geral; exs.: *voraz*, que devora muito; *fugaz*, que foge com facilidade; *loquaz*, que fala muito, com fluência; *capaz*, que apanha, realiza com facilidade; *tenaz*, que segura fortemente. Dos adjetivos derivaram-se alguns substantivos; a *tenaz*, o rapaz, o cabaz (?). Essa idéia aumentativa passou a alguns substantivos; exs.: *cartaz*, carta, papel grande, fôlha de anúncio. Em composição com outros sufixos ou preso a consoantes epentéticas, aparece em

palavras como; becerr-az, macha-c-az, ladra-v-az, lamb-ar-az. A origem e natureza dessas consoantes são difíceis de perceber. Em *Satanás* não há sufixo *az*; deve-se escrever com *s* final. Outros aumentativos: canaz, fatacaz, linguaraz, lobaz, pratalhaz, pratarraz (com o suf. *arro*); roaz, velhacaz, vilanaz. Não entra em *alcatraz*, *alfaraz*, *alparavaz*, *ananaz*, *antraz*, *arganaz*, *gilvaz*. É provável em *capataz* e *carnaz*.

ÁZIO (1) — sufixo idêntico a *aço* em *pontaço*, vindo do espanhol *azo*, como em *balazo*, golpe de bala. Em português, ocorre nas palavras *balázio*, *copázio*, *gatázio*, mas com idéia aumentativa.

ÁZIO (2) — de *ácinus*, na palavra *durázio*, de *durácinus*, que tem casca dura.

BIL — do latim *bili*, indica posse da qualidade expressa pelo radical, capacidade de adquiri-la; exs.: *flébil*, que chora, que murmura, pesaroso; *ignóbil*, que não é nobre, vil; *volúbil*, que se move com facilidade, variável. Esse sufixo permanece em muitos substantivos correspondentes aos adjetivos em *vel*, forma vernácula de *bil*; exs.: *sensibilidade*, *estabilidade*, etc. Persiste ainda nos superlativos absolutos desses adjetivos; exs.: *sensibilíssimo*, *credibilíssimo*. No português arcaico era normal; *visibil*, *terribil*, etc. Note que, em *hábil*, *débil*, *núbil* e outros, o *b* pertence ao radical sendo o sufixo *il*. Tem a forma *bre* em *nobre* (*nobile*).

BRE, BRO — do latim *bre* e *bru*, relacionados a *bulo*, formadores de nomes de instrumento, com idéia de suporte, ou capacidade de produ-

ção; *exs.*: *candelabro*, que sustenta as candelas; *volutabro*, lugar onde um animal se revolve, lamaçal; *vértebra*, que faz girar, instrumento de flexibilidade; *salubre*, capaz de produzir saúde; *lúgubre*, capaz de fazer chorar. É o sufixo de *cérebro*, *fúnebre*, *muliebre*, *dezembro*, *outubro*, etc., onde se perdeu, mais ou menos, o sentido primitivo. Figura em *terebrante*, *palpebra*, *delubro*, *crivo* (*cribru*).

BULO, A — do latim *bulu*, *a*; indica objeto produzido, instrumento, continente, suporte; *exs.*: *acetábulo*, vaso onde se põe vinagre, vinagreira; *turíbulo*, vaso onde se deita incenso; *vocábulo*, instrumento, nome com que se chama. Outros: *patíbulo*, *venábulo*, *latíbulo*, *vestíbulo*. Este sufixo existe em *fábula*, *tábua*, *tribulação*, *conciliábulo*, *estábulo*, *pábulo*, *retábulo*, *venábulo*. Não existe em *glóbulo*, *lóbulo*, *óbulo*, em que o *b* é do radical.

BUNDO, A — do latim *bundu* — prende-se a verbos para formar adjetivos com valor de participios presentes e idéia de duração, intensidade, hábito; *exs.*: *gemebundo*, aquele que geme constantemente; *moribundo*, aquele que está morrendo; *furibundo*, aquele que está em fúria, que se enfurece constantemente. Assim, em *fremebundo*, *tremebundo*, *sitibundo*, *pudibundo*, *vagabundo*, *meditabundo*, *errabundo*.

ÇÃO — do latim *tione*, composto de *ti*, sufixo dos nomes verbais alargado pelo sufixo *en* (*on*); designa a ação; *exs.*: *condição*, ação de colocar, fundar (*condere*), fundamento; *flexão*=*flecção*, ação de dobrar; *confirmação*, ação de confirmar; *função*=*função* (radical *fung*, de *fungi*, exercer) ação de trabalhar. Esse

sufixo toma a forma *são* quando o radical termina em *r*, *s*, *n*, ou vogal; exs.: *aversão*, *percussão* (*cus=cut*), *extensão*, *prisão*, *visão*, *fusão*. Tem a forma *sião* em *ocasião*.

CINIO (1) — do latim *cinu*; idéia de ação que se realiza ou já realizada; exs.: *latrocínio*, ação realizada por um ladrão; *patrocínio*, ação de pai, proteção; *lacticínio*, operações realizadas com leite; *tirocínio*, etc. É esse sufixo que aparece em *medicina*, *velocino*.

CINIO (2) — de *cinu*, derivado de *canere*, cantar; *vaticínio*, canto do vate, do profeta, oráculo; *galicínio*, canto de galo, hora em que o galo canta.

CRO — sufixo indicativo do instrumento; do latim *cru* forma dissimilada de *clum* (ver o segundo sufixo *culo*); exs.: *fulcro* (de *fulcire*, especar, sustentar) instrumento, aparelho em que se apoia o pé da cama ou uma trave; *envolucro*, peça que envolve, envoltório; *sepulcro*, aparelho, caixa em que se sepulta alguém. Outros exemplos: *lavacro*, *ambulacrário* (pés *ambulacrários*), *simulacro*. Em *pulcro*, o sufixo é *cero*, contraído.

CULO, A — do latim *culum*, juxtaposição de dois sufixos diminutivos *co* e *lo*; sentido essencialmente diminutivo; exs.: *artículo*, pequena articulação, pequeno membro articulado; *funiculo* pequena corda; *tubérculo*, tumor pequeno. Derivado de verbo temos *ridículo* (de *ridere*). Esse sufixo toma a forma *go* nas palavras de fundo popular; exs.: *artigo* (*articulum*); *orago* (*oraculum*); em *cisco* (*cinisculu*) tem a forma *co* e aparece em várias palavras com a forma *elho*, *elha* (ver adiante

élho). Em maiúsculo e minúsculo o sufixo se prende aos comparativos neutros latinos *maius* e *minus*. Entra enfim em várias palavras portuguesas: vascular, músculo (ra-
tinho).

CULO (2) — de *culum* (forma latina do sufixo indo-europeu *tlō*) por *clum* (com *u* suarabático); indica instrumento ou lugar da ação; *cubículo*, lugar onde alguém se deita; *veículo*, instrumento de transporte (*vehere*); *receptáculo*, instrumento em que se recebe, apanha, guarda alguma coisa; assim, em *opérculo*, *obstáculo*, *espetáculo*, *sustentáculo*. Em *perigo* (*periculu*) tem a forma *go*. Para a forma *cro* ver este sufixo. Deve ser o sufixo de *vasculho* (1).

CUNDO, A — do latim *cundum*, *am*; idéia de capacidade; exs.: *facundo*, o que é capaz de falar muito, verboso; *fecundo*, o que produz muito; *jocundo*, o que alegra muito; e assim em *iracundo*, *rubicundo*.

DADE — do latim *tate*, formado por tautologia ou duplicação; produz femininos abstratos, indicantes qualidade, característicos, essência; exs.: *dignidade*, qualidade do que é digno; *falsidade*, característico de quem é falso; *castidade*, virtude de quem é casto. Dêsse sentido fundamental, decorre a idéia de ação realizada, efeito, ato; exs.: *crueldade*, qualidade essencial do indivíduo cruel e ato em que se revela tal qualidade. Como êsse ato pode ser

(1) Proponho, para *vasculho*, o verbo *vasculhar*, de um **versuculeare*, formado de **versuculum*, diminutivo de *versum*, participio de *verrere*, como *vassoura* de *versoria*: *versum* > **versuculu* > **versuculeare* > *vasculhar* > *vasculho*.

realizado coletivamente, o sufixo toma, às vezes, a idéia coletiva; exs.: *mortandade*, muitas mortes em combate, depois, por outras causas, desastre ou epidemia; *cristandade*, qualidade de um cristão, de todos os cristãos, conjunto dos cristãos. Esse sufixo figura em *idade*, *cidade*, *verdade*, etc. Em *propri-e-dade*, etc., o *e* é vogal de ligação.

DÃO, — ver **TUDE**.

DEIRO, **A** — sufixo composto de *do*, desinência do particípio passado e *eiro* < *ariu*; exs.: *aguadeira*, mulher que faz aguadas; *lavradeira*, mulher que faz *lavradas* ou *lavrados*; *andadeira*, mulher que faz *andadas*; *assadeira*, mulher perita em *assados*; *boiadeiro*, o que cuida da boiada. Essa formação se vê claramente em *pa-deiro*, *a* (antigo *paadeiro*, de *panataria* < *panatum* (1). Esse sufixo generalizou-se: *estajadeiro*, *calçadeira* (aparelho para calçar), *faladeira*, etc.

DOR, **A** — do latim *tore*, principal sufixo designativo do *agente*, aquele que faz, age (2); exs.: *acusador*, aquele que acusa; *palrador*, aquele que palra, fala atoa; *corredor*, aquele que corre. Esses adjetivos se substantivam muitas vezes. Esse sufixo tem ainda as formas *tor*

(1) Ver o *Elucidario* de Viterbo, p. 193. Em que pese a Othoniel Motta, arrimado em Meyer-Lübke, não vejo sufixo *deiro*, independente, onde houvesse apenas influência de *eiro*; *deiro* é composto de *tu*+*ariu*. Em certas formas, como *benzedeiro*, *cantadeira*, houve apenas analogia com os demais nomes em *deira* e influência de *dor*, como o houve em *benzedura*, ato de um *benzedor*, *fiadura*, ato do *fiador*. Em *ladeira*, o sufixo é *eira*, estrada *ladeira*, que vai pela encosta (de *latus*, *eris* encosta de um monte): compare-se prato *ladreiro* = *prato raso*, de beiras ou lados pouco sensíveis.

(2) Ruy Barbosa condena *agir*. Embora não clássico, é latino e indispensável hoje. Revive-se apenas o primitivo de *agente*, *reagir*, etc., enriquecendo a língua.

e *sor*; exs.: *instrutor*, *preceptor*, *confessor*. Outros exemplos: *ledor*, *traidor*, *armador*, *batedor*, *bebedor*, *britador*, *cardador*, *comprador*, etc. Não confundir com palavras em que o *d* pertence ao radical, como *candor*, *contendor*, *verdor*, etc. Ver o sufixo *or*.

DOURO, A — do latim *toriu*, composto de *tor*+*io*; idéia de fim a que tende uma ação, o que serve para realizar-se a ação; exs.: *ancoradouro*, que serve para ancorar, lugar onde ancoram navios; *bebedouro*, próprio para nêles beberem animais; *mangedoura*, onde comem animais. Preso a certos verbos de ação continuada, assumiu a aceção de particípio do futuro; *duradouro*, que há de durar muito, feito para durar; *vindouro*, que há de vir, destinado a chegar. Esse sufixo tem as formas eruditas *torio* e *sorio* (ver adiante). Outros exemplos: *babadouro*, *cevadouro*, *fervedouro*, *logradouro*, *matadouro*, *miradouro*, *sangradouro*, *sua-douro*, *sorvedouro*, *sumidouro*, *varadouro*, etc. Também se escreve e pronuncia *doiro*.

DURA — do latim *tura*; indica resultado da ação, instrumento de uma ação; exs.: *assadura*, resultado da ação de assar; *armadura*, resultado da ação de armar, instrumento de tal ação; *ditadura*, resultado da ação de ditar leis. Esse sufixo conserva a forma *tura* e *sura* (ver adiante). Outros exemplos *atadura*, *bordadura*, *brunidura*, *caiadura*, *douradura*, *fechadura*, *ligadura*, *rapadura*, *roedura*, *urdidura*, etc.

EAR — do latim medieval *idiare*, que deu *ejar*, sincopado em *ear*; idéia de frequência, repetição de ação, hábito; ex.: *passear*, ação continua-

da de ir a passo; guerrear, fazer guerra habitualmente; cartear, entreter correspondência. Outros: alcear, altear, ambrear, barbear, bombardear, costear, esporear, pastorear, rodear, vozear, etc.

EBRE — de origem desconhecida; diminutivo que ocorre em *casebre*, casa pequena, choupana.

ECER — de *escere*, sufixo composto (e vogal de ligação; *sc*, sufixo incoativo; *e*, vog. de lig., e *r* desinência de infin.); designa começo de ação; ex.: *amanhecer*, começar a manhã; *amarelecer*, começar a ficar amarelo; *floreecer*, começar a florir. É o mesmo sufixo de *crescer*, *nascer*, (antigamente *crecer*, *nacer*).

ECO, A — de origem desconhecida; diminutivo; exs.: *livreco*, livro pequeno; *soneca*, sono curto. Tomou a accepção pejorativa; exs.: *padreco*, padre sem importância; *jornaleco*, mau jornal. Outros: *boneco*, *potreco*, *caneco*, *folheca*. É provável em: *faneco*, *aiveca*, *motreco*, *munheca*, *pileca*. Incerto em: *charneca*, *marreco*, *meleca*. Não existe em: *alforreca*, *badameco*, *careca*, *jaleco*, *moleca*, *panqueca*, *peteca*, *rabeca*, *sueco*, *tareco*, *xaveco*, nem nas palavras gregas em *teca* (*biblioteca*, etc.). Segundo Leite de Vasconcelos existe em *beco* (de *via+eco*).

EDO, A — do latim *etu*; significa *cheio de* e applicava-se em latim ao lugar onde cresciam plantas. A fonte, segundo Lindsay, foi *arboretum*, quase participio de *arboresco*, de onde o português *arvoredo*. Applicou-se depois a outras plantas: *vinetum*, *pinetum*, etc., de onde: *vinhedo*, lugar onde crescem vinhas; *olivedo*,

terreno onde crescem oliveiras. Esse sufixo generalizou-se em português para outros objetos, tomando a acceção de coletivo; ex.: *rochedo*, região de rochas; *lagedo*, lugar cheio de lages; *passaredo*, coleção de pássaros. Com a forma feminina temos: *alameda*, lugar onde crescem álamos. Castilho usou de *mocedo*, reunião de moças. Em *azedo*, *segredo*, o *edo* representa o particípio passado (*acetum*, de *acesco*; *secretum* de *secernere*). O mesmo deve-se ver em *faceto* (l. *facetum*). Figura em nomes próprios: *Figueiredo*, *Azevedo*, etc., mas não nos nomes próprios germânicos em *fredo*: *Alfredo*, *Godofredo*, etc.

EIRO, A — do latim *ariu*, de onde *ário*, já estudado; de *ario* se fez *airo*, por hipértese do *i*, e dêste se fez *eiro*, por deflexão do *a* em *e* (ainda hoje, em Portugal, *eirô* se pronuncia quase *airo*). Mesmas acceções que *ario*; ex.: *vendeiro*, que tem venda; *sapateiro*, o que faz sapatos; *cavaleiro*, o que anda sempre a cavalo; *galinheiro*, homem que vende galinhas e lugar onde elas moram. No feminino: *caseira*, mulher que cuida da casa ou que vive em casa; *barreira*, lugar onde há ou de onde se tira barro; *laranjeira*, planta que dá laranja. O feminino tomou sentido abstrato, como *ária*, para indicar qualidade, essência, ato; exs.: *cegueira*, mal próprio do cego; *asneira*, ato próprio de asno; *canseira*, estado de quem se cansou. Sendo o ato realizado por muitos, o sufixo se torna coletivo: *berreiro*, berros dados por muita gente. Daí a idéia de intensidade, aumento: *nevoeiro*, névoas cerradas; *cabeleira*, cabelos bastos e longos. Combina-se com *ão* para for-

mar aumentativos pejorativos: *asneirão*, *vozeirão*.

EGAR — veja *ico*.

EGO — de formação ibérica; idéia de proveniência: exs.: *manchego*, que provém da Mancha; *galego*, vindo da Galiza; *labrego*, saído das lavras, rústico; *ninhego*, achado no ninho. Em *borrego* (cordeiro de menos de dois anos, diminutivo de *bórro* < *burrum*, ruivo) há talvez idéia de semelhança e depois diminutivo. Outros exemplos: *lamego*, *patego*, *pelego*, *pene-go*. Não confundir com a terminação de alguns deverbais, como: *carrego*, *pespego*, *rechego*, *refego*, etc. Em *morcego* (*mure*+*caecu*) há dois radicais.

EJAR — ver *ear*; exs.: *bordejar*, virar continuamente de bordo, voltear o navio no mesmo lugar; *manejar*, dar continuamente de mão ao leme, para governar o barco; *cortejar*, esbravejar, velejar, etc. Em *invejar* (de *invidiare*) não existe o sufixo *ejar*; o *ej* pertence ao radical.

EJO — imediatamente do espanhol *ejo* e mediatamente do latim *iculu*, que deu diretamente *êlho*; a idéia originária é diminutiva; exs.: *lugarejo*, lugar pequeno; *quintalejo*, pequeno quintal; *animalejo*=animalzinho. A frequentativa, próxima da diminutiva, aparece em: *anejo*, de um só ano; *andejo*, que anda para cima e para baixo. Importa não confundir os nomes que teem sufixo *ejo* com os nomes derivados dos verbos em *ejar*; exs.: *festejo* de *festejar*, *bocejo* de *bocejar*, *bosquejo* de *bosquejar*, etc. Outros exemplos: *hadejo* (dimin. de *abade*), *caranguejo*, *realejo*, *sertanejo*. É duvidoso em *percevejo*. Não existe em *poeja*.

- EL (1) — do latim *ele*, formador de adjetivos; exs.: *cruel*, que faz verter sangue; *fiel*, que inspira fiança, confiança. Em *revél* (de *rebelle* < *bel-lum*, guerra) não existe sufixo; o *el* pertence ao radical *vel*.
- EL (2) — de *ellu* (tornado *elle*?); *ellu* provém do sufixo diminutivo *ulo* assimilado a um *r*, *n*, ou *l* do radical; assim *capella*=caper-ula; *castellum*=caster-ulum; etc. Sua idéia fundamental é portanto diminutiva; exs.: *cordel*, corda pequena; *pastel*, pasta mui delgada, cozida ao forno; *pincel*, cauda pequenina; *anel*, círculo, aro pequeno. Outros exemplos: *baixel*, *batel*, *burel*, *cairel*, *cartel*, *cintel*, *cinzel*, *coudel*, *dos-sel*, *fardel*, *frouxel*, *lintel*, *listel*, *pastel*, *tonel*, etc. Não existe em *bedel*, *broquel*, *laudel*, *le-brel*, *papel* (ver *el* de *ariu*). É provável em *bordel*, *farnel*, *marnel*, *painel*, *tropel*. Desconhecido em *bisel*, *laurel*, *parcel*.
- EL (3) — de *ariu*, através de outras línguas românicas, mórmente o francês; exs.: *broquel* (fr. *bouclier*); *granel* (cfr. fr. *grainier*; esp. *granero*); *lebrél* (ou *lebréu*, fr. *levrier*, do lat. *leporariu*); *quartel* (fr. *quartier*); *vergel* (ant. *virgeu*, ant. fr. *vergier*, do l. *viridiariu*). Em *papel* (do fr. *papier*) não temos *ariu*; vem diretamente de *papiru*. O mesmo em *pichel*, do ant. francês *pechier*, mas de fonte alemã.
- ELA — do latim *ela*, formativo de substantivos quase todos derivados de verbos; exs.: *corruptela*, resultado de uma corrupção; *clientela*, ação de proteger, conjunto das pessoas protegidas; *cautela*, medidas para acautelar-se alguém. Esse sufixo generalizou-se: *mordidela*, ação

de morder, etc. Não confundir com *ela*, por *ella*, diminutivo (ver *elo*).

ELHO, A — do latim *iculu, a*, diminutivo, exs.: *artelho*, articulação pequena; *folhelho*, fôlha pequena, *rapazelho*, rapazinho. As formas vindas diretamente de diminutivos latinos perderam sua aceção diminutiva; exs.: *abelha* (*apicula*), *ovelha* (*ovicula*), *vermelho* (*vermiculum*) Em *espelho* (*speculum*) o *e* pertence ao radical; não há pois sufixo *elho*. Em rigor o sufixo é apenas *lho* sendo o *e* e o *i* do radical (*api, ovi*, etc.)

ELO, A — ou *elo, a*, de *ellu* como *el*; diminutivo. Exs.: *janela*, porta pequena; *donzela*, donazinha, *moça*; *rodela*, roda pequena; *castelo*, pequeno acampamento, pequena fortaleza. Outros exemplos: *bacelo*, *chichelo*, *chinelo*, *cutelo*, *farelo*, *flagelo*, *martelo*, *vitelo*, etc. Os femininos são numerosos: *baixela*, *cadela*, *cancela*, *canela*, *capela*, *costela*, etc. Não existe em palavras do árabe, como: *adelo*, *gazela*, nem nos seguintes: *banguela*, *estela*, *flanela*, *gabeta*, *remela*, *aduela*, *beringela*, *entretela*, *filomela*, *erisipela*. É incerto em: *cogumelo*, *polichinello*, *arnela*, *barrela*, *carcela*, *lapela*, *macela*, *moela*, *morcela*, *pinguela*, *urzela*, *bagatela*, *cabidela*, *esparrela*, *pimpinela*, *sentinela*, *verde-zela*.

ÊLO — outra forma de *élo*; exs.: *cerebelo*, pequeno cérebro; *cotovelo* (de *cubitellu*), parte extrema do cúbito; *morzelo* (de *mauricellu*, dim. de *maurus*, mouro). Outros: *cabedelo*, *cape-lo*, *cancelo*, *cubelo*, *napelo*, *novelo*, *pesadelo*, *portelo*, *rastelo*. É incerto em *tornozelo*. Não existe em *cabelo*, *camelo*. Não confundir com

a terminação de deverbais como: *apêlo*, *mo-dêlo*, *atropêlo*, etc. Em alguns, a pronúncia oscila entre *êlo* e *élo*.

ENÇA — do latim *entia*, composto de *nt* (desin. de part. pres.) e do sufixo substantival *ia*; forma subs. abstratos; exs.: *crença*, *doença*, *presença*.

ÊNCIA — mesma origem que *ença*; aparece em palavras eruditas ou semi-eruditas; exs.: *violência*, *falência*, *prudência*.

ENCO — sufixo ibérico; aparece em *moquenco*. É o sufixo de *mostrengo* (espanhol: *mostrenco*, de *mesta*, reunião de pastores, de *mixta*). É, talvez, o sufixo de *podengo*. Não existe em *elenco* nem *juvenca*.

ENDO, A — sufixo formado com a desinência *nd* de gerúndio e particípio de necessidade, precedido de *e*, vogal de ligação de 2.ª conj.; exs.: *reverendo*, aquele que deve ser reverenciado; *dividendo*, número que deve ser dividido; *despiciendo*, que deve ser desprezado; *prebenda*, aquilo que deve ser dado, pago; *vivenda*, cousas necessárias à vida, propriedade; *oferenda*, cousas que devem ser oferecidas. Em muitos adjetivos perdeu-se a noção da necessidade, substituída pela de causa; exs.: *horrendo*, o que causa horror; *tremendo*, o que causa tremor; *estupendo*, o que causa estupor. Outros: *calendas*, *fazenda*, *legenda* e *lenda*, *moenda*, *merenda*, *vivenda*. Não confundir com deverbais, como: *comenda*, *contenda*, *prenda*, *remendo*, etc.

ENGO — do germânico *ing*, que permaneceu em *gardingo*; idéia de relatividade; exs.: *realengo*, relativo ao rei; *mulherengo*, de natureza mu-

lheril, efeminado. Outros: *abadengo*, *avoen-
go*, *bordalengo*, *camerlengo*, *flamengo*, *molen-
go*, *parlenga*, *reguengo*, *solarengo*, *verdoengo*.
Com a forma *engue*, em *perrengue*. É incerto
em *alvarenga* e *estrovenga*.

ENHO, A — Parece haver dois sufixos homônimos, um
de *ignu*, como em *ferrenho* (de **ferrignu*);
outro de *iniu*, como em *Sardenha* (de *Sardi-
nia*). Parecem analógicos ao primeiro: *roufe-
nho* e *rouquenho*, e analógicos ao segundo: *es-
tremenho*, *portenho* e *sedenho* (de um **seti-
niu*, de *seta*). É incerto em *gamenho*. Não
existe em *redenho*, mera forma de *redanho*.

ENO, A — do latim *enu*, formado de um tema em *e* com
o morfema *no*, ou de *io+ino*; idéia de refe-
rência; ex.: *terreno*, referente à terra; *morena*,
côr semelhante à dos Mouros; *madrileno*, na-
tural de Madrid (o *l* é consoante epentética,
ou abrandamento do *d*); *chileno*, do Chile.
Esse sufixo entra em *veneno* (1) e, preso a *il*,
em *cantilena*. Tem fôrça de coletivo em *de-
zena*, *vintena*, *centena*, etc. Com a forma *eio*,
aparece em *alheio*, de *alienu*. Figura ainda
em *ameno* (do latim *amoenu*), *alienar*, *Ca-
menas* (as musas) e em nomes próprios como
Labieno, *Nazianzeno*. Outros: *arena*, *avena*,
agareno, *antioqueno*, *nazareno*, *sereno*, *duo-
deno*, *obsceno*, *tirreno*. Não existe em pala-
vras árabes: *açucena*, *alfena*, *sarraceno*, *ter-
cena*; nem gregas: *gangrena*, *hiena*, *melena*,
epiceno; ou hebraica: *geena*. Incerto em *pe-
queno*.

(1) De *Venus* (*venes + nu*).

ENSE — do latim *ensi*; indica relação, origem, procedência; *forense*, relativo ao foro; *Ateniense*, natural de Atenas; *fluminense*, natural do Rio de Janeiro; *vassourense*, de Vassouras. Contrai-se em *ês*; exs.: português (de portugalense), e, por analogia, francês, inglês, montanhês, etc.

ENTA — do latim *inta* (onde não é sufixo, mas parte do vocábulo *ginta*, designativo das dezenas) indica os nomes das dezenas: *quarenta*, *cinquenta*, *sessenta*, etc. Conserva a forma *inta* em *trinta* e *inte*, em *vinete*.

ENTAR — do latim *entare*, formado de *nt*, desinência do particípio presente, mais *are*; indica execução de ação imposta a alguém; exs.: *acalentar*, fazer o menino quente, aquecê-lo para dormir; *apresentar*, fazer alguém presente a outro, torná-lo conhecido; *apascentar*, fazer o gado pascer. Note que, em verbos como *atentar*, *ent* pertence ao radical *tent*. Também não existe nos verbos derivados de substantivos em *mento*: *cimentar*, *documentar*; em *inventar*, etc. Outros: *acorrentar*, *adormentar*, *afugentar*, *ausentar*, *frequentar*, *impacientar*, *orientar*, etc.

ENTE — terminação do particípio presente, feita sufixo nos adjetivos e substantivos provenientes desses participios e onde permanece a força verbal; exs.: *agente*, aquele que age; *gerente*, aquele que gere; *doente*, aquele a quem dói o corpo, enfermo. Não confundir com os vocábulos em que *nte* pertence ao radical: *amente*, *demente*. Entra em *crente*, *quente*, *rente*; em *lente* (professor), mas não em *lente* (aparelho óptico).

ENTO, A — do latim *entu*, como em *cruentum*, que deita sangue (*cruor*); indica o agente; exs.: *barulhento*, aquele que faz barulho; *poeirenta*, que produz ou tem poeira (estrada *poeirenta*); *ciumento*, que tem ciúme. Com êsse sufixo combinam-se outros, criando-se novos sufixos, como: *arento*, *olento*, *ilento*, *ulento*, *acento*, *orento*, *asquento*, etc.; exs.: *avarento*, (de *avére*), *fumarento* (de *fumarium*), *fumacento* (de *fumaça*) (1), *violento* (de *vis*), *sonolento*, *macilento*, *pestilento*, *turbulento*, *suculento*, *friorento*, (de *frigor*), *carrasquento*, etc. Não confundir com palavras onde *en* pertence ao radical e *to* é desinência de part. pass.: *advento*, *convento*, *invento* (todas de *veniere*), nem com as de sufixo *mento*.

EO, A — do latim *eu*; idéia de semelhança, relação e daí matéria de que é feita alguma coisa; exs.: *róseo*, parecido com a rosa, da cor da rosa; *níveo*, da cor da neve; *férreo*, duro como o ferro, feito de ferro; *equóreo*, relativo ao mar. Êsse sufixo entra em várias palavras onde menos o supomos: *linha* (*linea*); *malho* (*malleu*), *vinha* (*vinea*), *laço* (*laqueu*), etc. Não entra em *óleo*, onde *ole* representa *oliv*, de *oliva*. Une-se a numerosos sufixos e morfemas para formar outros compostos, como *aceo*, *leo*, *oneo*, *aneo*, etc. Outros: *áureo*, *marmóreo*, *pétreo*, *plúmbeo*, *sáxéo*, *vítreo*, etc.

(1). Em *alvacento*, *lamacento*, etc. o *c* não é enfônico segundo supõe Constâncio e parece aceitar Carlos Gôes; o *c*, como o *l*, o *r*, nos demais sufixos compostos, é do sufixo *aco*, *aca* como: *fumaça*, *fumacento*; *alvo* deu certamente um perdido *alvaço* (de *alvaceu*), de que se deriva *alvação*; *lamacento* provém de *lamaça*, de onde *lamaçal*, e *lamação*; do mesmo modo, *pardaço* (registrado nos dicionários), *pardacento*. *Aguacento*, *aguaçal*, *aguaceira*, *aguaceiro* fazem supôr um primitivo *aguaça* (registrado em C. de Figueiredo).

ÉU — do latim *ellu* — ver *el* 2.º — diminutivo; exs.: mantéu (*mantellum*), manto pequeno; chapéu (de *capellum*, pelo francês *chapeau*), pequena capa com capuz. depois só o capuz; ilhéu pequena ilha. Note-se que, em várias palavras findadas em *éu*, não há sufixo; exs.: incréu, (radical *cre*, de *crédulum*), heréu (de *hereticum*), solidéu (formado de *solī Deo*, só a Deus). Também não, em: bailéu, mausoléu, pinéu, tabaréu, troféu. É incerto em arméu, harpéu, boléu, chichisbéu, escarcéu, labéu. Em fogaréu, fumaréu, mastaréu, povaréu, o sufixo é *aréu*, e não tem primitivamente o sentido aumentativo; é difícil atinar com a sua formação. É vivaz; temos exemplo recentíssimo de *mundaréu* (1).

ÉOLO — ver *olo*.

ERNA — do latim *erna*; indica a ação realizada, instrumento; exs.: caverna, terra que se cavou; luzerna, aparelho de iluminar; cisterna, reservatório em forma de cesta. Em lanterna (grego *lamptér*), o sufixo *erna* é, em parte, analógico. É incerto em baderna e poterna. Desconhecido em taverna.

ERNO, A — do latim *ernu*; indica relação; exs.: inverno (adjetivo em latim), relativo às tempestades, estação das chuvas; moderno (do advérbio latino *modo*=há pouco), que se fez há pouco, recente; hodierno, que se realiza, que existe hoje. Outros: eterno, sempiterno. Em quaterno e caderno, inferno, o sufixo é apenas *no*.

(1) «... o autor consegue enroscar o pobre leitor num mundaréu de imagens...» (Miroel Silveira, no periódico *D. Casmurro*, 26-11-938, pág. 5, 6.ª col.).

ES — de um genitivo medieval em *ici*, designativo dos nomes patronímicos; ex.: Lopes (por López) filho de Lopo; Nunes, de Nuno; Vasques, de Vasco, etc.

ESA — veja *essa*.

ÊS — veja *ense*.

ESCO, A — do latim *iscu* (através do italiano *esco*. O latim *iscu* é uma adaptação do grego *ισχύς* (ver *isco*). Indica semelhança, aliança, referência; exs.: *grotesco*, como os das grotas, ornamentos rudes como os achados nas escavações; *gigantescos*, à feição dos gigantes; *dantesco*, à moda de Dante. Forma substantivos: *parentesco*, aliança de parentes; *soldadesca*, aliança, agrupamento de soldados; eram, sem dúvida, adjetivos (relações *parentescas*, multidão *soldadesca*, como dizemos: os *carnavalescos*).

ÊSSA — do baixo latim *issa*; dá formas femininas; exs.: *abadessa* (de *abbatissa*), feminino de abade, e assim *condessa*. Abranda-se em *êsa*: *princesa*, *marquesa*, *baronesa*. Deflexiona em *isa*: *sacerdotisa*, *poetisa*.

ESTE — do latim *este*, idéia de relação; exs.: *agreste*, relativo ao campo; *celeste*, referente ao céu. Não existe nas demais palavras terminadas em *este*.

ESTRE — do latim *estre* (formado com um sufixo *ter* locativo, sobre um tema em *es*, por analogia). Em português, figura como sufixo, embora em certos casos tenhamos de decompô-lo. O sentido é de relação; exs.: *silvestre*, das selvas, da mata; *campestre*, do campo; *terrestre*, da terra. Há apenas influência analógica em *alpestre*, onde *es* pertence ao radical. São do

mesmo grupo *equestre* e *pedestre*. Em *bimestre*, *mes* é o radical, significa *mês* e o sufixo é *tre*, como em *palustre*.

ÊTE — alteração do *êto*; exs.: *corpete*, *joguete*, *diabrete*, (vide *êto*). Muitos veem pelo francês: *colchete*, *archete*, *bilhete*, *bufete*, *cadete*, *collete*, *jarrete*, *piquete*, etc. Outros do italiano: *banquete*, *falsete*, *florete*, *mosquete*, etc. Não existe em *alfitete*, *ginete*, *paquete*, *minarete*.

ÊTO, A — do latim *itu*, através do italiano *etto*, como em *corveta* de *corvetta*, latim *corbita*, navio em forma de cesto (*corbis*); indica semelhança, aproximação e daí, diminuição; exs.: *corneta*, em forma de corno; *coreto*, armação em forma de côro de igreja; *esboceto*, imitação de esbôço, esbôço rápido e imperfeito. Generalizou-se como diminutivo: *poemeto*, *carreta*, *muleta*, *sineta*. Entra em palavras italianas usadas em música: *largueto*, *quinteto*, etc. Não existe em *esqueleto*, *espêto*, *amuleto*, *calafêto*, *alcoveta*, *retreta*, nem nos derivados do grego: *agapeta*, *anacoreta*, *planeta*. Em *gaveta* (do l. *gabata*), houve troca do sufixo. Como gentílico aparece em *lisboeta*. Em *faceto*, o *eto* é o mesmo sufixo que em *azedo* (ver: *edo*). Foi adotado convencionalmente em química para indicar os derivados de ácidos com sufixo *ídrico*; ex.: *iodeto*, sal de ácido *iodídrico*; *cloreto*, *carboneto*, *sulfeto*, etc. (1).

EZ — do latim *itie* (*duritiem*, *avaritiem*, *calvitiem*); forma substantivos femininos, abstratos, deri-

(1) A forma *ureto* (*iodureto*, *carbureto*, etc.), é galicismo intolérável (de *ure*, *iodure*, *carbure*). Devemos adotar *sulfeto*, pois dizemos *sulfato*, *sulfídrico*, e não *sulfurato*, *sulfurídrico*, embora haja o radical *sulfur* em *sulfúrico*.

vados de adjetivos; exs.: *altivez* (de *altivo*), qualidade de quem é *altivo*; *surdez*, defeito do surdo; *palidez*, aspecto de quem está pálido. Cognatos dêsse sufixo são *eza*, *iça*, *ície* (ver adiante). Não confunda com os nomes masculinos em *ez*: *indez* e *jaez*. Não confundir também com os em *ês*, muita vez mal escrito *ez*.

EZA — do latim *itia*; mesma idéia que *ez*; exs.: *avareza*, vício do avaro; *firmeza*, qualidade do que está firme; *tristeza*, estado do triste. Não confundir com *êsa* (*issa*) de *princesa*, etc. (ver *êssa*).

IA — do latim *ia* — sufixo primitivo que designa um particípio de necessidade e toma as formas *io*, *ia*, gerando substantivo ou adjetivo; exs.: *exímia*, que deve ser tirada à parte: *egrégia*, que deve ser separada do rebanho, escolhida, excelente; *sócia*, que deve seguir (radical *sequi*); *colônia*, região cultivadas por colonos. Dêsse sentido originou-se a idéia de qualidade essencial, característico abstrato aditado ao radical; exs.: *audácia*, qualidade do homem audaz; *perfidia*, caráter essencial do pérfido, ação por ele realizada; *concordia*, disposição que leva dois corações, duas almas a se entenderem. Forma nomes próprios locativos: *Áustria*, *Itália*. Esse sufixo entra em composição com inúmeros outros e ora se reduz, como em *besta* e *bicha* (ambos de *bestia*), ora se aglutina, como em *cegonha* (*ciconia*), ora se contrai com outros sufixos, como em *justiça* (*justitia*), *tristeza*, (*tristitia*), etc. Acentua-se em *Turquia* e *Hungria* (melhor *Húngria*, como *Normândia*, *Picárdia*, etc.).

- IA — de *ia*, grego; aplicado especialmente a nomes de ciências e cerimônias religiosas; exs.: *geometria*, *filosofia*, *epifania*, *tecgonia*, etc. Esse sufixo generalizou-se nas escolas medievais conservando o acento agudo nos nomes científicos, ao passo que o perdeu, confundindo-se com *ia* latino, nos nomes próprios, como *Epifânia*, *Ambrósia*, *Eudócia* (mas *ortodoxia*). Vulgarizou-se depois com o mesmo sentido de *ia* latino; exs.: *alegria*, *valentia*, *fidalgua*, *cavalaria*. Pode nasalar-se, como em *ladainha* (*litania*). Concorreu com *ariu* para formar o composto *aria*, *eria*, como em *carpintaria*. Junta-se a *ano* em *paroquiano* e em nomes pátrios: *emiliano*, da *Emília*.
- IA — do grego *εια*, *eia* exs.: *Alexandria*, *profecia* (*προφητεία*), *energia* (*ἐνέργεια*).
- ICA — (ver *ico* e *ica*).
- ICAR — veja *ico*.
- IÇA — do latim *itia*; forma substantivos abstratos; exs.: *justiça*, qualidade de quem é justo, ação do justo; *preguiça*, vício normal do preguiçoso; *cubiça*=cupidez, etc. Conservou a forma *icia* em palavras eruditas ou semi-eruditas; exs.: *nequícia*, *malícia*, *pudicícia*.
- ICE — do latim *itie*, que também deu *es*, como vimos e *icie*; forma substantivos abstratos; exs.: *doidice*, mal do doido, ação do doido; *meninice*, ação própria de menino; *velhice*, estado natural do velho; *planície*, terreno plano; *calvície*, estado do calvo.
- ICE — do latim *ice* (suf. *co* junto a temas em *i*) — *dúplice*, *vértice*, *ápice*, *vórtice* e nos seus derivados: *duplicar*, *verticilo*. Reduzido a *s* em

simples (por *simplice*, como em *simplicíssimo*).

ICHÃO — sufixo composto, pejorativo; figura em *sabichão*, pretendido sábio; talvez seja o mesmo *inchão* em *pedinchão*, por influência de *pedinte*. Aparece em palavras populares como: *comichão*, de *comichar*.

ÍCIA ver *ice*.

ICIE — ver *ice*.

ICHO, A — de *isculu* (composto de *iscu*+*ulu*); aparece em raras palavras portuguesas com idéia diminutiva, como em: *cornicho*, pequeno corno da lesma, antena de insetos; *canicho*, *coelhicho*, diminutivo de *cão* e *coelho*, ou com idéia instrumental, como em *rabicho*, aparelho sustentador da sela ao rabo do cavalo. *Capricho* (de *capritiu*, volteios de cabra) e *salsicha* (de *sale*+*isicia*) vem ambos do italiano. Tem a forma *echa* em *ventrecha* (de *ventriscula*, diminutivo de *ventrisca*), parte do peixe correspondente ao ventre. Supõe-se onomatopeico em *cochicho* e *esguicho*. Incerto em *carrapicho*.

ICIO, A — de latim *iciu*, *a* — sentido fundamental da referência; exs.: *natalício*, referente ao natal; *adventício*, que chegou, sobreveio, se adaptou; *factício*, que foi feito, não natural, aditicial. Esse sufixo deu a forma vernácula *icho*, *ica*; exs.: *feiticho*, coisa que foi feita, mandinga; *noviço*, ainda novo; *aranhiço*, semelhante a aranha, pernilongo, muito magro e esguio. Ainda com esta forma vernácula ocorre em muitos adjetivos com a idéia potencial; exs.: *encontradiço*, que pode ser encontrado facilmente; *dobradiça*, que se dobra fã-

cilmente (mola *dobradiça*); assustadiço, que de tudo se assusta. Outra fonte de *ício* é o sufixo latino *itiu*, como em *primícias*, de *primitiæ*; mas *icius* e *itius* já se confundiam em latim: *adventicius* ou *adventitius*; *facticius* ou *factitius*, etc. Outros em *iço*, *a*: *castiço*, *magriço*, *mestiço*, *mortiço*, *moliço*, *ouriço*, *palhiço*, *passadiço*, *postiço*, *rebolicho*, *roliço*, *toutiço*; *caliça*, *carniça*, *cavalariaça*, *hortaliça*, *nabiça*, *raça*, *tamiça*, *terraça*. Derivados de *itiu*: *justiça*, *preguiça*, *serviço*, etc. Não existe em *adriça*, *carriço*. Incerto em *carriça*, *linguiça*, *tacaniça*. Provável em *ladriço*. Não confundir com deverbais como *enguiço*, de *enguiçar*. Há outro sufixo *iço*, *a*, do latim *icea*, em *chouriço* (**soricea*) e *cortiça* (**corticea*). Com a forma *iz* em *sobrepeliz* (de *pelliciu*).

ICO, A — do latim *īcu*; indica agente; exs.: *pudico*, aquele que tem pudor. Com a forma *igo*, por abrandamento, ocorre em: *amigo*, aquele que ama; *urtiga*, erva que queima; *postigo*, que fica por trás, porta escusa; ainda em *formiga*, *lombriga*, *umbigo*, etc.

ICO, A — do latim *īcu*; indica o agente; exs.: *médico*, aquele que cura; *vômica*, que faz vomitar; *tóxico*, que envenena. Indica também participação, referência; exs.: *bélico*, da natureza da guerra; *cívico*, referente ao cidadão; *público*, referente ao povo. Esse sufixo generalizou-se em português: *geométrico*, *elíptico*, *mágica*, etc. Em *famélico*, o sufixo é composto de *el* de um tipo **famelis*) mais *ico*. Entra na formação de verbos em *icar*, *egar*, *gar* e outros: *comunicar*, *carregar*, *amargar*, *fumegar*. É o sufixo de *domingo* (*dominīcu*), de

ilharga (* *iliarica*), de melga (*medica*), dos deverbais de *icare*, como amargo, de *amargar*, etc.

ICO, A — origem desconhecida, com idéia diminutiva e pejorativa; exs.: *barbica*, barba pequena e falha; *Maricás*, diminutivo de Maria; *burríco*, pequeno burro; *Antonico*, *Joanico*, etc. Não existe em *botica*, *cangica*, *cuica*, *mucica*, *mumbica*, *angico*. É incerto em: *fanico*, *fuzico*, *jerico*, *maçarico*. Não confundir com a terminação *ico* dos deverbais: *fabrico*.

IÇO, IÇA — ver *ício*.

IDÃO — ver *tude*.

IDO, A — do latim *idu*, composto do sufixo *do* e de *i*, vogal de ligação ou final de tema; idéia de posse, participação; exs.: *cálido*, que tem calor; *tímido*, que tem temor; *frígido*, que tem frio. Essa mesma idéia se mantém quando o sufixo aparece sem vogal de ligação; exs.: *absurdo*; *tardo*, *bardo*, etc. Outros: *livido*, *pálido*, *rábido*, *tábido*, *esplêndido*, *esquálido*, etc.

IE — do latim *ie*, talvez simples forma de *ia*, com que alterna às vezes; forma nomes abstratos; ex.: *serie* (de *sero*, entrelaço), entrelace, seqüência; *superfície*, que está sobre a face, à flôr; *espécie*, que se vê, cujos caracteres estão patentes. Reduz-se a *e* em face por *fície*.

IGAR — ver *ico*.

IL — do latim *ili* (formado do sufixo *li* sobre um tema em *i*); aplica-se a radicais verbais, com o sentido de possibilidade, capacidade; exs.: *fácil*, que pode ser feito; *dócil*, que pode ser ensinado; *frágil*, capaz de quebrar, quebradiço. Entra na formação do sufixo *bili=vel*.

IL — do latim *ili* (formado do suf. *li* sobre tema em *i*); aplica-se a temas substantivais, com sentido de referência, aproximação, semelhança, e (como em geral se dá com os sufixos de semelhança) inferioridade, diminuição; ex.: *pueril*, semelhante ao feito por uma criança; *civil*, pertencente, referente ao cidadão, próprio dele; *hostil*, próprio de inimigo; *canil*, casa de cão; *hastil*, pequena haste; *covil*, semelhante a cova, cova pequena. Não entra em nomes árabes: *anafil*, *anil*, *arrabil*, etc. Também não em: *ardil*, *buril*, *esmeril*, *perfil*, *sutil* (*sub+tela*).

ILHA — (ver *vel*).

ILHO, A — do latim *iculo*, formado do sufixo diminutivo *culo*, precedido da vogal de ligação *i*, através do espanhol; exs.: *fornilho*, (de *furniculu*), forno pequeno, foco de forja; *cartilha* (*carticula*), pequeno papel, livrinho; *ladrilho* (**latericulu*, tijolinho); *sarilho* (*sericula*, dobadoura); *dedilhar*, *engatilhar*, etc.

ILO, A — do latim *illu*; sufixo diminutivo, exclusivamente em palavras eruditas; exs.: *mamilo*, bico do seio, maminha; *sigilo*, pequeno selo, segredo; *bacilo*, vara pequena, bastonete; *codicilo*, pequeno código. Esse sufixo entra em palavras como *vexilo*, *maxila*, *pugilo*, *pupilo*, *verticilo*, etc., e em nomes próprios como *Domitila*, *Camilo*, etc. Não existe em *amilo*, *asilo*, *crocodilo*. Não confundir com deverbais: *pí-pilo*, *sibilo*. Em *apostila* não há sufixo, pois se deriva de *post+illa* (subentendido: *verba*). Também não em: *argila*, *camomila*, *moxila*.

IM — ver *ino*.

INGO — ver *engo*.

INHO, A — ver *ino*.

INO, A — do latim *inu*, idéia de referência, relação, como em *divino*, relativo aos deuses; *latino*, referente ao Lácio (e também *ladino*); *oficina*, casa onde se exercem ofícios; *rapina*, execução ou resultado de um roubo. Aparece em nomes próprios com idéia remota de filiação, dependência, consagração: *Saturnino*, consagrado a Saturno; *Antonino*, de Antônio; *Agripino*, de Agripa. Esse sufixo generalizou a idéia de relação e passou a significar: *a*) origem — *londrino*, de Londres; *marroquino*, de Marrocos; *b*) natureza — *cristalino*, da natureza do cristal; *matutino*, relativo a Matuta (a aurora); *c*) grau diminutivo — *pequenino*; *neblina*, névoa rala; *violino*, viola pequena; *cravina*, cravo pequeno; *d*) gênero feminino — *heroína*, feminino de herói. Outros: *beluíno*, *diamantino*, *intestinal*, *paladino*, *peregrino*, *tanino*, *angina*, *batina*, *faxina*, *matinas*, *retina*, *ruína*, etc. Não existe em: *beduíno*, *merino*, *malino*, *quinino*, *rabino*, *bolina*, *resina*, *menino*, *propina*. É incerto em: *pepino*, *velocino*, *bonina*, *chacina*, *carabina*, *carambina*, *clavina*, *esquina*. Assume, além disso, as formas:

im. — por interferência, com certeza, do francês *in* e analogia com formas árabes em *im*, como *festim* (de *festin*, do italiano *festino*), festa com brilho, danças, música; *mastim* (do antigo francês *mastin*, hoje *mâtin*, do latim medieval *mansuetinu*, amansado), cão de guarda; *marroquim*, couro de Marrocos; *baldaquim* (do ital. *baldacchino*). Essa forma se generalizou como diminutivo: *espadim*, *camarim*, *lagostim*, etc. Note-se que, em muitas

palavras, mórmente derivadas do hebraico, árabe, germânico e inglês, êsse *im* não é sufixo ou não se relaciona com *inu*; exs.: *jardim* (*garten*); *rubim* (mera nasalização de *rubi*); *alfenim*, *gergelim*, *beduim*, etc., palavras árabes; *Benjamim*, *Serafim*, *querubim*, etc., palavras hebraicas, sendo o *im*, nestas duas últimas, desinência hebraica do plural; *pudim* (do inglês *pudding*), etc. Em palavras de origem tupi aparece outro *im*, sufixo diminutivo: *mucuim*, *curumim*, etc. São numerosas as palavras em que *im* final não é sufixo; eis as principais: árabes: *alecrim*, *alfaquim*, *alfenim*, *anexim*, *benjoim*, *cequim*, *carmezim*, *gergelim*, *guadamecim*, *marfim*, *talim*; de outras fontes: *capim*, *carmim*, *chatim*, *coxim*, *jasmim*, *malsim*, *mandarim*, *morim*, *patim*, *borzeguim*, *estopim*, *gregotim*, *palanquim*. E' incerto em: *cortim*, *telim*, *beleguim*, *galarim*, *parolim*.

inho, *a* — conserva-se com o sentido de relação, em várias palavras, como: *padrinho*, segundo pai; *vizinho*, que mora na mesma rua (*vicus*); *marinho*, referente ao mar; *cozinha*, lugar onde se coze ou cozinha. Generalizou-se como diminutivo: *mesinha*, *bolinha*, etc; em *sanguinho* (de *sanguineu*) não há *inho* (*sanguini* + suf. *eu*). Há um *inha*, diretamente de *inia* como *sardinha*, de *Sardinia* (ver Ottoniel Mota. *Horas filol.*, p. 14).

io, *IA* (1) — ver *ia*.

io, *A* (2) — do latim *ivu*; idéia de relação; exs.: *vazio* (*vacivu*), que está vago, sem cousa alguma; *estio*, relativo ao verão (tempo *estio*) e depois o próprio verão: *sadio* (*sanativu*), que dá

saúde. Esse sufixo generalizou-se: *sombrio*, *tardio*, *arredio*, *luzidio*, etc. Talvez seja o sufixo de substantivos como: *poderio*, *mulherio*, *rapazio*, *senhorio*, embora difíceis de explicar. Não confundir o sufixo com terminações semelhantes em substantivos derivados de verbos, como: *desvario*, *arrepio*, *desafio*, etc.; nem com palavras como *abio*, *bacio*, *bugio*, *calefrio*, *fastio* (*fastidium*), *navio*, *pavio*, *ata-vio*, *novedio*. Nestes casos o *i* é do radical.

ISA — veja *essa*.

ISCO, A — ver *esco* — permaneceu em *chuvisco*, *pedrisco*, *petisco*, *mourisco*, etc., e em verbos como *lambiscar*, *rabiscar*, *beliscar*, etc. Outros: *arisco*, *asterisco*, *basilisco*, *flandrisco*, *lentisco*, *marisco*, *menisco*, *obelisco*, *rabisco*, *lavandisca*, *odalisca* (1), *talisca*. Duvidoso em: *aprisco*, *penisco*, *petisco*, *faisca*. Em *corisco* é deverbal de *coriscar* (por *coruscar*).

ISMO, A — do grego *ισμός*, *ismós*, *ισμα*, *isma*, sufixo de ação; exs.: *aporismo*, ação de definir; *cataclismo*, dilúvio, grande desabe; *exorcismo*, ação de expelir o demônio de um corpo. Esse sufixo passou pelo latim medieval e generalizou-se com o sentido de ação partidária, coletiva; exs.: *cristianismo*, ação, partido dos cristãos; *terrorismo*, ação dos que desejam impor o seu partido por atos de terror; *simbolismo*, escola poética dos que representam seus pensamentos por símbolos; *ostracismo*, sistema de exilar por votos inscritos em conchas; *mourisma* a raça dos mouros. Dessa idéia de coletividade passou a indicar um característico, uma propriedade da coletividade

(1) Ver Darmesteter e Hatzfeld, *Dict. français*, p. 99

e até de uma personalidade: *barbarismo*, vício gramatical cometido pelos bárbaros ou estrangeiros; *galicismo*, construção ou termo próprio do francês; *daltonismo*, defeito visual idêntico ao de Dalton.

ISTA — do grego ἰστής, *istés* em latim *ista*; idéia de agente; exs.: *batista*, aquele que batiza; *catequista*, aquele que catequiza; *evangelista*, aquele que evangeliza. Generalizou-se amplamente: *pianista*, *marmorista*, *indianista*, etc. Forma alguns nomes pátrios: *nortista*, *sulista*, *campista*, *paulista*, *santista*, *macaista* (de Macau) e outros (v. Alípio Machado, *Nomes pátrios* em *Rev. de l. port.* n. 20, 1922).

ITA — do grego ἴτης, *ites*, em latim *ita*; idéia de dependência, pertença, origem; exs.: *eremita*, o que vive no ermo; *areopagita*, o que faz parte do Areópago; *jesuita*, que pertence à companhia de Jesus; *israelita*, que pertence à raça de Israel; *selenita*, aquele que habita a lua. Não confundir com deverbais: *contradita*, *escrita*; ou com *ita* feminino de *ito*.

ITAR — do latim *itare*; frequentativo; exs.: *volitar*, voar pouco, ameúde; *saltitar*, dar saltinhos repetidos; *crepitar*, dar estalinhos.

ITO, A — (1) — do latim *itu* (sufixo *to* preso a temas em *i* ou *u*); idéia de relação; exs.: *avito*, relativo aos avós; *fortuíto*, produzido pelo fado, ao acaso; *pituíta*, humor da mucosa, mucosa nasal. Com a forma *ido*, em *marido* (*maritum*). Outros: *aurito*, *erudito*, *favorito* e, em geral, os participios em *ido*.

ITO, A (2) — de origem desconhecida, particularmente espanhol, talvez diferenciação ibérica do anterior — ocorre em palavras como *bonito*,

cabrito. Generalizou-se como diminutivo: *casita*, *Anita*, *Manuelito*, etc. Não confundir esses dois com deverbais: *atrído*, *requisito*, etc., ou palavras em que *i* é radical: *conflito*, *delito*, *interdito*, *perito*, etc., ou palavras gregas: *parasita*. Em *gambito* (it. *gambetta*) o *ito* é analógico.

IVO, A — do latim *ivn*; idéia da ação, referência; exs.: *caritativo*, que exerce a caridade; *nocivo*, que prejudica; *festivo*, de festa; *defensivo*, que defende. Adiciona-se comumente aos temas de participio passado; comparativo (*comparatum*) superlativo (*latum*), intensivo (*tensum*), etc.

IZ — do latim *ice*; significação obscura; ocorre simples em *feliz*, e em substantivos designantes seres naturais ou suas partes: *raiz*, *nariz*, *codorniz*, *perdiz*, talvez *cerviz*. É provável em *verniz* (*veronix*), *chamariz*, *cariz*, *proiz*. Incerto em *boiz*, *matiz*. Apenas analógico em *aprendiz* (*apprenti*, fr.) e *petiz*. Entra na composição de *triz*, feminino de *tor* (ver *adiante*). Em *juiz* não há *sufixo*, mas dois radicais *iu+dic* (o que *diz* do direito). Não existe em palavras árabes: *alcaraviz*, *almofariz*, *beliz*, *chafariz*. Ver *sufixo icio*.

IZAR — do grego $\iota\zeta\omega$ + *ar* — no latim medieval *izare*; forma verbos como: *batizar*, *organizar*, *arborizar*. Não confundir com os verbos cujo radical termina em *iz*, como: *enraizar*, *ajuitar*, etc.; ou em *is*, como *avisar*, *precisar*, *alisar*. Em *cicatrizar*, *triz* é *sufixo* (ver *triz*).

LENTO — ver *ento*.

LEO — *sufixo* composto do diminutivo *lo+eo*; exs.: *acúleo*, pequena agulha, espinho; *ecúleo*.

(*equu+leo*), cavalête (de suplicio); *núcleo*, carocinho, noz pequena.

LICO — ver *ico*.

LIO — sufixo composto de *lo+io*; idéia de efeito, ação realizada; exs.: *auxílio*, *prélio*, *pecúlio*. Em *domicílio*, é duvidoso (de *domicola*?)

LOSO — ver *oso*.

MEN, ME, MIN — do latim *men*, *min* (de um primitivo *man*); forma nomes de ação; exs.: *certamen* e *certame*, ação de combater, combate; *regimen* ou *regime*, ação ou meio de reger, govêrno. É êsse sufixo que existe em *carme*, *estame*, *cume*, *acume*, *preliminar*, *limiar*, nome (*gnomen*), espécimen, *germen*, *germinar*, etc., etc.

MENTE — do latim *mente*, ablativo de *mens*, *mentis*, o espírito, a mente; é o único sufixo adverbial; exs.: *boamente*, de bom ânimo, de boa vontade; *sossegadamente*, com alma sossegada; *vilmente*, com ânimo vil, com intenção danada. Generalizou-se para indicar o modo, a intenção, o fim, etc.

MENTO — do latim *mentum* onde formava substantivos neutros de ação, instrumento, serventia, etc.; exs.: *casamento*, ação de casar; *tormento*, instrumento de torcer, atormentar; *detrimento*, o fato de estragar, prejudicar. A forma plural *menta* gerou alguns substantivos coletivos em português: *ferramenta*, ferros necessários ao artífice; *vestimenta*, as roupas especiais de uma personagem; *tormenta*, turbilhões de pó, fôlhas, chuva, produzidos pelo vento. É o sufixo de *jumento* (de *iugum*), *momento* (de *movêre*), *pimenta* (*pigmentum*), *fermento* (*fervêre*), *fragmen-*

to, tormento. Não confundir com o sufixo *ento* aplicado a radicais terminados em *m*, como *gosmento* (de *gosma*), nem com palavras como *comento*, *memento*, de *mens*.

MÔNIO, A — do latim *moniu, a*; forma substantivos sem idéia especial; exs.: *patrimônio*, tudo quanto se acha sob o poder ou posse do pai de família; bens de fortuna; *matrimônio*, ato de tornar-se mãe de família, casamento; *parcimônia*, do que é parco, hábito de poupar, poupança; outros exemplos: *acrimônia*, *cerimônia*, *santimônia*, *cachimônia*. Tem a forma *munho* e *munha* em *testemunho* e *testemunha* e em *caramunha* (*querimonia*). É talvez o sufixo de *gatomonha*, esgares de gato.

ô e ô — ver *olo*.

OCHA — da família diminutiva de *acho*, *echo*, *icho*, *ucho*; exs.: *cabrocha*, pequena cabra (aplicado às negrinhas, como *cabra*, masculino, se aplica aos negros). Talvez único exemplo. Não entra em *galocha* (fr. *galoché*); mas talvez em *carocha* e *garrocha*, pelo espanhol.

ÔCO, ÔCA — sufixo diminutivo e pejorativo, de origem desconhecida; exs.: *dorminhôco*, *dorminhoca*, que vive a dormir, que dorme por vício ou preguiça; *engenhoca*, engenho ruim, insignificante; *bicharôco*, bicho desprezível; *pardoca*, a fêmea do pardal. Forma cognomes diminutivos: *Maroca*, *Candoca*, *Finoca*, etc. Não existe em palavras americanas: *carioca*, *coroca*, *maloca*, *mandioca*, *pipoca*, *pororoca*, *potoca*, *taboca*, *tapioca*; nem árabes: *maçaroca*. É incerto em: *barroca*, *bioco*, *enxacoco*, *farri-coco*, *matroca*. Deverbal em *rebôco*. Em mi-

nhoca (exemplo de sufixo *oca* de Reinhardt-toettner) é, para Gonçalves Viana, palavra cafre.

ÓL — ver *olo*.

ÓLHO, A — do latim *uculu*, em que o primeiro *u* pertence ao radical, como em *genuculu* (*giolho*, *joelho*; o sufixo é apenas *culu*): *manuculu* (de *manus*, mão) de onde *manolho* (o sufixo propriamente é *lho* e o radical *mano*). Em português, porém, figura como sufixo em algumas palavras, naturalmente por analogia; ex.: *piolho*, *frangolho* (milho quebrado, de *frangere*). Em *ferrolho* (de *veruculu*, diminutivo de *veru*, espeto), houve confusão com *ferro*. Provável em *restolho* (admitindo * *restuculu*) e *trambolho*. Não existe em *pimpolho*. Não confundir com palavras como *antolho*, *escolho* (*scopulu*), *refolho*, onde *ô* é radical.

OLO, A — do latim *olu*, diminutivo; exs.: *nucéolo*, pequeno núcleo; *alvéolo*, leite, vaso pequeno; *peciolo* (por *petiolo*, *pediolo*), pézinho. Esse sufixo não é diminutivo nos adjetivos; ex.: *auréola*, de ouro, feita de ouro (coroa); *fri-vo-lo*, de pouco valor; dim. feminos: *arteríola*, *Luciola*. Não existe em *farândola*.

ÓLO, ÓLA — do mesmo *olu*, tornado em *olu*, *ola*, como em *bolinholo*, pequeno bolo; *cabriola* (*capreola*, cabra montês, cabrinha); ex.: *gaiola*, (*caveola*) viveiro pequeno; *rapazola*, rapaz ainda novo; *sacola*, saquinha. Em *carola* (de *corolla*, diminutivo de *corona*) o *o* é do radical. Outros: *bandola* (cinto) *caçarola*, *cartola* (e *quartola*), *guindola*, *padiola*; os *pejora-*

tivos, como: *farsola*, *graçola*, *patola*, *gabola* e *gabarola*, etc.; os diminutivos como *picola*, *sachola*, etc. É incerto em *bitola*, *cachola*, *charola*, *mariola*. Não existe em *argola*, *escola*, *esmola*, *estola*, *parola*, *pistola*, *carambola*. Provável em *pachola* e *santola* (espécie de caramujo). Esse sufixo toma as seguintes formas:

ol, *ola* — exs.: *lençol* (*linteolu*), *rouxinol* (*lusciniolu*), *aranhol* (*aranéolu*), *anzol* (*hamiciolu*), etc. É também o sufixo de certas palavras onde já não há idéia diminutiva, como: *urinol*, *terçol*, *espanhol* e nos nomes modernos, convencionais, de remédios: *formol*, *salol*, *naftol*, etc. Outros: *caracol*, *linhol*, *paiol*, *reinol*. Provável em *crisol*. Incerto em *penol*. Deverbal em *escol* (escolhe). Não existe em: *arrebol*, *bemol*, *briol*, *farol*, *serpol*. Em *cerol*, parece meramente analógico.

ô e *ó* — exs.: *avô* (de *aviolu*), *avó* (*aviola*), *enxó*, *filhó*, *belhó*, *filó*, *ilhó*, *pió*, *teiró*. Não existe em palavras vindas do francês: *chinó*, *dominó*, *merinó*, *paletó*, *ponçó*, *rondó*, *tremó*, *trenó*; nem nas de origem tupi: *cipó*, *mocó*, *timbó*; nem noutros populares: *bocó*, *cócó*, *gógó*, *liró*, *mocotó*. É incerto em *noitibó* e *portaló*. Também não existe em palavras não latinas como *faraó*.

ONO, *ONA* — do latim *onu*, sufixo primário em alguns nomes, com o sentido de profissão, posição social; exs.: *patrono*, que faz as vezes de pai; *matrona*, que exerce a função de mãe de família; *colono*, aquele que cultiva. Toma a forma *ão* em *patrão* (de *patronum*). As demais palavras em *ono*, *ona* ou são deverbais

ou nelas *ono*, *ona* é radical; não esquecendo os em *ona* femininos do aumentativo *ão*.

ONHO, A — talvez generalização do sufixo anterior, com sentido de propriedade, hábito constante; aparece no francês *ivrogne*, o que tem hábito de se embriagar), em italiano (*carogna*, carne, animal imprestável, impróprio para qualquer cousa, com sentido pejorativo; também no francês *charogne* e *carogne*); exs.: *risonho*, que tem hábito de rir; *enfadonho*, próprio para enfadar; *medonho*, que causa medo; *tristonho*, habitualmente triste. Forma substantivos: *visonhas*, *carantonhas*, *vidonho*, *guardonho*, que guarda, *sovina*; *pedigonho*. É, talvez, o sufixo de *medronho* (* *maturoneu*). É obscuro em *coronha*. Não existe em *incorinho*, nem *congonha* (palavra guarani). Em *cegonha* (*ciconia*) o sufixo é *ia*; *cicon* é o radical com redôbro.

OR — do latim *or*, formativo de substantivos: exs.: *alvor*, qualidade do que é *alvo*; *sabor*, propriedade do que sabe, tem gosto; *frágor*, efeito sonoro de cousa que se quebra. Esse sufixo entra em inúmeras palavras decorrentes do latim: *árvore*, *arbóreo* (e o analógico *herbóreo*), *corpóreo*, *litoral*, *temporal*, *decoração*, etc.; ampliando, nesses casos, o radical com perda da primitiva significação. A opinião de que *or* se liga a temas participiais para formar o sufixo *tor* latino (*dor* em português) é errônea; o sufixo característico do agente é *tor* (1).

(1) Compare-se com o feminino em *triz*, como: *ator*, *atriz*; *retor*, *retriz*, etc.

- ORIO, A — sufixo formado em português por falsa analogia, supondo o povo ser *orio* o sufixo de palavras como *oratório*, *auditório*, *vitória*, etc., onde existe *torio*. Aparece em poucas palavras relativamente ao número das em *torio*; exs.: *papelório*, amontoado de papéis; *casório*, casamento; *simplório*, sujeito simples; *finório*, sujeito fino, esperto; *palavrório*, palavreado inútil; *camelório* (1), *corrilório*, *escadório*. São, em geral, pejorativos. Não existe em *chicória*, *escória*, *memória*, *mistifório*, etc., onde o *or* pertence ao radical e o sufixo é só *ia*, *io*.
- ORRO, A — sufixo de origem basca, idêntico a *arro*, formador de graus; exs.: *cabeçorra*, cabeça grande; *machorra*, ovelha estéril; *cachorro*, pequeno cão; *ganchorra*, vara com um gancho para facilitar a atracação dos barcos (*crook*). Ainda em *gangorra*, *chinchorro*, *beatorra*, *patorra*. Provável em *mazorro*, *modorra*, *pachorra*, *piorra*, *pitorra*. Desconhecido em *chamorro*. Não existe em algumas palavras, como *masmorra*.
- OSO, A — do latim *osu*, idéia de abundância, plenitude; exs.: *famoso*, que tem muita fama; *animoso*, cheio de ânimo, coragem; *blandicioso*, cheio de blandícias, carinhos. Compõe-se com vários outros sufixos e morfemas; exs.: *coso*, *belicoso*; *loso*, *formidoloso*; *iculoso*, *febriculoso*, *meticuloso*; *uoso*, *monstruoso*, *voluptuoso*; *ioso*, *curioso*. Em *odioso*, o sufixo é *oso*.
- OTA — formação desconhecida, sentidos diversos, em geral diminutivo, correspondente a *ote*; exs.: *agiota*, aquele que vive de ágio; *patriota*, o

(1) Machado de Assis, *A semana*, pag. 341.

que ama sua pátria; *italiota*, o natural da Itália; *risota*, risada escarninha; *velhota*, velhita, velhazinha; *janota*, *lorota*, *picota*, etc. Entra em nomes próprios: *Carlota*, *Maricota*, *Quinota*, etc. Não confundir com deverbais: *anota*, *remota*, etc. Não existe em: *anedota*, *bergamota*, *compota*, *idiota*, *marlota*. E' incerto em *batota*, *canhota*, *marmota*.

OTE — formação desconhecida; serve de diminutivo; exs.: *velhote*, já um tanto velho, pobre velho; *serrote*, serra pequena; *meninote*, rapazelho, menino taludo (com idéia de refôrço).

ÔTO, A — formação desconhecida, sentidos vários, diminutivo, patronímico ou de simples referência; exs.: *perdigôto*, filhote de perdiz; *minhôto*, natural da região do Minho, e *mioto* (milhano); *ceroto* da natureza da cera (1). Esse sufixo entra em *gafanhôto* (2), *Peixôto*. Provável em *garoto*, *maroto*. Não confundir com deverbais: *arrôto*, *alvorôto*.

OURO, A — (*oiro*, *a*) ver *douro* e *torio*.

OZ — do latim *oc* formador de adjetivos; exs.: *feroz*, próprio de fera, cruel; *atroz*, que apavora (etim. incerta, *ater* ou *ἄτρος* crú?); *veloz*, que se transporta facilmente. Com a forma *oc* entra no composto *ocia*, *ferócia* e nos derivados dêsses três nomes: *velocidade*, *atrocidade*, *ferocíssimo*, *velocípede* etc.

SÃO — ver *cão*.

SOR — ver *dor*.

(1) *Ceroto* (em latim *ceratum*) vem, como vários termos de medicina e farmácia, do grego; assim, *κηρωτόν kerotón*, de *κηρός*, cera, passou para o latim medieval *cerotum* (ver Ducange) usadíssimo. A idéa de semelhança daria facilmente a de diminutivo, generalizando-se. Teríamos em *otov* a origem de *ôto*.

(2) Compare com *gafanhão*. E' possível *gafanhas*, gafas grandes: como *gadanhas*. Lembro a localidade *Gafanha*.

TÉRIO — sufixo grego *térion*, de *ter*, mais *ion*; designa instrumento e lugar onde se faz alguma coisa: *batistério*, lugar onde se mergulha (*baptizo*, eu mergulho; o batismo primitivo e ainda hoje o dos batistas se faz por mergulho); *cemitério*, lugar de dormir (*koimô*, faço dormir); *saltério* (de *psállo*, toco, tanjo cordas), instrumento de cordas. Outros: *acrotério*, *ascetério*, *eremitério* e nas palavras modernamente criadas: *falanstério*, *necrotério*. Em última análise é o sufixo de *cautério* (que serve para queimar); *critério*, meio de julgar; *di-tério*, meio de mostrar, palavra vivaz; *mistério*, cerimônia de iniciação. Em *presbitério*, formado sobre *presbítero* (com penúltimo *e* breve; comparativo de *presbys*), há apenas sinonímia no sufixo por homofonia. Esse sufixo tem a forma *teiro* em *mosteiro* (*monasterium*) e *ter* no nome próprio *Almoster*. Não existe em *despautério* e *mesentério*.

TICO, A — do latim *ticu*, formador de adjetivos e substantivos de relação; exs.: *rústico*, próprio de campo; *cântico*, que se canta, feito para cantar (*canere*). É o sufixo de *aquático*, *errático*, *fanático*, *lunático*, *viático*. Reduz-se a *go* em *trigo* (*triticu*). Não confundir com o sufixo *ico* aplicado a radicais, geralmente gregos, terminados em *t*, como: *sistemático*, *socrático*, etc. Penso que certos analógicos vernáculos, como *asnático*, *esquipático*, *freirático*, são feitos sobre estes últimos, gregos, e neles o sufixo é somente *ico*.

TIMO — do latim *timo*, talvez o mesmo *timo* formador de superlativo, de que tratamos nas desinências; entra nas palavras: *legítimo*, o que está

conforme à lei e *marítimo*, que se refere ao mar. Com a forma *dimo*, aparece em *lídimo* (legítimo).

TINO — do latim *tino*, referência quanto ao tempo; nas palavras: *crástino*, do dia seguinte, e *pristino*, do tempo antigo, primitivo.

TINO — do latim *tino*, formador de adjetivos de relação; em *libertino*, que tem vida e costumes livres. Em *matutino* o sufixo é *ino* (e em *vespertino* feito por analogia).

TIVO, A — do latim *tivu*, antigo sufixo do particípio do futuro passivo; exs.: *cativo*, que há de ser preso, que está preso; *nativo*, que deve nascer ou nasceu; *plumitivo*, que vive da pena; *primitivo*, que vem dos primeiros tempos. O sentido de futuro passivo desapareceu tornando-se mero sufixo de relação ou capacidade.

TOR — veja *dor*.

TORIO, A — do latim *torio*, composto de *tor*, sufixo de agente e *io*; forma sufixos de lugar, resultado de ação e instrumento, correspondente ao vernáculo *douro* que dele se deriva. Em adjetivos, mantém a idéia de agente. Entra em nomes herdados diretamente do latim; exs.: *laboratório*, lugar onde se trabalha; *refeitório*, lugar onde se tomam refeições; *vitória*, resultado do vencimento; *proibitório*, capaz de proibir, proibitivo; *notório*, que se conhece (formado sobre *noscere* e não sobre *nota*). Ver *douro*. Com a forma *sorio*, em algumas, palavras, como: *compulsória*, *persuasória*, *promissória*, *accessória*, etc. (correspondentes a *supinos* em *sum*).

TRINA — do latim *trina*, idéia do lugar ou resultado de ação; exs.: *latrina* (por *lavalrina*), lugar

onde se lava, esgôto; *doutrina*, o que ensinam os doutos.

TRIZ — do latim *trici*; forma femininos correspondentes a *tor*; exs.: *ultriz*, que vinga; *atriz*, a que age, representa; *embaixatriz*, mulher do embaixador. É o sufixo de *genetriz*, *matriz*, *nutriz* (raiz **sneu*).

TRO (1) — do latim *tro*, sufixo formador de comparativos; perdeu inteiramente êsse sentido e permanece como vestígio em prefixos; *ultra*, *intra*; em palavras derivadas como *interior*; *ulterior*, *inferno*, *externo*; em adjetivos como: *destro*, *sinistro*, *iterativo*, (de *iterum*); em *ministro*, *magistério* e cognatos; em *outro*, *neutro*, *nosso* e *vosso* (*nostro*, *vestro*), etc.

TRO (2) — do latim *tro*, formador de nomes de instrumento ou agente; exs.: *monstro*, aquilo que se mostra, aparece, prodígio; *clauastro*, que fecha, lugar onde se vive fechado; *féretro*, caixa onde se levam os despojos; *espetro* (*spectrum*), que se vê, visagem. Abrandado em *dro*: *vidro* (por onde se vê); com a forma *do* em *arado* (*aratru*).

TUDE — do latim *tudine*, formador de nomes abstratos; exs.: *altitude*, correspondência entre alturas; *magnitude*, aspecto do que é magno, da grandeza; *juventude*, aspecto da idade joven; *similitude*, correspondência entre cousas semelhantes. Dele se deriva o sufixo vernáculo *dão*: *multidão* (*multitudine*), *gratidão*, *retidão*, *solidão*, etc. Com a forma primitiva, *tudin*, figura em palavras tomadas diretamente ao latim, como: *valetudinário*, *consuetudinário*. Em *saúde*, o sufixo é primitivamente *ute*;

em *palude*, é *ude*, diferente de *tude*. Outros: *atitude* (*aptitudine*, pelo francês), *latitude*, *longitude*, *amplidão*, *certidão*, *escuridão*, *fortidão*, *frouxidão*, *lassidão*, *mansidão*, *negridão*, *podridão*, *rouquidão*, *vastidão*, *vermelhidão*.

TURA — do latim *tura*, composto de *tor*, designa resultado da ação; exs.: *abertura*, resultado da ação de abrir; *cobertura*, resultado da ação de cobrir, e, depois, instrumento com que se cobre. Abrandado em *dura*: *armadura*, de armar; *moldura*, de *moldar*; reduzido a *ura*: *censura*, de censo. Com a forma *sura*, em *mensura* (*mensura*). Ver *uro*. Assume o sentido coletivo em nomes como: *magistratura*, corpo de magistrados; *escravatura*, corpo de escravos. É o mesmo sufixo dos participios do futuro: *futuro*, *nascituro*, e, assim, em *ventura*, *venturoso*, etc.

UCHO, A — do latim *usc* (*u*) *lu*, segundo L. de Vasconcelos, provavelmente através do italiano *uccio* (*ucho* em espanhol); forma diminutivos: exs.: *gorducho*, um tanto gordo; *papelucho*, papel sem importância, retalho de papel; *capucho*, (italiano *capuccio*), pequena capa, envoltório; *pequerrucho*.

UCO, A — do latim *uco*, sufixo de relação; exs.: *caduco*, que cai, que decai, decrépito. É talvez o sufixo de *maluco*. Com a forma *ugo*, *a*, existe em *leituga* (alface); em *verdugo* (**veriducu*, vara verde). Não existe em *verruqa*, nem *charrua*, onde *u* é temático. Outros: *melharuco*, *abelharuco*, provavelmente em *tartaruga*; *men-drugo*, *teixugo*, etc. É diminutivo em *Manduca*, em *Duduca*, etc. Entra em *manducar* (de *manducus*, comedor).

UÇA — vernáculo, por analogia com *aço*; aumentativo em *dentuça* e *carduça*, carda grosseira. Não existe em *miuça* (*minutia*).

UDO, A — do latim *utu* (ver *uto*), indica plenitude; exs.: *agudo*, que espeta; *pontudo*, que tem ponta fina; *narigudo*, que tem nariz grande; *casculo*, cheio de casca. Outros: *barbudo*, *beicudo*, *bicudo*, *bojudo*, *carnudo*, *grãudo* (de *grão*), *orelhudo*, etc.

UGEM — do latim *ugine*, parece indicar semelhança, com idéia depreciativa; exs.: *ferrugem*, ferro gasto, decomposto; *albugem*, tirante a branco, substância esbranquiçada, belida; *salsugem*, água um tanto salgada, salobra, do mar; e assim: *lambugem*, *penugem*, *lanugem*, *rabugem*, *amarugem*.

ULHO — origem incerta, de *uliu* ou *uculu*, idéia de coleção: em *pedregulho*, muitas pedras; *marulho*, muito mar, voz do mar; *casculho*, *bagulho*, *barulho*, *bandulho*, etc., onde os sentidos variam. Note-se que em *agulha*, o sufixo é apenas *lha*, sendo o *u* temático. Parece haver dois sufixos diferentes confundidos na mesma forma. O sufixo *ucula*, diminutivo, parece real em *faúlha*, *fagulha* (de *facucula*, rad. *fac*), e *ulio* é certo em *gorgulho* de *curculiu*. Outros: *capulho*, *graulho*, *pandulho*, *tapulho*. É incerto em *cascabulho*, *estadulho*, *sarrabulho*, *tortulho*, *verdegulho*. Não confundir com deverbais: *debulho*, *embrulho*, *engulho*, etc.

ULO, A — do latim *ullo*, diminutivo: *cogulo*, o que excede à medida formando um cone; *cogula*, túnica de certos monges (*cuculla*, capa); *medula* (de *medulla*), tutano de osso. Tem a for-

ma *ôla* em *cebola* (*caepulla*, dim. de *caepa*) e *ôlo* em *miolo* (de *medullu*, por *medulla*). É o sufixo de *casulo* (*casa+ulo*), de *miulo* e *meul* (o meão de uma roda no carro de bois). Em *casula* (de *casubla*) houve apenas influência do sufixo *ula*. É bom observar que o sufixo, em latim, só é certo em *caepulla*, de *caepa*; em *cuculla* e *medulla* é apenas muito provável, pois a etimologia é desconhecida. Todavia, em português tem valor real de sufixo, como se vê no vernáculo *casulo*.

ULO, A — do latim *ũlo*; forma diminutivos; exs.: *cápsula*, *caixinha*; *escrúpulo*, *pedrinha* (comparação com a *pedrinha* que dentro do sapato incomoda e magoa); freqüentativos, exs.: *crédulo*, que acredita facilmente em tudo; *gárrulo*, que vive a rir, *trêmulo*, que está a tremer; nomes de instrumentos; exs.: *telha* (*tegula*); *régua* (*regula*); *espelho* (*speculu*); *cíngulo*, etc. Forma ainda substantivos com outros sentidos: *cúmulo*, *ângulo*, *férula*, *fístula*, etc. Entra em numerosos derivados; *ungulado*, *insular*, *regulamento*, *unilocular*, etc. Entra em *mesclar*, de *misculare*. Aparece, em muitas palavras portuguesas, já reduzido e irreconhecível; *orelha* (*auricula*), *véu* (*velum*, de *vex+lum*), *incrêu* (*incredulu*), *falar* (*fabulare*, de *fabula*), etc. Pode ser pejorativo como em *fábula*, *rábula*, *cábula*, etc.

UM — ver *uno*.

UNA — ver *uno*.

UME — do latim *umen* (suf. *me* aplicado a tema em *o*, *u*), designa o resultado da ação, seu objeto, o lugar onde se exerce; exs.: *azedume*, *resul-*

tado do azedamento; *legume*, o que se colhe; *queixume*, queixa repetida; *cortume*, lugar onde se curte o couro. Outros: *betume*, *cardume* (conjunto de dentes da *carda*), *chorume*, *ciume*, *tapume*, *volume*. Em *costume* (de *consuetudine*) houve mudança de sufixo (*consuetumine*). Em *estrume* (de *stramen*) houve influência de *struere*, com alterações do sufixo. Em *perfume* não há sufixo; o radical é o verbo *fumar*.

ÚNCULO — do latim *unculu*, sufixo diminutivo preso a palavras sufixadas em *on*, como *carbo*, *onis*; exs.: *carbúnculo*, *carvãozinho*, *brasinha*, *pedra preciosa*, *vermelha como brasa*; *homúnculo*, *homenzinho*; *questiúncula*, *questão de nada*, *rusga*; *furúnculo*, significa *ladrãozinho*, não se atinando, ao certo, com a comparação popular que aplicou tal nome ao leicengo, *antraz*; *ranunculo* (de *rana*, *rã*) e *ranunculáceas*; *Porciúncula*, nome próprio e comum; *porçãozinha*; *carúncula*. Forma popular *uncho* em *caruncho* (*caruncula*); *fruncho* (de *furúnculo*). Com esta forma, entra no verbo *escarafunchar* (* *scariphunculare*).

UNDO, A — do latim *undo*, característico dos participios de necessidade e de adjetivos verbais; exs.: *oriundo*, que nasce, que provém de; *segundo*, que segue, que vem depois do primeiro; *rotundo*, que roda, que pode rodar. Com a forma *ondo* em *redondo*. Não confundir com os nomes de sufixo *bundo* e *cundo*.

UNO, A — do latim *uno*, forma substantivos e adjetivos com idéia causativa; exs.: *oportuno*, que leva ao pôrto; *importuno*, que impede de ir ao pôrto (referido-se aos ventos); *fortuna*,

que dirige os fados, a sorte. Entra em *lacuna*, *laguna*, *Netuno*, etc. Aparece com a forma *um*, em *jejum*, *vacum*, *ovelhum*, *fortunum*. Outros: *gatuño*, *tribuno*, *bodum*, *caprum*. Não confundir com deverbais, nem palavras guaranis em *una*, como *graúna*, etc.

UO, UA — do latim, *ũo*, *ũa*, formador de adjetivos; exs.: *ambíguo*, que vai para os dois lados, equívoco; *promíscuo*, que está misturado; *inócuo*, que não prejudica; *estátua*, que está firme, imóvel. Outros: *precípua*, *conspícua*, *árdua*, *assídua*, *vácuo*, etc. Entra na formação do sufixo *ivo* (*iuu*, em latim).

UR — do latim *ur*; não existe em português senão combinado com outros; exs.: *fulgurar*, *gutural*, *sufúrico*, *vulturino*. Há vestígio em *abutre* (*vulture*).

URNO, A — do latim *urnu* (do suf. *ur* + suf. *no*), idéia de duração; exs.: *diurno*, que se faz durante o dia; *noturno*, durante a noite; *diuturno*, que se repete diariamente; *taciturno*, que se conserva sempre calado. Entra em *Saturno*, que semeia sempre e, portanto, em *soturno*, variante de *Saturno*.

URO, A — do latim *uru*; indica resultado; exs.: *maduro*, que chegou à maturação; *figura*, resultado daquilo que se fixou, tomou forma. Generalizou-se em português, formando nomes abstratos: *alvura*, *candura*, *formosura*, *ternura*, etc. Para essa generalização deve ter concorrido o sufixo *tura*, por falsa identificação. Não confundir com deverbais: *perjuro*, *apuro*, *procura*, etc.

USCO — formação vernácula, talvez analogia com *asco*, *esco*, *isco*; todavia, o latim tem *labrusca*, de

labrum, e *etruscus*. Sentido pejorativo em *velhusco*, velhote; *farrusco*, um tanto sujo, e *farrusca*, espada suja, enferrujada; *chamusco*, toque de chama, queima leve. Deve ser o sufixo de *patusco*.

UTO, A — do latim *utu* (desinência *tu* de participio passado, sobre temas em *u*, como vimos em *udo*); exs.: *astuto*, cheio de manha (*astus*, velhaco); *matuto*, próprio do mato, rústico.

UZ — origem incerta, talvez *uce*, analógico de *ace*, *ice*, *oce*, que deram *az*, *iz*, *oz*: aparece em *capuz*, pequena capa; talvez em *lapuz*. Não confundir com outras palavras terminadas em *uz*: *avestruz*, *alcaçuz*, *alcatruz*, *andaluz*, etc.

VEL — do latim *bili*, idéia de possibilidade ou posse; exs.: *indelével*, que se não pode destruir; *risível*, que merece riso; *impagável*, que não pode ser pago; *inestimável*, sem preço; *volúvel*, que varia facilmente. A forma latina *bili* permanece nos derivados, como: *volubilidade*, *amabilidade*, *estabelecer*, *admirabilíssimo*, etc., e nos adjetivos *flébil*, que chora facilmente, fraco, e *ignóbil*. Tem a forma *bre* em *nobre* (*nobili*), e *vilh* em *maravilha*, de *mirabilia*.

Nota — Os chamados sufixos verbais são geralmente sufixos nominais a que se ajuntam desinências verbais. Só há propriamente dois sufixos verbais: *sc* (*crescer*, reduzido a *c*, *florecer*), incoativo, e *iz* (*batizar*, *realizar*, etc.). (1)

(1) A parte mais difícil da morfologia portuguesa é a dos sufixos, onde há tanto que fazer. Dou apenas um rascunho elementar para corrigir erros comuns e orientar o ensino em seu rumo verdadeiro.

68 — Ha em português um prefixo de origem arabe: AL. Não é mais que o artigo, correspondente ao nosso *o*, *a*. Eis alguns exemplos: *alcova* (de *al qobbah*, a tenda, o quarto abobadado); *alazão* (de *al hazan*, o cavalo forte, belo); *almadraque* (de *al masha*, o coxim, o enxergão). E' o *al* de *alcohol*, *almanjarra*, *algebra*, *almanaque*, *alqueire*, etc. Pode ter: a forma *ar*, como em *armazem* (de *al machsan*, o paiól); a forma *a* como em *azar* (de *al zahr*, o dado); *azimute* (de *al semt*, a conta, o cômputo); a forma *el* em *elixir* (de *al iksirum*, a essência, a pedra filosofal).

69 — Temos igualmente dois sufixos de origem tupi: *assú* ou *guassú* e *mirim* ou *im*, o primeiro aumentativo, o segundo diminutivo; exs.: *tejuassú*, o tejú grande; *Paraguassú*, o rio grande; *cangussú* (de *ca*, cabeça grande); *taquarussú*, taquara grande; *jara-racussú*; *Itapemirim* (a pequena pedra no caminho, segundo Martius; *maruim* (por *mberú*, mosca + *im*, mosca pequena); *mucuim*, etc.

Esses sufixos generalizaram-se e usam-se como depreciativos: *Dante-mirim*, um poetastro; *chefe-mirim*, um chefe, etc.

Modelos de análise morfológica

I *des con tin u a d a mente*.

Palavra formada de 8 morfoses.

des, prefixo negativo.

con, prefixo com sentido de persistência de uma ação conjunta.

tin, radical, de *tenere*, segurar, sustentar.

u, morfema, formador de adjetivos, como em *perpétuo*, *mútuo*, etc.

a, vogal de ligação da primeira conjugação (*continuar.*).

d, desinência do particípio passado regular.

a, desinência do feminino.

mente, sufixo adverbial.

II *Pre cipit á va mos.*

Palavra formada de 6 morfoses.

pre, prefixo, com sentido de movimento para a frente.

cipit, radical, de *caput capitis*, cabeça.

a, vogal de ligação.

va, desinência de imperfeito do indicativo.

mos, desinência da primeira pessoa do plural.

III *Sub sta nt iv o s*

Palavra formada de 6 morfoses.

sub, prefixo, sentido de posição inferior.

sta, radical-raiz; sentido primitivo de colocar.

iv, sufixo adjetival, indicador do agente ou de referência.

o, desinência do masculino.

s, desinência do plural.

IV. *Sim pat iz a r*

Palavra formada de 5 morfosses.

sim, prefixo grego, sentido de união.

pat, radical; significativo do modo de sentir, afeção.

iz, sufixo grego, frequentativo.

a, vogal de ligação da primeira conjugação.

r, desinência de infinitivo

Nota — Ao dar palavras para exercício morfológico o professor deve explicar previamente o radical e as dificuldades que possam ocorrer, conforme o adiantamento dos alunos.

É inútil insistir no grande valor dessas análises e na necessidade de se estudarem bem os prefixos e radicais gregos; os latinos se adquirirão no estudo razoável do latim.

SINTAXE

Das funções

Vimos que *frase* é a expressão verbal de um pensamento.

Uma frase ou a sucessão de frases logicamente concatenadas diz-se *período*.

O período de uma frase é *simples*; o de duas ou mais frases é *composto*.

1 — EXEMPLO: *Pedro morreu*.

Nessa frase, há uma *declaração* contida na palavra *morreu* e um *nome* a respeito do qual se faz a declaração.

Há, portanto, dois termos *lógicos*: SUJEITO (Pedro) e PREDICADO (morreu), e duas FUNÇÕES GERAIS: *subjativa* e *predicativa*.

Da função subjativa

2 — EXEMPLO: *Viveremos*.

Nessa frase, o sujeito da declaração está oculto e indicado pela desinência *mos* de primeira pessoa do plural. O sujeito real é *nós*, PRONOME PESSOAL, que

poderia vir claro. Quando o sujeito não vem claro no período, diz-se *elíptico*.

3 — EXEMPLO: *Troveja*.

Nessa frase, o sujeito não está oculto; é *descoberto*, pois o verbo *troveja* designa um fenômeno natural sem causa imediata. Diz-se, nesse caso, que o sujeito é INDEFINIDO. Nas seguintes frases, também o sujeito é indefinido. *Há homens na casa; havia gente no jardim; batem à porta; come-se bem aqui; faz hoje sete anos que...* etc.

4 — EXEMPLO: O rio corre.

Nessa frase, o sujeito é expresso pelo SUBSTANTIVO COMUM *rio*.

5 — EXEMPLO: *Pedro e João* morreram.

Nessa frase, a declaração contida em *morreram* se refere a dois nomes; diz-se que o sujeito é *composto*.

6 — EXEMPLO: O *ferro-de-engomar* caiu da mesa.

Nessa frase, a declaração não se refere somente ao substantivo *ferro*, mas ao objeto designado pela EXPRESSÃO SUBSTANTIVA: *ferro-de-engomar*.

7 — EXEMPLO: O *padre* Bartolomeu de Gusmão inventou o aerostato.

Nessa frase o sujeito é *padre*, mas esse nome vem acompanhado de uma expressão denominativa *Bartolomeu de Gusmão*, que nenhuma qualidade indica neste caso. Tal expressão substantiva, explicativa de outro substantivo, chama-se: *aposto* (1).

(1) Adiante estudaremos todos os *apostos*.

8 — EXEMPLO: *Importa que todos vejam isto.*

Nesse exemplo, a declaração expressa pelo verbo *importa* se refere ao fato expresso pela frase *que todos vejam isto*. Esta frase-sujeito equivale assim a um nome e se diz: ORAÇÃO SUBSTANTIVA SUBJETIVA.

Tais orações podem ter o verbo no infinito pessoal ou impessoal; ex.: convém *sairmos logo*; é bom *aguar as plantas*. Neste caso, a oração substantiva se diz: *reduzida de infinito*. Essas orações se podem desenvolver em orações de modo finito: convém *que saíamos logo*; é bom *que acoem as plantas*. É útilíssimo para a análise, conhecer quais os verbos que tem por sujeito uma oração subordinada substantiva. São, principalmente, os seguintes quando em 3.ª pessoa e seguidos de *que* ou *se*:

- a) de conveniência: *convém, cumpre, importa, releva, urge*, etc.
- b) de ocorrência: *ocorre, acontece, sucede*, etc.
- c) de dúvida: *parece, consta, corre*, etc.
- d) de efeito moral: *apraz, agrada, satisfaz, admira, espanta, doe, punge*, etc.
- f) na passiva: *sabe-se, conta-se, dir-se-ia, é sabido, foi anunciado, ficou provado*, etc.
- g) expressões dos verbos *ser, estar, ficar*, com substantivo ou adjetivo: *é bom, é fato, é verdade, está patente, ficou claro*, etc.

Exs.: *cumprê que ninguém saia; sucedeu que todos ficaram lá; é bom que cada qual se previna; não se sabe se ele virá*, etc.

CONCLUSÃO: verifica-se do exposto que a *função subjetiva* pode ser exercida por: *substantivo* ou *palavra substantivada, expressão substantiva, oração*

substantiva (desenvolvida ou reduzida) e *pronome* ou *expressão pronominal*.

Da função predicativa

1 — EXEMPLO: A *chuva* *cai*.

Nesse exemplo, a declaração feita vem expressa pelo verbo *cai*. Assim, *cai* é o predicado do sujeito *chuva*. A declaração, além disso, está contida *integralmente* nesse verbo e, por isso, se diz que ele é de *predicação completa*.

2 — EXEMPLO: A *Terra* *produz plantas*.

Nesse exemplo, a declaração feita relativamente ao sujeito é expressa pelo verbo *produz*, mas não está *integralmente* nêle, porque se menciona a espécie de cousas que a Terra produz. Por isso, neste caso, o verbo *produz* se diz de *predicação incompleta*. A palavra *plantas*, que designa a coisa produzida, constitui o *objeto da declaração*. Esse objeto representa outra *função lógica* incluída na função geral do predicado: é a *função objetiva*.

3 — EXEMPLO: *VAMOS CAÇAR amanhã*.

Nesse exemplo a declaração é expressa nos dois verbos *vamos* e *caçar* indicativos de uma só ação com sua finalidade. Temos, neste caso, uma *expressão verbal*, indecomponível, que é o predicado do sujeito *nós*, oculto.

Tais expressões podem constar de muitos verbos; ex.: *quereríamos poder ter evitado* o crime.

Observações — a) Só o sentido pode indicar se se trata realmente de expressão verbal. Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queria-*

mos colher constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *flôres* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*.

b) A expressão verbal pode ser formada de *verbo e adjetivo* ou de *verbo e substantivo*; ex.: *êle está confiante na justiça*, isto é, *confia* na justiça; *tinhamos desejo de ir com êle*, isto é, *desejávamos ir*.

Devem ainda ser consideradas expressões verbais certas frases fixas como: *foi-se embora*, em que alguns elementos perderam de todo a primitiva função adverbial.

c) Para que haja *expressão verbal* é indispensável que os verbos tenham o *mesmo sujeito*. Só assim podem êles representar *uma só* declaração. Assim, na frase: *O inspetor nos mandou chamar*, a declaração expressa pelo verbo *mandou* refere-se ao sujeito *inspetor*, mas a declaração expressa pelo verbo *chamar* refere-se à pessoa a quem o inspetor deu ordem de chamar, pessoa não mencionada e que se pode representar pelo pronome indefinito *alguém*.

O inspetor mandou alguém nos chamar.

É de todo rigor separar êsses verbos na análise.

4 — EXEMPLO: *O sol é um ASTRO.*

Nesse exemplo, a declaração principal se contém no SUBSTANTIVO *astro* e não no verbo *é* que apenas enuncia o *estado normal* do sujeito, relativamente ao tempo. Sendo assim, a função predicativa é exercida verdadeiramente pelo substantivo, e diremos que

astro é o *predicado* ligado ao sujeito pelo verbo de estado *é*. Em geral, analisa-se *é* como predicado e *astro* como *adjunto predicativo*, deturpando-se evidentemente a noção de predicado.

5 — EXEMPLO: *O sol é BRILHANTE*.

Nesse exemplo, a declaração feita relativamente ao sujeito contém-se no ADJETIVO *brilhante*, ligado ao sujeito pelo verbo *é* que indica o *estado normal*. Para indicar o *estado passageiro* empregam-se verbos especiais, como *estar*, *achar-se*, *apresentar-se*, etc.; ex.: o sol *está* vermelho. Muitas vezes indica-se a *mudança de estado* com verbos dessa natureza, como *ficar*, *cair*, *tornar-se*, etc.; ex.: o menino *caiu* doente.

Outro exemplo: *a crisálida virou borboleta* (*tornou-se*, *converteu-se em*, *transformou-se em*, etc.). Seria absurdo, em tal frase, dar *borboleta* como *objeto direto* de *virou*, verbo neutro, ou como *adjunto predicativo* quando é o verdadeiro predicado, melhor, um dos predicados (1).

Há verbos que indicam a continuidade do estado: *continua*, *permanece*; ex.: o menino *continua* doente. Há verbos *incoativos*, que indicam o começo de estado e outros que indicam a cessação do estado; ex.: ele *começou* pobre e *acabou* rico. Ainda nesses casos, o predicado é o substantivo ou adjetivo ligados ao sujeito pelo verbo de estado.

6 — EXEMPLO: *Aquele velho parece TRISTE*.

Nesse exemplo, o predicado é *triste*, pois nele se acha a declaração relativa ao sujeito: O verbo *parece*

(1) Rigorosamente há, nesses casos, *dois predicados*, pois afirmo duas coisas: 1.^a que a crisálida atualmente é borboleta; 2.^a que, para isso, houve transformação, mudança de caracteres essenciais. Em *o sol está vermelho* afirmo também: 1.^o a cor atual do sol; 2.^o a transitoriedade dessa cor, o fato anormal que ela representa, o *estado passageiro*.

não se refere propriamente a *velho*, pois o que declara dele é que está triste. Apenas minha declaração não é afirmativa, pois o velho pode estar alegre e haver erro na minha observação. Demais, vê-se claramente estar aí subentendido o verbo *ser* ou *estar*: aquele velho parece *estar* triste.

Diremos então que o predicado é exercido por um *adjetivo* ligado ao sujeito por um verbo de *dúvida*. Muitas vezes essa dúvida vem atribuída ao sujeito que fala ou a outro; ex.: João parece-ME doente, igual a: *suponho* que João *está* doente; de onde se vê bem que *doente* é o predicado real de João e *parece* o predicado da pessoa que fala (*eu, me*) (2).

7 — EXEMPLO: *Meu tio parece* UMA CRIANÇA.

Nesse exemplo, declaro que, em meu tio, concorrem característicos essenciais de uma *criança*, sendo portanto este substantivo o nome que encerra os predicados atribuídos a meu tio, o verdadeiro *predicado* portanto. O verbo *parece* indica tão somente que esse predicado é aparente, que meu tio, realmente, *não é* criança; vale, pois, na frase, como *negação implícita*.

8 — EXEMPLO: *João se PARECE com Pedro*.

Nesse exemplo, se declara que em João concorrem os mesmos característicos que em Pedro. O predicado é, nesse caso, *parece*, indicativo da *semelhança*. A expressão *com Pedro* deve ser chamada *complemento de similitude* ou, melhor, um dos *sujeitos reciprocos*, o que se evidencia na frase *João e Pedro se parecem*.

Seria absurdo analisar *se*, nesses exemplos, como *objeto direto reflexivo*, ou *partícula apassivadora*. É mera *partícula de reciprocidade*.

(2) E' disparate supôr—*me*—objeto indireto, como em geral se faz.

9 — EXEMPLO: *Esse espelho é* MEU.

Nesse exemplo, o predicado de *espelho* é o PRONOME *meu* ligado ao sujeito pelo verbo de afirmação *é*. Qualquer outro pronome pode exercer essa função predicativa.

10 — EXEMPLO: Eu *sou* O JARDINEIRO.

Nesse exemplo, os nomes *eu* e *jardineiro* têm a mesma extensão e se referem ambos à mesma entidade. Nesse caso, ambos os termos são predicados um do outro e a frase pode ser invertida: *o jardineiro sou eu*. Essa frase é assim reversível e reversíveis são o sujeito e o predicado.

11 — EXEMPLO: A verdade é *que ninguém o tolera*.

Nesse exemplo, o predicado de *verdade* é: *que ninguém o tolera*, ligado ao substantivo *verdade* por *é*, verbo de afirmação. A oração: *que ninguém o tolera* é substantiva predicativa, e o *que* é conjunção integrante.

12 — EXEMPLO: O mais certo é *tentarmos a fuga*.

Nesse exemplo, o predicado é *tentarmos a fuga*, exercido por uma oração substantiva reduzida de infinito.

RESUMO — A função predicativa pode ser exercida: por *verbo ou expressão verbal* de predicação completa ou incompleta; por *substantivo ou palavra substantivada, expressão substantivada, adjetivo, expressão adjetiva* ou *pronome, oração substantiva desenvolvida ou reduzida de infinito*, ligados ao sujeito por verbo de afirmação, estado, mudança de estado ou dúvida.

Da função objetiva direta

1 — EXEMPLO: *Tenho uma ROSA.*

Nesse exemplo, a declaração se contém incompletamente no verbo *ter* e, para completar-se, requer um *objeto*. Esse objeto vem expresso pelo SUBSTANTIVO *rosa*.

2 — EXEMPLO: *Comprei um FERRO-DE-ABRIR-LATAS.*

Nesse exemplo, o objeto da declaração não possui um nome especial e somos forçados a usar de uma perífrase, isto é, de uma EXPRESSÃO SUBSTANTIVA.

3 — EXEMPLO: *João pediu QUE VIÉSSEMOS CEDO.*

Nesse exemplo, a declaração relativa a João tem por objeto a ORAÇÃO: *que viéssemos cedo*. Chama-se tal oração SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA. Essas orações são introduzidas pelas *conjunções integrantes*: QUE ou SE.

Como vimos, tratando da função subjetiva, as orações substantivas podem ter o verbo no modo infinitivo; ex.: *proponho SAIRMOS TODOS AMANHÃ; aconselho-os a PASSAREM PELA PONTE*.

Essas orações também se dizem *reduzidas de infinitivo* e se podem igualmente desenvolver.

Observações — É muito importante atender ao seguinte: a oração objetiva direta reduzida de infinitivo pode ter o verbo oculto quando esse verbo é *ser* ou *estar*; ex.: *acho Judite graciosa*.

Note-se que o objeto da declaração não é *Judite* nem *graciosa*, mas o fato de *Judite ser graciosa*. Do mesmo modo, no exemplo: *acho Judite doente*, é como se estivesse: *acho estar Judite doente*, correspondente a: *acho que Judite está doente*.

Note-se ainda: Vi *um gato comendo um rato*. O que eu vi foi o ato praticado pelo gato. A oração de gerúndio é como se estivesse: Vi um gato *estar comendo* um rato. Esta frase é substantiva, de *infinito progressivo*, mas está *reduzida a gerúndio*. Não confundir com as adjetivas reduzidas de gerúndio (ver adiante).

4 — EXEMPLO: *Pedro feriu-se com uma faca*.

Nesse exemplo, o sujeito da declaração é Pedro e também Pedro o objeto. A ação de *ferir* se diz, nesse caso, *reflexiva* e o objeto é expresso pelo *pronome reflexivo* SE. Podem ser reflexivos os pronomes objetos: *me, te, se, nos, vos*.

5 — EXEMPLO: *Eles se esbofetearam* (um ao outro).

Nesse exemplo, o pronome *se* não é reflexivo porque a ação de *esbofetear* exercida por um dos indivíduos recai sobre outro; mas este outro executa ato idêntico, que recai sobre o primeiro. Diz-se então que o objeto é RECÍPROCO.

6 — EXEMPLO: *Não conheço isto*.

Nesse exemplo, o objeto da declaração é indicado pelo pronome *isto*. Pode ser expresso por outros pronomes: *este, aquilo, tudo, nada, alguém*, etc.; ou por uma expressão pronominal como: *vossa mercê, o Senhor, V. Ex., o degas*, etc.

7 — EXEMPLOS: *João matou a Pedro*.

Não provei da comida.

Os adversários puxam da espada.

Nesses exemplos, *a Pedro, da comida, da espada*, são os objetos diretos, embora venham precedidos de preposição.

Regra geral: Sempre que se puder suprimir a preposição anteposta ao substantivo objeto, sem alteração do sentido, o objeto é *direto*.

Assim, nos exemplos supra: *João matou Pedro, puxei a espada, provei a comida.*

Também a seguinte frase: *êle reconheceu a mim e ao irmão*, é como se estivesse: *êle me reconheceu e reconheceu o irmão*, sendo portanto *a mim* e *ao irmão* objetos diretos.

8 — EXEMPLO: *Marta arrependeu-se do que fez.*

Nesse exemplo, a declaração essencial se contém *integralmente* em *arrependeu*, não constituindo o pronome *se* *objeto direto*.

Todavia, êsse pronome não se pode suprimir. Alguns autores consideram-no *objeto direto de espontaneidade*, por indicar que o fato mencionado foi de livre e espontânea vontade do agente. A aceitar isso, contrariamos a noção de objeto direto, complicando o que é simples.

O fenômeno se explica facilmente e a sua explicação nos habilita a acertar-lhe a análise.

Em verbos pronominais como: *tornei-me, arrepende-se, moscar-se, apiedamo-nos, comiserar-se*, etc., o pronome objetivo era, com efeito, *reflexivo*, conservando-se o verbo de sentido concreto, como: *tornei-me*, igual a *voltei-me*. Pouco a pouco, foram tais verbos tomando sentido abstrato e os pronomes reflexivos perdendo sua função objetiva, de complemento da declaração, mantendo-se, todavia, presos aos verbos. São pronomes *fossilizados* ou, segundo alguns autores, *estereotipados*. Na frase do exemplo, é como se estivesse: *Marta ficou arrependida do que fez*. De onde se vê que *se* tem aí o valor de mera partícula indicativa da *mudança de estado*. Ver adiante a teoria da passiva.

Da função objetiva indireta

1 — EXEMPLO: *Dei um livro a João.*

Nesse exemplo, a declaração do verbo *dar* recai *diretamente* sobre *livro* e *INDIRETAMENTE* sobre o indivíduo *João*, sendo a preposição insuprimível a o elemento de *mediação*.

2 — EXEMPLO: *Preciso de dinheiro.*

Nesse exemplo, a expressão *de dinheiro* é considerada *objeto indireto* da declaração verbal. Isso acontece com verbos que significam *precisão*, *necessidade*, *carência*, etc.; quase sempre com a preposição *de*. (1)

3 — EXEMPLO: *Entreguei-LHE a encomenda.*

Nesse exemplo, o objeto indireto é expresso pelo pronome *LHE* pessoa *a quem* entreguei, *a ele*, *a ela*. O mesmo ocorre com os pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*,

(1) Essa a doutrina comum. Penso, todavia, que o estudo do *objeto indireto* exige revisão. Em frases como *preciso de luvas*, *careço de dinheiro*, etc. tais objetos são, em tudo, diretos, resto de um *complemento terminativo* preso a um *substantivo* correspondente: *tenho precisão de luvas*. Na frase *tenho sede de ouro* ninguém analisará *de ouro* objeto indireto. Por que? Porque, na realidade, *de ouro* está particularizando *sede* e não, *tenho*. Assim, também, *de livros* particulariza *precisão*. Quando, porém, *tenho precisão* se condensa em *preciso* é este verbo a declaração e *livros* o seu imediato objeto. O *de* é mero vestígio do complemento terminativo necessário à relação entre substantivos, mas dispensável com o verbo. Note-se, porém, que esse *de* é o *de* latino que formava, com ablativos, adjuntos adverbiais e, no latim vulgar e bárbaro, foi substituindo o genitivo, formando adjuntos atributivos, sem perder no entanto sua função primitiva.

Dai resulta que hoje os complementos precedidos de *de* ou são *atributivos* ou *adverbiais*, ou, como no caso em questão, *objetos diretos* de verbos. Tanto é nítida essa noção objetiva direta que tais complementos vão perdendo o *do*: *precisamos tudo*, *precisa mais dinheiro*, *preciso viajar*. Em outros casos, como: *tratou do divórcio*, não há objeto indireto, mas verdadeiro *adjunto adverbial*, indicante o assunto. Mas, em *tratou do doente*, *do doente* é objeto direto. Note a diferença entre *tratou o divórcio* e *tratou do divórcio*. Qual então o verdadeiro característico do objeto indireto?

Para mim é o seguinte: a *referência a pessoa ou ente personificado*. É o *dativo* e o *acusativo* de pessoa: *fechar a porta AO INIMIGO*; *dar uma satisfação A ALGUÉM*; *rogou um obséquio AO IRMÃO*. Em frases como: *expôr alguém AO SOL*, *ao sol* não pode ser, de nenhum modo, objeto indireto. Corresponde a *sob o sol*, *sob a sua ação*, sendo assim adjunto adverbial". Nos casos rebeldes a tal critério ou há *metáfora* ou *braquilogia*.

vos, quando equivalem a *a mim*, *a ti*, *a êle*, *a nós*, *a vós*, *a êles*.

Note-se que, no antigo português, o pronome *lhe* era geralmente *invariável*. (1)

Da função adjetiva

1 — EXEMPLO: O *livro azul* caiu n'água.

Nesse exemplo, o ADJETIVO *azul* exprime um dos muitos aspectos pelos quais posso considerar o substantivo *livro*. Diz-se então que *azul* está em *função adjetiva* e se chama ADJUNTO ADJETIVO.

2 — EXEMPLO: Vestia uma blusa *côr-de-rosa*.

Nesse exemplo, o *adjunto adjetivo* de blusa é exercido pela EXPRESSÃO ADJETIVA: *côr de rosa*. Em muitos casos, como neste, podemos substituir a expressão por um adjetivo: a blusa *rósea*.

3 — EXEMPLOS Comprei *esta* jarra.

Nesse exemplo, a função adjetiva é exercida pelo adjetivo demonstrativo *êste*.

4 — EXEMPLO: Guardei o botão *que me deste*.

Nesse exemplo, a função adjetiva é exercida pela ORAÇÃO ADJETIVA: *que me deste*. A oração é iniciada pelo pronome relativo *que*.

5 — EXEMPLO: Os *que vierem* ficarão aqui.

Nesse exemplo, o sujeito de *ficarão* é *os que vierem*, isto é, *aqueles que vierem*. A função subjetiva está exercida pelo PRONOME DEMONSTRATIVO *os*, modificado pela oração adjetiva *que vierem*. O mesmo em frases como: *o que* for soará; *a que* merecer será premiada; *os que* quiserem ficar fiquem.

REGRA — Sempre que se encontrar *o que*, *a que*, *os que*, *as que* é de rigor separar *o*, *a os*, *as do que*.

(1) Veja o Apêndice.

O, a, os, as são pronomes demonstrativos; o *que* é pronome relativo; a oração é *adjetiva*.

6 — EXEMPLO: Quero referir-me *aos* *que* não compareceram.

Nesse exemplo, *aos* é o objeto indireto de *referir* e a função objetiva está exercida pelo pronome demonstrativo *os* modificado pela oração adjetiva *que não compareceram*.

7 — EXEMPLO: Eles tiveram de curvar-se *ante os* *que* dominavam.

Nesse exemplo, o adjunto adverbial de *curvar-se* (1) é *ante os que dominavam*.

E' exercido pela expressão adverbial de posição *ante os* em que entra o pronome demonstrativo *os* modificado pela ORAÇÃO ADJETIVA: *que dominavam*.

8 — EXEMPLO: Ele trouxe-nos *o de* *que* mais gostamos.

Nesse exemplo, o pronome relativo *que* da oração adjetiva é o objeto indireto do verbo *gostar*.

9 — EXEMPLO: Pude comprar ainda *o com* *que* fazemos o pudim.

Nesse exemplo, o pronome relativo *que* da oração adjetiva pertence à expressão adverbial de meio *com que*.

10 — EXEMPLO: Foi comprado o sítio *pelos* *que* o foram ver.

Nesse exemplo, *pelos* designa, o complemento de causa eficiente, exercido pelo pronome demonstrativo *os*, modificado por uma oração adjetiva.

(1) O professor só deve tratar d'êste caso depois de ter dado os adjuntos adverbiais.

11 — EXEMPLO: Processaremos os *por que* fomos enganados.

Nesse exemplo, *por que* é o complemento de causa eficiente do verbo *enganar*.

REGRA — Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* e o pronome relativo *que* regidos de preposição ou são *objetos indiretos*, ou pertencem a uma expressão adverbial, ou a um complemento de causa eficiente.

12 — EXEMPLO: Mande-lhe uma fruta *cujo* nome ignoro.

Nesse exemplo, o substantivo *fruta* está modificado pela oração adjetiva *cujo nome ignoro*. *Cujo* é um ADJETIVO RELATIVO. Note que *cujo* não pode, jamais, ser *pronome*! Tal emprêgo é arcaico. Significa *do qual, da qual, dos quais, das quais* e é crasso erro empregá-lo em lugar de *o qual, a qual, os quais, as quais*. É sempre *adjunto adjetivo* do substantivo seu conseqüente.

13 — EXEMPLOS: Ali vai alguém *de cujo* irmão trago uma carta.

Este é o fotógrafo *em cuja* oficina estivemos ontem.

Visitei o negociante *para cuja* fazenda seguirei breve.

Desses exemplos se vê que os adjetivos *cujo, a, os, as* podem ser regidos de preposição, conservando porém sempre seu valor de *do qual, da qual, dos quais, das quais*. Assim, *de cujo irmão* equivale a *do irmão do qual*; *em cuja oficina* equivale a *na oficina do qual*; *para cuja fazenda* equivale a *para a fazenda do qual*. Continua, pois, a ser *adjunto adjetivo* do substantivo conseqüente.

14 — EXEMPLO: Comprei a casa *onde* morou teu irmão.

Nessa frase, *onde* é pronome relativo, adjunto adverbial da oração adjetiva *onde morou teu irmão*. Equivale a *na qual*.

15 — EXEMPLO: Dize-me *que* fazes.

Nesse exemplo, não desejo que a segunda pessoa me diga *que faz alguma coisa*. caso em que a oração *que fazes* seria substantiva e o *que* conjunção integrante. O que desejo saber é *qual a coisa que faz a segunda pessoa*, como se estivesse: dize-me o *que* fazes, *aquilo que* estás fazendo, *a coisa que* estás fazendo. Temos, assim, nesse *que* uma palavra que encerra em si a função de objeto direto do *dize* e a função do pronome relativo *que*. Chamo, por isso, a tal *que*, *palavra sintética* (1).

16 — EXEMPLO: Não sei QUEM ME CHAMA.

Nesse exemplo, a declaração do verbo *não sei* não se refere ao *fato de alguém me chamar*, fato que, ao contrário, afirmo. O *que não sei*, o que declaro não conhecer é a *pessoa que me chama*. Logo, o objeto direto de *não sei* não é toda a oração seguinte, mas o substantivo *pessoa* latente no pronome *quem*, e a oração *que me chama* é oração adjetiva. Outros exemplos: QUEM o vir, não o conhecerá; dize-me QUEM és; veja QUEM está batendo; eu sou QUEM procura;

(1) Em que pese a autoridade do professor Said Ali, mestre de nós todos, não posso acatar o seu veredicto neste ponto. Ele considera *substantivas* todas as orações iniciadas com palavras sintéticas (*que, quem, como, onde, porque, quando, quanto*) apontados nesse e nos seguintes exemplos. Estudo acurado fez-me, a contragosto, não aderir ao ensino de tal mestre. As razões todas não as posso dar aqui; mas, o exposto no texto bastará, creio, para evidenciar meu pensamento. Longe, pois, de considerar *absurda* a decomposição de tais palavras na análise, conforme sentença o mestre, acho-a indispensável e continuo a ter por *adjetivas* tais cláusulas.

paga a QUEM deves; sei de QUEM falas; escolho com quem ando.

17 — EXEMPLO: *Não sabíamos ONDE FÔRA O INCÊNDIO.*

Nesse exemplo, igualmente, o objeto da declaração de *não sabíamos* não é a oração seguinte, mas o *lugar* em que o incêndio lavrara. O objeto é um substantivo latente na palavra sintética *onde* e a oração seguinte é *adjetiva*. Outros exemplos: *Mostra-me ONDE está o cofre; deixa-o ONDE está* (no lugar em que); *vê DE ONDE vem ele* (o lugar de que); *verifica POR ONDE andam* (os lugares pelos quais, etc.

18 — EXEMPLO: *Não sei COMO ÊLE PÔDE SAIR.*

Do mesmo modo que nos exemplos anteriores, o objeto da declaração de *não sei* não se refere ao *pôde sair*, mas ao *modo* pelo qual ele saiu. Assim, o objeto direto é *modo*, contido na palavra sintética *como*, modificado por uma ORAÇÃO ADJETIVA: *pelo qual ele pôde sair*. Outros exemplos: *Refere-me COMO vieste; ensinei-te COMO chegarias lá; dir-te-ei COMO remendarás isso; procura COMO possas remediar isso.*

19 — EXEMPLO: *Não sei QUANDO ÊLE CHEGOU.*

Também nesse exemplo, *quando* há de ser decomposto em *o tempo em que, a hora em que, etc.*; e a oração de *chegou* é ADJETIVA, adjunto adjetivo do substantivo encerrado nessa palavra sintética.

20 — EXEMPLO: *Não soubemos QUANTO ÊLES COMPRARAM.*

Ainda nesse exemplo, *quanto* é palavra sintética e deve ser decomposta em *a quantidade que*, sendo o objeto de *não soubemos* o substantivo *quantidade*, modificado pela ORAÇÃO ADJETIVA: *que eles compra-*

ram. Sendo preço, corresponderá *quanto* a *quantia* que: Dize-me *quanto* custou o livro: a *quantia* que.

Nota — *Quanto* é correlativo de *tanto* e em muitos casos, para analisá-lo, devemos decompô-lo em *o tanto que*, como neste exemplo de Ruy Barbosa: "Bastava que de nossa parte os estudássemos para sentir *quanto* nos esquecemos de nós mesmos".

21 — EXEMPLO: *Não sabemos PORQUE* fugiu.

Nesse exemplo, *emfim*, *porque* é também palavra sintética e deve ser decomposta em *a razão por que*. O objeto de *não sabemos* é *razão* modificada pela ORAÇÃO ADJETIVA *por que* fugiu.

22 — EXEMPLO: *Arranquei-LHE* o capacete da cabeça.

Nesse exemplo, o pronome *lhe* não é objeto indireto; é empregado idiomáticamente como *adjunto adjetivo* de *cabeça* e corresponde a: *arranquei o capacete da cabeça* DELE. O mesmo se pode dar com os pronomes *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*.

REGRA GERAL — Sempre que os pronomes objetivos indiretos podem ser substituídos por pronomes possessivos, formam *adjuntos adjetivos* dos nomes a que se referem. Exs.: *êle* ME tirou o livro das mãos; eu *vos* imploro a proteção valiosa. (1)

23 — EXEMPLO: *Nomearam meu tio* ESCRIVÃO,

Nesse exemplo, o objeto direto *meu tio* vem acompanhado de um substantivo, com feição de adjetivo; *escrivão*, que indica o resultado, para *meu tio*, de uma ação exercida por outrem.

Para observar melhor o fenômeno, vejamos outros exemplos: *fixaram meu irmão* DOENTE; *vi João*

(1) Pode considerar-se ainda *complemento possessório*. Ver adiante, a teoria dos complementos.

BÊBEDO; *julgaram o réu* CRIMINOSO; *reconheceram-me* SENADOR; *elegeram-no* PRESIDENTE.

Esses nomes são verdadeiros atributivos apensos aos objetos para designar o *novo estado* ou a nova condição em que se acham.

Chamam uns, a tais atributivos, *adjuntos predicativos*, outros, *adjuntos factitivos*, não sei bem porque. Penso que seria melhor chamar-lhes *apostos predicativos*, distinguindo-se dos *apostos denotativos*, que logo estudaremos.

Para justificar essa classificação basta ver as frases: *meu tio* CORONEL morreu; *meu irmão* DOENTE chegou, etc.: em que *coronel* e *doente* são nomes *apostos* aos sujeitos, não para caracterizá-los, mas distinguí-los por um característico já sabido.

Ora, quando digo: *nomearam meu tio* CORONEL, o substantivo *coronel* é o mesmo *aposto*, nome que, dagora em diante, ficará distinguindo meu tio, profissão que doravante exercerá, cargo que ocupará (1).

(1) Em pura lógica, nessa frase há duas proposições, fundidas numa: 1.^a *nomearam meu tio*, declaração referente a um nome indefinido e representado pelo verbo *nomearam*; 2) *meu tio*, por efeito da nomeação, ficou sendo *coronel*: essa declaração refere-se a meu tio, sujeito, e é expressa por *coronel* predicado.

Todos os livros de lógica consideram tais substantivos ou adjetivos *predicados* e muitos procuram até converter todos os verbos em adjetivo predicado, ligados ao substantivo sujeito por uma *cópula*: é. Logo, na frase acima, há realmente dois predicados e bem fariamos, com Donaldson, em chamar-lhes, a um, *primário* e ao outro, *secundário*.

O dr. Alfredo Gomes, não percebendo essa fusão de predicados, processo sintático de abreviação, chama a tais adjetivos e substantivos *adjuntos factitivos*. Seus exemplos mais confirmam a predicação dupla. Com efeito, em «este homem morreu impenitente» afirmo duas cousas: a) que o homem morreu; b) que o homem não se confessou. Faço duas declarações referentes ao nome sujeito; há dois predicados. Na frase: «encontrei-o morto de fadiga» há evidentemente eclipse: «encontrei-o que estava morto de fadiga» ou: «encontrei-o e estava morto de fadiga» frases em que *morto de fadiga* é o predicado, a verdadeira declaração, sendo *estava* um copulativo verbal designativo do *estado passageiro*.

Ocorre observar que o termo *predicativo*, usado pelo mesmo professor e outros (também lhe chamam *adjunto predicativo*) deve ser de todo abandonado.

24 — EXEMPLO: *Mostraram-me o homem ASSASSINADO PELO FILHO.*

Nesse exemplo, a função adjetiva é exercida pela ORAÇÃO: *assassinado pelo filho*, em vez de: *que tinha sido assassinado pelo filho*. Esta oração se diz ADJETIVA REDUZIDA DE PARTICÍPIO PASSADO.

25 — EXEMPLO: *Avistei um cavalo ATRAVESSANDO A PONTE.*

Nesse exemplo, a função é exercida pela ORAÇÃO REDUZIDA de GERÚNDIO: *atravessando a ponte*. Este gerúndio é sempre *progressivo*, isto é, corresponde a uma forma progressiva de modo finito: *que estava atravessando* ou a uma expressão de infinito precedido de *a*, como no exemplo seguinte.

26 — EXEMPLO: *Encontramos os pescadores A RASPAREM A BARCA.*

Nesse exemplo, a função adjetiva é exercida pela ORAÇÃO ADJETIVA REDUZIDA DE INFINITO: *a rasparem a barca*. Esta oração corresponde à de gerúndio progressivo: *raspando a barca*. No antigo português e hoje no Brasil, usa-se mais o gerúndio; em Portugal dão preferência ao infinito.

Da função adverbial

1 — EXEMPLO: *Chegamos HOJE.*

Nesse exemplo, o predicado, expresso pelo verbo *chegar*, além do seu sentido absoluto, está considerado em relação ao *tempo* em que se realizou o fato. Declara-se portanto o fato e acrescenta-se uma dentre as múltiplas *circunstâncias* que o poderiam particularizar. Tais circunstâncias constituem a *função adverbial* e as palavras ou frases em que se exprimem cha-

mam-se *adjuntos adverbiais*. No exemplo supra, a função adverbial é exercida pelo ADVÉRBIO *hoje*.

2 — EXEMPLO: *Chegamos DE MADRUGADA*.

Nesse exemplo, o adjunto adverbial *de madrugada* é exercido por uma EXPRESSÃO ADVERBIAL.

3 — EXEMPLO: *Ele saiu COMIGO*.

Nesse exemplo, a função adverbial é exercida por uma verdadeira expressão adverbial contraída em palavra adverbial com referência à primeira pessoa e, portanto, com aspecto de pronome. As expressões *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, são realmente do grupo dos chamados pronomes adverbiais.

4 — EXEMPLO: *Cheguei ANTES QUE AMANHECESSE*.

Nesse exemplo, o adjunto adverbial de *cheguei* é *antes que amanhecesse*, constituído por uma ORAÇÃO ADVERBIAL.

5 — EXEMPLO: *A moça cantava ALTO*.

Nesse exemplo, a circunstância que menciono, relativamente à ação de cantar, vem expressa pela palavra *alto*. (1). Esta palavra, normalmente adjetivo,

(1) No seu *Methodo de Analyse* (pag. 186), o professor Carlos Góes, no intuito de evitar confusões ao caracterizar-se esse adjunto adverbial expresso por adjetivo, formulou o seguinte critério: «Se o adjetivo é passível de aceitar o sufixo *mente*, se manifestamente modifica antes ao verbo que ao sujeito ou ao objeto (embora concorde aparentemente com qualquer destes) — deve classificar-se como adjunto adverbial». Para exemplo, cita: «*Ela caminhava silenciosa* (silenciosamente, em silêncio)».

Não posso perceber como *silenciosa* modifique antes o verbo *caminhava* que o sujeito *ela*. Ao contrário, o que me parece evidentíssimo é que *silenciosa* se refere, pura e simplesmente, a *ela*, havendo aí, na realidade, dois predicados, pois faço duas declarações: 1.^a que ela caminhava; 2.^a que ela estava silenciosa. *Silenciosa* é, legitimamente, adjunto adjetivo de *ela*, mas está incluído no segundo membro da frase e por isso alguns lhe chamam *adjunto predicativo*.

Se faço esta nota é que observei, nos exames de preparatórios, quanto se vai abusando dessa falsa noção, quando o inverso seria mais exato; é o ensinado por Donaldson que na frase: *ela caminhava silenciosamente*, vê, nesta palavra, um adjetivo sob as aparências de advérbio, pois eu não de-claro o modo pelo qual ela caminhava, mas o estado em que se achava.

assume, nessa frase, a função de advérbio indicando o modo pelo qual cantava a moça. É uma PALAVRA ADVERBIAL.

6 — EXEMPLO: Ao DEIXAR A ESTRADA, *penetrei no bosque*.

Nesse exemplo, a função adverbial é exercida pela ORAÇÃO ADVERBIAL REDUZIDA DE INFINITO: *ao deixar a estrada*, que se pode desenvolver: *logo que deixei a estrada*.

7 — EXEMPLO: TENDO PASSADO A PONTE, *entrei na mata*.

Nesse exemplo, o adjunto adverbial: *tendo passado a ponte* é uma oração adverbial reduzida de gerúndio, equivalente a outra de infinitivo: *depois de passar a ponte*.

8 — EXEMPLO: PASSADA A PONTE, *entrei na mata*.

Nesse exemplo, o adjunto adverbial: *passada a ponte*, vem expresso por uma oração adverbial reduzida de particípio passado, equivalente à do exemplo anterior, mas em voz passiva: *tendo sido passada a ponte*.

RESUMO — A função adverbial pode ser exercida por: *advérbio*, *palavra adverbiada*, *expressão adverbial*, *oração adverbial desenvolvida* ou *reduzida* (de infinito, gerúndio ou particípio passado). (1)

(1) Ensina o prof. Carlos Góes que o adjunto adverbial pode ser expresso por *substantivo regido de preposição* e exemplifica: *caminhar com pressa*, *proceder com firmeza*, *andar de vagar*. A meu ver, há noção falsa aí ou exposição viciosa. Dá-se, nesses casos, ao substantivo, uma função que ele nunca exerce, qual a de modificar um verbo. O substantivo *pressa*, por si, *nada exprime de circunstância*. A força circunstancial está mais na preposição, tanto, que basta substituí-la para alterar o sentido (*sem pressa*). A função adverbial não está, portanto, nesses casos, nem no substantivo, nem na preposição totalmente, mas no *todo*, na *expressão inteira*.

Da função interjectiva

1 — EXEMPLO: DEUS, ó DEUS! *Onde estás que não respondes?*

Nesse exemplo, as palavras *Deus, ó Deus* exprimem a imploração que dirijo a uma entidade mencionada pelo substantivo *Deus*. Esse apêlo, manifestação de um sentimento, constitui a *função interjectiva*, verdadeira *frase emotiva* combinada com a frase lógica ou nela embutida.

2 — EXEMPLO: Oh! *exclamou ele*.

Nesse exemplo, a função interjectiva é expressa por mera INTERJEIÇÃO.

3 — EXEMPLO: *Raios te partam!*

Nesse exemplo, a função interjectiva é exercida por uma ORAÇÃO INTERJECTIVA. Outros exemplos: *dane-se você; não me amole; leve-o a breca; vá para o inferno; etc.*

4 — EXEMPLO: *Com todos os diabos, que machada!*

Nesse exemplo a função interjectiva é exercida por duas EXPRESSÕES INTERJECTIVAS.

Do pronome objetivo como sujeito

1 — EXEMPLO: *Mandei-o viajar*.

Nesse exemplo, o objeto direto de *mandei* é toda a oração, igual a: *mandei que ele viajasse*. O sujeito de *viajar, infinito*, é o pronome pessoal *o*, cuja função normal é a de objeto. Outros exemplos: a) *Fi-lo* desembarcar; b) *Deixei-a* dormir; c) *Ouviamo-los* conversar; d) *Viei-las podar* roseiras.

2. Essa sintaxe é latina, e, com frase progressiva, pode estar o verbo em gerúndio ou infinito precedido de *a*. Exemplos: a) Deixei-AS *dormindo*; b) Quero-AS *dançando* ou *a dançar*; c) Ouvi-A *cantando* ou *a cantar*; d) Vi-A *querendo chorar*.

Do realce

Realce, refôrço ou ênfase é o processo de estilo pelo qual damos intensidade a certas expressões, quer para evitar *ambigüidade*, quer para maior *clareza*, quer por mera *insistência*, para chamar a atenção do interlocutor ou do auditório.

Esse realce pode ser obtido por *partículas*, por *palavras*, por *expressões*, por *orações*.

- 1 — EXEMPLOS: *o meu livro é este.*
Os meninos foram TODOS passear.
Encontrei UM outro aqui.
Este livro é meu MESMO.

Nesses exemplos, *o*, *todos*, *um* e *mesmo* são puros realces e nenhuma função lógica exercem. O característico da partícula de realce é poder suprimir-se da frase sem alteração de sentido, notando-se apenas enfraquecimento da expressão.

- 2 — EXEMPLO: *Faz o pão com trigo novo, TRIGO ÉSTE que comprou na cidade.*

Nesse exemplo, a expressão *trigo este* é simples realce operado pela *repetição* do substantivo e posposição do designativo *este*. Na análise, suprime-se toda a expressão que não tem valor sintático, mas puramente estético.

Eis um exemplo de Camões:

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a de outra terra atrás deixada.

(Lus. II, 74)

3 — EXEMPLO: *Venha cá*, AONDE EU ESTOU.

Nesse exemplo a oração *aonde eu estou* é mero realce, do advérbio *cá*, uma espécie de aposição (1).

Dos complementos

1 — EXEMPLO: *A resolução* DO DIRETOR *agradou a todos*.

Nesse exemplo, *do diretor*, apenso ao substantivo *resolução* indica o sujeito agente, a entidade que resolveu. Tal expressão, até agora analisada como

(1) Como esses realces aparecem freqüentemente na análise e muito pouco se ocupam deles as gramáticas, cito aqui vários exemplos: a) Nesta frase de Bernardim Ribeiro: «... que também nas cousas que não tinham entendimento, havia fazerem-se nojo umas às outras (Saudades, cap. 11), a última expressão *umas às outras* é um reforço do pronome reciproco *se*, para frisar a reciprocidade. Muitas vezes tal reforço é indispensável para evitar equívoco: ex.: *êles se feriram um aos outros*, ou então *mútualemente*, porque podiam ter-se ferido cada qual a si mesmo. b) Eis um período de João de Barros: «Alegre parece a guerra de foça; mas, quem a experimenta, *êste* conhece bem os trabalhos de uma e os bens da outra» Nesse exemplo *êste* é um reforço de *quem a experimenta*, para insistir na determinação. c) Há um reforço interessante com os pronomes *nada e tudo*, verdadeiros pronomes sintéticos: ex.: «Ameaças, súplicas, promessas, *nada* o demovia do seu propósito»; «O orgulho, a cólera, a vergonha, *tudo* o impedia a tal desforço». d) Há frases inteiras de reforço, como neste passo de Camões:

Aquí feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, *sem outro algum desvio*,
Para onde estava o Rei do povo vão.

Inclue-se entre os reforços o *pleonismo*.

Epiphânio Dias (*Gram. port.* pag. 140) dá como realce ou expletivo as expressões *é que e era onde* nas fileiras: «Os grandes capitães *é que* fazem os grandes exércitos»; «*era nas fileiras onde* as puas faziam maior estrago». Mas, embora de difícil análise, essas expressões não são suprimíveis; a supressão alteraria o sentido. Esclarecerei o assunto em um trabalho especial sobre *Antecipação* e em outro sobre a expressão *é que*.

adjunto restritivo do substantivo, é o verdadeiro sujeito de uma frase latente no substantivo. Chamo à expressão *do diretor* COMPLEMENTO SUBJETIVO. Analiso o sujeito da oração principal: *a resolução do diretor* como exercido por um substantivo (*resolução*) seguido de um complemento subjetivo (*do diretor*) e modificado por um adjunto adjetivo *as*.

2 — EXEMPLO: *Os jornais noticiam a prisão do CRIMINOSO pela polícia.*

O objeto de *noticiam*: *a prisão do criminoso pela polícia*, é uma frase de sentido passivo; a expressão *do criminoso* apensa a *prisão* indica o sujeito paciente da ação realizada pelo agente da passiva *pela polícia*. Digo, assim, que *do criminoso* é um complemento subjetivo passivo do substantivo *prisão*.

3 — EXEMPLO: *A remessa DOS LIVROS fez-se bem.*

Nesse exemplo, *dos livros* indica o objeto que alguém remeteu. É, pois, o complemento objetivo do substantivo *remessa*. Outros exemplos: *a produção de frutos*; *a causa das chuvas*; *o debulho do milho*; *a contagem dos fardos*.

4 — EXEMPLO: *Sua resposta AO CRÍTICO está ótima.*

Nesse exemplo, *ao crítico* corresponde a um objeto indireto do verbo *responder*. Chamo-lhe complemento terminativo. Outros exemplos: referência *aos*

O prof. Carlos Góes não percebeu claramente esse valor de *objeto* (função substantiva) nos chamados complementos terminativos e confundiu-os com o adjunto atributivo (função adjectiva). Assim no seu *Methodo* (pag. 107) exemplifica: «Precisamos do auxilio da *religião*». «Necessito do socorro de *Deus*, considerando da *religião* e de *Deus* complementos terminativos. Ora, na pag. 176, tratando do adjunto atributivo, exemplifica: *homem de brio*=*brioso*; *côr de cadaver*=*côr cadavérica*. Não vejo diferença entre esses exemplos e aqueles: auxilio da *religião* é auxilio *religioso*, que a *religião* pode dar; socorro de *Deus*, é socorro *divino*, que *Deus* nos pode administrar.

Lustadas; desistência da empresa; confiança em alguém; favorável aos réus; proporcionalmente ao quadrado; útil a todos; crença em fadas.

5 — EXEMPLO: *O assalto* PELO PRIMEIRO BATALHÃO *foi sangrento.*

Nesse exemplo, *pelo primeiro batalhão*, apenso diretamente ao substantivo *assalto*, é o mesmo complemento de causa eficiente de um verbo subentendido: *feito, desfechado, realizado, etc.*

6 — EXEMPLO: *Nossa ida* AMANHÃ, A PETRÓPOLIS, DE ÔNIBUS, *vai ser encantadora.*

Nesse exemplo, *amanhã, a Petrópolis, de ônibus*, correspondem a adjuntos adverbiais, respectivamente de tempo, lugar e meio. Chamo-lhes *complementos circunstanciais* do substantivo *ida*.

7 — EXEMPLO: *Um* DOS LEÕES *morreu.*

Nessa frase, a expressão *dos leões* designa a espécie a que pertence o indefinido *um*. Chamo-lhe, pois, *complemento específico*. Tal complemento pode prender-se também a coletivos indeterminados ou numéricos para especificá-los: um bando *de corvos*, uma groza *de pregos*. Pode figurar em expressões seletivas: um *entre muitos médicos*; alguns *dentre todos*; o mais hábil *dos* ou *dentre os* *ferreiros*. Note-se que esse complemento específico pode referir-se a um nome só implicitamente da sua espécie. Se eu disser: um *dentre os prisioneiros*, sei que esse *um* é da espécie *prisioneiro* porque está bastante explícito esse caráter. Mas, se digo: um *médico* DENTRE OS PRISIONEIROs, só implicitamente vejo que *dentre os prisioneiros* é específico de *médico*, pois este é também *prisioneiro*.

8 — EXEMPLO: A casa DE PEDRO incendiou-se.

Nesse exemplo, *de Pedro* indica o possuidor. Chamo-lhe *complemento possessório*. Outros exemplos: os olhos *da deusa*; as carruagens *do visconde*; o adro *da igreja*; as tôrres *do castelo*; o gargalo *da garrafa*; as tribus *do Brasil*; as regras *da gramática*.

9 — EXEMPLO: Mora aqui um velho DE COSTELETAS.

Nesse exemplo, *de costeletas* indica uma coisa possuída pelo velho. Chamo a isso *complemento possessivo*. Outros exemplos: a menina *do chapélio vermelho*; a casa *das janelas verdes*; um aeroplano *de seis hélices*; dono *de cem contos*; o proprietário *desta casa*; um papagaio *de rabo curto*. Se eu disser: um quarto *sem janelas*, êste sem janelas é um *complemento possessivo negativo*, negação expressa pela preposição negativa *sem*. Note-se que êsses complementos são muitas vezes verdadeiras locuções descritivas e podem ser consideradas, pelo efeito significativo, adjuntos adjetivos. Se digo: um homem *sem braços*, êste *sem braços* caracteriza *homem*. A posse ou a falta são característicos, frequentemente, essenciais. Nesses casos, é indiferente analisar a expressão como complemento ou como adjunto.

10 — EXEMPLO: Ele exerce o cargo DE FISCAL.

Nesse exemplo, a palavra *fiscal* designa, nomeia o cargo; é o seu apôsto denominativo. Por essa expressão *de fiscal* fico sabendo qual o cargo. Chamo, pois, a tais expressões: COMPLEMENTOS APOSITIVOS. Outros exemplos: rio *das Amazonas*; cidade *de Porto Alegre*; emprego *de guarda-civil*; pôsto *de capitão*.

11 — EXEMPLO: *Ele tinha fama* DE VALENTE.

Nesse exemplo, a expressão *de valente* contém o adjetivo *valente* predicativo de *ele*, como se fôsse: *fama de ser VALENTE*. Tal expressão é porém explicativa de *fama* e portanto um *complemento apositivo*. Outros exemplos: *ele tinha aspecto de doente*; *cara de velhaco*; *sintomas de tuberculoso* (de *estar tuberculoso*); *aparência de doido* (de *sujeito que está doido*); *hesitações de culpado*, etc. Não confunda: atos *de doido* com os atos *do doido*, exigências *de diretor* com exigências *do diretor*. Os primeiros são *apositivos*, os segundos *subjettivos*. Note que tais complementos podem caracterizar o substantivo e equivalem a adjetivos: atos *de ditador* são atos *ditatoriais*. É esse um característico do apôsto: um homem *fera*.

12 — EXEMPLOS: *Ele tinha fama de ser valente*
Recebeu a missão *de explorar*
todo o rio.

Dissipou-se minha suspeita *de*
que houvesse alterado a
resposta.

Teu regresso *para fazeres o*
concurso foi penoso.

Minha permanência lá, *en-*
quanto ele se tratava, preju-
dicou-me.

Nesses exemplos, aos substantivos *fama* e *missão* segue-se um complemento apositivo, explicativo de qual a fama e de qual a missão. Ao substantivo *suspeita* segue-se um complemento terminativo, mencionando a coisa que suspeito. Ao substantivo *regresso* segue-se um complemento circunstancial de fim e a *permanência* outro de *concomitância*. Porém, todos

esses complementos são orações, umas reduzidas e outras desenvolvidas, umas substantivas, outras adverbiais. Temos, assim, orações substantivas e adverbiais COMPLEMENTARES (1).

Da antecipação

1 — EXEMPLO: *Mal o velho viu o filho, desatou a chorar.*

Nesse exemplo, o VELHO, sujeito da oração principal, vem antecipado na *oração adverbial*. A frase normal deveria ser: «Mal viu o filho, o velho desatou a chorar» ou, com simples *inversão*: «O velho, mal viu o filho, desatou a chorar». Nesse caso, houve *antecipação* do sujeito, e o sujeito se diz *antecipado*.

2 — EXEMPLO: São tão más *condições* essas que me propões que não as posso aceitar.

Nesse exemplo, o substantivo *condições*, normalmente, estaria regido do adjetivo *essas*. O trecho normal seria: são tão más *essas condições*, etc. Houve, nesse caso, *antecipação* do substantivo ao termo regente *essas*.

3 — Esses dois exemplos, dos mais simples, servem para definir o importante fato das *antecipações*, muito comuns nos clássicos, fonte quase única dos *anacolutos* e *embaraço* freqüente nas análises. Defino assim: menção de um termo lógico antes da oração a que pertence, ou antes de palavra sua regente.

4 — Aqui vão exemplos de *antecipação* do sujeito:
a) *Eu*, é raro o dia em que não vou ao mercado; b)

(1) O professor pode ver o assunto desenvolvido em meu trabalho *Teoria dos complementos*, publicado na *Hom.* ao prof. Said-Ali — Rio, 1938.

Nós, o que desejamos é que vocês se curem; c) *Mestre Francelino*, a primeira cousa que fez foi arrear o cavalo; d) *Os homens* parece que estão satisfeitos; e) *Os pobres pretos* havia muito que estavam ali, ao sol; f) Era o *Paulo* que tivera uma síncope (o normal seria: era que o *Paulo* tivera uma síncope); g) Era uma linda menina, *linda menina que era!* (por: que *linda menina* era!); h) Não lhe lembrara o *capitão* se por acaso lhe podia aparecer (por: não lhe lembrara se o *capitão* podia aparecer); i) Veja *aquele menino* como nada bem!; j) Diga-me *essa doença* quando lhe apareceu; k) *Éstes cavalheiros* penso que virão conosco.

A antecipação do sujeito pode vir mascarada. O sujeito, mencionado em oração anterior, assume aparências de outra função. No exemplo i, *aquele menino* parece objeto direto de *veja*, quando é sujeito de *nada*. Outros exemplos: a) O oficial não consentiu à *guarda* que prendesse o marinheiro (por: não consentiu que a *guarda* prendesse...); b) «Quando duvidares de *alguém* se é profeta ou não, observareis esta regra... (Vieira, *Serm.* V, 135; por: quando duvidares de se *alguém* é profeta, etc.); c) Ei-lo que vem apressado (está por: eis que *êle* vem apressado); d) Não foi do *barbaro rei* tão duradoura a vingança que tomou do cavaleiro (por: ...a vingança que o *bárbaro rei* tomou...). Nos *Lusíadas* ocorre em: I, 3, 38; II, 1,50,111; III, 16,20; IV, 20,51, 72; IV, 16,47, 64,96; VII, 3, 67; VIII, 25,28, 88; IX, 26,27; X, 94, 103, 112, 130, 156.

5 — *Antecipação do objeto direto*. Exemplo: *Má empresa* me parece que trazeis. Nesse exemplo, *má empresa* é o objeto direto de *trazeis* e acha-se antecipado na oração principal. Quando antecipado, o objeto é, frequentemente, lembrado, em seu lugar pró-

prio, por um pronome pleonástico. Exemplos: a) Essas virtudes fingidas creio que é melhor não as ter; b) Esses tais gênios parece que ninguém os lerá dentro de dez annos; c) índios brancos e louros há quem diga tê-los visto na Amazônia.

Nos *Lusiadas* ocorre em: IV, 50, 73; VI, 34, 88, 90; VII, 48; X, 32, 134.

6 — *Antecipação do objeto indireto*. Exemplo: *A poucos* supõe-se que dera o rei tal mercê. Nesse exemplo, *a poucos*, objeto indireto de *dera* está antecipado na oração principal. Póde também ser lembrado depois: «*A êsses ingratos* não me parece que se *lhes* deva dar novo amparo».

Pode vir mascarado o objeto indireto com a figura de sujeito, como em Camões (*Obras*, III, 96, egl. VII, ed. Jurom.):

O doce rouxinol e a andorinha
Donde *lhes* veio o vir-se transformando
Senão do puro amor que o Trácio tinha ?

Nesses versos, *o doce rouxinol e a andorinha* são objeto indireto de *veio*, antecipado com o aspecto de sujeito.

Eis um bom exemplo num provérbio: *Quem o feio ama bonito lhe parece*. Esse *quem* com forma de sujeito é, na realidade, o objeto indireto, lembrado no lugar competente pelo *lhe*. Analisa-se como se fosse: *O feio parece bonito a aquele que o ama*.

Exemplos dos *Lusiadas*: II, 104; III, 26; VI, 22; VIII, 47; X, 99.

7 — *Antecipação do verbo*. Exemplo: *Chegarão* penso que às duas horas. Nesse exemplo, *chegarão*, está antecipado. As antecipações do verbo são raras. Os principais tipos são: a) *Vindo* que foi o dia, *embarcaram* todos (por: *logo que foi vindo o dia; vindo*

antecipado à conjunção regente); b) Eu lhe *disse* não o que sabia, mas o que sabiam os outros (por: eu não lhe *disse* o que sabia...); c) Maior elogio *foi* que todos êsses, sua escolha para chefe da comissão (antecipação de *foi* à oração correlata de *maior*: maior elogio que todos êsses, foi sua escolha...); d) Antecipação do infinito em expressões verbais aparentes com verbos causativos (*deixar, fazer, mandar, ouvir, ver*): «Esse caso ouvi-o *contar* a um velho» (por: ...ouvi um velho *contá-lo*); «Esta espada mandei-a *forjar* a um alfageme» (por: mandei um alfageme *forjá-la*). Nestes exemplos, há dupla antecipação.

§ — *Antecipação do apôsto*. Exemplo: a) Embora, *cousa rara*, êle estivesse aqui à hora marcada, não começamos o serviço (*cousa rara* é apôsto de toda a oração de *embora*); b) Finjamos, pois, (*o* que até fingido e imaginado faz horror), finjamos que vem a Baía e o resto do Brasil à mão dos Holandeses (o pronome neutro *o*, modificado pela oração adjetiva é apôsto da oração substantiva *que vem à Baía*... e lhe está antecipado para encarecer o fato horrendo); c) *Flor de candura, luz da minha vida, urge ver-te!* (*flor de candura, luz da minha vida* são apostos do pronome *te* da oração substantiva); d) *Tudo* indicava traição: o sumiço do chefe, as notícias sonegadas, a remessa de tropas (*tudo* apôsto sintético de *sumiço, notícias, remessa* antecipado aos nomes sintetizados). Essa mesma antecipação com os sintéticos *nada, todos* (1). Nos *Lusiadas* II, 39, 79; V, 91.

§ — *Antecipação do adjunto adverbial*. Exemplos: a) *Depois de fevereiro*, sabe Deus quando po-

(1) Não figura aí a antecipação do apôsto em frases como: o *bobo* do menino, a *pobrezinha* da velha, etc. Epifânio Dias e João Ribeiro pressentiram a aposição mas não a explicaram. Tudo se esclarece no meu trabalho *Da antecipação*.

derei ir até Campinas (*depois de fevereiro* é o adjunto adverbial da oração de *quando* e está antecipado na principal); b) *Com jarras na cabeça e meninos pelas mãos* vemos irem mulheres requeimadas e descalças (*com jarras na cabeça e meninos pelas mãos*, adjuntos adverbiais antecipados de *irem*); c) *Pouco a pouco* é que se foi êle recordando do acidente (*pouco a pouco*, adjunto adverbial de recordando). Nos *Lusiadas*: II, 29; III, 21; IV, 13, 50, 71; VI, 19, 45; VIII, 7, 19, 23, 33, 36; IX, 15; X, 88, 136.

10 — Antecipação do predicado nominal. Exemplos: a) Comunicaram isso ao padre Martinho *capelão* que nesse tempo era do Recolhimento (*capelão*, predicado nominal, antecipado ao verbo *era*, em vez de: que nesse tempo *era capelão*). b) Êle apanha com as mãos limpas qualquer cobra por *venenosa* que seja (*venenosa* é o predicado nominal da oração de *seja*; o normal seria: por mais que seja *venenosa*, oração adverbial concessiva, intensiva).

11 — Antecipação dos elementos relativos. Exemplos: a) Sucedeu o *que* eu previra que sucedesse (o primeiro *que*, pronome relativo é sujeito de *sucedesse* da oração substantiva e está antecipado para operar a subordinação; a ordem lógica seria: sucedeu o eu previra *que* *que* sucedesse.) b) Vimos muito abuso *que* cumpriria estirpar (*que* objeto de *estirpar* antecipado para operar a subordinação; ordem normal: vimos muito abuso estirpar *que* cumpriria). c) Êle bem vira *de que* negro crime o acusavam (*de que* objeto indireto de *acusavam* antecipado sob a forma de *adjetivo relativo*, quando é pronome; ordem normal: vira o negro crime de *que* o acusavam). A antecipação reforça o *que* dando-lhe valor de *quão*. d) Ela não percebia *quão* falsa mulher era a amiga (*quão* é palavra sintética, vale por o *tanto que*; está anteci-

pado para operar a ligação; ordem equivalente: ela não percebia *que* mulher *tão* falsa era a amiga; ordem lógica: ela não percebia a *tão* falsa mulher *que* a amiga era. e) Recebi uma carta de Santos, *na qual* carta me falavam de ti (está por: carta *na qual*; *carta* é uma redundância enfática, modificada pela oração adjetiva; a antecipação foi feita para operar-se a ligação subordinada em lugar da apositiva). Outro exemplo em *Lusiadas*, I, 21.

12 — *Antecipação de complementos*. Exemplos: a) *Dessa gente* não se soube ao certo qual foi o paradeiro (antecipação do complemento subjetivo). b) *As estátuas belas* parece que seus escultores as namoram (está por: parece que os escultores *das estátuas belas* as namoram; antecipação do complemento objetivo, disfarçado, mas depois lembrado pelo adjetivo *seus*). c) *Pelos próprios amigos*, penso eu que foram eles enganados (antecipação do complemento de causa eficiente). d) *Dessa região*, suponho que ninguém sabe o nome (antecipação do *complemento possessório*). Nessa antecipação pode vir mascarado o complemento e lembrado depois, no lugar competente, pelos possessivos *seu, lhe, dele*, etc.; ex.: *Bartolomeu*, andava-*lhe* a cabeça à roda e fugia-*lhe* o lume dos olhos (em vez de: A cabeça *de Bartolomeu* andava à roda e fugia o lume dos seus olhos). e) *Dos prisioneiros* constava ser, um, vigário no Ceará (antecipação do complemento específico *dos prisioneiros*). A antecipação, nesse caso, é normal se o complemento específico estiver preso aos demonstrativos *o, a, os, as*; ex.: *Dos corredores* sabe-se que foi um filandês o que mais sobressaiu (a frase normal seria: sabe-se que foi um filandês *o dos corredores* que mais sobressaiu). Esse complemento pode também vir mascarado; ex.: *Os três reis orientais...*

é tradição que um era negro (Vieira), igual a: é tradição que um *dos três reis orientais* era negro. f) Um punhal foi *do* que se valeu o assassino (antecipação da preposição *de* ao pronome demonstrativo *o*; o normal seria: um punhal foi *o de* que se valeu o assassino). Nesses casos a antecipação da preposição é mais usada que a construção lógica. Outro exemplo: Não sei *no* que confias, mas sei *ao* que devo ater-me (está por: não sei *o* em que confias, mas sei *o a* que devo ater-me. g) *Pode-se-lhes dar o qualificativo de boas*, tão diferentes são das demais (houve antecipação da segunda oração correlata, omitindo-se por isso a conjunção *que*; a construção normal seria: *tão diferentes são das demais que se lhes pode dar o qualificativo de boas*). h) *A si mesmos* parece que intentavam sepultar-se vivos (Bernardes). Houve antecipação de *a si mesmos*, refôrço do pronome reflexivo *se* (parece que intentavam sepultar-se *a si mesmos*, vivos).

Do anacoluto

Anacoluto é a alteração de um processo lógico.

Essa alteração se dá, ou por *juxtaposição* ou por *antecipação*.

Exemplo da primeira: "Assentada nas margem do Chetawir, grande número de embarcações subiam e desciam o rio" (Herc. *Hist. de Port.* I, 381). O autor iniciou o período com uma oração adverbial reduzida de particípio passado e, depois, em vez de uma oração principal condicente à adverbial, passou a uma simples juxtaposição, como se houvera: "Alcácer estava assentada nas margens do Chetawir; grande número de embarcações, etc.

Exemplo da segunda: «... e *Roma* que do mundo foi senhora pacífica, sabido é com quão pouca gente

e riquezas os senadores *dela* começaram seu senhorio (Ruy de Pina, *Cron. d'El-rey d. Duarte*, c. 17). Houve antecipação do *complemento subjetivo* sob aparência de sujeito (*Roma* em vez de: *de Roma*) e por isso lembrado no lugar próprio pela expressão possessória *dela*. Desfeita a antecipação, desfaz-se o anacoluto. Ora, a quase totalidade dos anacolutos são conseqüência de antecipações. Chamo para isso a atenção dos professores. Examinem-se, por exemplo, os dos *Lusiadas*, entre outros, estes: II, 1, 27, 40, 43, 47, 82, 104; III, 4, 16, 21, 22, 26; V, 6, 54, 92; VI, 24; VII, 18, 74; VIII, 13, 47, 58, 59; IX, 32; X, 77, 83.

Da expressão É QUE

1 — Os autores consideram *idiomatismo* a ocorrência do verbo *ser* com a palavra *que* em vários tempos: *é que*, *era que*, *foi que*, *fôra que*. Parecendo-lhes impossível qualquer análise *lógica*, preferem suprimi-la do texto. Ora, tal supressão, quase sempre, altera o sentido, nem sei como se possa considerar *é que* expletivo.

2 — Para analisar corretamente a expressão, importa, antes de tudo, reconhecer sob essa forma *é que* nada menos de *cinco* espécies perfeitamente distintas:

1.º) Certo *é que* a ti nada se te mete em cabeça (Ant. José, *Obras*, II, 180).

Essa frase é mera inversão de: *é certo que*... O *que* é conjunção integrante: a oração de *que* é substantiva subjetiva.

2.º) O caso *é*, Geringonça, *que* meu pai está muito caduco (Id. *ibid.* I, 222).

O *que* é, ainda, conjunção integrante e a oração de *que* é substantiva predicativa.

3.º) Que quer dizer este nome? *É que* as almas tanto *que* entram naquele templo se tornam extati-

cas (Bernardes, *Paraíso dos cont.*, pag. 448). Nesse exemplo, o verbo *é* tem a função especialíssima de *verbo vicário*, isto é, substitue o verbo da oração antecedente (ou até vários verbos), evitando sua enfadonha repetição. Assim, *êsse é* está em lugar de *quer dizer* (*quer dizer* que as almas, etc.). A oração é, nesse caso, substantiva objetiva. Na análise temos naturalmente de repor o verbo substituído. O mais das vezes, porém, o *que* é conjunção causal, equivalente a *porque*; ex.: «Os sinos teem tido amigos e inimigos; e porque? (1). Pela mesma razão porque sobre tudo há duas opiniões contraditórias. *É que* tudo tem duas faces diversas (Herc. *Lendas e narr.*, II, 124). O exemplo é demonstrativo. A última frase está por: Eles teem tido amigos e inimigos *porque tudo...* O verbo *ser* é aí vicário e o *que* é a conjunção causal. A oração de *que* é adverbial.

4.ª) «Esta terra em que estamos *é o que*, sem nós o sentirmos, se move e nos leva consigo (Vieira, *Sermões*, I, 354). Hoje dir-se-ia de preferência: «esta terra *é que* se move...» com elipse de *o*.

Nesta frase: «Homem, *que é que pedis?*» (Antonio José, *Obras*, I, 128), os seiscientistas não dispensariam o pronome demonstrativo e diriam: *que é o que pedis?* Temos, assim, um *é que* igual a *é o que*. O *o* é predicado nominal e o *que* pronome relativo. Em vez de *o que* pode aparecer *quem*.

5.ª) Chegamos agora ao tipo mais difícil. Aqui, parece impossível qualquer restituição da frase original. Ora, em todos êsses casos há dois fatos capitais: uma *exclusão* e uma *antecipação*. A frase: «Aqui, nós *é que* somos os reis» está por: aqui, *só nós*

(1) Repare-se nesse *porque* interrogativo numa só palavra, como o fizeram todos os clássicos e o fazem franceses (*pourquoi?*) e italianos (*perchè?*). Confirmando essa minha afirmação, feita há muito, o finado prof. Mello Carvalho escreveu exaustivo trabalho na *Rev. de língua port.*

é que somos os reis». Na frase: «Era *dêste modo* que êle ria (Herc. *Lend. e narr.*, I, 42), o *dêste modo* é adjunto adverbial de *ria* e está antecipado na oração do verbo *é*. Temos, pois, de repor o adjunto antecipado em seu lugar próprio e restabelecer o exclusivo *só*. Um exame minucioso revela ter êste quinto tipo, inexistente no século XVI, decorrido, pela antecipação, do primeiro tipo. A frase seria lá: "O caso era que êle se ria só *dêste modo*" A antecipação dispensou o sujeito de *era* e o exclusivo *só*. (1)

Da expressão EIS QUE

Como analisar as frases com *eis que*, *ei-lo que*, etc.?

Podemos fazê-lo de dois modos:

Admitindo para étimo de *eis* a proposta do dicionarista Antônio de Moraes e Silva, isto é, *eis* igual a *heis* (haveis).

Nesse caso, havemos de considerar *eis*, o verbo, e, objeto direto, o substantivo ou a oração seguinte.

Como julgo insustentável a etimologia de Moraes, embora aceita por um Gonçalves Viana, proponho a seguinte análise.

Considero *eis* mera *partícula designativa*, às vezes *preventiva*. A forma primitiva foi certamente do seguinte tipo: *eis o sacerdote* (ecce sacerdos), mero anúncio com verbo subentendido: *eis chega* o sacerdote. Essa partícula foi cedo reforçada por *aquí*, *ai*, *ali*: *eis aquí*, *eis ai*, *eis ali*, figurantes em adjuntos adverbiais de frases como: *eis, aqui* está êle!

Só depois se introduziu o *que*, parasitário, verdadeiro intruso, como em tantos outros casos: talvez *que*, embora *que*, enquanto *que*, quase *que*, etc.

(1) Ver sobre tudo isso o meu trabalho *Da antecipação* ..

Ora, êsse *que*, em nenhum dêstes casos, entra na análise. Devemos igualmente desprezá-lo na análise de *eis que*.

Como, porém, explicar *ei-lo, ei-la*?

E' uma evidente antecipação.

Tomemos a frase: *Eis que vem* JOÃO. *Eis* é partícula designativa; *que* é elemento intruso; o sujeito é João.

Porém, essa frase admite antecipação: *Eis* JOÃO *que vem*.

Suponhamos agora a frase: *Eis que vem* ÊLE. A antecipação do sujeito daria, logicamente: *Eis* ÊLE *que vem*.

Penso que, neste caso, influiu a analogia com as formas verbais terminadas em *eis*. Como *haveis, que-reis, recebeis, conheceis*, etc. não toleravam *êle, ela* e exigiam *lo, la* (*havei-lo, querei-lo, recebei-lo, conheci-lo*) a língua adotou, nas antecipações, *ei-lo, ei-la*.

Na análise, desfaremos a antecipação e restituiremos *êle, ela*, em seu lugar próprio.

Da construção passiva

1 — EXEMPLO: *O campo lindo* FOI LOUVADO *pelo poeta*.

Nesse exemplo, *campo*, não exerce a ação; *sofre-a*. O verdadeiro agente é o poeta. Diz-se, então, que o sujeito é *passivo* e que a frase é de construção *passiva*, estando o verbo na *voz passiva*.

Em português, pode-se construir o predicado passivo de três modos: a) por um verbo no particípio passado conjugado com um auxiliar: *fui ferido por João; estou dominado por ti; vive enganado por alguém; foi expulso pelo pai*; — b) por um verbo com

as partículas apassivadoras *me, te, se, nos, vos*; exs.: *batizei-ME aos três anos; onde TE achas sempre às 11 horas; chama-SE Manoel; compram-SE joias; vêem-SE casas pelos morros; assustamo-NOS com o trovão; con-doestes-vos com a morte do rapaz?* etc. — c) por um infinito precedido de preposição; ex.: *casas PARA ALUGAR*=para serem alugadas; *måndou BUSCAR a mala pelo criado*.

Há três espécies de passiva: a de ação, a de estado, a de mudança de estado. Exs.: a) *FUI AGREDIDO por Pedro*; b) *ESTAMOS CERCADOS de inimigos*; c) *êle FICOU ESPANTADO com o tiro*.

No primeiro exemplo, o *campo lindo* é o sujeito passivo; o predicado é *foi louvãdo* e menciona-se, depois, a pessoa que louvou. Esta expressão *pelo poeta* se chama: COMPLEMENTO DE CAUSA EFICIENTE.

Sendo êste complemento o verdadeiro *agente*, aquele que exerce a ação, podemos transformar a construção passiva em ativa, ficando êle como sujeito e mudando o sujeito passivo em objeto direto: *o poeta louvou o campo limpo*.

Note-se que o complemento de causa eficiente não pode vir claro se a construção é feita com a partícula apassivadora ou com o infinito, fato comum no português antigo, com raros vestígios atuais.

2 — EXEMPLO: *INTERROGADO, o menino respondeu: não sei.*

Nesse exemplo *interrogado* é uma oração passiva de gerúndio: *tendo sido interrogado*, etc., reduzido o verbo apenas ao *participio passado*.

3 — EXEMPLO: *Assustei-ME com o trovão.*

Nesse exemplo a voz é realmente passiva pois o sujeito sofre a ação sem exercê-la e corresponde à ativa: *o trovão me assustou*. Vê-se, por êsse exemplo,

que a passiva de mudança de estado pode ser exercida, também, pelas partículas *me, te, se, nos, vos*.

4 — EXEMPLO: *Bebe-se muito no verão*.

Nesse exemplo o sujeito da oração *passiva* não se menciona. Diz-se da oração que é *passiva impessoal*, exatamente como ocorre em latim (1).

Da aposição

1 — EXEMPLO: — *A judia, FEITICEIRA, matou o poeta*.

Nesse exemplo, o substantivo *judia*, sujeito da oração, vem acompanhado de outro substantivo que a distingue e lhe explica uma das feições ou qualidades, sem contudo mencionar tal qualidade como característico. Esse substantivo explicativo, quase adjetivo (note a diferença com: *a judia FEITICEIRA*), se chama *apôsto*.

2 — EXEMPLO: *Este senhor, SEGUNDO OFICIAL DOS CORREIOS*, vai casar-se.

Nesse exemplo o *apôsto* é exercido por uma *expressão substantiva*.

3 — EXEMPLO: *Eu lhe disse: «DESPREZA OS CORTEJADORES»*.

Nesse exemplo, a oração *despreza os cortejadores* é uma *oração enunciativa apostá*, pois está apensa ao pronome demonstrativo *ISTO*.

(1) Podia-se considerar também no *assustei-me* o *me* partícula de *mudança de estado* e a expressão *com o trovão* mero adjunto adverbial de causa, tudo equivalente a: fiquei assustado com o trovão. Os latinos diferenciavam os dois causativos (de *coisa* e de *pessoa*) por meio da preposição *a* (*sternitur ventis; mittitur a patre*). Essa mudança de estado é realmente indicada pelo pronome: *zanguiei-me* = fiquei zangado; *acalmamo-nos* = ficamos calmos; *calou-se* = ficou *calado*, etc.

Na análise, sempre que ocorre uma enunciação, o que se assinala com *dois pontos*, não devemos fechar o período nos dois pontos, como se faz comumente, contra o bom senso, mas tornar claro o pronome *isto* objeto direto, e fazê-lo acompanhar da oração apostá ou, às vezes, numerosas orações.

4 — EXEMPLO: *Os meninos iam, um de branco, o outro de azul.*

Nesse exemplo o sujeito *meninos* é acompanhado dos *apostos*: *um* e *o outro*, pronomes que indicam *distribuição*. Chamo-lhes, por isso, *apostos distributivos*. O mesmo com os demais pronomes distributivos (1).

(1) E' útil conhecer e classificar os apostos. Eis o quadro:

apostos	denominativos.....	personativos (1)
		locativos (2)
		intitativos (3)
		pejorativos (4)
		antonomásticos (5)
		hipocorísticos (6)
		afetivos (7)
		factivos (8)
		distributivos (9)
		predicativos (10)
		explicativos (11)
		sintéticos (12)
		discriminativos (13)
		seletivos (14)
		concomitantes (15)
		alternados (16)
		correlatos (17)
		vicários (18)
		adverbiais (19)
		redundantes (20)

Exemplos: 1) o poeta *Hermes Fontes*; 2) o rio *Amazonas*; 3) o romance *Quincas Borba*; 4) João da Silva, vulgo *Picolé* (*vulgo é palavra denotativa*); 5) Floriano Peixoto, o *marechal-de-ferro*; 6) meu primo, o *Juquinha*; 7) Você, meu *negrinho*, meu *bemzinho*; 8) Miguel, o *pedreiro*; 9) Eles foram, *cada qual* para seu lado; ambos saíram, *um* para a Gávea *o outro* para a cidade; 10) A região tem clima salubre, *motivo* que me leva para lá (*e esse é o motivo*); 11) Coema, *flor de beleza, luz de amor* (G. Dias); 12) conselhos, promessas, ameaças, *tudo* foi inútil, *nada* o demoveu; pratos, pires, chicaras, a *louça toda* voou pela janela; 13) *tudo, conselhos, promessas, ameaças* foi inútil; *nada, nem família, nem posição, nem conveniências*, o demoveu; *toda a louça, pires, chicaras, pratos* voou

Do período

1 — EXEMPLO: *Ela me escreveu algumas vezes.*

Essa frase constitui um período simples e se chama *independente absoluta*.

2 — EXEMPLO: *Alugamos a chácara e passaremos lá o verão.*

Nesse exemplo, o período é composto e as duas orações têm sentidos independentes, estando apenas juxtapostas, unidas pela conjunção *coordenativa* E. As orações se dizem, por isso, COORDENADAS e o período, composto *por coordenação*.

Vindo clara a conjunção, a coordenação é *sindética*; vindo oculta, é *assindética*.

3 — EXEMPLO: *Tu aprendes PORQUE ESTUDAS.*

Nesse período a oração *tu aprendes* forma sentido independente e poderia figurar sozinha; mas, a oração *porque estudas*, indicadora do motivo pelo qual aprendes, só tem sentido inteligível unida à primeira, sendo impossível separá-la. A primeira oração se diz, assim, PRINCIPAL e a segunda SUBORDINADA, e o período é composto por SUBORDINAÇÃO.

4 — EXEMPLO: *Melhorarás SE PASSEARES UM POUCO, pois o ar dos campos tonifica e restaura as forças.*

Nesse exemplo, há três orações coordenadas entre si: a do verbo *melhorar*, a do verbo *tonificar* e a do verbo *restaurar*; firma-se, porém, uma condição de melhora, expressa pela oração *se passeares um pouco*. Esta oração é *subordinada* e nesse caso o pe-

5 — EXEMPLO:

Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente
Põe-me em perpétuo e misero desterro,
Onde em lágrimas viva eternamente.

(Lus. III, 128).

Nesse passo de Camões, na *Scytia* e na *Lybia* são adjuntos adverbiais *alternativos* de *põe*. Nesses adjuntos figuram dois substantivos *Cítia* e *Líbia* seguido cada qual do mesmo apôsto: *lugar*, palavra incluída dentro do pronome sintético *onde*=lugar em que.

		exercida por	
funções 16- gitas	gerais	subjativa	substantivo ou palavra substantiva expressão substantiva oração substantiva pronome ou expressão pronominal
		predicativa	verbo transitivo ou intransitivo substantivo } ligado ao sujeito adjetivo } por ver. de estado pronome } ou de afirmação oração substantiva
	especiais	objetiva	(o mesmo que para a subjativa)
		adjetiva	adjetivo ou palavra adjetiva expressão adjetiva oração adjetiva
		adverbial	advérbio ou palavra adverbiada expressão adverbial oração adverbial
		interjetiva	interjeição expressão interjetiva oração interjetiva

pela janela; 14) Cercou-se de ótimos amigos, principalmente *Paulo*; tudo me encantava, sobretudo a *música* (*principalmente e sobretudo* são *palavras denotativas*); parentes, amigos, correligionários, *quem* o socorrerá?; 15) Paulino, teu *cunhado* e meu *sócio*...; 16) Esse *moço*, *estudante* ou *caixeiro*, ou, talvez *nada disso*, apareceu aqui ontem; 17) Aquele rapaz, não somente ótimo *violinista*, mas também exímio *escritor*, vem residir aqui; 18) aquela dama, atriz ou *seja o que for*, parece espanhola; 19) sente-se aqui, *junto a mim*; 20) Enfim, apareceu o artigo, um *artigo* fulminante; depois, arrombaram a caixa, um *caixão* pesado e novo; a vida, essa mesma *vida* que me abateu, me eleva.

riodo é composto, ao mesmo tempo, por COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO; é um período *mixto*.

Note-se que a oração de *melhorarás* é *principal* em relação à de *passeares*.

5 — EXEMPLO: Estudamos matemática *porque sabemos* QUE ÊSTE ESTUDO ILUSTRA O ESPÍRITO.

Nesse exemplo a oração *porque sabemos* é subordinada à primeira de *estudamos* e a terceira *que esse estudo ilustra o espírito* é subordinada à *segunda*. Temos, assim, uma oração subordinada a outra subordinada; portanto, a primeira subordinada é *principal* em relação à segunda subordinada.

6 — EXEMPLO: TAL era o pai, TAL é hoje o filho.

Nesse exemplo, as orações são independentes em sentido, mas se acham presas uma à outra por uma comparação, com *parallelismo* na apresentação dos dois conceitos. Esse *parallelismo* se revela pela anteposição do mesmo termo *tal* a cada frase. Chama-se isso CORRELAÇÃO e as duas orações se dizem *correlatas*. *Tal*, nesse exemplo, é o termo *correlativo*.

Esse pronome indica haver em *filho* os mesmos característicos que em *pai*. Estabeleço pois uma comparação de igualdade. Essa comparação é *qualitativa*.

7 — EXEMPLO: TANTO gritava a mulher, QUANTO gritava o filho.

Nessa frase, a comparação é *quantitativa* e *tanto* e *quanto* são os dois termos da correlação.

8 — EXEMPLO: O velho trabalha *mais* que o moço.

Nessa frase, comparo a ação do velho com a do moço assinalando superioridade na do primeiro. Essa superioridade é indicada pelo advérbio *mais*, primei-

ro termo da correlação. O segundo termo da correlação é *que*, conjunção correlativa. *Mais* pode estar em superlativo: *muito mais*, *enormemente mais*, etc.

9 — EXEMPLO: *Nós vendemos MENOS QUE* vocês.

Nessa frase, a comparação é de *inferioridade*, expressa pelo advérbio *menos*, que também pode estar em superlativo.

10 — EXEMPLO: NÃO SÔMENTE *procederam mal*, MAS TAMBÉM acusaram dois empregados inocentes.

Nesse período, não comparo; adiciono um fato a outro como se os coordenasse; mas, cada oração vem iniciada por um termo, correlacionados um com o outro, operando o paralelismo das correlações. São, pois, duas orações CORRELATAS ADITIVAS. Os termos correlativos podem variar: *não só... mas ainda; assim como... assim também; não sômente... senão que*, etc.

11 — EXEMPLO: O susto foi TAL, QUE a moça desmaiou.

Nesse exemplo, indico ser o segundo fato, o desmaio da moça, *consequência* do fato mencionado na primeira frase. A correlação chama-se, por isso, CONSECUTIVA. O primeiro termo é sempre o pronome sintético *tal* ou um adjetivo intensificado por uma palavra intensiva, em geral, *tão*: o susto foi TÃO GRANDE, que...; o golpe foi dado com *tanta* fôrça (fôrça TÃO GRANDE) que...

12 — Para analisar os períodos compostos por correlação, separam-se os dois membros correlatos e analisam-se separadamente, prendendo a segunda oração ao termo intensivo da primeira.

13 — Sendo tidas, em geral, como casos especiais da subordinação, cousa inadmissível, pouco se tem ocupado as gramáticas e os *Métodos* com as

correlações, dificultando imensamente o estudo da análise, sobretudo de Camões, onde os períodos correlatos se sucedem.

Insisto, pois, na necessidade de considerar-se a correlação processo de composição do período diferente da coordenação e da subordinação. Só assim podemos, com segurança, habilitar o aluno a reconhecer as correlações latentes, comuníssimas nos clássicos, e impedir que erre na classificação, dando-as como uma das três subordinadas. É que, muitas vezes, vem um só termo da correlação claro, sendo, além disso, muitas orações correlatas tidas pelos mestres como simples subordinadas de comparação.

Eis vários exemplos elucidativos:

a) Meu desânimo é TAL, QUE não me posso ter em pé.

Nesse exemplo, a análise da primeira oração deve ser: *sujeito*: meu desânimo; *predicado*: é tal; *tal* é um pronome sintético onde há um elemento intensivo; equivale a *tão grande*.

b) Eles subiram de modo *que* não os vimos passar.

Nesse exemplo, o primeiro termo da correlação está oculto: *de modo tal*; a oração *de não os vimos passar*, verdadeira correlata, é geralmente analisada como *subordinada adverbial de modo*, e as expressões *de modo que*, *de maneira que*, *a ponto que* (Castilho, Camões, I, 16), etc., são registradas nas gramáticas como expressões conjuncionais de modo, o que me parece inadmissível.

14 — EXEMPLO: Choveu *a ponto de* inundar as ruas.

Nesse exemplo, *a ponto de* está por *a tal ponto que*. Com a conjunção *que*, seria desenvolvida, de

modo finito, a frase. Reduzindo-a, o verbo vai para o infinito e substitue-se *que* por *de*. Temos, assim, uma correlata reduzida de infinito, com supressão do primeiro termo correlativo *tal*.

Eis um bom exemplo: E *tanta* suavidade havia, *de* fazer chorar neste sol pôsto. (Manuel Bandeira, *Poes, escolh.* p. 29).

Da oração latente

1 — EXEMPLO: *Meus amigos divertiram-se muito, MAS EU NÃO.*

Nesse exemplo, a segunda oração *mas eu não* deve ser concluída: *mas eu não me diverti*: isto é, tem o verbo oculto, ou melhor, subentendido, por figurar na oração anterior. Diz-se que o verbo está subentendido por *zeugma* e que a segunda oração é *latente*.

2 — EXEMPLO: *Todos se enganaram, COMO EU.*

Nesse exemplo, a oração latente é: *como eu me enganei* e *como* indica a identidade do modo pelo qual me enganei. A análise deve ser feita como se estivesse: *todos se enganaram assim como eu me enganei*, correspondente a *tal qual* eu me enganei. A oração *eu me enganei* é correlata comparativa.

3 — EXEMPLO: *Ele não me disse se vinha, OU NÃO.*

Nesse exemplo, a oração latente é: *ou não*, como se estivesse: *ou se não vinha*. É uma oração substantiva objetiva direta.

4 — EXEMPLO: *Ele caminha tal QUAL MEU IRMÃO.*

Nesse exemplo, a oração latente é: *qual meu irmão caminha*. É uma oração correlata.

5 — EXEMPLO: *Fizemos o que cumpria.*

Nesse exemplo, a oração adjetiva *que cumpria*, poderia ser completada e muitas vezes assim sucede, com a frase sujeito de cumpria: *que fizéssemos*. Desta oração substantiva só existe, no exemplo supra, o *que*, pronome relativo, seu objeto direto. Assim, *que fizéssemos que (o qual)* é uma oração latente. O que caracteriza a oração latente é estar subentendido o verbo.

6 — EXEMPLO: *Procedemos COMO CONVINHA.*

Nesse exemplo, o sujeito de *convinha* está inteiramente oculto. É a oração substantiva *que procedéssemos* subentendida depois de *convinha*. A latência, nesse caso, é *total*, ao passo que, nos outros exemplos, era *parcial* (1).

Da Juxtaposição

1 — EXEMPLO: *Justino, ME DISSE O GUARDA, recolhe aquele carro.*

Nesse exemplo, há duas frases independentes, uma das quais se intercala entre dois termos da outra, suspendendo-lhe a sequência. Por isso, a frase *me disse o guarda* chama-se *intercalada*. As duas frases estão relacionadas apenas por mera *juxtaposição*.

2 — EXEMPLO: *O guarda me disse apenas isto: RECOLHA AQUELE CARRO.*

Nesse exemplo, a frase *recolha aquele carro* é meio aposto do objeto *isto*. Em vez de *isto* poderia estar: *o seguinte, estas palavras, esta frase, etc.*; ou podia

(1) Alguns autores chamam, às latentes incompletas, *orações contractas*. Parece-me descabido o termo e inútil a distinção. Não houve *contração* nos termos; houve *subentendimento*. A diferença de umas a outras consiste, apenas, no subentendimento, *parcial*, numas, *total*, nas outras.

estar oculto qualquer dêsses objetos. Na análise deve-se tornar claro o pronome *isto* e dizer-se: objeto direto: *isto*, exercido por um pronome demonstrativo seguido de uma *oração* (pode ser *período*) *aposta*.

3 — EXEMPLO: *Meu maior desejo era este: FUGIR DAQUELA CASA.*

Nesse exemplo, a frase *fugir daquela casa* é o apôsto do pronome *este*, predicado de *desejo*. É pois uma *oração substantiva apostá*, reduzida de infinito.

4 — EXEMPLO: *Nosso programa era o seguinte: PRIMEIRO, entrar na floresta; SEGUNDO, seguir as pegadas dos bandidos, e, FINALMENTE, dar-lhes combate.*

Nesse exemplo, *primeiro, segundo, finalmente*, são partículas distributivas, indicantes a ordem, a sequência dos atos constantes do programa. As orações de *entrar, seguir* e *dar* são *apostas substantivas*, reduzidas de infinito.

5 — EXEMPLO: *Três cousas me assombravam: TEREM ÊLES EMBARCADO EM TAL JANGADA; NÃO HAVEREM DITO NADA AO CAPITÃO e, sobretudo, TEREM LEVADO AQUELA POBRE CRIANÇA.*

Nesse exemplo, as orações de *terem embarcado, não haverem dito* e *terem levado* são *apostas* do sujeito *cousas*.

6 — EXEMPLO: *Peço-te um favor, QUE ME GUARDES ESTAS CARTAS.*

Nesse exemplo, a oração *que me guardes estas cartas* é *aposta* do substantivo *favor*. Todavia, aparece regida de um *que*, conjunção integrante, característica das *orações substantivas SUBORDINADAS*. É que, nesse caso, houve cruzamento das duas construções,

apositiva e subordinativa. Cruzaram-se: *peço-te um favor: guardares-me estas cartas e peço-te que me guardes estas cartas.* (1)

Orações	independente		
	coordenadas	{ sindética assindética	
		principal	
	subordinadas	{ substantiva adjetiva adverbial	
		{ desenvolvida	
	correlatas	{ comparativa aditiva consecutiva	{ reduzida de { infinito gerúndio particípio passado
	justapostas	{ intercalada aposta	{ latente { parcial total

Modelos de análise lógica

Observação — Não é indiferente, pelo lado pedagógico, a disposição, digamos assim, material, da análise. Muito recomendados e usados nos Estados Unidos são os *diagramas*, onde se resume e se mostra, palpavelmente, todo o período.

A primeira vista, parece tal processo o ideal do método intuitivo; mas a prática me tem demonstrado o inconveniente da sua exclusividade para os principiantes. É que os diagramas são verdadeiras sínteses e o noviço mal se adapta a enxergar o todo em matérias cujas minúcias não conhece. Além disso, o diagrama não permite a análise completa de um período, ensinando apenas a divisão e interdependência das cláusulas. Os diagramas devem ser meros *esquemas* (como prefiro chamar-lhes) cujo desenvolvimento é indispensável para a perfeita apreensão do trecho.

A disposição que apresento é a que suponho mais favorável à rápida e profunda penetração do período e à assimilação de todos os segredos da análise lógica.

(1) Veja o *Apêndice*.

ca. Os resultados obtidos levam-me a aconselhar sua adoção por todos os professores, fruto que é da experiência e de contínuos aperfeiçoamentos.

Convém assinalar, antes de tudo, alguns pontos em que me afasto, definitiva e resolutamente, do modo comum de analisar. São os seguintes:

a) Não posso admitir a distinção entre *sujeito lógico* e *sujeito gramatical*, ou entre *predicado lógico* e *predicado gramatical*, e várias são as razões dêsse repúdio: — 1.^a) Duas são as funções *lógicas* gerais, a *subjettiva* e a *predicativa*; logo, todo sujeito e todo predicado é *lógico*; portanto, criar uma classe de sujeitos e predicados lógicos é pressupor que os há *não lógicos*. — 2.^a) A expressão: sujeito e predicado *gramaticais* não tem senso, porquanto *gramatical* significa *da gramática*, referente à gramática, e nunca ninguém ouviu dizer que houvesse sujeitos e predicados *da gramática*. Essa denominação foi copiada de um absurdo inventado por Mason, gramático inglês, que forjou uma divisão subtilíssima entre o *sujeito lógico*, isto é, a *entidade real ou imaginária* a que se refere a declaração, e o *sujeito gramatical*, isto é, a *palavra* que representa a entidade real ou imaginária. Tal discriminação, sem valor científico ou pedagógico, foi mal compreendida pelos gramáticos brasileiros que chamam *sujeito lógico* à palavra representativa do agente ou paciente *com todos os seus adjuntos*, e *sujeito gramatical* à mesma palavra *sem os adjuntos*, cousa contrária à concepção de Mason. O próprio Mason parece ter haurido tal distinção no gramático alemão Becker, sem contudo haver trasladado o que muito acertadamente se acha no manual dêsse autor. Quando em português dizemos: *está chovendo*, o sujeito é *indefinido* e nenhuma palavra o representa; mas em francês, inglês e alemão, por exemplo, êsse

sujeito indeterminado é representado por uma partícula: *IL pleut; IT rains; ES regnet*. Becker chama a tais partículas *sujeitos formais*, porque teem apenas a *forma* de sujeito na frase, sem serem sujeitos reais. Em português, porém, onde semelhantes partículas já não existem, a não ser na linguagem vulgar de certas regiões, tais distinções são absurdas, mantidas pela mais condenável das rotinas, indignas de figurar no ensino das nossas classes. — 3.ª) A distinguirmos sujeito e predicado lógicos, de sujeito e predicado gramaticais, não vejo razão alguma para não estender tal distinção aos objetos e aos adjuntos. Teríamos então objeto lógico e gramatical, adjunto adverbial lógico e gramatical. — 4.ª) Suponhamos a frase: *convém que saíamos juntos*. O sujeito de *convém* é a oração *que saíamos juntos*. Qual será, neste caso, o *sujeito gramatical*? Não existe e nunca existirá sempre que o sujeito vier representado por uma oração ou uma expressão substantiva. Tudo isso para maiores dúvidas e confusões do aluno.

b) Igualmente me parecem fúteis e dispensabilíssimas as subdivisões das sentenças: *plenas, elípticas, complexas, incomplexas, expositivas, interrogativas, conjuntivas*, etc., etc., divisões por vezes errôneas. Se o sujeito não está claro, por exemplo, diz-se *elíptica* a oração, o que é absurdo. Neste caso, o sujeito é que é *elíptico*, mas a oração está claríssima. Só há um caso de oração elíptica, o da oração latente, assinalada por mera conjunção ou partícula, estando subentendidos os termos lógicos.

c) Outra questão de suma importância consiste na divisão das orações. Sigo, neste particular, *in totum*, as observações sensatíssimas do gramático francês Texier que mostrou os verdadeiros disparates do sistema tradicional.

Tomemos o seguinte período de Machado de Assis:

«Rubião pegou na chicara e, enquanto lhe deitava assucar, ia disfarçadamente mirando a bandeja que era de prata lavrada».

No sistema usual de análise, começam pelo contrassenso de chamarem à primeira oração coordenada *principal*, quando só é possível haver *principal* relativamente a *subordinadas*, mas nunca entre duas coordenadas.

No período, há realmente uma *principal*; é a oração de *ia mirando*, mas principal relativamente às duas subordinadas de *deitava* e *era de prata*.

Texier denomina, muito apropriadamente, tal oração, *oração GERAL*, porque dentro dela se encerram, *sem se poderem separar*, as duas outras.

E aqui chegamos ao ponto essencial. O que caracteriza a oração *subordinada* é justamente *não poder separar-se da sua principal*. Que se faz, porém, no método usual de análise? Precisamente o contrário: *separam-se essas orações* da principal e pratica-se o seguinte destempêro: 1.^a oração: *ia disfarçadamente mirando a bandeja*; 2.^a: *enquanto lhe deitava assucar*; 3.^a: *que era de prata*.

Ora, a segunda oração é *adjunto adverbial da principal* e a terceira é *adjunto adjetivo* de um termo da mesma principal. De modo que, quando citamos a principal sem êsses dois adjuntos, a citamos decepada, mutilada de dois termos que a completam, que dela se não podem separar.

Por êsse processo, chegamos aos mais ridículos desconchavos, ao de mencionar, *verbi gratia*, a oração sem o sujeito ou sem o objeto, apesar de claramente expressos.

Assim, nesta frase: «*Parece-me que tudo está perdido*» a divisão é: 1.^a oração — *parece-me*; 2.^a oração — *que tudo está perdido*. Ora, esta segunda oração é precisamente o sujeito da primeira e, dest'arte, ao mencionar a principal, menciono-a *sem o seu sujeito*! Como fazer então? Como o faz Texier, como indica o bom senso. Nessa frase, a primeira oração, a que Texier chama oração *geral*, é a do verbo *parecer* com o sujeito, isto é, o período inteiro, construído sob o plano da subordinação.

E dividimos assim: 1.^a oração, *geral*: *parece-me que tudo está perdido*; 2.^a oração, *subordinada*: *que tudo está perdido*.

O processo rotineiro se mantém por causa do velho e extravagante mandamento de que uma oração *não pode ter mais de um verbo*. Porque não? se o seu sujeito é uma oração, ou se o seu objeto é uma oração, ou se o adjunto adverbial é outra oração? Será lícito, numa oração em que concorrem dois adjuntos adverbiais, um expresso por advérbio, o outro expresso por oração adverbial, será lícito, pergunto, incluir na oração principal o primeiro adjunto e excluir dela o segundo? Será razoável, quando o objeto direto é uma oração substantiva, citar a oração principal sem o seu objeto? Até onde pode levar o preconceito aferrado ao tradicionalismo!

d) Finalmente, não logro perceber o motivo justo pelo qual não se analisam as orações ditas de modo infinito, orações reduzidas que se podem perfeitamente desenvolver em outra de modo finito. Ex.:

«*Ao passar a ponte a velha teve uma vertigem*». Equivale isso a: «*a velha teve uma vertigem quando passava a ponte*». Em ambos os casos há um verbo *passar*, com um sujeito *a velha*, com um objeto direto *a ponte*.

Logo, em ambos os casos, posso e devo analisar ambas as sentenças, sem o que a análise não será completa (1).

Feitas essas observações, vejamos alguns modelos, dos mais simples aos mais complicados. (2)

I — SOFIA DEU-LHE A MÃO GENTILMENTE, SEM SOMBRA DE RANCOR. (Machado de Assis — *Quincas Borba* — 140).

Período simples: consta de uma oração independente, absoluta.

SUJEITO	{	Função subjetiva exercida por um substantivo próprio.
<i>Sofia</i>		

PREDICADO	{	Função predicativa exercida por um verbo de predicação dupla, seguido de dois objetos e modificado por dois adjuntos adverbiais.
<i>deu-lhe a mão gentilmente, sem sombra de rancor</i>		

OJETOS	{	Função objetiva exercida:
<i>a) a mão</i> <i>(direto)</i> <i>b) lhe</i> <i>(indireto)</i>		
		<i>a) por um substantivo comum.</i> <i>b) por pronome pessoal objetivo indireto.</i>

(1) Tudo isso escreveu-se há uns bons vinte anos. Folgo de consignar aqui a progressiva adesão dos professores brasileiros a tais conceitos. Nesse processo de análise é francamente superior aos estrangeiros. Oxalá possamos, unificando a nomenclatura, torná-lo imponente escola, sobretudo independente.

(2) Para completo estudo, sairão brevemente os meus *Modelos de análise*.

ADJUNTOS ADVERBIAIS

- a) *gentilmente*
- b) *sem sombra de rancor*

Função adverbial exercida:
a) por um advérbio de modo.
b) por uma expressão adverbial, negativa, de estado.

II — *As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas. (Idem, ibidem).*

Período composto por *coordenação*.

Análise do primeiro membro da coordenação: *as senhoras casadas eram bonitas*.

SUJEITO
as
senhoras
casadas

Função subjetiva exercida por um *substantivo* modificado por dois *adjuntos adjetivos*.

PREDICADO
eram *bonitas*

Função predicativa exercida por um adjetivo ligado ao sujeito por um verbo de estado permanente.

ADJUNTOS ADJETIVOS

- a) *as*
- b) *casadas*

Função adjetiva exercida por:
a) adjetivo articular
b) adjetivo descritivo

Análise do segundo membro da coordenação (*as-sindético*): *a mesma solteira não devia ter sido feia*.

SUJEITO
a mesma
solteira

Função subjetiva exercida por uma *palavra substantivada*, modificada por um adjunto adjetivo.

PREDICADO
não devia ter
sido *feia*
aos vinte e
cinco anos

{ Função predicativa exercida por um *adjetivo*, ligado ao sujeito por uma expressão verbal de estado, com sentido dubitativo, e modificada por adjunto adverbial.

ADJUNTO ADJETIVO
a mesma

{ Função adjetiva exercida por *adjetivo articular* reforçado pela palavra de realce *mesma*.

ADJUNTO ADVERBIAL
aos vinte e cinco anos

{ Função adverbial exercida por uma *expressão adverbial* de tempo.

Análise do terceiro membro da coordenação (sintético): *mas Sofia primava entre todas elas*.

SUJEITO
Sofia

{ Função subjetiva exercida por um substantivo próprio.

PREDICADO
primava entre
todas elas

{ Função predicativa exercida por um *verbo* de predicação completa modificado por um adjunto adverbial.

ADJUNTO ADVERBIAL
entre todas elas

{ Função adverbial exercida por uma expressão adverbial de posição (virtual).

III — O salário poderia também variar segundo a importância das comunas, quando não fôsse cômodo ou possível reunirem-se.

(A. F. de Castilho — *Coloquios aldeões*, 14)

Periodo composto por subordinação.

Análise da oração *geral* (ou *principal*)

SUJEITO } Função sub. exerc. por um *subst. co-*
O salário } *mum*, mod. por um *adjunto adjetivo*.

PREDICADO { Função pred. exercida por uma
poderia também { *expressão verbal* modif. por três
variar segundo { adjuntos adverbiais.
etc.

ADJUNTO ADJETIVO { Função adjetiva exercida por
o { um adjetivo articular.

ADJUNTOS ADVERBIAIS { Função adverbial exer-
cida:
a) também a) por um advérbio de
b) segundo a importância modo
das comunas b) expressão adverbial
c) quando não fosse cô- de conformidade.
modo ou possível o c) orações adverbiais
reunirem-se de frequência.

Análise de primeira oração subordinada ad-
verbial.

SUJEITO { Func. subj. exercida por uma ora-
o reunirem-se { ção substantiva reduzida de in-
finito, modificada por um adjun-
to adjetivo.

PREDICADO { Função predicativa exercida por um
não fôsse { *adjetivo pronominal* (neutro) ligado
cômodo { ao sujeito por um verbo de afirmação.

ADJ. ADJETIVO { Função adjetiva exerc. por um
o { *adj. artc.*

Análise de segunda oração adverbial, coordenada com a primeira.

SUJEITO
(o mesmo) } subentendido por zeugma.

PREDICADO
não fôsse } Função predicativa exercida por um
possível } *adjetivo pronominado* (neutro) ligado
ao sujeito por um verbo de afirmação.

IV — *A narração que fizera o Lidador convertera em certeza as desconfianças que o trovador concebera de alguém o haver conhecido na côrte, apesar do seu disfarce.* (A. Herc. — *O bobo*, p. 224).

Período composto por subordinação.

Análise da oração geral.

SUJEITO
A narração } Função subjetiva exercida por um
que fizera } subs. modificado por dois adjuntos
o Lidador } adjetivos.

PREDICADO
convertera em certeza } Função predicativa exerci-
as desconfianças etc. } da por um verbo de ação,
de pred. inc. seguido de
objeto direto e adjunto
predicativo.

OBJETO DIRETO
as desconfianças } Função objetiva exercida por um
que o trovador etc. } *substantivo* modif. por *dois ad-*
juntos e seguido de um comple-
mento terminativo.

ADJUNTO PREDICATIVO

em certeza

Exercido por um substantivo (indicador do resultado da mudança expressa pelo verbo). (1)

ADJUNTOS

- a) a
- b) *que fizera o Lidador*
- c) *que o trovador concebera*

Função adjetiva exercida.
a) por adjetivo articular.
b) }
c) } por duas orações adjetivas.

COMP. TERM.

de alguém o haver conhecido na corte etc.

Exercido por uma oração substantiva reduzida de infinito.

Análise da primeira oração adjetiva: *que fizera o Lidador*.

SUJEITO

o Lidador

Função subj. exerc. por um substantivo modif. por um adjunto adjetivo.

PREDICADO

que fizera

Função pred. exerc. por um verbo de pred. incompleta seguido de objeto direto.

OBJETO DIRETO

que

Função objetiva exercida por um pronome relativo.

(1) *Certeza* é predicado de *desconfiança*, mas predicado posterior à mudança efetuada. Esse predicado ocorre sempre com verbos indicantes uma transformação; exs.: Transformar ouro *em* prata; tornar o bom *mau*. A preposição não altera o caráter predicativo.

ADJ. ADJETIVO { Função adjet. exercida por adjetivo
o articular.

Análise da segunda oração adjetiva: *que o trovador concebera*.

SUJEITO { Func. subj. exerc. por um *subst.*
o trovador mod. por um adj. adjetivo.

PREDICADO { Função pred. exercida por um
que concebera verbo de predicação incompleta
seguido de *obj. dir.*

OBJETO DIRETO { Função objetiva exercida por um
que pronome relativo.

Análise da oração substantiva: *de alguém o haver conhecido na côrte apesar do seu disfarce*.

SUJEITO { Função subj. exercida por um pronome
alguém indefinito.

PREDICADO { Função predicativa exercida por
o haver conhecido na côrte um verbo seguido de objeto di-
apesar de seu reto e modif. por dois adjuntos
disfarce adverbiais.

OBJETO DIRETO { Função obj. exerc. por um *pro-*
o nome objetivo direto.

ADJUNTOS ADVERBIAIS { Função adverb. exer-
a) na côrte cida por expressões
b) apesar de seu disfarce adverbiais: uma de lu-
gar, outra de con-
cessão.

V — *Não é só isso, interrompeu o cavaleiro, é necessário que ainda hoje vás ao sovelal que se estende junto ao vau do Avicela.*

(Alex. Herc., *O bobo*, 1886, p. 136).

Período composto por *coordenação, subordinação e juxtaposição.*

Análise da oração juxtaposta intercalada.

<u>SUJEITO</u> o cavaleiro	}	Função subj. exerc. por um <i>substantivo</i> modif. por um adjunto adjetivo.
-------------------------------	---	---

<u>PREDICADO</u> interrompeu	}	Função predic. exerc. por um <i>verbo</i> de predic. completa.
---------------------------------	---	--

<u>ADJUNTO ADJETIVO</u> o	}	Função adjetiva exerc. por um <i>adjetivo art.</i>
------------------------------	---	--

Análise do primeiro membro da coordenação:
não é só isso.

<u>SUJEITO</u> o que tens de fazer	}	oculto por elipse
--	---	-------------------

<u>PREDICADO</u> não é só isso	}	Função pred. exerc. por um <i>pronome demonstrativo</i> ligado ao suj. por um verbo de afirmação e precedido de uma <i>partícula de exclusão.</i>
-----------------------------------	---	---

Análise do segundo membro da cordenação: *é necessário que ainda hoje vás ao soveral que se estende junto ao vau do Avicela* (composto por subordinação).

<u>SUJEITO</u> que ainda hoje vás, etc.	}	Função subj. exercida por uma oração substantiva.
---	---	--

<u>PREDICADO</u> é necessário	}	Função pred. exercida por um <i>adjetivo</i> ligado ao sujeito por um verbo de afirmação.
----------------------------------	---	---

Análise da oração substantiva subjetiva: *que ainda hoje vás, etc.*

<u>SUJEITO</u> tu	}	Função subj. exercida por um <i>pronome pessoal</i> oculto por elipse.
----------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> ainda hoje vás ao soveral que, etc.	}	Função predicativa exerc. por um <i>verbo</i> de pred. comp. modif. por dois adjuntos adverbiais.
---	---	---

ADJUNTOS ADVERBIAIS

- a) ainda hoje
b) ao soveral que etc.

Função adverbial exercida por:

a) *advérbio* de tempo reforçado por um palavra de realce (*ainda*).

b) uma *expressão adverbial* de lugar em que entra um *substantivo* (soveral) modif. por uma *oração adjetiva*.

Análise da *oração adjetiva*: que se estende junto ao vau do Avicela.

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *pronome*
que } *relativo*.

PREDICADO { Função pred. exercida por
se estende junto } um verbo de pred. completa,
ao etc. } pronominado (1) modif. por
um *adjunto adverbial*.

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adverbial exerci-
junto ao vau do Avicela } da por uma *expressão*
adverbial de lugar.

VI — As últimas palavras dêle, proferidas com gravidade, mas sem tom de ira, foram estas: «D'hora em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo; mas, diante da senhora, sou um estranho».

Período composto por juxtaposição, coordenação e subordinação.

Análise do primeiro membro juxtaposto: *As últimas palavras dele, proferidas com gravidade, mas sem tom de ira, foram estas*:

SUJEITO { Função subj. exercida por *sub-*
as últimas } *tantivo* modif. por quatro ad-
palavras dele } juntos adjetivos.
proferidas
etc.

(1) Sendo o sujeito uma entidade inanimada, o pronome *se* não pode ser objeto, ou será apenas objeto *figurado*.

PREDICADO { Função pred. exercida por um pro-
foram *estas*: { nome demonstrativo ligado ao su-
jeito por um verbo de afirmação e
seguido de um *período apositivo*.

ADJUNTOS ADJETIVOS { Func. adjetiva exerci-
da por:
a) as { a) adj. articular
b) últimas { b) adjetivo ordinal
c) dêle { c) expressão adjetiva
d) proferidas com gravi- { possessiva
dade
e) (proferidas) sem tom { d, e { orações adjeti-
de ira { vas reduzidas de
partic. passado.

Análise da primeira oração reduzida de parti-
cípio.

SUJEITO {
(palavras) { subentendido por *zeugma*.

PREDICADO { Função pred. exercida por um
proferidas com { *verbo* na voz passiva modif. por
gravidade { adjunto adverbial.

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adv. exercida por
com gravidade { uma exp. adv. de modo.

Análise de segunda oração adj. red. de part. pas.
(latente)

Tem os mesmos termos da primeira diferindo
apenas no adjunto adverbial que é: *sem tom de ira*.

Análise do período apositivo: *D'hora em diante* etc., composto por coordenação.

Primeira oração coordenada: *d'hora em diante eu continuo a ser seu marido perante o mundo.*

SUJEITO { Função subj. exerce. por pronome pessoal, elíptico.
eu

PREDICADO { Função pred. exercida por substantivo ligado ao sujeito por uma expressão verbal de afirmação, onde se declara a continuidade do predicado principal (1), e que vem modif. por um adj. adv.
continuo a ser seu marido

ADJUNTO DESIGNATIVO { Função adjetiva exerc. por um adjetivo possessivo.
seu

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adv. exercida por uma expressão adverbial de posição figurada.
perante o mundo

Análise da segunda coordenada: *mas, diante da senhora, sou um estranho.*

SUJEITO { Subentendido por zeugma.
eu

(1) Na realidade há dois predicados, porquanto há duas declarações: a primeira de que sou *marido* e a segunda de que o meu estado de *marido* continua. Para Donaldson, *marido* seria o predicado *primário* e *continuo* o *secundário*.

PREDICADO <u>sou um <i>estranho</i></u> diante da se- nhora	}	Função pred. exerc. por uma <i>palavra substantivada</i> modif. por um adj. adjetivo e ligada ao sujeito por um verbo de afirma- ção modif. por um adjunto ad- verbial.
---	---	--

ADJUNTO ADJETIVO <u>um</u>	}	Função adj. exerc. por um adj. indefinido.
--	---	---

ADJUNTO ADVERBIAL <u>diante da senhora</u>	}	Função adv. exerc. por uma expressão adverb. de posição figurada.
--	---	---

VII — O sol que outr'ora vida difundia
 Sôbre a panda alcatifada da floresta,
 Hoje resseca as monstruosas ruínas
 Dêsse templo sagrado, onde mil flores
 Nas perfumadas asas entretinham,
 Como vestais, a sacrossanta essência.

(Porto-Alegre — *Brasilianas* — 1863, p. 62).

Período composto por *subordinação*.

Análise da oração *geral*.

SUJEITO <u>O sol que outrora</u> vida, etc.	}	Função subj. exerc. por um <i>substantivo</i> modif. por dois <i>adjuntos</i> adjetivos.
--	---	--

PREDICADO <u>Hoje <i>reseca</i></u> as monstruosas as ruínas etc.	}	Função predic. exerc. por um <i>verbo</i> de predicação incompl. se- guido de um <i>obj. dir.</i> e modif por um <i>adj. adv.</i>
---	---	--

OBJETO DIRETO
as monstruosas
ruínas dêsse tem-
plo, etc.

Função objet. dir. exercida
por um *substantivo* modif. por
três adjuntos adjetivos.

ADJUNTO ADJETIVOS
a) o
b) *que outrora vida di-*
fundia
c) as
d) *monstruosas*
e) *dêsse templo sagrado*
onde etc.

Função adjetiva exerci-
da por:

a) e c) adjetivos arti-
culares
b) oração adjetiva
d) adjetivo descritivo
e) expressão adjetiva
onde entra um substan-
tivo (*templo*) modif.
por uma oração adje-
tiva.

ADJUNTO ADVERBIAL
hoje

Função adv. exercida por um
advérbio de tempo.

Análise de primeira oração adjetiva.

SUJEITO
que

Função subj. exercida por um pronome
relativo.

PREDICADO
outrora vida di-
fundia sobre, etc.

Função predic. exercida por
um *verbo* de ação de pred. in-
compl. seguido de obj. dir. e
modif. por dois adjuntos ad-
verbiais.

OBJETO DIRETO
vida

Função obj. dir. exerc. por um *sub-*
stantivo.

ADJUNTOS ADVERBIAIS		Função adv. exerc. por:
a) outrora	{	a) <i>advérbio de tempo</i>
b) sôbre a panda alcatifa da floresta		b) <i>expressão adverbial de lugar</i>

Análise da segunda oração adjetiva.

SUJEITO	{	Função subj. exercida por um <i>substantivo</i> modif. por um adj. adjetivo.
mil flores		

PREDICADO	{	Função predic. exercida por um <i>verbo</i> de predicação incompleta seguido de obj. dir. e modif. por três adj. adverb.
nas perfumadas aras entretinham etc.		

OBJETO DIRETO	{	Função obj. dir. exerc. por um <i>substantivo</i> mod. por dois adjuntos adjetivos.
a sacrosanta essência		

ADJUNTOS ADJETIVOS		Função adjetiva exercida por:
a) mil	{	a) <i>adjetivo indefinito</i>
b) a		b) <i>adjetivo articular</i>
c) sacrosanta		c) <i>adjetivo descritivo</i>

ADJUNTOS ADVERBIAIS		Função adv. exerc. por
a) onde	{	a) <i>advérbio de lugar</i>
b) nas perfumadas aras		b) <i>expressão adverbial</i>
c) como vestais		c) <i>oração adverbial <u>l</u>atente.</i>

Análise da oração adverbial latente: *como vestais entreteriam*.

SUJEITO { Função subj. exercida por um *substantivo*.
vestais

PREDICADO { Função pred. exercida por um *verbo*
entreteriam subentendido por *zeugma*.

VIII — Estou certo de que não debes ao tesouro real uma única mealha e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes; mas, de certo, não queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como romeiro mendigo.

(Alex. Herculano — *Lendas e nar.*, I, 145).

Período composto por *coordenação* e *subordinação*.

Análise do primeiro membro da coordenação: *Estou certo de que...* até *o que tu dizes* (composto por *subordinação*).

Análise da oração geral do primeiro membro da coordenação.

SUJEITO { Função subj. exercida por um *pronome pessoal* oculto por *elipse*.
eu

PREDICADO { Função predicativa exerc. por um *adjetivo* ligado ao sujeito por um *verbo de estado* e seguido de dois *complementos terminativos*.
estou certo de que, etc.

COMPLEMENTOS TERMINATIVOS

- a) de que não debes ao tesouro real uma mealha
b) de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes

Exercido por:

- a) { duas ora-
ções subs-
tantivas
b) {

Análise da primeira oração substantiva.

SUJEITO
tu

Função subj. exerc. por um *pronome pessoal subjetivo*.

PREDICADO

não *debes* ao tesouro real uma única mealha

Função pred. exercida por um *verbo* de predicação dupla, seguido de *dois objetos*.

OBJETOS

- a) uma única *mealha* (direto)
b) ao *tesouro* real (indireto)

Função objetiva exerc. por:

- a) súbst. modif. por um adjunto adjetivo.
b) subst. modif. por dois adj. adjetivos.

ADJUNTOS ADJETIVOS

- a) *uma* única
b) *o*
c) *real*

Função adjet. exercida por:

- a) adjetivo indef. reforçado pela palavra de realce *única*.
b) *adjetivo* articular.
c) *adjetivo* descritivo

Análise da segunda oração substantiva:

<u>SUJEITO</u> <i>nada senão</i> <i>o que tu dizes</i>	{	Função subj. exercida por um <i>pronome indefinido</i> , subentendido, seguido de uma expressão exceptiva (<i>senão</i> o=aquilo) onde há um pronome demonstrativo modif. por uma oração adjetiva (1).
<u>PREDICADO</u> <i>existe nas</i> <i>arcas do haver</i>		Função pred. exerc. por um verbo de predic. completa modif. por um adjunto adverbial.
<u>ADJUNTO ADVERBIAL</u> <i>nas arcas do haver</i>	{	Função adverbial exerc. por uma <i>expressão adverbial</i> .

Análise da oração adjetiva: *que tu dizes*.

<u>SUJEITO</u> <i>tu</i>	{	Função subj. exerc. por um <i>pronome pessoal</i> subjetivo.
<u>PREDICADO</u> <i>que dizes</i>		Função pred. exerc. por um <i>verbo</i> de pred. incomp. seguido de um objeto direto.
<u>OBJETO DIRETO</u> <i>que</i>	{	Função obj. exerc. por um <i>pronome relativo</i> .

Segundo membro da coordenação: *mas, de certo* etc. (Composto por *subordinação*).

Análise da segunda oração coordenada *geral* (principal).

<u>SUJEITO</u> <i>tu</i>	{	Subentendido por zeugma (expresso na oração anterior).
-----------------------------	---	--

(1) Poder-se-ia entender uma oração latente: *senão for o que, etc.* Seria *porém complicar sem proveito*.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um
não queres que } verbo volitivo de predic. in-
um rei, etc. } comp. seguido de um objeto
 direto.

OBJETO DIRETO { Função objet. exercida por
que um rei de Por- } uma *oração substantiva*.
tugal caminhe etc.

Análise de oração substantiva.

SUJEITO { Função subj. exerc. por uma *expres-*
um rei de } *são substantiva*, modif. por um ad-
Portugal } junto adjetivo.

PREDICADO { Função pred. exercida por um
caminhe por seu } verbo de ação, de pred. compl.
reino etc. } modif. por dois adjuntos ad-
 verbais.

ADJ. ADJETIVO { Função adjet. exercida por um
um } adjetivo indef.

ADJUNTOS ADVERBIAIS { Função adverbial exer-
a) por seu reino } cida por:
b) como romeiro mendigo } a) *expressão adv.* de
 lugar.
 b) *oração adverbial*
 latente.

Análise da oração latente:

SUJEITO { Função subj. exerc. por subs-
romeiro mendigo } tantivo mod. por adj. adjetivo.

PREDICADO { Função pred. exerc. por verbo de
caminharia } pred. compl. oculto por zeugma.

IX — Quantos presencaram tantas maravilhas e quantos as ouviram referir ficaram tomados de espanto, e uns e outros clamavam: «Quem julgais que virá a ser este menino?»

(Rebello da Silva — *Fastos da Igreja* — I, 153).

Período composto por *coordenação*.

Primeiro membro da coordenação: *Quantos presencaram... e tomados de espanto* (composto por subordinação).

Análise da *oração geral* do primeiro membro da coordenação.

<u>SUJEITO</u> quantos presencaram... e quantos ouviram etc.	{ Função subj. exercida por uma palavra sintética (<i>quantos</i> =TODOS AQUELES QUE) equivalente a um pronome demonstrativo reforçado (por <i>todos</i>) modif. por dois adjuntos.
<u>PREDICADO</u> ficaram tomados de espanto	{ Função predicativa exercida por uma expressão adjetiva (<i>tomados de espanto</i> =ESPANTADOS) ligada ao sujeito por um <i>verbo de mudança de estado</i> (ficaram).
<u>ADJUNTOS ADJETIVOS</u> a) que presencaram tantas maravilhas b) que as ouviram referir	{ Função adjetiva exercida por duas <i>orações adjetivas</i> .

Análise da *primeira oração adjetiva*:

<u>SUJEITO</u> que	{ Função subj. exerc. por um <i>pronome relativo</i> latente na palavra sintética <i>quantos</i> .
-----------------------	--

<u>PREDICADO</u> <i>presencearam</i> tantas maravilhas	{	Função pred. exerc. por um verbo de predic. incomp. seguido de um <i>objeto direto</i> .
<u>OBJETO DIRETO</u> tantas <i>maravilhas</i>	{	Função objetiva dir. exercida por um subst. comum modif. por um adj. adjetivo.
<u>ADJUNTO ADJETIVO</u> tantas	{	Função adjetiva exerc. por um adjetivo indefinito.

Análise de *segunda oração adjetiva*.

<u>SUJEITO</u> <i>que</i>	{	(já analisado).
<u>PREDICADO</u> as <i>ouviram</i> referir	{	Função predic. exercida por verbo de predic. incomp. seguido de um <i>objeto direto</i> .
<u>OBJETO DIRETO</u> as referir	{	Função objet. dir. exercida por uma <i>oração substantiva reduzida de infinitivo</i> .

Análise da *oração substantiva red. de. inf.*

<u>SUJEITO</u> as	{	Função sub. exerc. por um <i>pronome pessoal objetivo</i> (acusativo sujeito de infinito).
<u>PREDICADO</u> <i>referir</i>	{	Função predic. exerc. por um <i>verbo</i> na voz passiva (<i>serem referidas</i>) sem <i>complemento de causa eficiente</i> claro (1).

(1) Poder-se-ia entender a voz ativa, sendo o sujeito indefinido (*alguém, o povo*) e as objecto direto.

Segundo membro da coordenação: *e uns e outros clamavam*: «*Quem julgarás* etc. (composto por *aposição* e *subordinação*).

Análise da *oração geral* do segundo membro da coordenação

<u>SUJEITO</u> <i>uns e outros</i>	{	Função subj. exerc. por uma <i>expressão pronominal indefinita distributiva</i> (equivalente a <i>todos</i>).
<u>PREDICADO</u> <i>clamavam</i> etc.	{	Função predic. exerc. por um <i>verbo</i> de predic. incompl. seguido de um <i>objeto direto elíptico</i> .
<u>OBJETO DIRETO</u> <i>estas palavras</i>	{	oculto por <i>elipse</i> e seguido de um <i>período apositivo</i> (composto por <i>subordinação</i>).

Análise da *oração geral* do período apositivo.

<u>SUJEITO</u> <i>vós</i>	{	Função subj. exerc. por um <i>pronome pessoal subjetivo</i> oculto por <i>elipse</i> .
<u>PREDICADO</u> <i>julgais</i> que <i>êste menino</i> etc.	{	Função pred. exerc. por um <i>verbo</i> de predic. incompleta seguido de um <i>objeto direto</i> .
<u>OBJETO DIRETO</u> <i>que êste menino</i> <i>yirá a ser quem?</i>	{	Função obj. dir. exerc. por uma <i>oração substantiva objetiva</i> .

Análise da *oração substantiva*.

<u>SUJEITO</u> <i>êste menino</i>	{	Função subj. exerc. por um <i>substantivo</i> modif. por um <i>adj. adjetivo</i>
--------------------------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> virá a ser <i>quem</i> (qual pessoa?)	}	Função predic. exerc. por um <i>pronome indefinito</i> com forma in- terrogativa, ligado ao sujeito por uma expressão verbal de mudan- ça de estado (<i>virá a ser</i>).
--	---	--

<u>ADJ. ADJT.</u> êste	}	Func. adjet. exerc. por um adjetivo demonstrativo.
---------------------------	---	---

✕ — Ao terceiro dia que era o aprazado para os Castelhanos se virem à nossa fortaleza, se poz Fernão de Sousa mais galante para demonstração do gosto com que esperava os hóspedes que foi buscar ao mar.

(Jacinto Freire—*Vida de D. João de Castro* — 20).

Periodo composto por *subordinação*.

Análise da *oração geral*:

<u>SUJEITO</u> Fernão de Souza	}	Função objetiva exerc. por uma ex- pressão <i>substantiva própria</i> .
--------------------------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> se pôs mui galante para demonstração etc.	}	Função predicat. exerc. por um <i>verbo</i> de pred. incompl. seguido de <i>objeto direto</i> e mo- dif. por um adj. adv.
---	---	--

<u>OBJETO DIRETO</u> se mui galante	}	Função obj. dir. exerc. por um <i>pronome obj. dir. reflexivo</i> se- guido de um <i>adjunto predica-</i> <i>tivo</i> . (1)
--	---	--

(1) Segundo Donaldson são dois predicados, um *primário* (se pôs) e outro *secundário* (galante). Realmente são duas *declarações* que fazemos a respeito do sujeito.

ADJUNTO PREDIC. } Função predicativa exercida por
mui *galante* } um adjetivo no grau superlativo.

ADJUNTOS ADVERBIAIS
a) *ao terceiro dia*, etc.
b) *para demonstração* do gôsto etc.

Função adv. exercida por:

a) *expr. adv.* onde entra um substantivo (*dia*) modif. por uma *oração adjetiva*;

b) *expr. adv.* onde entra um substantivo seguido de um *complemento objetivo*.

COMPLEMENTO OBJETIVO { Exercido por um subst.
do *gôsto* com *que* etc. } comum modif. por uma *oração adjetiva*.

Análise da *primeira oração adjetiva*:

SUJEITO { Função sub. exerc. por um *pronome re-*
que } *lativo*.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um
era o aprazado } *pronome demonstrativo* ligado ao
para etc. } suj. por um verbo de afirmação
e modif. por uma *oração adjetiva*.

Análise da *oração adjetiva* reduzida de particípio passado: *aprazado* para os Castelhanos etc. (*que fôra aprazado*).

SUJEITO — oculto por elipse.

<u>PREDICADO</u> aprazado para etc.	{	Função pred. exerc. por um <i>verbo</i> de pred. compl. modif. por um adj. adverb.
--	---	--

<u>ADJUNTO ADVERBIAL</u> para os Castelhanos se virem etc.	{	Função adv. exercida por <i>oração adverbial de fim</i> .
--	---	--

Análise da *oração adverbial de fim*.

<u>SUJEITO</u> os Castelhanos	{	Função subj. exerc. por um subs- tantivo modif. por um adj. adjt.
----------------------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> se virem à nossa fortaleza	{	Função predic. exerc. por um <i>verbo</i> de predic. completa se- guido de uma <i>partícula de real-</i> <i>ce</i> (se) e modif. por um adjun- to adverb.
---	---	---

<u>ADJUNTO ADJET.</u> os	{	Função adjetiva exerc. por um <i>adjetivo articular</i> .
-----------------------------	---	--

<u>ADJUNTO ADVERBIAL</u> à nossa fortaleza	{	Função adverbial exerc. por uma <i>exp. adverb.</i> de lugar.
---	---	--

Análise da *segunda oração adjetiva desenvolvida*.

<u>SUJEITO</u> êle	{	Função predic. exercida por um <i>prono-</i> <i>me pessoal subj.</i> oculto por elipse.
-----------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> com que <i>esperava</i> os hóspedes etc.	{	Função predic. exercida por um <i>verbo</i> de predicação incom- pleta seguido de objeto direto e modif. por um adj. adverbial.
---	---	--

OBJETO DIRETO { Função obj. exerc. por um *substantivo* modif. por dois adjuntos
os *hóspedes* }
que foi etc. } adjetivos.

ADJUNTOS ADJETVS. { Função adjetiva exercida por:
a) os } a) *adjetivo articular*.
b) que foi buscar } b) *oração adjetiva*.
ao mar }

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adverb. exerc. por
com que } uma *expr. adverbial* de con-
comitância.

Análise da *terceira oração adjetiva desenvolvida*.

SUJEITO {
êle } subentendido por *zeugma*.

PREDICADO { Função predic. exerc. por uma *ex-*
foi buscar } *pressão verbal* de pred. incompl. se-
ao mar } guida de obj. dir. e modif. por um
adjunto adverb.

OBJETO DIRETO { Função obj. exerc., por um *pron.*
que } *relativo*.

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adv. exerc. por uma
ao mar } *expr. adverbial* de lugar.

XI — Mas, o que mais que tudo custa é o pecado, e quando vier a hora de o pagarmos, então saberemos como nos sai caríssimo; e com tudo não há fábrica nem ocupação que mais ferventes tenha que o pecado.

(Pe. Manuel Bernardes — *Paraíso dos contemplativos* — 1761 — p. 52).

Período composto por *coordenação, subordinação e correlação*:

PRIMEIRO membro da coordenação: *Mas o que mais que tudo custo é o pecado* (composto por subordinação).

Análise da *oração geral* do primeiro membro da coordenação (reversível).

SUJEITO <u>o que mais</u> <u>que tudo</u> <u>custa</u>	{	Função subj. exerc. por um <i>pronome demonstrativo</i> modif. por um adj. adjetivo.
---	---	--

PREDICADO <u>é o pecado</u>	{	Função predic. exerc. por um <i>substantivo</i> ligado ao suj. por um verbo de afirmação.
--------------------------------	---	---

ADJUNTO ADJETIVO <u>que mais que tudo</u> <u>custa</u>	{	Função adjetiva exerc. por por uma <i>oração adjetiva</i> .
--	---	---

Análise da *oração adjetiva*.

SUJEITO <u>que</u>	{	Função subj. exerc. por um <i>pronome relativo</i> .
-----------------------	---	--

PREDICADO <u>custa mais</u> <u>que tudo</u>	{	Função predic. exerc. por um verbo de pred. compl. modif. por um advérbio de intensidade (<i>mais</i>) seguido de uma <i>oração correlata</i> .
---	---	---

Análise da *oração correlata* (latente): *que tudo custa*.

SUJEITO <u>tudo</u>	{	Função subj. exerc. por um <i>pronome indefinito</i> .
------------------------	---	--

PREDICADO { Função predic. exerc. por um *verbo*
custa } subentendido por *zeugma*.

SEGUNDO membro da coordenação: *quando vier a hora de o pagarmos então saberemos como nos sai caríssimo* (composto por subordinação).

Análise da *oração geral* do segundo membro da coordenação:

SUJEITO { Função subj. exerc. por um *pronome*
nós } *pessoal subjetivo* oculto por *elipse*.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um
saberemos como } *verbo* de predic. incompl. se-
nos sai, etc. } guido de um objeto direto e
modif. por um adjunto adverb.

OBJETO DIRETO { Função objetiva direta exerc. por
como nos sai } um pronome indefinito (o *tanto*)
caríssimo } latente na palavra sintética *como*,
modif. para uma oração adjetiva.

ADJUNTO ADVERBIAL { Função adverbial exer-
quando vier a hora de o } cida por uma *oração*
pagarmos } *adverbial* de tempo.

Análise da *oração adverbial*:

SUJEITO { Função subj. exerc. por um
a hora } *substantivo* modif. por adjunto
de o pagarmos } adjetivo e seguido de um com-
plemento circunstancial de fim.

PREDICADO { Função predic. exerc. por um *verbo*
vier } de predic. compl.

ADJUNTO ADJET.
a { Função adjetiva exerc. por:
adjetivo articular

COMPLEMENTO CIRCUNST.
DE FIM
de o pagarmos (1) { Exercido por uma ora-
ção adverbial reduzida
de infinito.

Análise da *oração adverbial reduzida de infinito*.

SUJEITO
nós { Função sub. exerc. por um *pronome*
peçoal oculto.

PREDICADO
o pagarmos { Função pred. exerc. por um *verbo*
de predicação incomp. seguido de
objeto direto.

OBJETO DIRETO
o { Função objetiva exercida por um
pronome peçoal objetivo direto.

SEGUNDO membro da coordenação: *com tudo não*
ha fábrica... que etc.

SUJEITO — indefinito.

PREDICADO
não há fábrica...
que etc. { Função pred. exerc. por um *verbo*
de predic. incomp. seguido de ob-
jeto direto.

OBJETO DIRETO
fábrica... que
tenha etc. { Função objetiva exerc. por um
substantivo modif. por um adj.
adjetivo.

(1) Há braquilogia: a hora (marcada) *para o pagarmos*.

<u>ADJUNTO ADJETIVO</u> <i>que tenha mais ferventes</i>	{	Função adjetiva exercida por <i>oração adjetiva</i> .
--	---	---

Análise da *oração adjetiva*:

<u>SUJEITO</u> <i>que</i>	{	Função subjetiva exerc. por um <i>pronome relativo</i> .
------------------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> <i>tenha ferventes mais que...</i>	{	Função predic. exerc. por verbo de pred. incompl. seguido de <i>objeto direto</i> e modif. por uma palavra intensiva (<i>mais</i>) seguida de <i>oração correlata</i> (que o pecado).
--	---	---

TERCEIRO membro da coordenação: *nem (há) ocupação que tenha etc.*

Mesma análise que para o *segundo membro*.

Análise da *oração correlata latente*: que o pecado (tem ferventes).

<u>SUJEITO</u> <i>o pecado</i>	{	Função subj. exercida opr um <i>substantivo</i> modif. por um adj. adjetivo.
-----------------------------------	---	--

<u>PREDICADO</u> <i>tem ferventes</i>	{	subentendido por <i>zeugma</i> .
--	---	----------------------------------

APÊNDICES

I — (à página 248)

Da juxtaposição adverbial

Exemplos: Não o vejo *há dois anos*. Estive lá, *faz seis meses*.

Nesses exemplos, as orações *há dois anos* e *faz seis meses* exprimem circunstâncias de tempo decorrido. São, pois, adjuntos adverbiais, mas não estão subordinados à primeira oração; estão, apenas, *juxtapostos*. Chamamos a isso: *juxtaposição adverbial*.

II — (à página 211, 4.^a linha)

4. Reconheço cinco espécies de objetos indiretos:

- 1) normal: Dei um livro a *Marcelo*.
- 2) assimilativo: As nuvens assemelhavam-se a *um castelo*. O jovem guerreiro igualava-se a *um herói antigo*.
- 3) atributivo: Esse negócio trata-se *com o Silvério*. Teu lábio secou *para a esposa* (J. de Alencar, *Irac*. 166).
- 4) distributivo: Distribua os doces *com os pequenos*. Repartiu o dinheiro *pelos pobres*. Divida *entre eles*.
- 5) recíproco. Lulú se parece *com Marina*. Os pacotes conferem *com a lista*. Lúcia concorda *com Flavita*. Gracinha fez as pazes *com Prudência*.

Nota: Em muitas expressões aparentemente objetivas indiretas com a preposição *para*, ocorre braquilogia, isto é, encurtamento da frase por elipse de alguns termos. Exs.: Guarde estas laranjas *para* Marina (equivalente a: *para dar a* Marina ou *para Marina comer*). *Para*, nesses casos, inicia uma oração adverbial de fim, *suspensa*. Em certas frases, pode-se considerar a expressão de *para* objeto indireto; em muitas, porém, tal análise é impossível.

III — Do *predicativo*.

1. EXEMPLO. *Lauro caiu* EXAUSTO na poltrona.

Nesse exemplo, há dois predicados, um *verbal* (CAIU), o outro *nominal* (EXAUSTO). Realmente, faço duas declarações: a) *Lauro caiu* na poltrona; b) *Lauro estava exausto*. As duas declarações foram fundidas numa só frase. Ao predicado nominal, secundário nessa oração, chamaremos: *predicativo*.

Esse predicativo está *diretamente* apenso ao verbo e refere-se ao sujeito. Chamo-lhe, pois, *predicativo direto do sujeito*.

2. *Arnaldo passava* POR PIANISTA.

Nesse exemplo, o predicado verbal é *passava* e o predicado nominal é *por pianista*; é este, portanto o *predicativo*. Está, porém, preso ao verbo por uma preposição (*por*) e, neste caso, é um *predicativo indireto do sujeito*.

Outros exemplos: *Emílio trabalha* DE CAIXEIRO; *Telmo virá* COMO GERENTE; *Amélia é tida* POR INSTRUIDA; *Carlos já chegou* A SUB-CHEFE; *o rapaz oscilou* ENTRE BARBEIRO E COBRADOR.

3. EXEMPLO. *Nomeei Arnaldo* CHEFE-DE-TURMA.

Nesse exemplo, o objeto direto é *Arnoldo chefe-de-turma*, exercido pelo substantivo *Arnoldo*, seguido de uma expressão substantiva que declara o novo predicado de *Arnoldo*, o que ele agora é. Logo, *chefe-de-turma* é um predicado nominal dentro do objeto. E, assim, um verdadeiro *predicativo* do objeto. Estando apenas *diretamente*, é um *predicativo direto do objeto*.

Outros exemplos: *Declarei Cristiano INOCENTE; essa viagem tornou-a EXPANSIVA; Gilberto fez-se AGRICULTOR; supúnhamo-la PIANISTA ou HARPISTA; prefiro-as ENFERMEIRAS; quero meu filho bom VIOLINISTA; desejo ver todos curados.*

4. EXEMPLO. *Todos reconheceram o Gouveia COMO CHEFE.*

Nesse exemplo, o objeto direto *o Gouveia* tem por predicativo *chefe*, mas *chefe* está ligado a *Gouveia* pela preposição *como* (ou *por*). Nesse caso, digo ser *chefe* o *predicativo indireto do objeto*.

Outros exemplos: *Eu os tomava POR CEARENSES; Nós tínhamos o Ornelas POR TÍMIDO; trouxeram o Abílio NA QUALIDADE DE REPÓRTER.*

5. EXEMPLO. *Alfredo passou, em pouco tempo, DE CAIXEIRO A PATRÃO.*

Nesse exemplo, há um predicado verbal, *passou*, e dois predicados nominais, *caixeiro* e *patrão*, precedidos de preposição. O primeiro designa um predicado que convinha ao sujeito no passado; o segundo designa um predicado que lhe convém hoje. Temos, assim, um *predicativo transacto* e um *predicativo atual* do sujeito, ambos *indiretos*.

6. EXEMPLO. *Ela, em pouco, subirá* DE APREN-
DIZ A MESTRA.

Nesse exemplo, *aprendiz* é o predicativo *atual* e
mestra o predicativo *futuro*.

Eis o quadro sinóptico dos predicativos:

Predicativo	{	do sujeito	{	direto	
				indireto	
	{	do objeto		transacto	
				atual	
				futuro	

ÍNDICE

	PÁGS.
Definições preliminares	9
Divisão da gramática	11
Fonemas (quadro e notas)	12
Silaba	16
Vozes	17
Consonância	19
Explosivas	20
Fricativas	21
Vibrantes	22
Oclusivas	23
Semiconsoantes	24
Palavras (classif. quanto à acentuação)	24
Encontros vocálicos	24
Grupos consonantais	26
Sinais diacríticos (quadro)	28
Taxionomia (definição)	30
Nome (definição)	30
Conectivo (definição)	30
Palavras nominativas	35
Verbo (definição e classificação)	40
Pronome (defin. e classif.)	42
Pronomes indefinitos (quadro)	43
" pessoais (quadro)	45
Advérbio (defin. e classif.)	48
Palavras denotativas	51
" (classificação)	56
Preposição (defin. e classif.)	59
Conjunção (def. e classif.)	68
Palavras sintéticas	68
Interjeição	70
Morfologia (definição)	74
Morfoses (quadro e definições)	74 a
Desinências	74
Tempos (formação dos)	75

	PÁGS.
Prefixos latinos	78
Prefixos gregos	108
Radicais gregos	121
Sufixos	134
Funções sintáticas	199
Função subjetiva	199
" predicativa	202
" objetiva direta	207
" indireto	210
" adjetiva	211
" adverbial	218
" interjectiva	221
Pronome objetivo como sujeito	221
Realce	222
Complementos	223
Antecipação: do sujeito	228
" do objeto direto	229
" do objeto indireto	230
" do aposto	231
" do adjunto adverbial	231
" do predicado nominal	232
" dos elementos relativos	232
" dos complementos	233
Anacoluto	234
Expressão <i>é que</i>	235
Expressão <i>eis que</i>	237
Construção passiva	238
Aposição	240
Apostos (quadros e classific.)	241
Funções sintáticas (quadro)	242
Período (classificação)	243
Correlação: comparativa	244
" aditiva	245
" consecutiva	245
Oração latente	247
Juxtaposição	248
Modelos de análise	250
Apêndices	285